U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITECTURA

(Re)Fazer Comunidade.

Estratégias de intervenção num sector da periferia de Roma.

Gabriela Gomes

M

2018

(RE) FAZER
COMUNIDADE

Estratégias de intervenção num sector da periferia de Roma

GABRIELA GOMES
FAUP . 2018

A presente dissertação não foi escrita segundo o novo acordo ortográfico.
Nenhuma citação foi traduzida, por decisão da autora.

As imagens apresentadas foram modificadas nas tonalidades, em virtude de uma melhor apresentação do presente trabalho.

Ana Gabriela Magalhães Costa Gomes
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
Orientada pelo Professor Doutor José Alberto Abreu Lage
apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

RINGRAZIAMENTI

A Marta e Vito, per essermi sempre stati accanto e per il loro immancabile sostegno.
Grazie per i mezzi chili di pasta che abbiamo cucinato insieme, grazie perché siete diventati
in breve tempo i mei fratelli più grandi.
A Anna Maria e Giulio, per le lunghe chiacchierate, per le belle serate che avete organizzato,
per le interessanti discussioni sulla INA-Casa, per tutto!

Un ringraziamento speciale va poi alle due nonne che ho avuto a Roma, Silvana e Erminia, perché,
anche se non ci siete più con me, vi porto sempre nel cuore per tutti i
momenti passati insieme e per tutti i racconti che mi avete regalato.
A Daniela, per le passeggiate, per i pranzi domenicali , grazie perché ti continui a preoccupare per me.

Un ringraziamento dal cuore va poi a voi, cari amici,
Giovanni, le Giulias, Giorgia e Andrea, Eli, Antonio, Dimi e Greta, Katherina e Francesco,
per cosi tanti motivi che mi è impossibile ricordarli ed elencarli tutti.
Non smetterò mai di ringraziarvi per ciò che avete fatto per me, per le cene estive,
per le giornate di studio, per le passeggiate in centro, per le lacrime e le risate,
per tutto quello che siete per me. Grazie perché in voi ho trovato una bellissima amicizia.

Vorrei infine ringraziare i miei vicini di casa e tutti gli abitanti
che hanno condiviso la loro storia con me, con questo lavoro spero di poter
ripagare, almeno in parte, tutto ciò che hanno fatto per me, che mi ha permesso di arrivare fino a qui.

La esperienza di abitare a Roma mi ha cambiato la vita, ho conosciuto delle persone stupende.
Senza di loro non sarei mai diventata quello che sono.

Vi voglio bene.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Lage, pela orientação, ensino, e dedicação.
Ao meu pai, por acreditar em mim, pelos valores e persistência.
À minha mãe, por existir, pela educação,
por ser o que eu não sou, e pelo exemplo daquilo que quero vir a ser.
Ao Alberto, pelo seu ser espontâneo. Por me fazer sorrir.
À Beatriz, pelo altruísmo, por me ensinar a valorizar as pequenas coisas.
À minha madrinha, pelo apoio incondicional, por ser uma segunda mãe.
À tia Glória e prima Ema, pelas conversas e sustento,

Aos meus amigos, que de formas tão distintas
contribuíram para a construção desta dissertação.
À Joana, pela amizade de uma vida.
À Lisa, à Yumi e à Lara, pelo exemplo de força, por nunca desistirem.
À Xana, à Sofia, e ao João, pela presença e apoio nas alturas críticas
À Bárbara, a melhor pessoa que alguem vez conheci, por tudo
À família que criei no Porto, e a todos aqueles com quem,
ao longo destes anos, fui crescendo e partilhando a minha vida.

Com todos eles aprendi que a capacidade de abrirmos o nosso coração a estranhos
é uma das mais belas virtudes.

a todos, um grande obrigada.

ABSTRACT

This thesis elects, as object of study, an urban sector of Rome's periphery. Its origin is due to an INA-Casa neighborhood and reflects a theoretical investigation, which not only explores the concept of public space and its capacity of functioning as an urban regenerator of the city, but also researches about the INA-Casa program, and the idea of community. The main principle of the residential neighborhoods that were built by the time of the Italian Reconstruciton from the Second World War. The Tiburtino neighborhood, which belongs to the big amount of social housing program presented by the Minister Fanfani in 1949, maintains, today, a clear distinction from the contemporary residential area that has been growing around it (called today Casal Bruciato). Its small size, the space articulation and the variety of buildings that configure it, establish different relations with the exterior. Becoming a neighborhood full of peculiar characteristics, that distinguish it from other urban residential areas. However, the evolution of society, the socio-economic transformations, the privatization of urban life and its segregation, have become factors that have disqualified these spaces. As time passed by, these issues transformed them into indefinite places, degraded and without identity, which were accentuated by stigma and abandonment of public space.

So, the main objective is trying to outline strategies of action/requalification for this urban sector. Strategies that, learning from the past to reflect the present, ensure a better relationship with the city and improve the conditions of the existing public space. The creation of new collective spaces, open to new community practices, may represent the first step in a bigger rehabilitation strategy, that integrates not only physical, spatial and environmental components but also social and behavioral resources, which are considered precious resources for social cohesion, to build better communities more aware of the civic value of living together.

RESUMO

A presente dissertação elege, como objecto de estudo, um sector urbano da periferia de Roma. A sua origem deve-se a um bairro INA-Casa e reflecte uma investigação teórica, na qual se explora não só o conceito de espaço público e a sua capacidade de funcionar como regenerador urbano da cidade, mas também o programa INA-Casa e a ideia de comunidade, princípio que esteve na base dos bairros residenciais da reconstrução do pós-guerra italiano. O bairro Tiburtino, que faz parte do vasto programa de habitação social apresentado pelo ministro Fanfani em 1949, mantém, nos dias de hoje, uma clara distinção do tecido urbano da cidade contemporânea que foi crescendo em seu redor (hoje denominada Casal Bruciato). A sua reduzida dimensão e a articulação dos diferentes espaços que o configuram, estabelecem diferentes relações com o exterior e tornam-se características peculiares que o distinguem de outros aglomerados residenciais urbanos. No entanto, a evolução da sociedade, as transformações socioeconómicas, a privatização da vida urbana e a sua segregação, tornaram-se factores que desqualificaram estes espaços, tornando-os ao longo do tempo em lugares indefinidos, degradados e sem identidade, acentuados pelo estigma social e pelo abandono do espaço público.

Assim, procuram-se delinear estratégias de acção/requalificação deste sector urbano que, aprendendo com o passado para reflectir o presente, garantam uma melhor relação com a cidade e melhorem as condições do espaço público existente. A criação de novos espaços colectivos, abertos a novos usos e práticas comunitárias, pode representar o primeiro passo numa estratégia de reabilitação, que integre não só componentes físicas, espaciais e ambientais mas também sociais e vivenciais, tidas como preciosos recursos para a coesão social, para construir comunidades mais sólidas e mais conscientes do valor cívico e do viver em conjunto.

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS
Introdução, Objecto, Objectivo, Metodologia, Estrutura 16

PARTE I

CAPÍTULO 1
| A Cidade e os seus elementos. Estratégias Urbanas 23

1.1 Pensar o Espaço Público 27
1.1.1 Evolução Urbana 31
1.1.2 Declínio do Espaço Público 43

1.2 Intervir: o Espaço Público na Cidade Contemporânea 47
1.2.1 A Habitação Colectiva na Expansão da Cidade 53
1.2.2 Intervenção no Património de Natureza Social 61

CAPÍTULO 2
| O programa INA-Casa. Enquadramento social e político 65

2.1 A Itália do Pós-Guerra: Desemprego e Crise Habitacional 69

2.2 Roma: A grande reconstrução dos anos '50 73

2.3 O Plano INA-Casa 77
2.3.1 Unificação sem Industrialização 85
2.3.2 Concretizações: objectivos, resultados, interpretações 95

PARTE II

CAPÍTULO 3

97 **| O bairro Tiburtino**

103 Tiburtino: um bairro romano **3.1**

111 Do projecto à realização 3.1.1

117 Arquitectura 3.1.2

123 Construção 3.1.3

127 Habitantes 3.1.4

137 Habitar n(o) Tiburtino **3.2**

139 Vestígios contemporâneos 3.2.1

141 Transformações Habitacionais 3.2.2

CAPÍTULO 4

147 **| Habitar a Cidade. Estratégias de Intervenção**

151 Compreensão do Lugar **4.1**

155 Mapa cognitivo 4.1.1

161 Análise e levantamento 4.1.2

161 Caracterização Socioeconómica 4.1.2.1

163 Espaço Colectivo 4.1.2.2

167 Espaço Público 4.1.2.3

173 Edifícios 4.1.2.4

177 Síntese de Observações 4.1.3

179 Para um olhar do projecto **4.2**

183 Estratégias de regeneração urbana 4.2.1

187 Requalificação Urbana em Comunidade 4.2.2

193 Objectivos 4.2.3

197 Uma solução para Casal Bruciato 4.2.3

213 **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

221 Bibliografia

227 Fontes de imagens

235 **Anexos 5**

1. Vista cidade de Roma, GoogleMaps 2 de Novembro de 2017.

2. *Piazza di Spagna*. Fotografia de Livio Quaroni, 1969.

3. *Piazza di San Pietro*. Fotografia de Livio Quaroni, 1969.

4. Plano de *Mileto*, Ásia Menor em 479 a.C.

5. *Timgad*, plano do assentamento romano.

6. Exemplo de cidade renascentista. Siena, Itália.

7. Ideias renascentistas de cidade.

8. *Piazza San Pietro*. Gian Lorenzo Bernini, séc. XVII, Roma.

9. *Piazza del Campidoglio*. Michelangelo, Roma, 1538.

10. *Place Vendôme,* projecto de Jules Hardouin, Mansart, 1689.

11. *Place Royale (Place des Vosges)*. Paris, 1605-1612.

12. O núcleo central de Roma Renascentista segundo Giovanni Maggi, 1625.

13. Os bairros pobres de Londres, sob os viadutos ferroviários, gravura de Gustave Doré, 1872.

14. Uma rua de um bairro pobre de Londres (*Dudley Street*), gravura de Gustave Doré, 1872.

15. A circulação da *Rue Richelieu*, 1904.

16. Casas operárias apresentadas na Exposição Universal de Paris de 1978.

17. Cidade Industrial, complexos habitacionais. *Saltaire, West Yorkshire*, Inglaterra, 1871.

18 e 19. Boulevard em Paris.

20. Mapa das intervenções de Haussmann em Paris: a traço cheio as ruas; a quadriculado, as novas expansões, e, a tracejado, os novos parques e jardins.

21. O plano de Barcelona, gravura da época e esquemas exemplificativos das formas dos quarteirões propostos por Cerdá.

22. *Garden City, Grand Avenue,* Ebezener Howard, 1902.

23. Clarence Stein: plano de *Radburn,* 1929.

24. Desenhos ilustrando o caminho percorrido pelo urbanismo e as formas da cidade.

25. Le Corbusier, *La Ville Contemporaine:* vistas do eixo central e da zona residencial.

26. Le Corbusier, *La Ville Radieuse:* vistas da maquete do projecto.

27. Ernst May em Frankfurt. Esquema ilustrando a evolução do bairro urbano, publicado no *Das Neue Frankfurt* em 1930.

28. Vista área do bairro *Hufeisensiedlung* em Berlim, 1930.

29. Planimetria geral do bairro *Hufeisensiedlung* em Berlim, 1930.

30. Vista área do bairro *Kiefhock* em Rotterdam, 1925.

31. Planimetria geral do bairro *Kiefhock* em Rotterdam, 1925.

32. Ilium, Copenhaga, 1+1=1 ARCHITECTS.

33. Via rápida em Los Angeles, EUA, 1946.

34. Vista da Praça *Gammel Torv*, Rua *Strøget,* Copenhaga. Intervenção de Jan Gehl, 1996.

35. Jan Gehl. *"Os Sentidos e a Comunicação"*. Aspectos que restringem/promovem o contacto.

36. Registo da frequência de ocorrência de actividades ao ar livre e contacto entre amigos e conhecidos em três ruas paralelas de São Francisco. Jan Gehl, Life Between Buildings, 1987.

37. Esquema ilustrativo de Jan Gehl para a criação do espaço público ideal. Em primeiro lugar, a vida e o contacto social, depois os espaços e só no final os edifícios.

38. Vista do passeio Marítimo de La Barceloneta (2º fase), Barcelona 2001.

39. Em cima: Evolução urbana da cidade de Copenhaga desde 1962 até hoje. Gehl Architects Association.

40. *Quartiere Rozzol Melara*, Trieste. IACP, 1969.

41. *Quartiere Omero*, Milano, 1953.

42. *Quartiere Tor Bella Monaca*, Roma, 1980.

43. *Quartiere Rozzol Melara,* Trieste. IACP, 1969.

44. Quartiere *QT8, Milano, IACP,* 1945-1954.

45. *Quartiere di Tor Sapienza*, Roma, ATER, 1923.

46. *Quartiere INA-Casa di Forte Quezzi*, Genova, 1956-1968.

47. Acesso directo e torre de Mario Ridolfi, *Quartiere INA-Casa Tiburtino*, Roma, 1983.

48. *Quartiere Harrar,* Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955.

49. Borgata *Acquedotto Alessandrino*. Torpignattara, Setembro de 1956. Fotografia de Rodrigo Pais.

50. *Piazza del Popolo*, Roma, 1950. Fotografia de Mario Carbone

51. *Lo Sbarco di Anzio* (Operação *Shingle*). Destruições na província de Anzio, 1944.

52. Explosão Demográfica. *Via Frattina*, Roma, 1955.

53. Destruição da *Galleria Vittorio Emanuele II* em Milão, depois dos bombardeamentos em Agosto de 1943.

54. Incêndio nas barracas da *borgata Campo Artiglio*, Roma, Março 1958. Fotografia de Rodrigo Pais.

55. Miséria e destruição na *borgata Via del Mandrione*, Roma, Janeiro de 1956.

56. Entrada das tropas aliadas em Roma a 5 de Junho de 1944. *Piazza Vittorio Emmanuele*, Roma.

57. e 58. Esventramento da *"Spina di Borgo"*. Abertura da

ÍNDICE DE IMAGENS

futura *Via della Conciliazione*. Roma, 8 Março 1937.

59. *Borgata Lancellotti*, Roma, Agosto 1957.

60. Principais *Borgate* e Esventramentos Fascistas. Roma 1925-1944.

61. Mario de Renzi, Saverio Muratori. *"Il Boomerang"* do Bairro Tuscolano, 1952.

62. Construções intensivas periféricas. *Viale Marconi,* 1965.

63. *Borgata Colle Mentuccia*, 1965.

64. Montagem ilustrativa das placas de cerâmica representativas do programa INA-Casa, desenhadas por vários artistas e ceramistas do pós-guerra como Burri, Morbiducci, De Laurentiis, Kowaliska, Tramonti.

65. Bloco residencial com dez fogos. Udine, Friuli 1953.

66. Construção do bairro Santa Barbara. L'Aquila, 1953.

67. Arnaldo Foschini, presidente da administração da INA-Casa, na inauguração de uma obra.

68. Cartaz indicativo dos bairros INA-Casa. Ancona, 1950.

69. Construção do bairro Commenda. Rovigo, 1957.

70. Aminore Fanfani. Milão, 1948.

71. Construção do bairro Commenda. Rovigo, 1957.

72. Visita de Amintore Fanfani a um bairro INA-Casa. Bologna, 1950.

73. 74. e 77. Sequência de esquemas planimétricos apresentados no fascículo *Piano Incremento occupazione operaia. Case per lavoratori, Vol. 2. Suggerimenti, esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo, 1950.*

75. e 76. Capas dos fascículos elaborados pela INA-Casa, os dois primeiros em Outubro de 1949 e Dezembro de 1950 relativos ao primeiro septénio, e os segundos em Janeiro de 1956 relativos ao segundo septénio.

78. Bairro Residencial, Copenhaga, Sudparken, 1949.

79. Barco, Ferrara. Pierluigi Giordani e Pier Maria Lugli, 1956-1959.

80. Cesate, Milano. Ignazio Gardella, 1951-1957.

81. Forte di Quezzi, Genova. Luigi Carlo Daneri, 1956-1957.

82. Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955.

83. Forte di Quezzi, Genova. Luigi Carlo Daneri, 1956-1957.

84. Via Campana, Rimini. Sergio Lenci e Piero Maria Lugli, 1949-1956.

85. Rosta Nuova, Reggio Emilia. Franco Albini, 1956-1961.

86. Spine Bianche, Genova. Giancarlo De Carlo, 1955-1956.

87. Tiburtino, Roma. Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni, 1949-1953.

88. Trieste, Ravenna. Giovanni Gandolfi, 1949-1963.

89. San Marco, Venezia-Mestre. Giuseppe Samonà e Luigi Piccinato, 1951-1961.

90. Alberobello, Bari. Robert Venturi, 1952-1956.

91. Barco, Ferrara. Pierluigi Giordani e Pier Maria Lugli, 1956-1959.

92. Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955.

93. Pastena, Salerno. Bruno Zevi, 1958-1963.

94. Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955.

95. Cerignola, Foggia. Mario Ridolfi e Frankl Wolfgang, 1950-1951.

96. Pistoia. Mario Paniconi e Giulio Pediconi, 1950-1955.

97. La Palma, Cagliari. Enrico Mandolesi, 1957-1963.

98. Cesate, Milano. Franco Albini e Ignazio Gardella, 1951-1957.

99. Infantário projectado por Giuseppe Vaccaro no bairro Galleana II, Piacenza. 1953-1961.

100. Falchera, Torino. Giovanni Astengo, 1951-1956.

101. Falchera, Torino. Giovanni Astengo, 1950-1956.

102. Capri, Napoli. Rosanna Bucchi 1950-1952.

103. S. Lucia II, Verona, Maurizio Sacripanti e Gio Bisoffi, 1957-1962.

104. Forte di Quezzi, Genova. Luigi Carlo Daneri, 1956-1957.

105. Cesate, Milano. Franco Albini, Ignazio Gardella, 1951-1957.

106. Falchera, Torino. O bairro em construção, 1951-1956.

107. Tiburtino, Roma. Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni, 1949-1953.

108. Murano, Venezia. Francesco Bandarin, 1961.

109. Assisi, Bari. Giuseppe Nicolosi, 1950.

110. Ponte Mammolo, Roma. Giuseppe Vaccaro, 1957-1962.

111. Rosta Nuova, Reggio Emilia. 1956-1961.

112. Bairro *Utterslev Mose*. Viggo Vold Møller-Jensen, Copenhaga, 1943.

113. Barco, Ferrara. Pierluigi Giordani e Pier Maria Lugli, 1956-1959.

114. Tuscolano, Roma, *"Il Boomerang"*. Saverio Muratori e Mario de Renzi, 1952-1956.

115. Tuscolano, Roma. Adalberto Libera, 1950-1954.

116. Tuscolano, Roma. Mario de Renzi e Saverio Muratori, 1952-1957.

117. Tuscolano, Roma. Adalberto Libera, 1952-1956.

118. Galleana II, Piacenza. Giuseppe Vaccaro, 1953-1955.

119. S. Giovanni Rotondo, Foggia. Costanza Caniglia Rispoli, 1960-1962.

120. Ponte Mammolo, Roma. Giuseppe Vaccaro, 1957-1962.

121. Monte Olimpo, Como. Ezio Cerutti e Pietro Linger, 1956.

122. Villaggio del sole, Vicenza. Sergio Ortolani, 1957-1961.

123. Solofra, Avellino. Francesco Fariello, 1955-1957.

124. Vista aproximada de uma das torres, projectada por Mario Ridolfi, e da placa INA-Casa Tiburtino.

125. Implantação do bairro Tiburtino na cidade de Roma, 1991.

126. Vista do bloco central do bairro de Quaroni (à direita) e as habitações em banda de Gorio (à esquerda).

127. Vista sob a praça Edoardo Arbib. Habitações em banda de Mario Ridolfi.

128. Vista do pátio interno dos edifícios projectados por Gorio e Rinaldi.

129. Entrada para uma das habitações de Gorio.

130. Fachada de uma das torres de Ridolfi. Pormenor das loggia.

131. Pormenor das varandas de um dos edifícios de Gorio.

132. 133. Comparação entre as habitações de uma Vila em Marzi, em Rogliano na Sila (Calabria), com as habitações em banda de Ridolfi. (e)

134. 135. Linguagem semelhante entre as varandas em madeira de uma casa em Primolano, Vicenza com as varandas desenhadas por Quaroni para o corpo central do bairro, na Via Edoardo Arbib. (f)

136. 137. Escada exterior, posição da janela e detalhes de cobertura de uma casa em Cori, Lazio, semelhantes aos desenhados por Ridolfi e Gorio, respectivamente. (n) (o)

138. 139. Telhados de duas águas e disposição dos blocos numa vila em Portigliolo na Riviera di Ponente (Liguria), que se assemelham às do Tiburtino. (b) (f)

140. 141. Evolução do território. Aerofotogrametrias de 1962 e 1991.

142. Dois estudos preliminares da planimetria do bairro Tiburtino.

143. Vista aérea do bairro ainda em construção, 1952.

144. Vista aérea do bairro já concluído, 1953.

145. Vista dos blocos de Gorio, Aymonino e Melograni ao longo da Via Luigi Lucatelli, 1983.

146. Uma das aberturas, com blocos de tijolo perfurado, desenhadas por Ridolfi nos muros dos jardins privados.

147. e 148. Pormenores das varandas em ferro de Gorio na Via Luigi Lucatelli.

149. Portão de entrada de uma habitação de Aymonino.

150. Pormenor numa aresta de um muro de entrada numa habitação de Valori.

151. e 152. Um portão de ferro original e o seu respectivo desenho.

153. e 154. As grades em ferro de uma das entradas, em acesso directo para os pátios, das habitações em banda de Ridolfi.

155. e 156. Janelas de um dos blocos de Quaroni e respectivo desenho.

157. e 158. Um muro de separação entre a rua e os jardins privados e o seu respectivo desenho.

159. Algumas tipologias construtivas apresentadas no primeiro concurso INA-Casa por Federico Gorio.

160. Tipos de agrupamentos estudados por Ludovico Quaroni para o primeiro concurso INA-Casa. Algumas destas composições serviram depois de base para o estudo urbanístico do Tiburtino.

161. Vista Sul das três torres de Quaroni, três apartamentos por andar e, atrás, o edifício de três andares de Ridolfi, com acesso directo e galeria.

162. Vista de um dos estabelecimentos comerciais, de planta hexagonal, projectados por Ridolfi. O edifício em duplo T atrás é de Quaroni, e é considerado a peça central do bairro.

163. A praça Edoardo Arbib, um dos nós compositivos do bairro, vista do lado oeste, que se fecha com os blocos de quatro andares de Ridolfi.

164. Os edifícios, em média com 7 andares, possuem uma planta em forma de estrela obtida através do encaixe de três corpos quadrangulares rodados. A estrutura portante é um esqueleto de betão armado que se adapta à geometria da planta.

165. As loggia, três por cada um dos primeiros seis andares, são substituídas, no sétimo, por três pequenos terraços. Todos os seus elementos são reinventados.

166. e 167. Variante bastante original da habitação em banda, que se distingue pelo sistema pátio-galeria, permitindo um acesso independente, em acesso directo, aos alojamentos do rés-do-chão, em galeria aos do primeiro andar e, através de uma escada interna, aos do segundo.

168. Vista das três torres com planta em estrela e das habitações em banda de Ridolfi, 1956.

169. Habitações de quatro andares de Ridolfi, *Via Diego Angeli*.

170. Fachada Oestedas casas de Aymonino e Chiarini ao longo da *Via Luigi Lucatelli*.

171. Detalhe do corrimão feito com blocos de tijolo, que protege os pátios do rés-do-chão nas habitações de Ridolfi.

172. Extremidade de um muro de separação dos jardins privados.

173. Vista de um pátio interno comum das habitações.

174. O corrimão em ferro da galeria de Ridolfi.

175. Lado poente do quarto estabelecimento comercial de Ridolfi, o único que fecha a praça Edoardo Arbibi a Norte e que serve a Via Tiburtina.

176. Complexo INA-Casa em Cerignola, Foggia. Mario Ridolfi e Frankl Wolfgang, 1950-1951.

177. Complexo INA-Casa em Terni, Umbria. Mario Ridolfi e Frankl Wolfgang, 1949-1950.

178. Habitações de quatro andares de Ridolfi, *Via Diego Angeli*.

179. Conjunto de lojas desenhado por Ridolfi ao longo da *Via dei Crispolti*.

180. e 181. Vertical Múltiplo de Quaroni. Considerado o centro do conjunto, foi desenhado em conjunto com Mario Fiorentino, decididos a construir juntos a forma da praça central do bairro.

182. Desenho da fachada Norte do edifício de Ludovico Quaroni e de Mario Fiorentino.

183. Planta global do bloco central do bairro de Quaroni e Fiorentino e da habitação colectiva de Quaroni.

184. e 185. Fotografia, cortes e alçados dos edifícios projectados por Mario Ridolfi, cujas entradas se abrem para a *praça Edoardo Arbib* e cujas traseiras se viram para a Via Tiburtina. No último piso destes edifícios, localizam-se os estendedores de roupa.

186. Habitações de Aymonino, Chiarini, Lenci e Melograni no início da *Via Luigi Lucatelli*.

187. Habitações de Gorio vistas pelo lado das entradas, no final da Via Luigi Lucatelli.

188. Vista da Via Luigi Cesana em ascensão, para a qual se vira a galeria das habitações em banda de Ridolfi.

189. Vista de um pátio interno comum de algumas habitações de Lanza e Menicchetti. Atrás, vista da quarta e última torre de Ridolfi, que demarca a extremidade Sul do bairro.

190. Planta e vista axonométrica das habitações em banda de Ridolfi, que demonstra o sistema de paredes portantes adoptada.

191. Planta e vista axonométrica de uma das torres de Ridolfi, evidenciando a estrutura de betão armado utilizada na construção destes edifícios.

192. Detalhes construtivos dos caixilhos em madeira das janelas de Ridolfi.

193. Detalhes construtivos dos muros de separação dos jardins e dos bancos em pedra e madeira do arquitecto Gorio.

194. O dia-a-dia dos habitantes, habitações de Gorio e Rinaldi. Via Luigi Cesana, 1965.

195. Stefano Tito e Pino Pelosi, suspeito homicida de Pier Paolo Pasolini, 1963.

196. Grupo de crianças a brincar na *Via Diego Angeli*. Como fundo é possível ver o detalhe das varandas dos edifícios em banda de Ridolfi. 1967.

197. Stefano Tito e seu irmão Gianni, num descampado inexistente nos dias de hoje, 1962.

198. Antonio Viola num dos edifícios de Lanza e Menichetti, 1966.

199. Grupo de crianças a brincar na *Via Luigi Cesana*. Havia um elevado número de crianças e jovens no bairro.

200. Vista da praça na *Via dei Crispolti*, antes da construção da igreja e ainda em terra batida, 1962.

201. *"La famiglia della signora Erminia"*, 1965.

202. Stefano e Gianni à saída da escola, 1966.

203. Antonio e Elena Viola num dos terraços projectados por Lanza e Menicchetti.

204. Mercado de frescos, realizado ao longo da *Via dei Crispolti,* que foi suspenso em 1973.

205. Contrato de futura compra de uma habitação INA-Casa de Ridolfi a Gioacchino Tacceta, 6 de Janeiro de 1965.

206. Um dos pátios comuns, situado na Via Edoardo Arbib, muito usado pelas crianças por ser seguro e espaçoso, 1966

207. Os irmãos Viola, Carnaval de 1968.

208. e 209. Maria Ellena Agnese e Candido Giustiniani, dois dos habitantes entrevistados que cresceram no bairro e que se conformaram às transformações que foram decorrendo com o passar dos anos.

210. Fotomontagem que retrata as transformações na Via Diego Angeli. Sr. Ermínia Adiutore e Daniela Milani, Maio de 1958.

211. Os estabelecimentos comerciais em funcionamento na Via dei Crispolti, 1955.

212. Umberto Ianonne e a sua família. Atrás, uma das habitações de quatro andares de Fiorentino, com as grades e os caixilhos ainda originais.

213. Vista da subida da Via Luigi Cesana quando em vez de automóveis estacionados, se realizava o mercado.

214. Fotomontagem que retrata a praça da Via dei Crispolti, como era em 1963, quando ainda não haviam carros estacionados.

215. Mauro Viola e Mauricio Andei em 1968, num dos pátios internos comuns.

216. 217. e 218. As torres de Lugli foram pintadas com cores diferentes das originais, para além da introdução de equipamentos de ar condicionado e de antenas satélite nas fachadas.

219. O topo de uma das torres de Ridolfi onde as varandas foram fechadas e transformadas em *marquises*.

220. O *"giardino dei nonni"* é um dos espaços exteriores comuns, destinados à circulação pedonal, que foi encerrado através de grades e vedações, e hoje encontra-se restrito a apenas alguns habitantes.

221. O pátio interno das casas de Lanzi e Menicchetti, transformado em estacionamento privado, fechado entre grades e portões.

222. Fragmentação, encerramento dos espaços públicos e aquisição dos mesmos por parte do condomínio.

223. 224. 225. e 226. Encerramento das varandas, terraços e sacadas nos blocos de Chiarini, Quaroni, Ridolfi e Valori.

227. Estacionamento abusivo e inapropriado na praça da *Via dei Crispolti*.

228. Um dos estendedores comuns do bairro que se encontra, nos dias de hoje, destruído e inutilizado.

229. No bloco de Quaroni e Fiorentino, houve uma clara apropriação dos espaços comuns por parte dos habitantes.

230. O bloco comercial da praça Edoardo Arbib, que já teve vários usos desde mercearia a cabeleireiro, é hoje utilizado inapropriadamente como habitação.

231. A praça na Via dei Crispolti, começou a ser utilizada como estacionamento após suspensão do mercado.

232. Estacionamento inapropriado, em cima de um canteiro de flores, na *Piazza Edoardo Arbib*.

233. As varandas dos blocos de Ridolfi na *Via Diego Angeli*, apresentam um elevado número de transformações.

234. Nas habitações em banda de Ridolfi foram abertos novos acessos aos jardins privados das habitações do rés-do-chão, que nada têm a ver com a linguagem original adoptada.

235. e 236. Muros e portões encerram agora os espaços originários de estar e de circulação.

237. Casal Bruciato 2017. Levantamento do território e apresentação da área em estudo.

238. e 239. A falta de bancos, entre outro mobiliário urbano, faz com que os habitantes se apropriem de outras estruturas criadas para outros fins. *Corner Caffè*, *Via dei Crispolti*, Janeiro de 2017.

240. Ilustrações dos propósitos do texto de Kevin Lynch.

241. A forma visual de Los Angeles vista do terreno por Kevin Lynch.

242. *Piazza Balsamo Crivelli*.

243. *Via Alberto Bergamini*.

244. Torre INA-Casa Tiburtino.

245. O parque da *Villa Fassini*.

246. Intercomunicador de uma habitação de Valori, no bairro Tiburtino.

247. Parque infantil da *Villa Fassini*.

248. Séniores num momento de descontracção na *Villa Fassini*.

249. *Grafitti* num dos estabelecimentos comerciais de Ridolfi.

250. Duas senhoras idosas sentadas a conversar num dos bancos desenhados por Ridolfi.

251. Jardim da *Piazza Balsamo Crivelli*.

252. O talho e a frutaria do bairro Tiburtino, em funcionamento nos estabelecimentos comerciais projectados por Ridolfi desde 1954.

253. Pequeno supermercado *Orto Point*, *Via Diego Angeli*.

254. Restaurante Pizzaria situado no Centro Recreativo *La Cacciarella*

255. *Corner Café* situado no cruzamento da *Via Luigi Cesana* com a *Via dei Crispolti*.

256. Pequeno ginásio de bairro, *Via dei Crispolti*.

257. Restaurante *Frontoni*, *Via dei Crispolti*.

258. Pizzaria *Non Ci Resta Che Pizza ... Dal Cilentano*, na *Via Diego Angeli*.

259. Feira agrícola que ocorre semanalmente no centro Recreativo *La Cacciarella*.

260. Mercado ao ar livre da *Via Alberto Bergamini*.

261. 262. e 263. Alguns dos estabelecimentos comerciais presentes ao longo da *Via Giuseppe Donati*.

264. *Piazza Balsamo Crivelli*.

265. *"Giardino dei nonni"*, bairro Tiburtino.

266. Parque da *Villa Fassini*.

267. Contentores danificados na Via Giuseppe Donati.

268. Incúria dos pavimentos e lixo espalhado pelo chão na Via Diego Angeli.

269. Via Yambo com estacionamento em ambos os lados da rua.

270. Estacionamento inapropriado em cima de um passeio na *Piazza Edoardo Arbib*.

271. e 272. Irregularidades e pavimentos danificados.

273. Desmazelo e deterioração do mobiliário urbano na *Via dei Crispolti*.

274. *Via Pietro Ferrigni*, rua sem saída, que permite estacionamento aos moradores.

275. *Via Giuseppe Canepa*.

276. *Via Tiburtina*.

277. *Via Arnaldo Cervesato*.

278. e 279. Pátios internos que hoje se encontram fechados e geridos pelos condomínios.

280. Paragens de autocarro na *Pizza Balsamo Crivelli*.

281. Estação de Metro *Pietralata* (linha B).

282. *Via dei Crispolti*.

283. *Piazza Riccardo Balsamo Crivelli*.

284. Parque da *Villa Fassini*.

285. Parque público da *Autrostrade Italia*

286. Centro recreativo *La Cacciarella*.

287. Depósitos de resíduos urbanos, *Via Diego Angeli*.

288. O mau esta*do ev*idente do estabelecimento escolar na *Via Cipriano Facchinetti*.

289. Os 3 edifícios construídos no local onde estavam previstos mais habitações INA-Casa.

290. Uma das torres do bairro Tiburtino que se encontra deteriorada.

291. 292. e 293. No geral, as fachadas dos edifícios de Casal Bruciato mantém-se em boas condições, principalmente por ainda serem construções recentes.

294. e 295. Os diferentes usos das varandas e sacadas no bairro.

296. Centro Social de Idosos, em funcionamento no Tiburtino deste 1954.

297. Escola primária situada dentro das imediações da *Villa Fassini.*

298. Igreja *Santa Maria della Visitazione*, do arquitecto Saverio Busiri.

299. e 300. Mercado de 2º mão que se realiza todos os domingos no Centro Social de Idosos.

301. 302. e 303. Algumas das actividades desenvolvidas pelo Centro Social e respectivo calendário semanal.

304. *Istituto Professionale IV Alberghiero Amerigo Vespucci,* na *Via Cipriano Facchinetti.*

305. 306. e 307. Greves frequentes, longos tempos de espera e a superlotação dos transportes caracterizam a ATAC, o serviço de transportes públicos da cidade de Roma.

308. e 309. O excesso de viaturas juntamente com a insuficiência de locais e parques de estacionamento, conduzem a ruas lotadas e a estacionamentos inapropriados.

310. e 311. O lixo atulhado pelo chão caracteriza, nos dias de hoje, as ruas de Casal Bruciato, o que evidencia também o desrespeito entre os habitantes.

312. *Allborg Waterfront,* C.F. Møller, Dinamarca, 2013.

313. Requalificação do Pário das Escolas, Gonçalo Byrne, Coimbra, 2012.

314. *Allborg Waterfront,* C.F. Møller, Dinamarca, 2013.

315. Remodelação do *Paseo de St Joan*, Lola Domènech, Barcelona, 2013. Fotografia de Adrià Goula.

316. e 317. "Somos Luz" foi a mensagem escrita em 50 casas do edifício *Begonia I*, no bairro *El Chorrillo*, com a participação activa dos habitantes, na tentativa de reabilitar uma comunidade degradada. Boa Mistura, *El Chorrillo*, Panamá, 2013.

318. e 319. Projecto "*Residuos Urbanos Solidos*" é um projecto de arte pública na América Latina dos Basurama, Bueno Aires, 2009.

320. Instalação de rua Park(ing) Day, Manhattan, 2013.

321. "Luz nas Vielas" faz parte da série CROSSROADS: projectos de arte urbana que intervêm em comunidades degradadas usando a arte como ferramenta de mudança e inspiração, através da participação dos habitantes. Boa Mistura, São Paulo, 2012.

322. Requalificação do Bairro Social *La Mina*, Barcelona, 2010.

323. e 324. Intervenção e apropriação de novo espaço público através da redução da rua destinada à circulação automóvel. GravalosDiMonte, Barcelona, 2016.

325. e 326. *"Un giardino a favara"* projecto que visava implantar no centro histórico, num dos vazios urbanos existentes, um novo espaço verde. Giuseppe Guerrera e Lillo Giglia, Favara, Itália, 2011.

327. e 328. *"Place au changemente"* espaço público desenhado num terreno vazio existente na intersecção de duas ruas. Collectif ETC, *Saint-Étienne*, França, 2011.

329. e 330. Intervenções efémeras para espaços públicos de uso transitório em parcelas do centro histórico. GravalosDiMonte, Zaragoza, 2009.

331. 332. e 333. *Progetto MAPPA*, San Basilio, Roma, 2014.

334. 335. e 336. *Case Nuove*, Rosarno, Reggio Calabria, 2012.

338. e 339. Programa *IncomeInCommon,* financiado pela Universidade de Córdoba*,* Andaluzia, 2016.

340. Uma solução para Casal Bruciato.

341. A falta de bancos, entre outro mobiliário urbano, faz com que os habitantes se apropriem de outras estruturas criadas para outros fins. *Corner Caffè*, *Via dei Crispolti*, Janeiro de 2017.

342. *Via Luigi Lucatelli*, como é e como deveria ser.

343. Um dos espaços residuais inutilizados, como é e como deveria ser.

344. e 345. Festa organizada pelos habitantes do bairro Tiburtino, 16 de Julho de 2016.

346. *Processione Santa Maria Immacolata*, Via Luigi Cesana, 25 de Maio de 2016.

347. Actividades lúdicas para as crianças, organizadas pela paróquia no parque da Villa Fassini, 16 de Julho de 2016.

348. e 349. Jantar solidário, organizado pelos habitantes do bairro, para angariar fundos para a reconstrução de Amatrici, após o terramoto. 10 de Setembro de 2016

350. e 351. Jantar de condomínio organizado pelos habitantes. 23 Setembro de 2016.

352. *Villa Fassini,* como é e como deveria ser.

353. a 354. *"I cittadini riconquistano il parco"*. Limpeza do parque da *Villa Fassini* pelos habitantes do bairro. 29 de Abril de 2016

355. e 356. Limpeza da *Piazza Riccardo Balsamo Crivelli,* estudantes de uma programa da *Università La Sapienza,* 24 de Outubro de 2016.

357. Um dos pátios internos, que actualmente serve de estacionamento, como é e como deveria ser.

358. e 359. Workshop *"fare la pasta"* com a Sr. Ermínia, 25 de Janeiro de 2017.

360. e 361. Entrevistas realizadas a alguns habitantes. Partilha de memórias, discussão sobre questões problemáticas e propostas de soluções para o bairro. 4 de Fevereiro de 2017.

362. e 363. Reunião de bairro, organizada por alguns condomínios, para discutir a limpeza do parque da Villa Fassini. 22 de Outubro de 2016.

364. Vista Panorâmica do Bairro Tiburtino.

365. Em Outubro de 2016, foram deixados estes panfletos em todas as entradas dos blocos residenciais do Tiburtino.

ÍNDICE DE ANEXOS

ANEXO I - Aprovação das duas equipas de arquitectos da I.N.C.I.S e do I.C.P, encarregados pela execução do projecto do bairro Tiburtino. 236
Accademia Nazionale di San Luca. Fondo Mario Ridolfi, 23 de Setembro de 1950.

ANEXO II - Bairro Tiburtino, Lote 1. 237
Accademia Nazionale di San Luca. Fondo Mario Ridolfi, 28 de Fevereiro de 1951.

ANEXO III - Carta de Adalberto Libera a Mario Ridolfi. 238
Accademia Nazionale di San Luca. Fondo Mario Ridolfi, 21 de Dezembro de 1951.

ANEXO IV - Caracteristícas dos estabelecimentos comerciais a serem construídos. Declaração escrita por Mario Ridolfi. 239
Accademia Nazionale di San Luca, Fondo Mario Ridoli, 5 de Novembro de 1953.

ANEXO V - Contrato de futura compra de uma habitação INA-Casa na *Via Diego Angeli*. 240
Gioacchino Tacceta, 6 de Janeiro de 1965.

ANEXO VI - Contrato de compra e venda de uma habitação INA-Casa na *Via Luigi Lucatelli*. 241
Antonio Viola, 6 de Julho de 1966

ANEXO VII - Recibos de pagamento da renda de um alojamento. 242
Gioacchino Tacceta, 18 de Janeiro de 1964

ANEXO VIII - Pedido escrito para concorrer a uma habitação INA-Casa. 243
Accademia Nazinale di San Luca, Fondo Mario Ridolfi.

ANEXO IX - Bairro Tiburtino. Número de vãos. Escala 1:400 245

ANEXO X - Questionário escrito feito aos habitantes do bairro. 246

ANEXO XI - Questionário oral feito aos habitantes do bairro. 247

ANEXO XII - Levantamentos e notas esquemáticas. Tiburtino, Outubro de 2016. 248

ANEXO XIII - Levantamento da Rede Viária. Casal Bruciato, Janeiro de 2017. 249

ANEXO IV - Levantamento dos usos ao nível do rés-do-chão. Casal Bruciato, Janeiro de 2017 250

ANEXO XV - Levantamento das áreas verdes. Casal Bruciato, Janeiro de 2017 251

ÍNDICE DE DESENHOS

102 Planta de implantação 1954. Escala 1.400 **- TIBURTINO . 01**

110 Planta do projecto inicial: Blocos não edificados. Escala 1.400 **- TIBURTINO . 02**

150 Esquemas de interpretação do bairro. Escala 1.10000 **- CASAL BRUCIATO . 03**

154 Interpretação segundo os princípios de Kevin Lynch. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 04**

162 Levantamento dos usos ao nível do rés-do-chão. Escala 1.4000 **- CASAL BRUCIATO . 05**

164 Rede de espaços de convívio e zonas de estar. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 06**

166 Zonas de estacionamentos e passeios. Escala 1.4000 **- CASAL BRUCIATO . 07**

168 Planta da rede viária. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 08**

170 Rede dos espaços públicos. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 09**

172 Levantamento da condição das fachadas. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 10**

195 Restruturação da Rede Viária. Escala 1. 10000 **- CASAL BRUCIATO . 11**

196 Estratégias de Intervenção. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 12**

198 Estratégias de Intervenção. Escala 1. 2000 **- CASAL BRUCIATO . 13**

199 Reordenação da estrutura comercial do bairro. Escala 1. 10000 **- CASAL BRUCIATO . 14**

200 Cortes Esquemáticos. Escala 1. 2000/ 1. 400 **- CASAL BRUCIATO . 15**

202 Estratégias de Intervenção. Escala 1. 2000 **- CASAL BRUCIATO . 16**

205 Reorganização do Espaço público verde. Escala 1. 10000 **- CASAL BRUCIATO . 17**

206 Planta de Árvores. Escala 1. 4000 **- CASAL BRUCIATO . 18**

LISTA DE ENTREVISTADOS*

AIUTORE, Erminia – Doméstica. 04. 12. 2016

ALESSANDRELLI, Francesco - Arquitecto. 16. 12. 2016

ALIMONTI, Giacomo - Funcionário da A.T.E.R. 11. 01. 2017

ANDEI, Silvana – Secretária Reformada. 15. 10. 2016 / 10. 12. 2016

APPETECCHIA, Enrico - Ex-Presidente ISSCAL. Reformado. 15. 12. 2016

DICKMAN, Daria – Arquitecta. 27. 11. 2016

FERRARI, Mauro - Reformado. Profissão desconhecida. 17. 12. 2016

FURLOTTI, Ennio - Presidente do Centro Social do Tiburtino. 13. 02. 2017

GIUSTINIANI, Candido – Polícia Reformado. 12. 11. 2016

IANNONE, Umberto - Lojista. 14. 12. 2016

MERCURI, Maria Elena – Doméstica. 15. 10. 2016

MILANI, Daniela – Restauradora de obras de arte. 13. 11. 2016 / 26. 11. 2016

MINUCCI, Marta - Lojista e escritora. 10. 12. 2016

MURATORE, Giorgio - Professor de História da Arquitectura Contemporãnea. 12. 10. 2016

PIACENZA, Katherina - Arquitectos. 16. 12. 2016

PINA, Maria – Doméstica. 26. 11. 2016

ROSSI, Silvano – Reformado. Profissão desconhecida. 06. 11. 2016

RUSSO, Franco – Reformado. Profissão desconhecida. 09. 11. 2016

TACCETTA, Letizia - Professora Primária e Catequista. 13. 11. 2016 / 02. 12. 2016

TONINO, Giuseppe – Reformado. Profissão desconhecida. 09. 11. 2016

TURCHI, Andrea – Professor Reformado. 27. 11. 2016

VIOLA, Ana Maria – Professora Primária Reformada. 03. 12. 2016

VIOLA, Mauro – Comerciante. 29. 01. 17

* a lista de entrevistados refere-se apenas às entrevistas que foram gravadas e que se encontram disponíveis em formato áudio.

LISTA DE ABREVIATURAS

Archivio Catelani **- AC**

Archivio Centrale Dello Stato **- ACS**

Archivio del Centro Sociale ISSCAL Tiburtino **- ACSIT**

Archivio di Stato di Roma **- ASR**

Azienda Territoriale per l'Edilizia Residenziale del Comune di Roma **- ATER**

Cessato Catasto Rustico **- CCR**

Ente Gestione Servizio Sociale **- EGSS**

Gestione Case per Lavoratori **- GESCAL**

Istituto Autonomo Case Popolari **- IACP**

Istituto Nazionale di Statistica Italiano**- ISTAT**

Istituto di Servizio Sociale-Case Ai Lavoratori **- ISSCAL**

Istituto Nazionale Case per Impiegati Dello Stato **- INCIS**

Istituto Nazionale di Urbanistica **- INU**

Società per Lo Studio Della Storia Del Servizio Sociale **- SOSTOSS**

United Nations Recovery and Reabilitation Administration **- UNRRA**

Comitato Amministrativo Soccorso ai Senzatetto **- UNRRA-CASAS**

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Este estudo nasce do interesse pelo fenómeno INA-Casa, hoje reconhecido como um dos períodos mais importantes da arquitectura e do urbanismo italiano do séc. XX. O Plano Fanfani, *Piano per l'incremento dell'occupazione operaia*, aprovado em Fevereiro de 1949 (inicialmente por 7 anos mas depois estendido por mais 7) constituiu uma acção precisa, que deu resposta a 2 grandes problemas na reconstrução do segundo pós-guerra: a **falta de habitação** e o **desemprego**.

O Plano INA-Casa, empenhando recursos humanos e materiais para a democratização da arquitectura residencial a baixo custo e recuperação da economia nacional, representou o primeiro momento, na cultura arquitectónica italiana, no qual arquitectos e urbanistas tiveram a oportunidade de reflectir concretamente sobre a questão da habitação social, entendida como um tema de vasta complexidade e dignidade arquitectónica. Foram postos em prática, neste período, todos os estudos sobre a habitação, elaborados seja precedentemente seja contemporaneamente à actuação do plano. Com a INA-Casa introduziu-se em Itália – recalcando as experiências anglo-saxónicas e escandinavas - um **novo modelo de bairro**. Uma nova dimensão colectiva do habitar para pequenas comunidades. Uma interpretação orgânica de núcleo completo e autónomo, de carácter doméstico, onde a casa se estendia aos espaços exteriores, defendendo o **papel crucial da vizinhança**, e da **vida em comunidade** para a harmonia unitária do bairro. Pelas suas singulares características, os bairros INA-Casa construídos entre 1949 e 1963, constituem-se, ainda hoje, presenças distintas dentro de grande parte das cidades italianas.

O conhecimento deste programa surgiu após a experiência Erasmus em Roma, onde a vivência no bairro INA-Casa Tiburtino (1949) durante mais de um ano, permitiu uma abordagem ao mesmo que se tornou única, transformando-o no mote de estudo para esta dissertação. Na paisagem indiferenciada da periferia romana, os bairros INA-Casa, pelo fácil reconhecimento dos seus limites, formas e linguagem, mantêm ainda hoje uma clara identidade, fazendo parte do conjunto patrimonial mais importante, construído na capital italiana após a segunda guerra mundial. Como tal, a questão da **preservação e salvaguarda destes aglomerados residenciais** têm-se evidenciado com força nas últimas décadas, tendo surgido vários programas de apoio a esta acção. Questionar a forma de preservação e protecção do bairro, leva-nos à análise e ao estudo aprofundado do mesmo, partindo do princípio que não passa apenas por conservar e recuperar rigorosamente as características originais do bairro, mas sim de exercitar uma acção de controlo e de guia para a sua conservação em conjunto com os habitantes. Permitindo e facilitando, por um lado, a **adaptação das estruturas às exigências actuais** e assegurando, por outro, que **as características arquitectónicas sobre as quais se baseia o valor de testemunho histórico do bairro não sejam perdidas**.

Se um dos principais aspectos do programa INA-Casa era a preocupação com os espaços exteriores, o desenho dos espaços de relação e a dotação de espaços verdes, tal interesse faz com que uma das características destes aglomerados urbanos possa ser encontrada na qualidade do espaço público e, talvez por este motivo, sejam estes os primeiros espaços a serem pensados num projecto de reabilitação urbano. Desta forma, **pretende-se analisar o espaço público do Tiburtino e da área urbana envolvente, permitindo que uma leitura do passado facilite a compreensão e a análise da cidade do presente**. No entanto, os aglomerados habitacionais, realizados de forma intensiva, em torno do bairro INA-Casa entre os anos '60 e '70, tornaram-se símbolo da reduzida qualidade da periferia romana. O edificado de Casal Bruciato, que engloba hoje em dia o Tiburtino, caracteriza-se por estruturas megalómanas, fora

de escala, baseadas em edifícios de forma regular, dispostos em altura, paralelos entre si, desintegrados da envolvente e com reduzida continuidade urbanística. Deste modo, pela quantidade e concentração de população, pela aglomeração no mesmo lugar de grupos mais vulneráveis à discriminação, pelo estigma social que lhes é atribuído, e principalmente, pela concentração de problemas sociais e população de etnias diversas, estes espaços surgem como um gerador de conflitos e de desigualdades sociais.

As propostas de alojamento massivo e desenraizado que surgiram a partir dos anos '60, contribuíram para o desprestígio da habitação colectiva, fazendo também com que o urbanismo entrasse numa grave crise de valores e de modelos. Independentemente das questões políticas e económicas que desencadearam a construção desenfreada de habitação, a expansão da cidade sofreu uma grande e incontornável reviravolta. A crítica fundamental baseava-se não apenas na questão da ocupação dispersa, devido ao aumento da população e da especulação imobiliária, mas também ao facto das expansões da cidade rejeitarem a importância da urbanística, do espaço público e o papel do desenho urbano nos processos de construção da cidade, deparando-nos com espaços públicos carentes de requalificação. Foi desta forma, desorganizada e desregulada, que a cidade cresceu, sem um plano específico que fosse capaz de compreender e solucionar os verdadeiros problemas urbanísticos da cidade.

Simultaneamente, contínuas modificações no contexto social, económico e ambiental têm vindo a ocorrer, alterando os hábitos dos cidadãos, e reflectindo-se de forma negativa também no espaço público. Na sociedade actual, uma das grandes preocupações é recuperar e garantir o espaço dos cidadãos, onde a sociedade se torna visível e onde cada indivíduo tem o seu próprio lugar. A **crescente valorização da conservação e recuperação** destes aglomerados sociais dos anos '50 em Roma, normalmente bem conservados relativamente aos aspectos residenciais, mas muito degradados quer a nível dos espaços verdes quer dos espaços públicos, fizeram-nos constatar que o espaço público se encontra já consolidado. Desta forma, há que **reinventá-lo e (re)qualificá-lo**.

Reler, 60 anos mais tarde, **o bairro nos dias de hoje, é** por um lado **compreender-lhe o sentido na história do século passado e** por outro, **entender o seu papel na cidade e na sociedade contemporânea**. Foi **um bairro pensado e projectado como comunitário**, com os seus pátios abertos à comunidade e os seus jardins pensados para o convívio e socialização. Actualmente, grande parte destes espaços encontram-se fechados, privatizados e destinados a estacionamento, desconfigurando a vivência e funcionamento original do bairro.

Posto isto, é neste caminho que se move este trabalho, na tentativa de demonstrar que, no caso dos espaços públicos descaracterizados, é possível reinventá-los e requalificá-los. Por esse motivo, achamos pertinente explorar a questão do espaço urbano, numa tentativa de aglutinar as questões que afectam o bairro Tiburtino, com as da periferia que o foi acompanhando. Visto tratar-se de um estudo que incide sobre o espaço público, este torna-se objecto de estudo, sendo mediador e organizador do desenho da cidade. Como tal, **foi fundamental pensar a cidade e os elementos que a organizam**, dando particular atenção ao espaço público como estrutura e forma urbana da organização social, capaz de articular a vertente social deste sector urbano com a urbanística. Em suma, **uma procura de estratégias de intervenção e regeneração do espaço público** que garanta uma coesa estrutura territorial aberta à cidade.

O objectivo que move este trabalho não é apenas o de **"reconstruir" um importante período da história da arquitectura e da urbanística do pós-guerra italiano**, mas também o de **entender os resultados materiais, avaliar os processos de transformação e adaptação de uma nova sociedade**, verificar o que permaneceu, o que foi acrescentado, e principalmente **reflectir sobre este sector urbano e a sua relação intrínseca com a cidade nos dias de hoje**, numa tentativa de **restituir a ideia de comunidade e vizinhança defendida pela INA-Casa**.

Desta forma, procura-se **delinear estratégias de acção/requalificação do bairro**, que garantam uma melhor relação com a cidade e melhorem as condições do espaço público existente. Este último, interagindo cada vez mais com os espaços privados, deverá ser capaz de cimentar a criação de novos espaços colectivos, abertos a usos e práticas comunitárias, definindo novas formas e tipologias de habitação. Tratam-se de objectivos que tornam necessária a construção de intervenções capazes de promover inter-relações dinâmicas entre factores físicos, económicos e sociais, elementos materiais e imateriais, sujeitos individuais e colectivos, sem no entanto esquecer a centralidade que o espaço deve assumir no moldar de novos modos de habitar na cidade contemporânea.

Em síntese, procura-se um meio para **garantir uma estrutura territorial coesa e aberta à cidade contemporânea**, capaz de construir espaços de interacção e comunicação. Espaços que, acompanhando as exigências da urbanística contemporânea, sejam desenhados com base nas verdadeiras exigências e necessidades da comunidade, promovendo a coesão social e prevendo, onde possível, o **envolvimento dos cidadãos** nos levantamentos e nas acções de projecto.

A metodologia do trabalho partiu de uma primeira análise da obra "*La grande ricostruzione. Il Piano INA-Casa e l'Italia degli anni cinquanta*" compilado por Paola di Biagi, com o objectivo de compreender o plano INA-Casa e a sua expansão pelo território italiano; e da obra de Italo Insolera, "*Roma Moderna: Un secolo di storia urbanistica 1870-1970"*, para entender o contexto político e social Romano até ao culminar da segunda grande guerra. Uma vez escolhido o Tiburtino como caso de estudo, procedeu-se à afixação de panfletos pelo bairro, apelando à colaboração dos habitantes que quisessem testemunhar as suas experiências. O acesso aos relatórios, cartas e registos dos assistentes sociais, que desenvolveram processos de intervenção social no bairro a partir dos anos '50, foi de extrema importância para o desenvolvimento deste trabalho.

A pesquisa bibliográfica, realizada maioritariamente na *Biblioteca Nazionale Centrale Vittorio Emanuele II*, na *Biblioteca Centrale della Facoltà' di Architettura em Roma*, e na Biblioteca da FAUP, apoiou-se principalmente em pesquisas relacionadas com a história e o urbanismo italiano; o Plano e os bairros INA-Casa; intervenções nos bairros de habitação social; gestão e teorias de reabilitação urbana; intervenção na cidade e organização do espaço urbano. Importa referir outras fontes de consulta que se mostraram fundamentais para a elaboração desta dissertação como "*Life between buildings"* de Jan Gehl; "*El Espacio Público: ciudad y ciudadania"* de Jordi Borja; *"The image of the city"* de Kevin Lynch; *"Città Pubbliche: Linee guida per la riqualificazione urbana"* do LaboratorioCittàPubblica. De salientar ainda o acesso à prova de doutoramento do Arquitecto Rodrigo Coelho, *"Formas e Desígnios do Espaço Público na Cidade Contemporânea"*, apresentada em 2011 à FAUP. Paralelamente, foram também visitadas a *Accademia di San Luca*, a *Fondazione Adriano Olivetti,* o *Centro Archivi e Documentazione*

di Architettura do MAXXI, o *Archivio Storico INA-ASSITALIA-Generali* e o *Archivio Centrale dello Stato* para a recolha de documentação, plantas, e desenhos originais. Já as cartografias, foram disponibilizadas na *Cartoteca Quaroni, Dipartimento PDTA – Sapienza*. Foi também visitada uma exposição do fotógrafo Rodrigo Pais, *"Abitare a Roma in periferia"* no *Museo di Roma in Trastevere*, que retratava a dura realidade de habitar na periferia romana durante o grande conflito mundial. O cruzamento de informação bibliográfica juntamente com o trabalho de campo, percorrendo o terreno, fazendo o levantamento topográfico, desenhos, levantamento da morfologia e de outras características do bairro, permitiram uma análise completa deste sector residencial da cidade.

Diversas fontes de informação surgiram de outras entrevistas: Giorgio Muratore, professor de *Storia dell'Architettura Contemporanea* na faculdade de Sapienza, que clarificou o contexto histórico do pós-guerra italiano; Paola di Biagi, professora de Urbanística na Faculdade de Arquitectura de Trieste, que esclareceu os princípios e o funcionamento do plano INA-Casa; Rosalia Vittorini e Rinaldo Copomolla, autores de *"L'Architettura INA-Casa"*, que se mostraram disponíveis para explicar os aspectos construtivos dos complexos; Enrico Appetecchia, ex-director do *Ufficio Ricerche dell'ISSCAL*, que enumerou os procedimentos das equipas de assistentes sociais nos bairros, assim como os problemas com que os quais se deparavam na época. De salientar também as entrevistas realizadas a Ennio Furlotti, presidente do *Centro Anziani di Casal Bruciato* e a Giacomo Alimonti, funcionário da ATER, para além das entrevistas realizadas aos habitantes, que se demonstraram muito úteis na compreensão da componente social do bairro.

De modo a responder aos objectivos propostos, a dissertação estrutura-se essencialmente em duas partes, compostas cada uma por dois capítulos. Num primeiro momento, faz-se uma análise teórica do conceito de espaço público, nas suas formas e tipologias, numa tentativa de perceber e enquadrar a evolução do espaço público na cidade ao longo dos anos, e da sua problematização na cidade contemporânea. A par disto, analisa-se o papel da habitação colectiva na expansão da cidade e o dever de intervir e salvaguardar este vasto património. O segundo capítulo, é dedicado à contextualização histórica, social e arquitectónica do pós-guerra italiano, desenvolvendo o tema do desemprego e da crise habitacional que assolava o país, particularmente na cidade de Roma, e que esteve por detrás da concepção do plano INA-Casa, analisando as suas características formais, urbanísticas, construtivas, e sociais.

Num segundo momento, entrando já no caso de estudo, faz-se não só uma caracterização do projecto original do bairro Tiburtino, reconstruindo-o através dos recontos orais, pesquisas fotográficas e levantamentos bibliográficos, como também da sua evolução ao longo dos anos e das transformações que nele ocorreram. O quarto e último capítulo, é composto por duas partes. Num primeiro momento, dedica-se à compreensão de Casal bruciato, o aglomerado urbano que se foi desenvolvendo à volta do Tiburtino, fazendo uma leitura sobre a evolução da área e a identificação dos problemas e elementos em estudo, através de uma cuidadosa análise urbanística. Posto isto, partindo do que foi abrangido no estudo urbanístico do bairro e aplicando os conhecimentos apreendidos sobre o espaço público, se consagra a compreensão do território em estudo como objecto de projecto. São apresentadas estratégias de intervenção para este sector da periferia romana, com o objectivo de **reafirmar o valor patrimonial do bairro e restituir a ideia de comunidade.**

*

Percorrendo a *Via Tiburtina*, de Roma em direcção a Tivoli, atraversando a rua que se desenvolve depois do cruzamento com a tangencial Este, deparamo-nos com uma área de construção intensiva que obedece aos planos de habitação social dos anos '60 e '70. Ao sétimo quilómetro desta via, entramos num bairro que fez já mais de 60 anos: **O Tiburtino**. Percorrendo a *Via Diego Angeli,* que permite a entrada no bairro para quem vem da caótica *Via Tiburtina*, respira-se uma atmosfera particular. Parece que chegamos a uma aldeia, apesar de uma aldeia não se tratar. Não é fácil encontrar o termo certo para caracterizar este bairro. Assemelha-se a uma ilha que se destaca de toda o envolvente que o circunda, qualquer coisa de íntimo relativamente ao caos da periferia que a circunda, constituída basicamente por altos blocos de habitação intensiva.

Este ambiente nada tem a ver com os bairros fascistas de carácter racionalista dos anos '30 e '40, com os seus edifícios de directrizes uniformes, fachadas repetitivas, constantes e o uso exacerbado da mesma tipologia construtiva. No Tiburtino, pelo contrário, é perceptível uma variedade de tipologias dispostas de modo irregular, mas não casual. Percebe-se nitidamente que a organização geral do bairro, é fruto de um estudo urbano consciente e preciso, onde era clara a vontade de desenhar um espaço que fosse compreendido como íntimo e peculiar. Esta sensação é transmitida através de várias particularidades: os edifícios são discretos, quase anónimos, não tencionam impressionar ou impor-se no contexto do qual fazem parte; a linguagem e os materiais adoptados derivam da tradição construtiva da arquitectura rural italiana, numa tentativa *anti-urbana*, mas conscientemente utilizados e em continuidade com a tradição romana; os exteriores são pintados em tons quentes, as persianas são em madeira, as balaustradas em ferro e a cobertura de duas águas.

A relação rua/edifício é também tida como particular. A orgânica disposição dos blocos determina a formação de espaços irregulares, colmatados com áreas verdes, predominantemente a serviço das habitações. Outros espaços exteriores, como os pátios, são pensados para favorecer o contacto humano, assegurando o convívio e a socialização.

Todos estes elementos contribuem para a analogia do Tiburtino a uma aldeia. Introvertido, silencioso, íntimo mas espaçoso, que contrasta com a envolvente urbana intensiva que o rodeia, o bairro transforma-se num lugar agradável, confortável, pensado à escala urbana.

*

"... l'insieme ha un sapore di paese, con un che di arcaico e di scanzonato che ben si contrappone, come qualcosa di più intimo, al caos della periferia della vicina metropoli."

Giovanni Astengo
Nuovi Quartiere in Italia, 1951





A CIDADE E OS SEUS ELEMENTOS
ESTRATÉGIAS URBANAS | 1

"El espacio público es el de la representación, en el que la sociedad se hace visible."

Jordi Borja
El espacio público: Ciudad y Ciudadania, 2000, p. 7



Piazza di Spagna.
Livio Quaroni, 1969.

1.1 **PENSAR O ESPAÇO PÚBLICO**

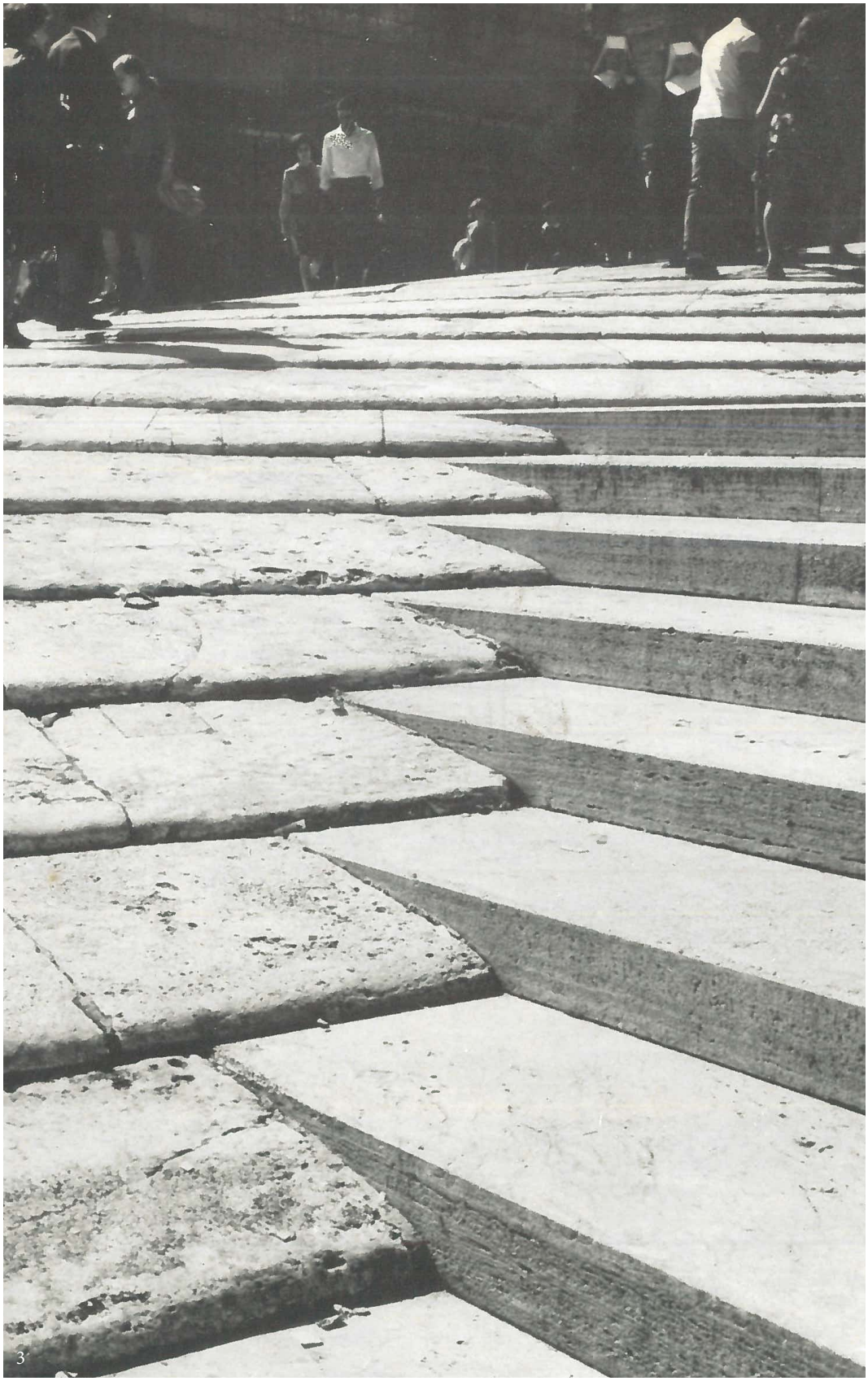
"the street is not only a means of access but also an arena for social expression"[1]

A definição de espaço público encontra-se directamente ligada ao conceito de *público*, etimologicamente derivante do latino *populus* (povo), a salientar "*l'appartenenza dello spazio ai cittadini come conseguenza della natura pubblica del bene*"[2]. O espaço público, multifacetado e de difícil definição, é a componente do território urbano que maior capacidade tem de evidenciar, em larga escala, os resultados materiais ou intangíveis das transformações a que a cidade, enquanto organismo vivo, está sujeita. *"A noção de espaço público pressupõe (...) sempre a existência de um espaço (suporte) e de um público (vida colectiva). Poderemos afirmar que (...) a noção de espaço público se revela uma noção 'ambígua', onde a dimensão urbanística e a dimensão política se confrontam e sobrepõem"*[3]. São várias as definições que se podem atribuir ao conceito de espaço público, mas neste contexto, importa potenciá-lo como principal "*luogo di proprietà pubblica o di uso pubblico accessibile e fruibile a tutti gratuitamente o senza scopi di lucro*"[4], como referência na estruturação do mapa mental que cada um constrói para se reconhecer, orientar e identificar em meio urbano. Em síntese, um espaço *construtor* e *agregador* de identidade(s) da e na cidade[5].

Apesar das subtis variações nos seus padrões de uso, o espaço público sempre foi lugar de encontro, de intercâmbio, de cultura e de circulação[6], onde *"a vida que qualquer espaço público integra, resulta não apenas da existência de uma vivência colectiva, comum, mas pressupõe igualmente a coexistência de múltiplas vivências individuais num determinado espaço; o que determinará, naturalmente, diferentes percepções consoante quem o interpreta, o habita ou usa."*[7]

O espaço público, espaço por excelência da/na cidade, é o *"lugar de la cohesión social y de los intercambios."*[8] Nele aprendemos a caminhar e a ver a cidade. Lefebvre, defende que o direito à cidade é o direito ao espaço público, aos lugares de encontro, à identidade colectiva e à participação, permitindo uma completa utilização dos momentos e lugares da cidade. Define alguns pontos de vista, nos quais justifica a cidade não apenas como o resultado de matéria, mas também o resultado das relações dos seres humanos[9]. Também Borja, completando este raciocínio, afirma que *"el derecho a la ciudad hoy es también el deber de transformar el mundo y el derecho de construir unos tiempos y unos espacios que hagan posible una vida más amable, cordial y justa para todos"*[10] propondo diferentes formas, estratégias e debates críticos sobre a intervenção e a inovação urbanística na cidade. O mesmo reivindica a cidade como espaço público, negando-se a atribuir ao mesmo apenas um só uso especializado. Defende que *"(…) es la ciudad en su conjunto la que merece la consideración e espacio público (…)"*[11] e que este **é o lugar por excelência da sociabilização**.

1 Alison Smithson e Peter Smithson, *Urban Structuring*, 1967, p. 15.
2 Carmela Mariano, *Progettare e gestire lo spazio pubblico*, 2012, p. 19.
3 João Rodrigo Coelho, *Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea*, 2011, p. 17.
4 Carta dello spazio pubblico, Definizione dello spazio pubblico, punto 6, Biennale Spazio pubblico, 2013.
5 Ana Bonifácio, "Espaço Públio e Identidade Urbana", in *A cidade na encruzilhada,* 2013, p. 210.
6 Jordi Borja, *La Ciudad Conquistada*, 2003, p. 24.
7 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 17.
8 Jordi Borja, op. cit., p. 119.
9 Henri Lefebvre, *O direito à cidade*, 2001, p. 134.
10 Jordi Borja, op. cit., p. 354.
11 Idem, p. 29.



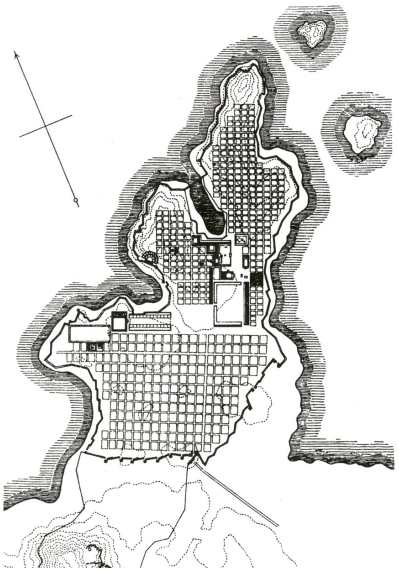
Piazza di San Pietro. Fotografia de Livio Quaroni, 1969.

"El espacio público es la ciudad"[12], local onde o poder se faz visível, onde a sociedade se emancipa, onde o simbolismo colectivo se corporaliza. A cidade funciona como apenas um cenário, um espaço público que quanto mais aberto for a todos, mais expressará a democratização política e social. *"La ciudad y su espacio público son el lugar de la representación y expresión de la sociedad, tanto de dominados como de dominantes"*[13], sendo também um espaço onde a sociedade, desigual e contraditória, pode expressar os seus conflitos. As diferenciadas formas sob as quais o espaço público se designa,[14] explicam a diversidade dos conceitos e significados que se foram atribuindo à ideia de espaço público ao longo do tempo. Contudo, apesar das premissas e da complexidade de factores que condicionam o desenho do espaço público, este é considerado, à luz da arquitectura, como o espaço que estrutura a cidade e a sua vida colectiva[15].

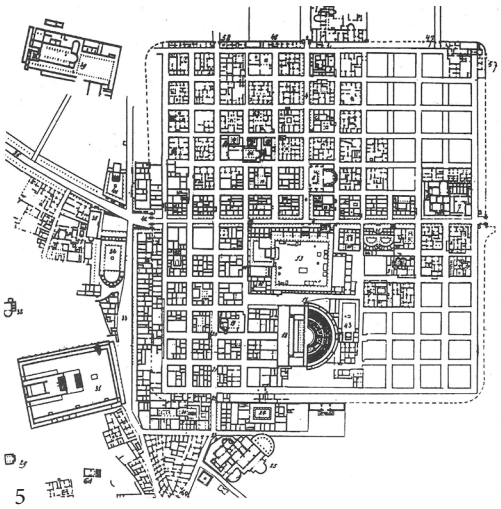
Um outro aspecto a ser mencionado, ainda no âmbito do espaço público, é a relação dialéctica público/privado. A relação entre estes dois pólos opostos, ainda que *"reveladora de um ciclo de equilíbrios e desequilíbrios que ao longo da história estes dois conceitos sofrem"*[16], são determinantes na distinção do indivíduo e da sociedade, marcando desde sempre os modos de vida e as formas de fazer cidade. Porém, as transformações decorrentes das novas tecnologias na cidade moderna, *"reducción de los espacios públicos a funciones monovalentes y la multiplicación de espacios segregados y privatizados de todo tipo, indicadores de una sociedad urbana clasista y desigual"*[17], introduzem desequilíbrios e alterações na relação entre o sector público e a sector privado. Consequentemente, torna-se necessário interpretar esta dicotomia ao longo da história, tendo em consideração os factores culturais, políticos, religiosos e sociais que vieram determinar as várias leituras da relação entre o público e o privado, a cidade e o cidadão, e os espaços mediadores que traçam os seus limites[18].

Resultado dos vários problemas que afligiram as cidades na segunda metade do séc. XX, dos quais se destacam a sobrevalorização do espaço privado e os falsos espaços públicos das periferias, apenas nas últimas décadas houve, no contexto das políticas de desenvolvimento territorial, o reconhecimento da importância do espaço público. Como tal, surge a necessidade de promover a sua requalificação e produção consciente, que vá de acordo com o paradigma que é construir e habitar a cidade de hoje[19].

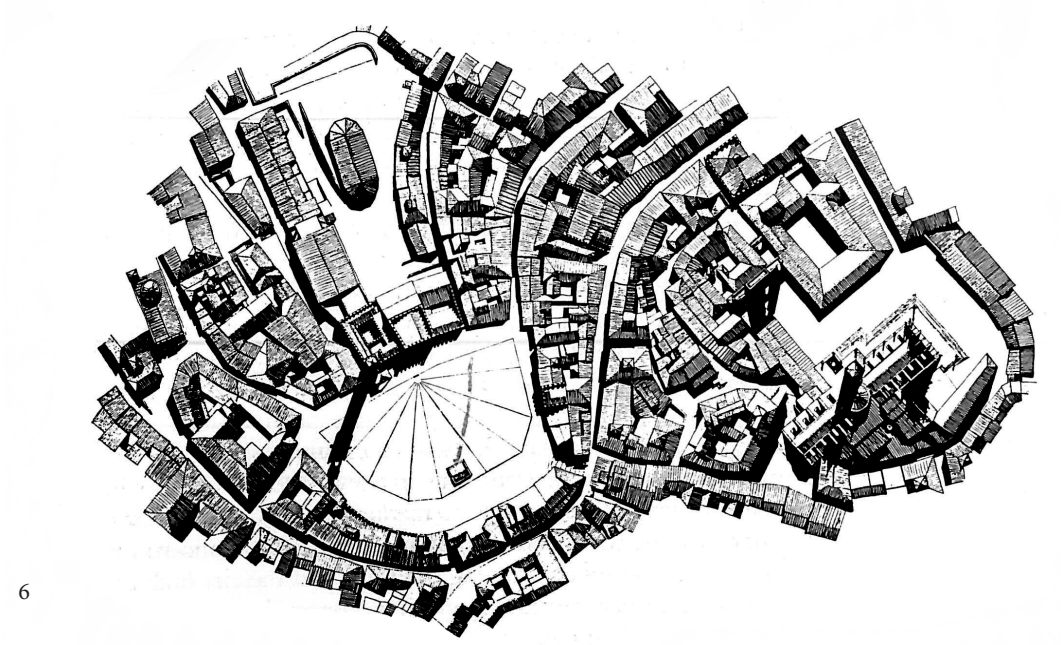
12 Oriol Bohigas, "En defesa de la urbanidad", in *El espacio público: ciudad y ciudadanía,* 2003, p. 4.
13 Jordi Borja, op. cit., p. 120.
14 Patrizia Gabellini, "Materiali dello spazio aperto", in *Tecniche Urbanistiche*, 2005, p. 277 - 355.
15 Oriol Bohigas, *Contra la incontinência urbana: reconsideracion moral de la arqitectura y la ciudad*, 2004, p. 36.
16 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 19.
17 Jordi Borja, *El espacio público: ciudad y ciudadania*, 2000, p. 99.
18 Sara Walton, *Disparidades dos limites que compõem o Espaço Urbano*, 2016, p. 94.
19 François Ascher, *Novos Princípios do Urbanismo*, 2010, p. 71.



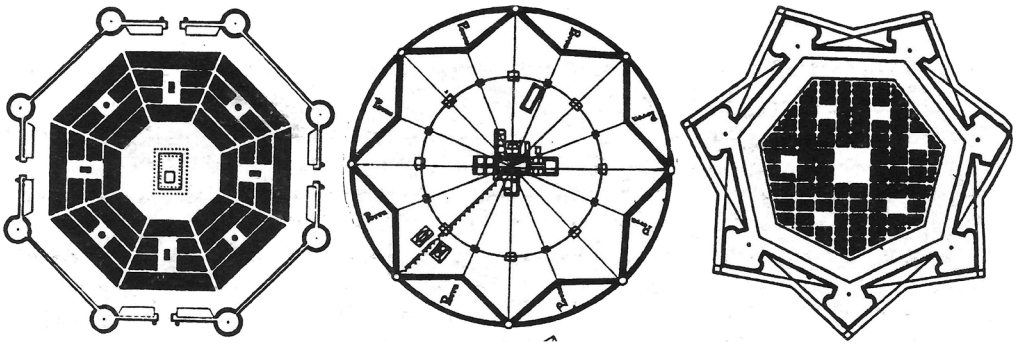
4



5



6



7

4. Plano de Mileto, Ásia Menor em 479 a.C. **5.** Timgad, plano do assentamento romano. **6.** Exemplo de cidade medieval. Siena, Itália. **7.** Ideias renascentistas de cidade.

1.1.1 **EVOLUÇÃO URBANA**

"la historia de la ciudad es la de su espacio público"[20]

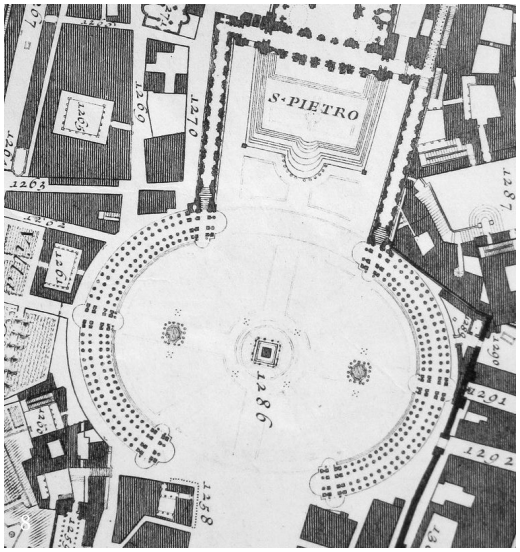
Ao longo dos tempos, nomeadamente a partir do séc. XIX, o espaço urbano sofreu muitas transformações - relacionadas com diferentes acontecimentos históricos – que alteraram o modo como se produz e constrói a cidade. Estes acontecimentos históricos, aliados ao aumento da população e à saturação dos centros citadinos, resultaram na valorização dos espaços públicos[21], o que levou a que o conceito sofresse algumas modificações, assumindo-se, então, como um *"espaço de acesso livre e uso comum, onde está salvaguardada a igualdade entre os cidadãos e onde é garantida a liberdade do indivíduo circular, manifestar-se e exprimir-se."*[22]

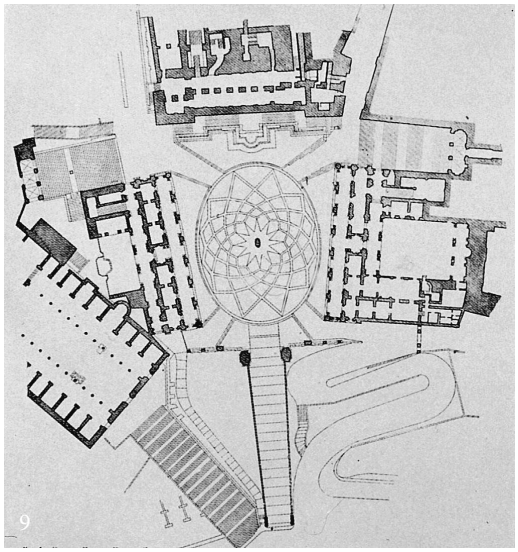
| da *pólis* grega à cidade medieval

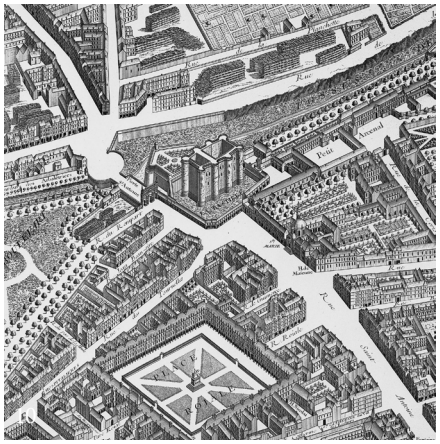
Embora tenha sido a partir da Revolução Industrial que o conceito de espaço público tenha ganho maior consistência e motivo de preocupação, a sua origem encontra-se relacionada à *polis* da **Antiga Grécia** *(fig. 4)*, ligada aos valores de cidadania e à representação de valores comuns, onde pela primeira vez foi reflectida a forma e o significado dos espaços colectivos na cidade, entendida como o lugar da afirmação do espaço público que se contrapunha ao espaço privado, espaço de domínio familiar[23]. O espaço público era considerado o elemento organizador das cidades, cuja estrutura era organizada através do sistema social existente[24], e era entendido como um espaço de bem comum, de cidadania e liberdade. Também nas **cidades romanas**[25] *(fig. 5)*, o *fórum* à semelhança da á*gora*, desempenhava as mesmas funções de troca de informação, debates políticos, local religioso, cultural, e de comércio. Contudo, neste espaço, começavam a estar concentrados os diferentes edifícios públicos e religiosos, edificados à volta de uma praça rectangular e delimitada. Em ambas as cidades, começam pela primeira vez a ser identificados alguns dos elementos morfológicos que compõem o espaço público: a rua, como lugar de comércio e circulação; a praça, lugar nobre de prestígio e encontro; e o monumento, como elemento distinto na imagem da cidade.

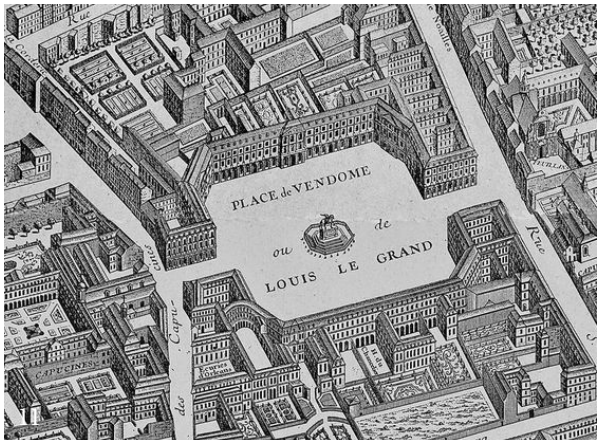
A **cidade medieval** *(fig. 6)*, devido às transformações sociais, económicas e políticas que aí ocorreram, constitui *"o início de um ciclo de maior estabilidade que nos permite analisar as diferentes formalizações de espaço público numa perspectiva de maior continuidade."*[26] Caracterizada pela sua forma orgânica, a cidade medieval distinguia-se pela relevância dada à circulação pedonal – fazendo da rua o principal elemento organizador do espaço urbano – e pelo estímulo ao comércio que se desenvolvia nos pisos térreos dos edifícios. Rasgando este tecido compacto, observamos uma rede labiríntica de vazios modelados, onde o espaço público, que constitui o sistema sanguíneo da cidade[27], se materializa num conjunto hierarquizado de ruas e praças, em que a praça, resulta de um vazio da própria estrutura da cidade.

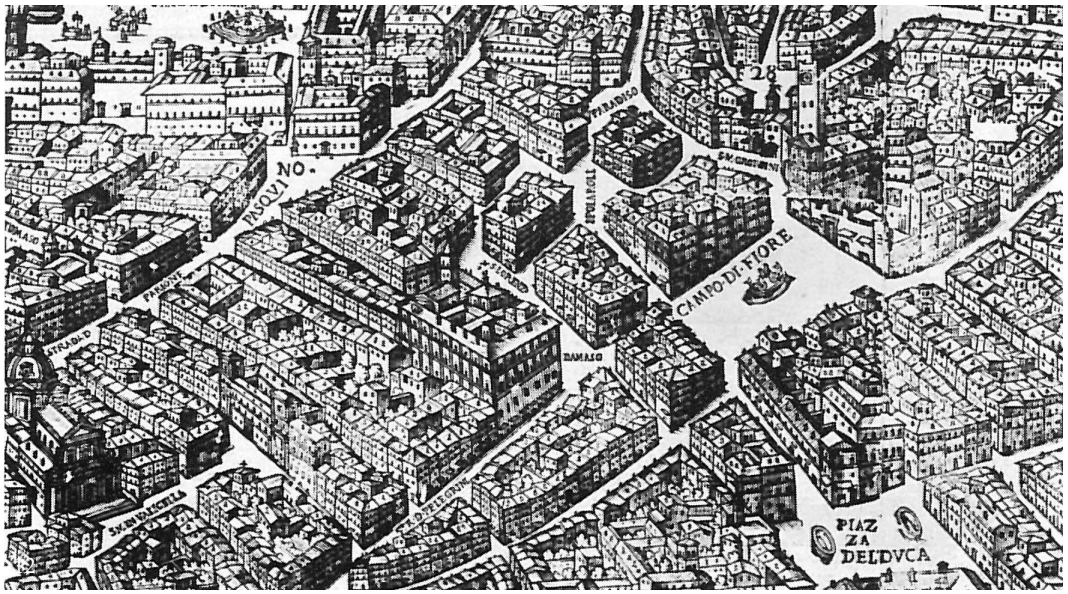
20 Jordi Borja, op. cit., p. 15.
21 François Ascher, op. cit., p. 21 - 22.
22 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 19.
23 Madalena Pinto da Silva, *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea*, 2009, p. 197.
24 Ibidem.
25 José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e desenho da cidade,* 2010, p. 144.
26 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 36.
27 Leonardo Benevolo, *História da Cidade,* 1999, p. 269.











8. *Piazza San Pietro*. Gian Lorenzo Bernini, séc. XVII, Roma. **9.** *Piazza del Campidoglio*. Michelangelo, Roma, 1538. **10.** *Place Vendôme*, projecto de Jules Hardouin, Mansart, 1689. **11.** *Place Royale (Place des Vosges)*. Paris, 1605-1612. **12.** O núcleo central de Roma Renascentista segundo Giovanni Maggi, 1625.

O mercado, *"principal razão da cidade como lugar de trocas e serviços"*[28], era presença assídua nas praças assim como a Igreja, ambas características comuns à maioria das cidades medievais, onde se expressavam os diversos poderes e decorria a vida colectiva. Deste modo, deparamo-nos com um contraste entre espaços públicos de excepção e vazios imprecisos que *"se alargam e se diferenciam funcional e socialmente (...) aglomerando de maneira nova populações e actividades."*[29]

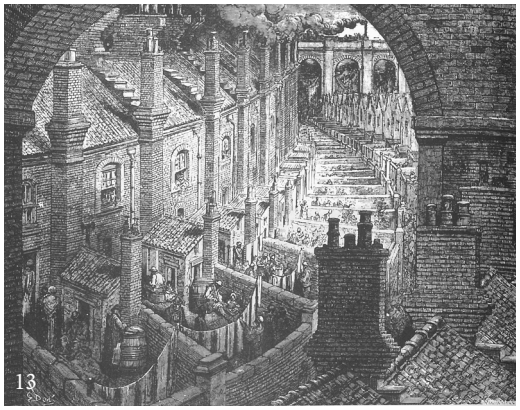
É com o **Renascimento e o Barroco** *(fig. 7)*, entre o período do séc. XV até aos finais do séc. XVIII, que se assiste à mudança intelectual e à oposição ao "misticismo" medieval, e se encontra um novo estilo nas artes, na arquitectura e no urbanismo[30]. A cidade expande-se para além das muralhas medievais, através da reestruturação da rede viária, com a abertura de novos arruamentos rectilíneos e de novos espaços públicos. A rua, continua a assumir-se como o elemento principal de todo o sistema de circulação da estrutura urbana, bem como a praça, que preenche os novos espaços resultantes do traçado ortogonal, na qual se localizam os edifícios mais emblemáticos da cidade[31] *(figs. 10 e 11)*. A organização do espaço público na cidade renascentista e barroca *(fig. 12)*, configura-se de modo muito preciso *"pelo edificado que o delimita, e onde a percepção do espaço urbano resulta da percepção das relações entre as arquitecturas que os conformam."*[32]

| a era industrial

Na concepção do espaço público na **cidade pré-industrial,** a partir do séc. XVIII, começa a ser posta em questão a ideia de espaço público apenas enquanto resultado de uma *"modelação espacial definida fundamentalmente a partir do edificado"*[33]. A cidade iluminista, com tendência para a *dispersão* e a *dilatação* do espaço público, adopta como tema de composição o movimento e a fluidez, *"materializada na composição de grandes eixos viários e de sistemas integrados de espaços públicos"*[34]. A praça revela-se ainda, e mais uma vez, como o elemento fundamental para a criação de unidades urbanas representativas de uma identidade colectiva, correspondendo ao uso do espaço público como instrumento capaz de concentrar os seus habitantes tanto para o comércio como para o lazer[35].

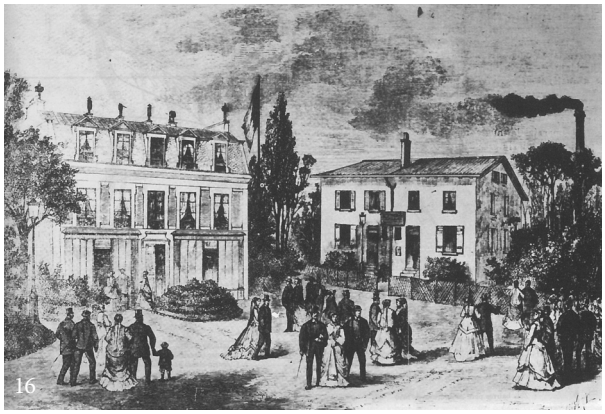
Como podemos observar, os elementos que estruturam o espaço urbano – ruas, avenidas, praças, parques – foram-se adaptando à evolução da sociedade e às diferentes formas urbanas. No entanto, a partir do século XIX, geralmente conhecido como o *século charneira*, o desenho

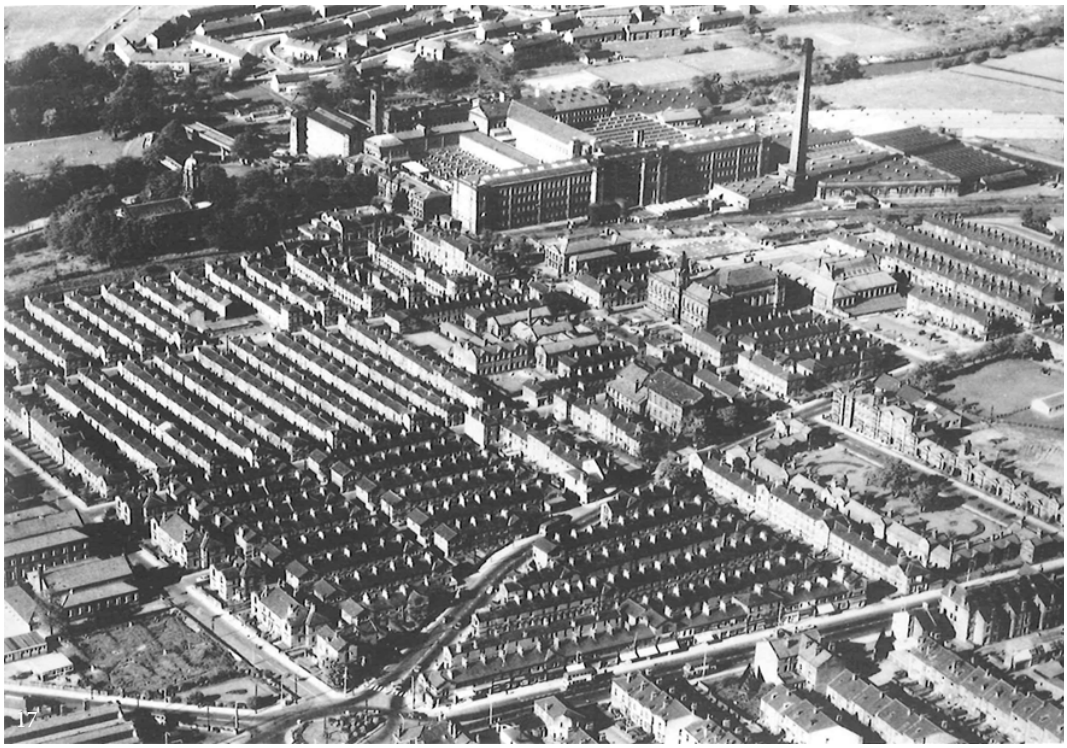
28 José Garcia Lamas, op. cit., p. 152 - 152.
29 François Ascher, op. cit., p. 24.
30 A cidade assumiu-se como um palco de manifestações político-sociais, um lugar com simbolismo e poder. Contudo, são os pintores, geómetras e matemáticos, que desenvolvem o espaço urbano, exploram a noção de perspectiva e da disciplina geométrica, opondo-se às cidades medievais. José Garcia Lamas, op. cit., p. 168.
31 A partir deste período começa também a ser notória a diferença entre as partes mas instáveis da cidade – o tecido constituído pelas habitações correntes – e as permanências – a estrutura de espaços vazios e monumentos, cujas fachadas tornam-se elementos com bastante importância quer a nível funcional, quer a nível estético. Começam pela primeira vez a surgir elementos arquitectónicos como arcadas, *loggia*, fontes e estátuas, que reflectem a necessidade de representação social, política e simbólica, tornando a cidade num palco cénico.
32 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 41.
33 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 48.
34 Na opinião de Richard Sennett, a descoberta em 1628 do funcionamento interno do corpo e da forma como se processa a circulação do sangue no seu interior, podem estar relacionados a uma nova forma de entender e projectar a cidade e os seus espaços urbanos. Idem, p. 42.
35 O uso da vegetação começa também a ganhar protagonismo na materialização do espaço urbano, denunciando a adopção de elementos naturalistas na estratégia projectual de renovação da paisagem urbana.











13. Os bairros pobres de Londres, sob os viadutos ferroviários, gravura de Gustave Doré, 1872. **14.** Uma rua de um bairro pobre de Londres (*Dudley Street)*, gravura de Gustave Doré, 1872. **15.** A circulação da Rue Richelieu, 1904. **16.** Casas operárias apresentadas na Exposição Universal de Paris de 1978. **17.** Cidade Industrial, complexos habitacionais. Saltaire, West Yorkshire, Inglaterra, 1871.

do espaço urbano sofre uma ruptura - na dimensão, escala e forma geral da cidade – com as estruturas urbanas que lhe antecederam[36].

"As grandes cidades nasceram da ***Revolução Industrial*** *do séc. XIX e desenvolveram-se nas grandes metrópoles do séc. XX, contudo, sem nunca ousarem reduzir a complexidade dos problemas. Pelo contrário, [d]o potencial para o planeamento da cidade inerente à ideia de metrópoles resultou (...) o debate em seu redor."*[37] Contemporaneamente ao fenómeno de industrialização, transformação de pensamento aliada ao desenvolvimento das ciências, capitalismo industrial e forte crescimento demográfico, a cidade alastra-se pelo território, tentando adaptar-se às novas exigências da produção e das trocas mercantis através de grandes vias de comunicação, de uma vasta rede eléctrica, e de uma construção rápida e massiva de aglomerados habitacionais[38].

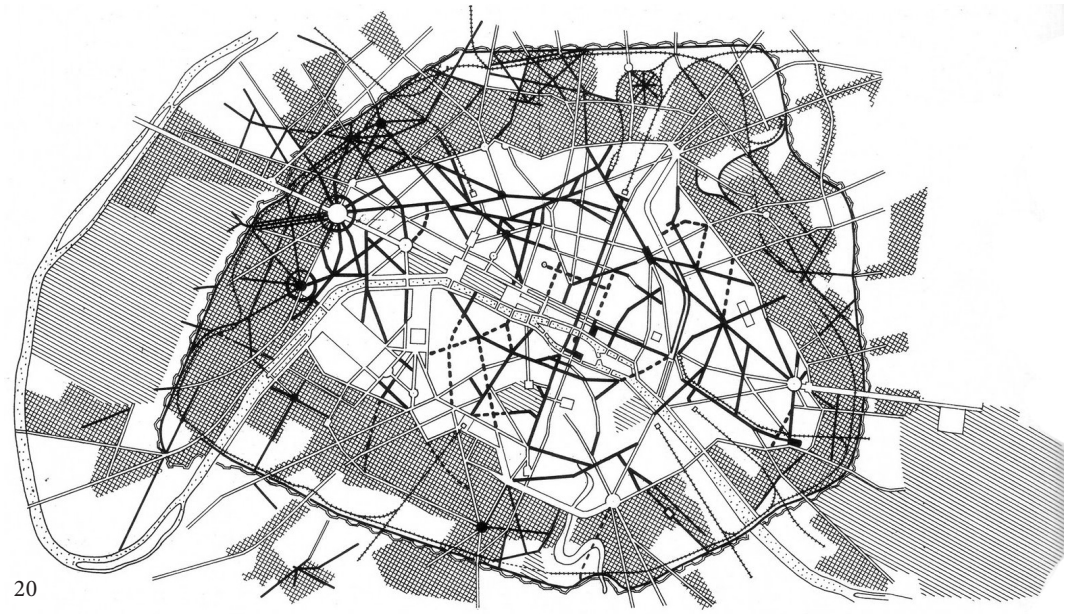
"A imagem das cidades entendidas como um todo construído (...) tem o seu ponto final"[39], e como alternativa à lotação do centro urbano, os novos subúrbios e periferias ganham protagonismo, surgindo a separação entre as funções residenciais e laborais, apoiadas num desenvolvimento fugaz dos meios de transporte *(fig. 17)*. O aparecimento do caminho-de-ferro[40], com enorme capacidade de transporte de pessoas e mercadorias, estimulou a polaridade da cidade e gerou o desequilíbrio entre a *forma urbana* e a *infra-estrutura*, estilhaçando de vez a cidade compacta medieval. As ruas e os edifícios, que na cidade tradicional *"son dos entidades inseparables que no pueden concebirse independientemente"*[41], na cidade industrial, encontram-se submetidas ao traçado-viário, sendo possível observar uma clara dilatação das vias e dos edifícios, o que alterou também a natureza das relações sociais *(fig. 15)*. No entanto, independentemente destas profundas mudanças, *"o controlo do desenho e da forma do espaço público continuava a ser (...) um factor fundamental para a garantia de beleza, coerência e unidade, quer das novas partes da cidade, quer das intervenções realizadas nos limites consolidados da cidade."*[42]

A era industrial foi-se então desta forma consolidando ao longo dos séculos XIX e XX, ficando profundamente marcada, nas razões e nas acções, por uma trilogia de paradigmas que Ascher designou *"fordiano-keynesiano-corbusiano"*[43]. Contudo, na 2ª metade do séc. XIX, devido ao rápido aumento demográfico, às decorrentes transformações da industrialização, segregação social e construção desordenada das novas áreas residenciais, as condições de habitabilidade e de higiene tornaram-se precárias nos centros urbanos *(figs. 13 e 14)*, já sujeitos a profundas mutações nas dinâmicas sociais, económicas e urbanísticas, o que conduziu a um sucessivo abandono dos mesmos.

36 François Ascher, op. cit., p. 26.
37 Manuel de Solà-Morales, *De Cosas Urbanas*, 2008, p. 111.
38 Carlos Martí Arís, *Las Formas de la residencia en la Ciudad Moderna*, 2000, p. 15.
39 José Garcia Lamas, op cit., p. 206.
40 E consequentemente da estação, que se transforma no novo lugar central da cidade, congregando no seu redor muitos dos equipamentos de distribuição, armazéns, hotéis, restaurantes, bancos e outros serviços.
41 Carlos Martí Arís, op. cit., p. 15.
42 João Rodrigo Coelho, op. cit. p. 62.
43 François Ascher, op. cit., p. 28.









18 e **19.** *Boulevard* em Paris. **20.** Mapa das intervenções de Haussmann em Paris: a traço cheio as ruas; a quadriculado, as novas expansões e, a tracejado, os novos parques e jardins. **21.** O plano de Barcelona proposto por Cerdá.

| o movimento moderno

Decorrente do estudo de resolução destas dificuldades, o urbanismo passa a ser uma disciplina autónoma, na qual surgem novas visões de planeamento e de projecto sobre a cidade. Estas, baseadas em percepções morfológicas e urbanísticas, sustentavam-se no desenho, na forma e na separação de funções urbanas. Dos diversos planos que foram aparecendo, podemos salientar as transformações de Haussman em Paris[44] *(fig. 20)*, e de Ildefonso Cerdá na cidade de Barcelona[45] *(fig. 21)*, aliadas à experimentação urbanística para a resolução do problema da forma urbana da cidade industrial e burguesa. Em ambos os casos, podemos observar que o significado do espaço público começa a ser associado à urbanidade, entendido como valor da própria cidade.

Foi o aparecimento do automóvel, que alterou incontornavelmente o desenho do espaço urbano e da cidade, factor marcante para a erosão e perda de significado do espaço público, que começa a adoptar outras tipologias a partir deste período[46]. Em promoção ao urbanismo habitacional, surgem novas frentes ideológicas e novos princípios teóricos, em busca *"de un nuevo equilibrio entre edificación y espacio libre que se han obscurecido a causa de los procesos especulativos que acompañan a la formación e la ciudad industrial."*[47] Consequentemente, a cidade moderna irá preocupar-se obsessivamente pelo zonamento e distribuição dos usos do solo, na qual se faz a distinção de 4 sistemas independentes que determinam o espaço da cidade – o sistema viário, o de habitação, equipamentos e o de áreas verdes - organizando a cidade em zoneamentos rígidos que quebram a integração dos elementos morfológicos que compõem a estrutura urbana[48].

O **Movimento Moderno**, na procura de um novo modelo que integrasse as novas tecnologias, recusava o modelo das cidades antigas como solução dos problemas da cidade industrializada. Segundo Leonardo Benevolo, o urbanismo moderno introduziu um novo modelo de cidade[49]. O espaço público tradicional, *"basado en la delimitación, la homogeneidad y el equilibrio, dejó de caracterizar las grandes ciudades europeas"*[50], que eram caracterizadas pela divisão funcional do território sem quaisquer relações entre os espaços. Esta redefinição no campo da arquitectura e do urbanismo, no qual foram diluídas as separações entre as partes e funções distintas da cidade, leva a que o espaço público adopte um papel secundário na estruturação da forma urbana da cidade, favorecendo-se *"a articulação, a continuidade e a fluidez espacial no*

44 As intervenções de Haussman (1854-1870), consistiam numa renovação que apostava em novos traçados, construção de novas infra-estruturas, equipamentos e espaços públicos. A fim de tornar a circulação mais fácil e cómoda dentro da cidade, abriu novas artérias nos velhos bairros, ligando-os à cidade, com a reconstrução de edifícios ao longo de novas ruas. Ao eliminar a degradação dos bairros, criava a imagem de uma cidade moderna, dotada de uma nova arquitectura urbana, composta por luz, espaço e áreas verdes. A introdução de um novo traçado – a avenida – tinha como objectivo a ligação dos pontos mais importantes da cidade. As praças seriam o espaço de confluência de ruas, que permitiam organizar o cruzamento de vários traçados, geralmente quase sempre em rotunda. Haussman tinha a tendência de supervalorizar o espaço público em detrimento do espaço privado. Assim, todo o espaço público tornou-se monumental (incluindo as ruas comuns), cuidadosamente contido por um recinto amuralhado bem definido. Com tal, o bairro não era módulo de composição urbana mas sim o produto resultante dos vários traçados.

45 Contemporaneamente, o plano de Cerdá para Barcelona, reflecte um cuidado na hierarquia do desenho dos espaços livres, na geometria e volumetria da edificação. Cerdá propõe o desenho de um sistema em grelha ortogonal composto por quarteirões ou módulos de habitações e equipamentos. Este sistema era cortado por um traçado diagonal que confluía numa grande praça; esta sobreposição à malha quadricular provocava o aparecimento de quarteirões irregulares e de outras praças ou largos. O espaço público no plano de Cerdá é composto pelos elementos essências da composição da estrutura urbana – a rua, a praça, a avenida, o parque –, mas a sua organização já não é obrigatoriamente limitada no perímetro do bairro, uma vez que os edifícios se dispõem livremente dentro das quadrículas. Cerdá rompe com o bairro e cria, assim, novos espaços colectivos no seu interior.

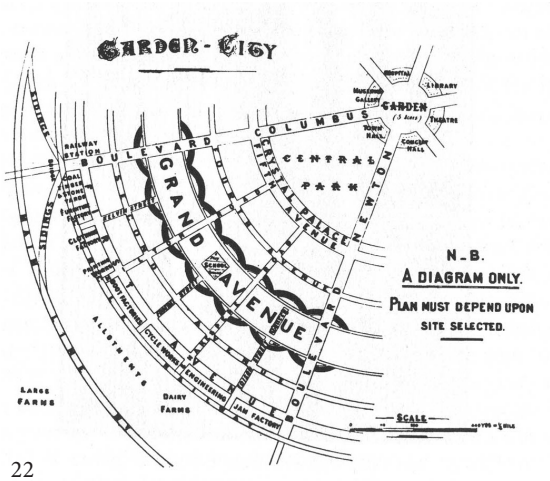
46 François Ascher, op. cit., p. 27.

47 Carlos Martí Arís, op. cit., p. 31.

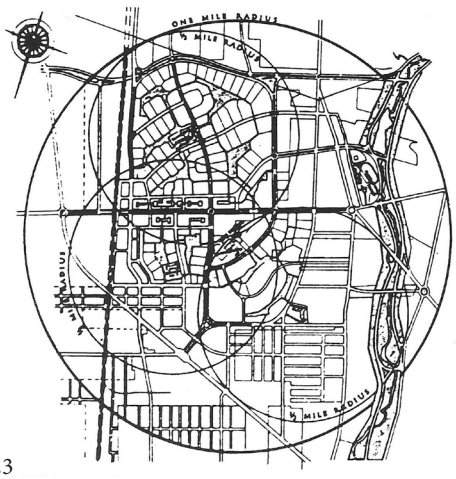
48 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 70.

49 Leonardo Benevolo, op. cit., p. 615.

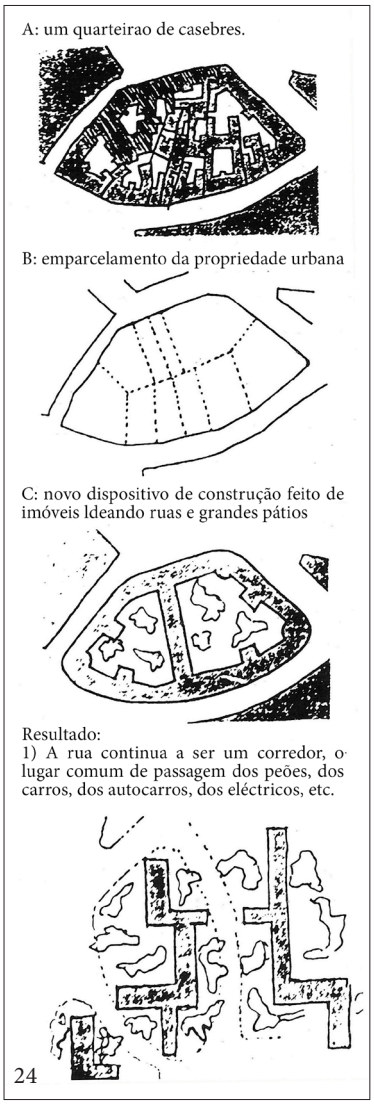
50 Carlos Martí Arís, op. cit., p. 14.



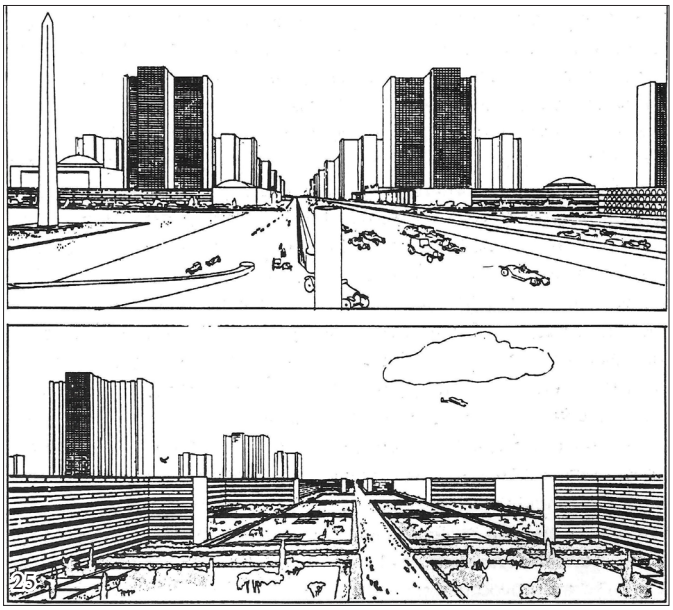
22



23



24



25



26

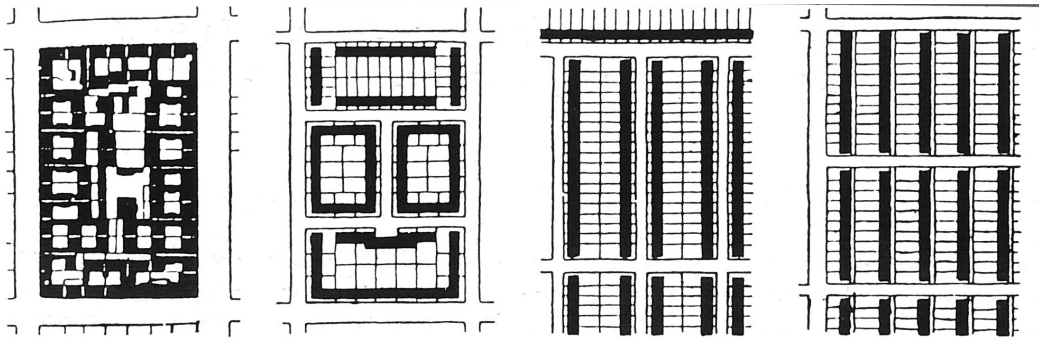
22. *Garden City,* Grand Avenue, Ebezener Howard, 1902. **23.** Plano de *Radburn*, Clarence Stein, 1929. **24.** Desenhos ilustrando o caminho percorrido pelo urbanismo e as formas da cidade. **25.** Le Corbusier, *La Ville Contemporaine*: vistas do eixo central e da zona residencial. **26.** Le Corbusier, *La Ville Radieuse*: vistas da maquete do projecto.

interior de um sistema de espaços abertos delimitado, dotado de uma escala, de uma forma e de uma estrutura espacial coerente e articulada"[51]. O conceito de espaço público é, no movimento moderno, o de um espaço aberto da cidade, com um propósito e função exclusiva.

A vontade de criar novos caminhos e ideias que respondessem, não só às necessidades, mas também aos desejos do homem da idade Moderna, levaram à negação da cidade existente e à desvalorização da componente ambiental. Porém, surgiram planos para a construção de cidades de raiz, que traziam implícita uma ideia de higiene e salubridade - *cidade-jardim*[52] *(figs. 22 e 23), cidade-satélite, cidade-linear* - com densidades reduzidas e com uma maior ligação entre os *verdes urbanos* e o campo. As baixas densidades vão privilegiar a harmonia na relação entre o edificado e a natureza, mas também, a individualização dos equipamentos urbanos, relacionados entre eles por um sistema viário hierarquizado.

Em 1942 foram definidas na Carta de Atenas[53], após a publicação dos 10 princípios redigidos em 1933 no *Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*, as principais funções do urbanismo que se podem resumir a: habitação, circulação, trabalho e lazer[54].
Le Corbusier, impulsionador destes novos conceitos urbanísticos e fascinado pelo progresso e pelas máquinas, interpreta de uma forma contraditória e radical os elementos que estruturavam a cidade e o seu espaço público. Defensor do Espírito Novo *"(...) apontava com o seu método a concepção de um urbanismo que desse origem a casas individuais e de habitação colectiva de modo a que, com o recurso às últimas, se obtivesse uma libertação do solo (...) permitindo fazer entrar muita vegetação na cidade"*[55]. O arquitecto francês, introduz os modelos *Ville Contemporaine* (1922) *(fig. 25)* e *Ville Radieuse* (1935) *(fig. 26)*, e cria a revolucionária *Unité d'Habitation de Marselha* (1947-1953), onde propõe novas formas de relacionamento das construções com o território, completamente contraditórias à concepção de espaço público denso, congestionado e poluído que associava à cidade tradicional[56].
A concepção aberta e indefinida de espaço público de Corbusier, foi um ensaio muito importante na história do urbanismo e da arquitectura, reflectindo a ruptura fundamental do conceito na cidade do Movimento Moderno. No entanto, da sua excessiva objectividade funcionalista, resultou a quase inexistência de espaços públicos para convívio social fora dos blocos residenciais, e a não consideração da história do local e das pré-existências morfológicas da cidade inicial.

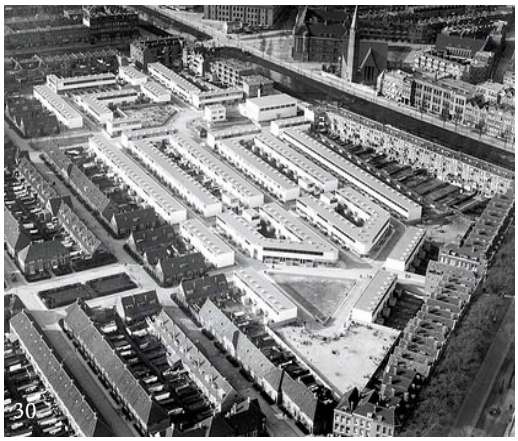
51 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 68.
52 A primeira aplicação dos princípios de Ebenezer Howard, a *cidade-jardim* de Letchworth, é construída a partir de 1903, e a segunda, a de Welwyn, em 1919, ambas situadas nos arredores de Londres. Embora inicialmente tenha tido muito sucesso, a ideia de *cidade-jardim* tornou-se amplamente incompreendida e era comum confundi-la com *subúrbios-jardim*. A *cidade-jardim*, que influenciou mais tarde a estrutura concêntrica dos aglomerados INA-Casa, é caracterizada pela integração da casa no campo, num ambiente dominado por espaços verdes. Seria organizada a partir de um jardim central, de onde partiam avenidas radiais e anéis concêntricos onde se localizariam primeiro, os edifícios e equipamentos públicos, e depois a área residencial, movendo a zona industrial para a periferia. A unidade básica do traçado urbano passa a ser a quadra, em vez da rua. A rua, torna-se apenas lugar de circulação, oferecendo um espaço semipúblico, para as relações sociais de vizinhança entre o espaço público da rua e o espaço privado da habitação. Este modelo de cidade inspirou inúmeras experiências urbanas: umas reproduzidas em *subúrbios-jardim*, nomeadamente nos EUA; outras em novas *cidades-satélite*, na Alemanha do pós-guerra e em Inglaterra.
53 A Carta de Atenas, tornada pública por iniciativa de Le Corbusier, é um manifesto sobre a organização e planeamento das cidades. Defendiam que as cidades deveriam ser traçadas de modo funcional, onde as necessidades do homem deveriam estar devidamente resolvidas.
54 O mesmo documento definiu também os objectivos do urbanismo: a ocupação do solo, a organização da circulação e a legislação.
55 Le Corbusier, *Por uma arquitectura*, 2006, p. 83.
56 Le Corbusier atribui também um conceito muito vago e aberto ao espaço público, e remete para a noção de espaço livre, que não está isolado e que reside na inexistência de delimitação entre público e privado. Rejeita a rua corredor para a substituir pelas circulações mecânicas, procurou fazer do planeamento para automóveis um elemento essencial do seu projecto. Reduziu o número de ruas porque, na sua opinião, os cruzamentos são inimigos do tráfego. Propôs ruas subterrâneas para veículos pesados e mercadorias e, claro, assim como os planeadores da *cidade-jardim*, manteve os pedestres fora das ruas e dentro dos parques. Jane Jacobs, *Morte e Vida das Grandes Cidades*, 2009, p. 23.



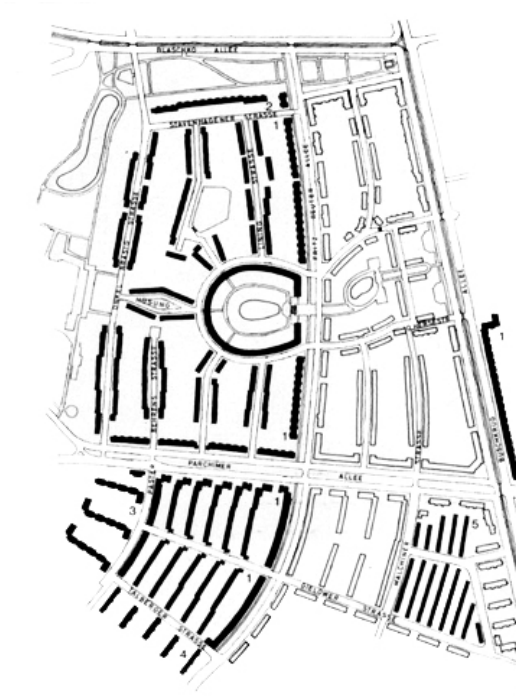
27



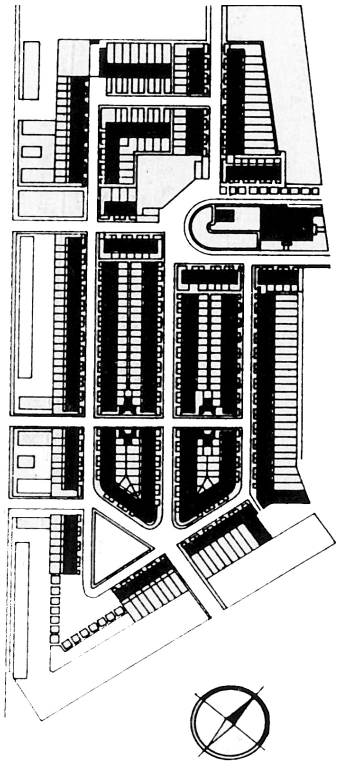
28



30



29



31

27. *Ernst May*, Frankfurt. Esquema ilustrando a evolução do bairro urbano, publicado no *Das Neue Frankfurt* em 1930. **28.** e **29.** Vista aérea e planimetria geral do bairro *Hufeisensiedlung,* Berlim 1930. **30.** e **31.** Vista aérea e planimetria geral do bairro *Kiefhock*, Rotterdam, 1925.

Por outro lado, outras propostas tentam recorrer contemporaneamente a um processo de articulação com o existente, como é o caso das *Siedlungen* (*figs. 28 a 31)*, loteamentos operários lançados na Alemanha do pós-guerra, e algumas propostas organicistas de Frank Lloyd Wright que apelam à sensibilidade e adequação paisagística. Assim, enquanto a cidade tradicional se desenvolveu de uma forma hierárquica, a cidade moderna estruturou-se através do zonamento das suas funções. Consequentemente, o espaço público que outrora concentrava todas as funções da cidade e organizava a estrutura urbana, perdeu-se com a lógica funcionalista do novo modelo.

Na década de '70, a cidade moderna recebeu as primeiras críticas, nas quais se questionava a sua pobreza formal, condições de vida, poluição e crescente invasão dos automóveis pelas ruas e praças. O resultado, foi a interiorização dos espaços colectivos naturalmente abertos, e a substituição da tradicional praça por novos ambientes como os *shoppings*, museus e hipermercados. Surge a arquitectura do consumo onde estes são os novos espaços de convívio e atracção do cidadão do séc. XX[57].

É com o *Novo Urbanismo*[58] nos anos '80, que a cidade desenvolve o interesse pela cidade antiga como modelo de referência de qualidade, onde a sua preservação e conservação tencionam revitalizá-la na sua componente física, funcional e social. A redescoberta da forma urbana volta a tornar os espaços públicos nos elementos principais para o desenho homogéneo do espaço urbano[59]. O multiculturalismo passa a ser o tema das grandes metrópoles, que buscam uma nova tendência urbana para o séc. XXI.

Deste modo, a crítica ao Urbanismo Moderno, popularizada já desde os anos '90, e a redescoberta das qualidades da cidade tradicional, trouxeram uma outra atitude perante o projecto das novas áreas urbanas, procurando a sua integração com a cidade tradicional, estimulando discussão sobre o domínio público/privado; cidade/campo; natural/construído. Paralelamente à obsessão de controlar a cidade, surgiu o fascínio pela sua capacidade de regeneração. De alguma forma houve a necessidade de olhar para o passado para melhor compreender o presente e projectar o futuro[60].

A evolução da sociedade, as transformações socioeconómicas, a privatização da vida urbana, bem como a importância dada à mobilidade, tornam-se factores que problematizam a aplicação dos modelos urbanos tradicionais na construção da cidade e do espaço público. A cidade do séc. XXI terá de continuar a apostar no desenho de planos que incluam preocupações ambientais, sociais e económicas, além das muitas outras inerentes ao planeamento urbano, questões essas já meditadas no início do século, mas desvalorizadas face à componente económica e à sociedade de consumo. Citando Peter Hall, *"(...) maybe we are almost back to where we started."*[61]

57 François Ascher, op. cit., p. 38.
58 "*O Novo Urbanismo significa (...) a contestação à urbanística operacional burocrática e às suas formas, procurando novos caminhos no desenho da cidade.*" José Garcia Lamas, op. cit., p. 389.
59 Nos inícios do séc. XXI, damo-nos conta das implicações que esta inércia produz no espaço urbano. As grandes cidades europeias como Barcelona, Berlim, Londres, Paris, Roterdão e Amesterdão, que têm passado por grandes processos de reurbanização desde os anos '80, trocam o caos urbano por generosos e concorridos espaços públicos, direccionados para o encontro de pessoas e culturas diversas.
60 Juan Busquets, *Planeamiento: pasado reciente y fututo próximo*, 1995, p. 10 - 21.
61 Peter Hall, *Citties of tomorrow*, 1998, p. 11.


RALPH LAU

Centro Comercial ILLUM,
1+1=1 ARCHITECTS,
Copenhaga, 2015.

1.1.2 **DECLÍNIO DO ESPAÇO PÚBLICO**

"the city that we have to make do with today, is more or less made of fragments of modernity"[62]

Como já foi mencionado no capítulo anterior, foram muitas as alterações radicais que tiveram lugar no modo de pensar e fazer cidade. "*Frammento, discontinuità, eterogeneità, disordine, caos, sono tra i termini più ricorrenti utilizzati per descrivere la città di oggi, la città contemporanea, che non è più solo città ma è diventata diffusa, sprawltown, incorporea, infinita*"[63].

A separação de funções e a fragmentação das actividades e do tempo, são o resultado eminente das mesmas. Com a Revolução Industrial, e agravando-se no Movimento Moderno, as cidades alteraram drasticamente o nível da organização espacial, formal, e as condições de uso da cidade. A evolução das novas tecnologias de informação, da mobilidade urbana e a introdução do automóvel proporcionaram a expansão significativa da cidade, alterando irremediavelmente a sua paisagem e as condições de uso dos seus espaços urbanos. Deste modo, a rua e a praça, que assumiam as funções principais de mobilidade e de estrutura das cidades tradicionais, foram substituídas por grandes alamedas e vias rápidas onde a mobilidade é a prioridade: *"(...) as cidade foram largamente concebidas no século XX com base no uso do automóvel, (...) as formas urbanas que tendem a impor-se na nossa sociedade estão ligadas ao seu uso."*[64]

Foram vários os factores que provocaram a chamada *crise do espaço público.* Devido à fragmentação, dilatação e aumento de escala do espaço urbano, e face à perda de continuidade e de unidade tipo-morfológica e da hierarquia das formas urbanas, tornou-se problemático interpretar e construir cidade e espaço público com base nos modelos urbanos e princípios de composição aplicados na cidade tradicional. A par destas alterações, que os veículos motorizados impuseram na cidade consolidada, a própria individualidade dos cidadãos e a falta de partilha conduziu a uma indvidualidade urbana, afirmando-se um crescente domínio privado e um decréscimo da qualidade dos espaços públicos.

A partir da relação *sociedade - espaço público – cidade,* que emerge com força durante o séc. XX, é preciso entender que a sociedade contemporânea não é a mesma que moldou os espaços públicos que herdamos e que deram forma às cidades actuais. A sociedade contemporânea segue ritmos frenéticos, tem necessidade de se deslocar rapidamente, de relacionar-se continuamente em tempo real. Gregotti antecipa-se, até mesmo, a afirmar que o desenvolvimento frenético e acelerado gerou cidades tão complexas, que se tornaram ingovernáveis[65]. Esta mudança na vida da sociedade espelhou-se no espaço público que *"può essere assunto quale simbolo, sinonimo, metafora della complessità moderna, teatro della rappresentazione delle sue laceranti contraddizioni."*[66]

Segundo Gregotti, a crise do espaço público está directamente ligada ao facto de que o espaço aberto, *"privatizzato, disperso, del tutto dipendente dal mercato e persino ostile alla sua stessa ontologia (...) si*

62 Rem Koolhas, "Toward the contemporary city", in *Design Book Review*, 1989, nº17.
63 Francesco Indovina, "Qualche considerazione sulla città diffusa", in *Rassegna di Architettura e Urbanistica*, 1995, nº 86- 87.
64 François Ascher, op. cit., p. 139.
65 Vittorio Gregotti, *Dello spazio pubblico*, Fondazione Centro Studi e Ricerche, Fondazione Architetto, 2013.
66 Fabrizio Schiaffonati, "Una concezione del bello che non sia maquillage", in *La qualità diffusa. Il dettaglio degli spazi collettivi nel progetto di arredo urbano*, 1994, p. 105.



Via rápida em Los Angeles, EUA, 1946.

muove verso la coincidenza di residuo ostile (...) perduto il ruolo di condensatore sociale."[67] De facto, a questão do individualismo, e da consequente falta de socialização, está relacionada com a renúncia à principal característica do espaço público, ou seja, o seu ser "colectivo" e de todos[68].
Jordi Borja, resume este processo que tem afectado a cidade em três momentos, *dissolução, fragmentação e privatização*[69], que têm contribuído para o desaparecimento do espaço público como espaço de cidadania. Borja afirma: *"La ciudad como sistema de espacios públicos se debilita, tiende a privatizarse. Los centros comerciales sustituyen a calles y plazas. Las áreas residenciales socialmente homogéneas se convierten en cotos cerrados, protegidos los sectores medios y altos, por policías privados. Los flujos predominan sobre los lugares. Y los servicios privados sobre los públicos."*[70]

No contínuo desenvolvimento da complexidade urbana, a exigência de equipar as cidades aumentou e os espaços públicos tornaram-se espaços invadidos por um conjunto *"di attrezzature ripetitive che completano la funzionalità degli spazi (...) a servizio del cittadino, realizzati in periodi diversi, legati a diverse tecnologie e a diversi sistemi produttivi"*[71]. Estas infra-estruturas, que iam surgindo nas novas centralidades, provocaram não só a fragmentação da cidade tradicional, como também, o desinteresse pela recuperação ou criação de novos espaços públicos de valor. Decorrente destes factores, surgem novos espaços - superfícies comerciais, recintos desportivos, metros, aeroportos - que, assumindo-se como *"elementos catalisadores e produtores de espaço público da nova cidade"*[72], oscilam entre a propriedade privada e o uso colectivo, fazendo com que o espaço público perca o seu papel de ordenador da cidade e de palco de vida colectiva. Cada vez mais surgem lugares que se voltam para si mesmo e menos para a cidade[73].

Borja, sintetizando, alega que "*la crisis de la ciudad es, entonces, el resultado de la crónica de una muerte anunciada y por qué no, de la imposición de un modelo económico y social que se ve en la forma esterilizada de entender y hacer ciudad."*[74] O espaço público foi passando gradualmente de cerne da vida colectiva a vazio urbano, enquanto que a necessidade de socialização encontrou, como afirmou Gregotti, cada vez mais satisfação nas redes sociais e virtuais *"in opposizione ad ogni forma di costituzione di luoghi simbolici della memoria collettiva e della lunga durata."*[75]
"Lo spazio pubblico (..)", sintetiza Huet, *"(..) è diventato un vuoto tra architetture, uno spazio residuale, senza forma propria e senza nome, senza sistema simbolico preciso, insignificante e innominabile nel senso etimologico del termine."* [76]

67 Vittorio Gregotti, *La costruzione dello spazio pubblico*, 2002, p. 29.
68 Ibidem.
69 Dissolução, devido a uma expansão urbana desigual e ao enfraquecimento dos centros; fragmentação, pelo desentendimento entre uma lógica sectorial e as administrações públicas que multiplicam os elementos dispersos num território composto meramente por vias de comunicação; já a privatização, essa ganhou prosperidade nos anos do neoliberalismo, onde os princípios da desigualdade e da segregação renunciavam à vida em comunidade, tornando débeis os valores sociais seja pela evidente fragmentação, seja pela privatização do solo. Jordi Borja, *El espacio público: Ciudad y Ciudadania*, 2000, p. 97.
70 Jordi Borja, *El espacio público: Ciudad y Ciudadania*, 2000, p. 97.
71 Alessandro Ubertazzi, *La qualità diffusa. Il dettaglio degli spazi collettivi nel progetto di arredo urbano*, 1994, p. 13.
72 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 96.
73 Os elementos morfológicos do espaço público tradicional – a praça, os largos, a rua – são transferidos para os grandes espaços fechados, direccionados ao lazer e à cultura. A cidade instável, associada a uma vida exterior frenética, ao ruído dos automóveis e à poluição, incentivam a procura de um espaço interior, climatizado, tranquilo e mais confortável. Estes factores reflectem-se, por exemplo, nos mercados e lojas de comércio tradicional dependentes da rua como espaço de encontro e consumo, visto que hoje em dia a preferência dos cidadãos reside na ida facilitada a um centro comercial. A ausência de lugares públicos qualificados, e de uma verdadeira estrutura ou sistema de espaços públicos, ajuda também a explicar que a categoria de "espaços livres", residuais e outros espaços indefinidos, constituam também uma parte significativa dos novos espaços públicos.
74 Jordi Borja, op. cit., p. 40.
75 Vittorio Gregotti, op. cit., p. 29.
76 Bernard Huet, "Tre questioni a proposito della forma urbana", in *Questioni di forma urbana*, 1999, p. 5.



Gammel Torv, Strøget,
maior rua pedonal europeia,
Copenhaga.
Jan Gehl, 1996.

1.2 **INTERVIR: O ESPAÇO PÚBLICO NA CIDADE CONTEMPORÂNEA**

"Cultures and climates differ all over the world, but people are the same. They will gather in public if you give them a good place to do it."[77]

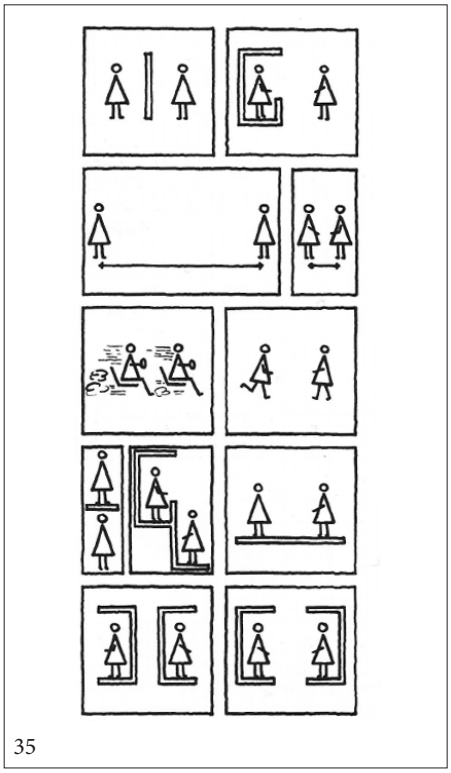
Ao longo dos anos, o conceito de espaço público foi definido de vários modos por diversos teóricos e estudiosos, mas no debate contemporâneo e no âmbito desta dissertação, revela-se mais estimulante e pertinente expôr este conceito a concepções que se relacionam com a cidade, com a comunidade, a socialização e a conexão.

Se no passado, o espaço público assumia-se como ponto essencial da vida social, política e de estruturação urbana, hoje, apresenta-se numa forma diluída e descaracterizada pelas sobreposições de modelos que a cidade foi adquirindo ao longo do tempo. Por essa razão, será necessário na cidade contemporânea, *"(…) un confuso amalgama di frammenti eterogenei, nel quale non è possibile riconoscere alcuna regola d'ordine, alcun principio di razionalità che la renda intellegibile"*[78], restruturar a cidade com o espaço público, criando um espaço urbano equilibrado, capaz de garantir as características essenciais da cidade tradicional, assumindo contemporaneamente as necessidades da cidade emergente. No entanto, e como alega Manuel Solá-Morales, o espaço público não deve ser dissociado dos espaços colectivos[79], pois é nos mesmos que reside toda a riqueza e identidade das cidades históricas que assegurarão a estrutura principal da cidade[80].

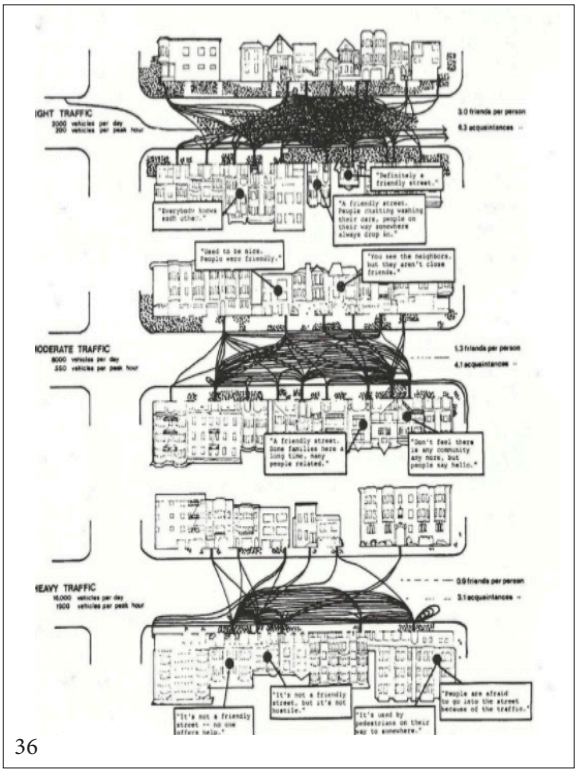
Neste contexto, consideramos importantes as reflexões de Bernardo Secchi sobre o espaço público caracterizadas pela substituição automática da designação espaço público pela de espaço aberto – para o autor é inegável a qualidade e a riqueza morfológica do espaço aberto na cidade medieval[81]. Na sua opinião, o espaço público deve adquirir maior autonomia espacial, se pensado como espaço aberto ou como vazio desenhado a partir do chão. Dessa forma, o projecto da cidade contemporânea deve estar prioritariamente *"(...) legato a un progetto di suolo in grado di costruire un orizzonte di senso per una città inevitabilmente dispersa, frammentaria ed eterogenea."*[82]

Seguindo a linha de pensamento de Secchi, também Gregotti destaca *"la difficoltà ad identificare le differenze tra spazio aperto e spazio pubblico"*[83], que constitui o tecido da relação onde a comunidade se encontra e se desencontra. O mesmo, apela à consciência da importância do existente e da recuperação de soluções que herdamos da história, modeladas em técnicas de desenho que, na sua opinião, podem ainda servir de base para a organização dos espaços abertos na cidade actual[84]. No entanto, a individualidade dos habitantes tende a proporcionar um crescente domínio privado.

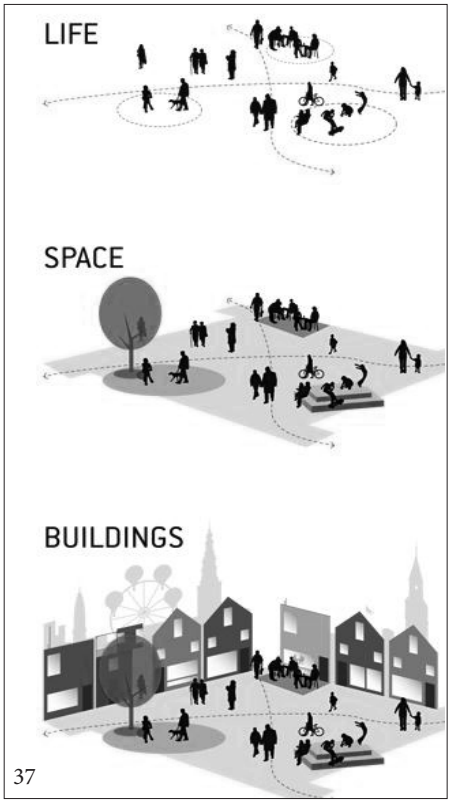
77 Jan Gehl, *Life between buildings: Using public spaces*, 1987.
78 Bernardo Secchi, *Prima lezione di Urbanistica*, 2007, p. 75.
79 Estes espaços colectivos, são espaços públicos que podem ser absolvidos pelas práticas individuais e espaços privados que passam a possuir uma vida e usos colectivos, tendo como exemplos os centros comerciais, os mercados, escolas, quiosques, pois geram partilha e usos colectivos diversificados. Manuel Solá-Morales, op. cit., p. 188.
80 Idem, p. 190.
81 Bernardo Secchi, op. cit., p. 152.
82 Idem, p. 160.
83 Vittorio Gregotti, "Gli spazi aperti", in *Casabella*, nº597-587, p. 2.
84 Idem, p. 4.



35



36



37



38

35. Jan Gehl, *"Os Sentidos e a Comunicação"*. Aspectos que restringem/promovem o contacto. **36.** Registo da frequência de ocorrência de actividades ao ar livre e contacto entre amigos e conhecidos em três ruas paralelas de São Francisco. Jan Gehl, *Life Between Buildings*, 1987. **37.** Esquema ilustrativo de Jan Gehl na criação do espaço público ideal, *"First life, then space, then buildings."* **38.** Vista do passeio Marítimo de *La Barceloneta* (2º fase), Barcelona 2001. Remodelação da frente litoral para a finalização do passeio marítimo de Barcelona

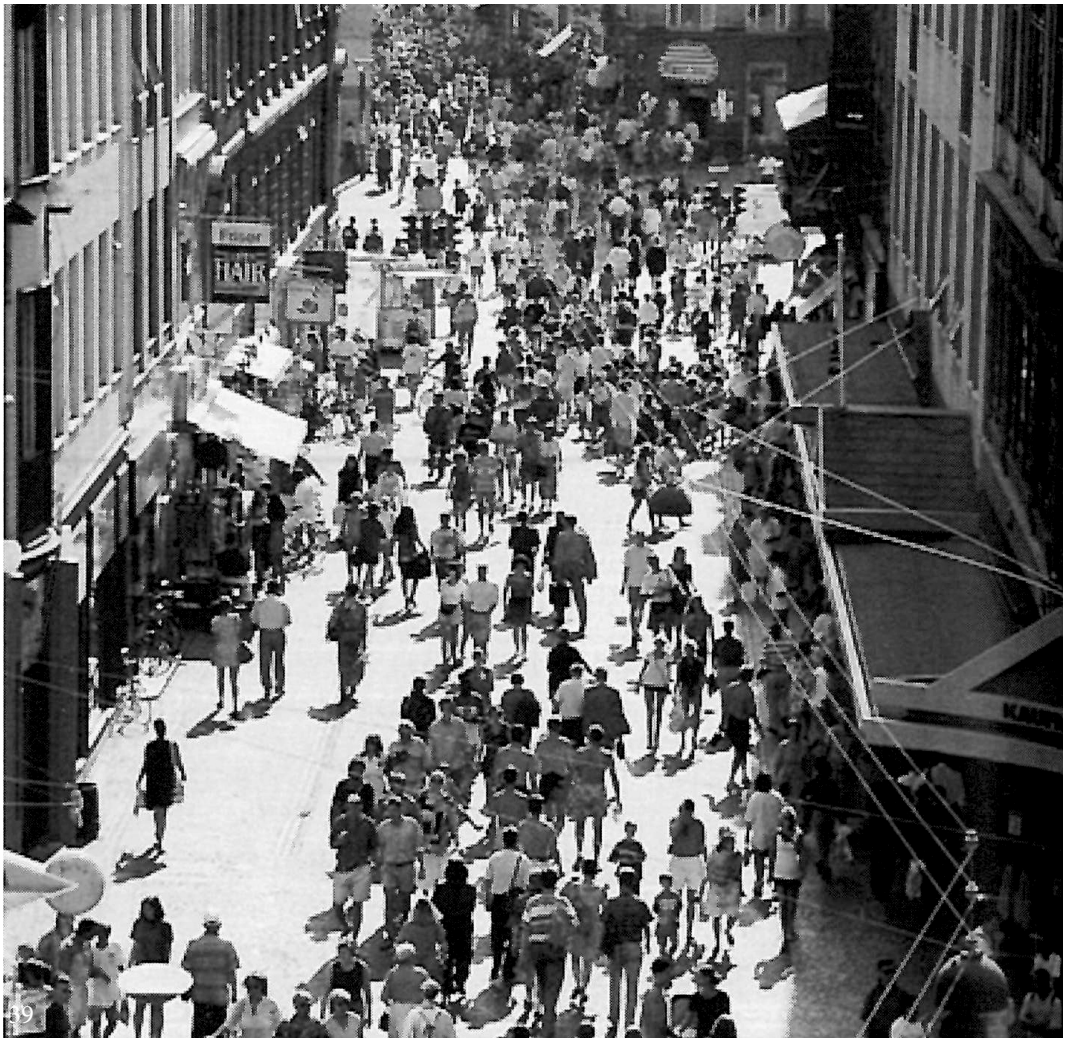
Segundo Carlos Martí Aris, o espaço público permite a coexistência de relações entre as pessoas, as culturas e os usos, embora a sua "atrofia" seja uma das características da cidade contemporânea[85]. Na sua opinião, a discussão do espaço público só tem sentido se colocada sob a perspectiva de lugar público, onde possam estar representados os valores colectivos[86].

Por sua vez, Jan Gehl considera que o espaço público é um espaço social e recreativo que tem como base as formas da vida pública[87]. Com isto, e tendo em conta as actuais formas de fazer cidade, o espaço público pode ser uma referência e gerar espaços acessíveis a todos e com usos diversos. No entanto, da estreita relação entre cidade, espaço público e cidadão, foi necessário determinar uma ordem relacional entre estes termos. Em *Life between buildings*, Gehl introduz hierarquicamente *"first life, then spaces, then buildings – the other way around never works."*[88] *(fig. 37)* Na sua opinião, era esta a ordem não invertível que estava na base do bom funcionamento da estrutura urbana. O contributo de Gehl reside basicamente na visão humanista, que valoriza a colaboração da sociologia na concepção da arquitectura e dos espaços urbanos. Defende uma aproximação ao desenho do espaço público enquanto *"processo modelado pelo uso"*[89], que tenha em conta a escala humana e a qualidade social, bem como o seu potencial recreativo, de forma a recuperar os seus usos tradicionais, adaptados à cidade existente[90].

Neste contexto se desenrola também o importante contributo de Oriol Bohigas no reconhecimento da importância do espaço público na reconstrução da cidade contemporânea[91]. Defende novos métodos de intervir na cidade a partir do espaço público, emergidos da necessidade de intervir sobre o construído, melhorando e transformando o existente através de uma acção global que confira legibilidade e identidade urbana[92]. Também para Bohigas "*la atención al espacio público implica (...) el convencimiento sobre la trascendental importancia de la forma urbana, la forma diseñada para vivir colectivamente y para la representación de la colectividad.*"[93] Reconhece o desenho da cidade a partir do *vazio* e não da *massa autónoma dos edifícios*, dando continuidade à tradição histórica que sempre soube *"(...) dar prioridade à estrutura e à legibilidade da forma urbana"*[94], na tentativa de enfrentar os processos de dispersão urbana, autonomia da arquitectura e a anulação do espaço urbano, que o autor considera terem caracterizado as últimas décadas.

85 Carlos Martí Aris, "La Construcción de los Lugares Públicos", in *Arquitectos*, nº152, p. 52.
86 O entendimento do lugar público na cidade contemporânea baseia-se *"(...) na releitura dos modelos históricos; na reconsideração dos sistemas de lugares públicos como estrutura fundamental da cidade; e na revalorização do papel da geografia na definição e caracterização dos lugares públicos*." João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 133 - 134.
87 Jan Gehl, op. cit., p. 9.
88 Jan Gehl, HUMAN Scale, The. Direcção: Andreas Dalsgaard. Produção: Final Cut for Real, Denmark - Doc. 2012. 83 min, Son, Color, Formato.
89 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 117.
90 Jan Gehl, op. cit., p. 139.
91 Oriol Bohigas ficou conhecido pelos estudos e acções de projecto postas em práctica na cidade de Barcelona, onde foram criados e requalificados novos espaços públicos, o que acarretou também um forte investimento em edifícios, infra-estruturas e equipamentos colectivos. João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 122.
92 Ibidem.
93 Oriol Bohigas, op. cit., p. 4.
94 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 129.





Jan Gehl percebeu que a escala mais importante é a escala humana, e esta é a escala na qual a vida urbana se desenrola e onde se envolvem todos os sentidos humanos. A cidade de Copenhaga, por exemplo, sofreu grandes alterações com o intuito de incentivar as pessoas a caminhar e a usar mais a biclicleta e os transportes públicos. Foi a primeira cidade, a nível mundial, cujas pessoas e a vida na cidade foram estudadas, *"to create a human scale city."* Em cima: Evolução urbana da cidade de Copenhaga desde 1962 até hoje. Fase 1 / 1960 - 1980: Ruas Pedestres. Fase 2 / 1980 - 2000: A ocupação das ruas com esplandas de cafés e bares. Fase 3 / 2000 - até hoje: Actividades e Espaços de Recreação. Em baixo: Rua *Strøget*, Copenhaga. Considerada a maior avenida pedonal europeia. Gehl Architects Association.

Pensar o espaço público, nos dias de hoje, torna-se uma tarefa árdua. Rodrigo Coelho afirma não se tratar apenas de *"(...) construir e materializar um equilíbrio precário que decorre da multiplicidade de actores, de papéis e significados (...) mas também porque esta materialização se refere a uma realidade urbana, em geral e a vários níveis, mais fragmentada e instável"*[95]. Alega também que esse mesmo equilíbrio apenas será alcançado quando formos capazes de valorizar o espaço público como espaço urbano, capaz de conter todas as diferentes realidades que constituem a cidade, construindo espaços e sistemas urbanos capazes de articular a cidade e responder às necessidades da sociedade emergente[96] .

Apesar dos muitos exemplos positivos recentemente experienciados, *"(…) es necesario ser consientes que el reto del espacio público es un desafío presente y que nunca podremos considerar que hemos ganado definitivamente"*[97]. Face à evidente expansão e fragmentação das cidades actuais, o intuito é encontrar o modo em que as novas formas da vida urbana se possam desenvolver e materializar, a partir do espaço público, para que as suas qualidades funcionais e formais se consigam moldar às novas formas de habitar, de convivência, interacção e mobilidade.

A reconversão, a regeneração, a reconstrução da cidade, apresentam-se assim como estratégias prioritárias e obrigatoriamente articuladas com a construção de novos espaços públicos, que devem ser pensados numa determinada escala urbana, concebidos com o objectivo de "*desarrollar y articular sus centralidades y generar espacios públicos o sea lugares fuertes."*[98] Para tal, torna-se pertinente pensar o conceito de espaço público como *"una pieza fundamental para la creación y la recuperación de la ciudad"*[99], e do seu papel na evolução da mesma, ao longo da história.

95 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 176.
96 Idem, p. 177.
97 Jordi Borja, op. cit., p. 11.
98 Idem, p. 44.
99 Idem, p. 13.

Quartiere Rozzol Melara,
Trieste, 1969.

1.2.1 **A HABITAÇÃO COLECTIVA NA EXPANSÃO DA CIDADE**

"las áreas urbanas sin vivienda no son ciudad, expresan la alienación urbana" [100]

"Che cos'è un quartiere?" interrogou-se Ludovico Quaroni. Não é fácil definir, continuou. *"Il quartiere è una parte della città (...) un organismo primario, nella citta, per le funzioni residenziali complete, tale cioè da comprendere tutte le funzioni produttive, direzionali, ricreative e formative a scala locale, accanto ad eventuali funzioni direzionali, produttive, a scala urbana"*[101]. Analisando a evolução teórica do termo, Quaroni defendia também o papel crucial da vizinhança, e da vida em comunidade, para a harmonia unitária do bairro, identificando três principais abordagens: a humanística, a instrumental e a fenomenológica[102].

A Revolução Industrial, a migração para os centros citadinos e consequentemente o enorme crescimento demográfico, provocaram sérias mudanças no crescimento das cidades, agravando o problema da habitação, o que desencadeou a construção em massa de zonas residenciais, maioritariamente de baixo custo[103]. Na racionalização da cidade industrial, ambicionando o restabelecimento *"de una relación equilibrada entre edificación y espacio libre"*[104], surge o modelo de *cidade-jardim,* já mencionado anteriormente. Esta, *"entendida como mecanismo de difusión de la ciudad en el campo a través de la implantación de áreas residenciales de baja densidad"*[105], propunha-se como um novo modelo que tinha como base a formação de uma coroa de *cidades-satélite* de baixa densidade nas periferias. De carácter exclusivamente residencial e dotado de múltiplas áreas verdes, permitia a integração da casa com o campo e garantia a salvaguarda da qualidade de vida dos habitantes.

A experiência das *Siedlungen* e das *Hoff*, que surgem progressivamente na Alemanha, na Áustria e na Holanda no início do séc. XX, espelham uma reflexão racionalista da *cidade-jardim,* e segundo Carlos Martí Aris, estão directamente ligadas à afirmação de uma lógica de libertação relativamente aos esquemas de organização de planta central e à ideia do bairro encerrado[106]. Estes modelos, com o intuito de garantir a coesão social e de resolver o problema da habitação numa nova concepção arquitectónica, tinham como principal objetivo a construção massiva de alojamentos, adoptando um traçado regular de quarteirões, capazes de gerar a estrutura geral do agregado urbano. Este paradigma de edificação em linha, *"onde a ideia de bairro se afirma como a peça básica da agregação do sistema urbano"*[107], revelou bastantes atributos tais como a flexibilidade e a capacidade de miscigenação, demonstrando serem bases operativas e disponíveis sobre as quais se poderia continuar a pensar a cidade contemporânea[108].

100 Jordi Borja, op. cit., p. 46.
101 Ludovico Quaroni, *Il progetto per la città: dieci lezioni*, 1996, p. 151.
102 A primeira, via a vizinhança como uma expressão da actividade humana, considerada um requisito moral para projectar espaços à escala humana; a segunda era considerada um importante elemento da técnica urbanística; e a última enfatizava a vizinhança como fenómeno urbano unitário. Ibidem.
103 François Ascher, op. cit., p. 25.
104 Carlos Martí Aris, *Las Formas de la residencia en la ciudad moderna*, 1991, p. 20.
105 Ibidem.
106 Carlos Martí Aris, op. cit., p. 42.
107 João Rodrigo Coelho, op. cit., p. 243.
108 Estes grandes conjuntos habitacionais autónomos, maioritariamente construídos nas periferias dos grandes centros urbanos, de baixa ou média densidade, com volumes densos dispostos paralelamente entre si, determinavam o traçado urbano, permitindo condições de salubridade e higiene à população. José Garcia Lamas, op. cit., p. 334.



Quartiere Omero, Milano, 1953.

A concepção destes conjuntos passava também pela forte relação entre cheio e vazio, onde o espaço interior do bairro, assumia-se como espaço verde colectivo[109]. Estes novos modelos, pela sua versatilidade, foram aplicados durante todo o séc. XX na Europa, tendo inclusive servido de base para as construções habitacionais em Itália, nomeadamente o plano INA-Casa.

No entanto, enquanto na primeira metade do séc. XX, as propostas de habitação colectiva foram consideradas as protagonistas da construção da cidade europeia, na segunda metade do século, o programa de habitação colectiva transformou-se num importante factor da sua desagregação, contribuindo decisivamente para a perda de coerência do espaço urbano[110].

No período entre as duas guerras, e principalmente a partir de 1945, o urbanismo moderno destacou-se pela construção residencial, visto que a questão da falta de habitação era o maior problema das cidades[111]. Construir para o maior número a menores custos, obrigou a reduzir ao mínimo a superfície do alojamento e, desta forma, surgiram novas tipologias habitacionais – a torre, o bloco, e o conjunto habitacional, alto ou baixo[112] - combinadas vertical e horizontalmente, na tentativa de colmatar as necessidades socioeconómicas. Com o objectivo de fornecer casa a toda a população[113], a questão da habitação colocou-se no centro das preocupações da urbanística moderna, considerando o alojamento como a célula-base da organização da cidade, reinventando ao mesmo tempo o elemento estruturador da cidade tradicional, o espaço público[114].

Desta forma, alterou-se a relação público/privado e criou-se a ideia de que não se habita só a casa, mas sim um todo constituído por equipamentos e serviços colectivos, onde o espaço seria de livre acesso a todos os habitantes, desaparecendo a noção de propriedade privada. No caso dos bairros INA-Casa, como iremos abordar mais à frente, o papel do espaço público foi valorizado através da criação de espaços verdes colectivos e de grandes espaços desenhados pela e para a comunidade[115].

Porém, ultrapassado este período *"caracterizado por uma focalização excessiva num funcionalismo eficientista"*[116], as propostas de alojamento massivo e desenraizado que surgiram a partir dos anos '60, contribuíram para o desprestígio da habitação colectiva, fazendo também com que o urbanismo entrasse numa grave crise de valores e de modelos[117]. Independentemente das questões políticas e económicas que desencadearam a construção de habitação, a expansão da cidade a partir da habitação colectiva sofreu, a partir da segunda grande guerra, uma grande e incontornável reviravolta. A crítica fundamental baseava-se não apenas na questão da urbanização dispersa, devido ao aumento da população e da especulação imobiliária, mas também no facto de as expansões da cidade, nas últimas duas décadas, rejeitarem a importância da urbanística do espaço público e o papel do desenho urbano nos processos de construção da cidade[118].

109 Hans Becker, Wolfram Schlote, *Esempi di pianificazione edilizia in Finlandia*, 1959, p. 30.
110 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", in *La grande Ricostruzione. Il Piano INA-Casa e l'Italia degli anni cinquanta*, 2010, p. 26.
111 Fabrizio Brunetti, "Situazione Postbellica e ricostruzione", in *L'architettura in Italia negli anni della Ricostruzione*, 1986, p. 34.
112 José Garcia Lamas, op. cit., p. 338.
113 Adalberto Libera, "La Scala del Quartiere Residenziale", in *Esperienze Urbanistiche in Italia*, 1952, p. 131.
114 José Garcia Lamas, op. cit., p. 236.
115 Filiberto Guala, "Impostazione e Caratteristiche Funzionali del Piano Fanfani", in *Civitas*, 1951, p. 30.
116 Joao Rodrigo Coelho, op. cit., p. 237.
117 Claudia Mattogno, "Città Pubblica e Città Contemporanea", in *Città Pubbliche. Linee Guida per la riqualificazione Urbana*, 2009, p. 24.
118 Idem, p. 26.









42. *Quartiere Tor Bella Monaca*, Roma, 1980. **43.** *Quartiere Rozzol Melara*, Trieste, 1969. **44.** *Quartiere QT8*, Milano, 1945-1954. **45.** *Quartiere di Tor Sapienza, Roma, 1923.*

Presenciamos cada vez mais a fenómenos de falsa urbanidade, onde o espírito de comunidade, a convivência e os espaços comuns acabam por ser desvalorizados, negados quer pelas opções tipológicas dos edifícios e pela ausência de usos públicos, quer por formas espaciais adoptadas no espaço público que não são propensas ao uso e à sociabilização. Na cidade dos dias de hoje, o espaço público converteu-se maioritariamente em mais um equipamento fragmentado da cidade. Um espaço sem a coesão e a capacidade articuladora da cidade tradicional, cujas recentes expansões, que valorizam a individualidade arquitectónica em vez da continuidade urbana, fazem com que o espaço público perca duas das suas principais funções: dar forma e sentido à cidade e ordenar as relações entre os elementos que a compõem[119].

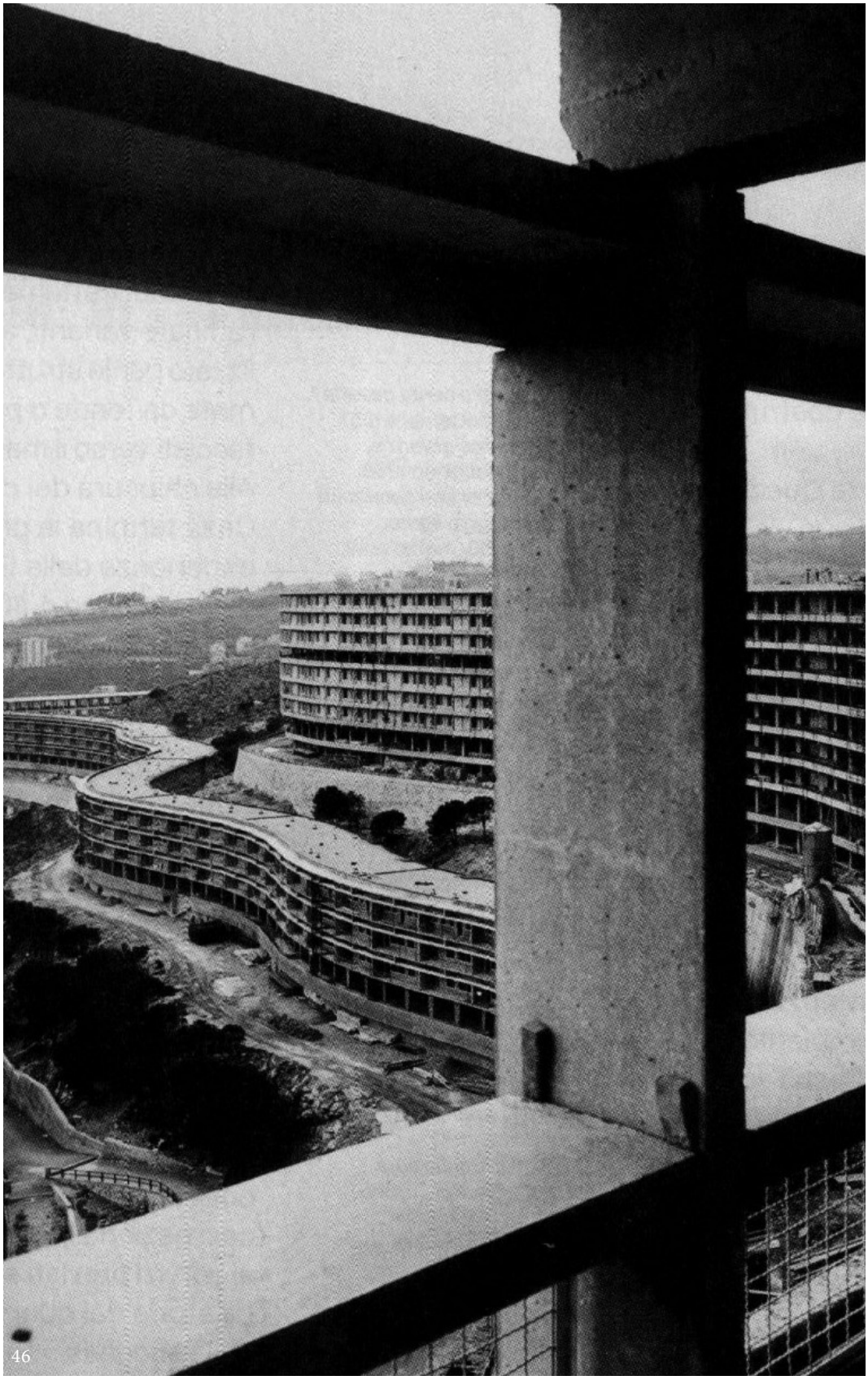
No entato, se desde as cidades-estado gregas, às bastides medievais, ao ensache de Cerdà, a grelha de ruas e quarteirões serviu como base para a fundação e o crescimento das cidades, será então pertinente interpretar o papel do bairro como possível suporte genério na expansão urbana. Para tal, será necessário haver uma reavaliação das potencialidades do bairro tradicional, conjugando os seus atributos morfológicos com a variedade das escalas de intervenção, dos programas e das novas tipologias arquitectónicas. Neste contexto, atribui-se ao espaço público o papel de estruturador capaz de organizar e articular o edificado e de tornar legível a forma e o uso da cidade.

| a INA-Casa na cidade contemporânea

Quando em Fevereiro de 1949 foi aprovada a lei n. 43, *Provvedimenti per incrementare l'occupazione operaia. Case per lavoratori,* deu-se início ao programa de habitação social mais consistente que existiu até aos dias de hoje em Itália[120]. As habitações e os bairros construídos, através do plano INA-Casa, transformaram-se numa parte importante da expansão das cidades. Segundo Secchi, tem sentido voltar a reflectir sobre estas experiências e a observar os espaços que as compõem, se questionarmos a cidade contemporânea emergente, e indagarmos como podemos adaptar os espaços outrora comunitários a uma sociedade cada vez mais individualista e fragmentada[121]. Estes aglomerados sociais, tentaram dar forma e traduzir materialmente os recentes estudos sobre a cidade, que foram amadurecidos com os desenvolvimentos que a urbanística foi realizando na sua transição contemporânea, *"idee orientate a dare vita e spazi a comunità di cittadini e di rappresentare una nuova società."*[122] Estes pedaços da cidade mostram, ainda hoje, os vestígios das ideias de forma e uso do espaço, não só aquele interno doméstico mas também, e principalmente, o exterior, público e colectivo[123].

A tradução destes ideais tornou-se primeiramente visível nos já mencionados bairros edificados por volta dos anos '20 em algumas cidades europeias – Frankfurt, Berlim, Amesterdão, Viena – e depois, na segunda metade do séc. XX, também em Itália através do plano INA-Casa. No entanto, com o tempo, estes ideais foram trocados por questões políticas e interesses económicos, e a habitação social acabou por se transformar em *"sinonimo di emarginazione e degrado urbano e sociale"*[124]. Várias críticas acabaram assim por recair indiferentemente nestes bairros.

119 Jordi Borja, op. cit., p. 49.
120 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-Casa", in *Fanfani e la casa*, 2010, p. 174.
121 Bernardo Secchi, "I quartiere dell'INA-Casa e la costruzione della città contemporanea", *La grande Ricostruzione*, 2010, p. 150.
122 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 28.
123 Daniele Carfagna, *Architettura tra le case. Abitare lo spazio aperto nei quartiere INA-Casa*, 2012, p. 5.
124 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 4.



Quartiere INA-Casa di Forte Quezzi, Genova, 1956-1968.

Os aglomerados habitacionais realizados de forma intensiva nos anos '60 e '70, tornaram-se símbolo da má qualidade das periferias urbanas, muitas vezes também descritas *"come luoghi marginali e dequalificati"*[125]. A construção da habitação colectiva caracterizou-se, até hoje, por estruturas megalómanas, baseadas em edifícios de forma regular, dispostos em altura, paralelos entre si, desintegrados da envolvente e com reduzida continuidade urbanística, na tentativa de alojar o maior número de famílias possível[126]. Deste modo, pela quantidade e concentração de população, pela aglomeração no mesmo local de grupos mais vulneráveis à discriminação, pelo estigma social que lhes é atribuído, e maioritariamente, pela concentração de problemas sociais e população de etnias diversas, estes espaços surgem como um gerador de conflitos e de desigualdades sociais[127].

A (re)leitura do plano INA-Casa encontra também outros significados ao questionar o papel da habitação colectiva na concepção da urbanística moderna e na construção da cidade contemporânea. A urbanística, faz parte do grande desenho de política social e económica que invadiu o mundo ocidental no ultimo século, e expressou a convicção que os bens colectivos podiam assumir um papel crucial no determinar da forma urbana, na morfologia das diversas partes do território, na sua implantação, na sua concepção tipológica e arquitectónica e, principalmente, na forma como os indivíduos se relacionam nestes espaços[128]. A cidade consegue reflectir maior funcionalidade e interesse quanto mais espaço tiver dedicado para o desenrolar de actividades colectivas, e quanto menos o subdividir em recintos individuais privados. No entanto, é evidente que a sua imprecisão, numa sociedade na qual é muito forte a tendência para a privatização e a afirmação de valores individuais, tornou-se o seu ponto fraco.

A construção de habitações colectivas foi uma grande ferramenta na composição do espaço urbano, atribuindo-lhe novas formas. Ao observarmos amplas porções de território, como por exemplo a planta da cidade de Roma, é possível individualizar sectores de habitação colectiva construídos nas décadas do séc. XX. No seguimento desta questão, revela-se interessante interrogar o porquê deste fácil reconhecimento, assim como reflectir sobre os diversos períodos de construção dos bairros e os ideais de cidade e de sociedade que atravessaram as reflexões dos arquitectos e urbanistas durante este período. Um elemento importante a ser mencionado, aquele que acima de tudo contribuiu a contradistinguir de forma evidente estes bairros de outras limítrofes expansões urbanas, foi o papel que o espaço público teve na articulação e desenho destes espaços[129]. De facto, com base na ideia de unidade arquitectónica, o espaço público teve um papel crucial na definição do projecto e na estruturação de toda a parte urbana, mesmo que muitas das vezes estes espaços tenham permanecido indefinidos, abandonados ou invadidos por automóveis. Foi a partir deste momento que o conceito de *espaço habitável* se tornou mais amplo no qual estão interligados *"il pieno e il vuoto, l'interno e l'esterno, il domestico e l'urbano"*[130].

125 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 4.
126 Italo Insolera, *Roma Moderna*, 2001, p. 120.
127 Alessio Scarale, "La Costruzione di uno spazio pubblico periférico", in *Città Pubblica/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 225.
128 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 6.
129 Ludovico Quaroni, "La Politica del Quartiere", in *Urbanistica*, 1957, p. 7.
130 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 9.



1.2.2 **INTERVENÇÃO NO PATRIMÓNIO DE NATUREZA SOCIAL**

"l'intervento pubblico, dopo un lungo periodo nel quale ha immesso nello spazio urbano quantità rilevanti di nuove idee sull'abitare, deve forse oggi confrontarsi col grande tema del senso e del ridisegno di questo tipo de spazio."[131]

Nos anos '60 surge, com a Carta de Atenas, um conceito de intervenção sobre as pré-existências, onde *"a intervenção nova deve manter-se higiénica e claramente diferente da antiga e ajudando a esclarecê-la, deve mostrar-se e mostrá-la"*[132]. Na reabilitação do património, não é apenas a construção da excepção que faz a história da cidade, pelo contrário, a construção corrente é aquela que mais tem impacto em quem habita a e na cidade. Deste modo, o património, mais precisamente o habitacional, não deve ser visto como algo de estático, relíquia intocável, mas sim como uma base passível de mudança e de continuidade[133].

Estes aglomerados habitacionais nos dias de hoje, podem ser interpretados como *"un bene che costituisce testimonianza materiale avente valore di civiltà"*[134] interpelando a nossa memória enquanto resultado material de diversas histórias, de ideias de cidade, de espaço, de sociedade, de políticas habitacionais, processos e métodos de construção que contribuíram na formação da urbanística moderna e da cidade contemporânea. Os mesmos, *"documentano le trace della storia di comunità di cittadini, dei differenti modi d'uso degli spazi individuali e collettivi, residenziali e di relazione e dei tempi delle loro modificazioni"*[135], que nos levam a pensar estas partes de cidade como património, dotadas de valores específicos, e a defini-las como documento/monumento da modernidade. Ou seja, uma herança da cultura do séc. XX, cujo valor estético, histórico e identitário, apesar de se ir diversificando caso a caso, solicita para os bairros projectos e acções não apenas de requalificação, mas também de tutela[136]. Os projectos de intervenção nestes bairros, quer no espaço público quer no privado, interno ou externo, devem ser por isso objecto de reflexão atenta aos valores históricos, culturais e sociais que lhe são próprios. O que, atualmente, não passam de espaços genéricos e indiferenciados da cidade, terão no futuro uma enorme relevância para a urbanidade, por isso, estas intervenções devem procurar responder claramente aos interesses de cada conjunto residencial, procurando renunciar à intervenção isolada e tipificada, que rapidamente se transforma em reabilitação irreflectida, perdendo-se assim a sua história e a sua unidade arquitectónica e urbana[137].

Na requalificação destes bairros, o conceito de tutela deve ampliar-se e transformar-se em síntese de conservação e inovação, acreditando que *conservação* significa tomar conta da cidade, concedendo novamente sentido à herança do passado através do projecto[138]. Um conceito de tutela que assuma então projecto e requalificação como elementos constituintes de um processo evolutivo de desenvolvimento, que tem como objectivo a satisfação das necessidades das gerações presentes e futuras[139].

131 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 31.
132 Alexandre Alves costa, "O patrimônio – entre a proposta arriscada e a confidencia nascida da intimidade", in *JA*, nº213 p. 29.
133 Carlos Martì Aris, "La construcción de los lugares públicos", in *Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea*, 2011 , p. 134.
134 Sara Basso, "Ripensare il Progetto degli spazi aperti", in *Città Pubblica/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 48.
135 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 28.
136 Laboratorio Città Pubblica, *Città Pubbliche. Linee guida per la Riqualificazione Urbana*, 2009, p. 18.
137 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 31.
138 Alain Bourdin, "Sur quoi fonder les politiques du patrimoine urbain?", in *La grande Ricostruzione*, 2010, p.29.
139 Laboratorio Città Pubblica, "Indirizzi per Orientare lo Sguardo", op. cit., p. 42.



Quartiere Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955.

Ao reflectir sobre possíveis estratégias de requalificação, recuperação e tutela deste *património moderno,* surgem várias questões sobre o significado de património no contexto da habitação colectiva, e consequentemente, questiona-se o que pode e deve ser tutelado. Reabilitar o que foi realizado, os edifícios, os equipamentos colectivos, os materiais e os espaços abertos ou restaurar a ideia inicial de projecto, muitas vezes modificada ou alterada na fase construtiva como no caso em estudo? Restituir a ideia de comunidade? Reabilitar as formas que os bairros adoptaram após as modificações realizadas pelos habitantes ou reabilitar as formas originais? O que é que se transformou em património e para quem? Para os habitantes, para os administradores, para os urbanistas e arquitectos?

Todas estas questões sugerem diferentes percursos de valorização destes espaços. Percursos estes capazes de individualizar recursos que novas acções de projecto possam meter em jogo. Consequentemente, devemos questionar-nos sobre como articular e dosear os projectos e as acções de requalificação/tutela. No caso específico dos bairros INA-Casa, esses seriam considerados como um conjunto de objectos com valor patrimonial, nos quais deviam ser definidas políticas de intervenção e tutela coordenadas a nível nacional. Nesta perspectiva, a grande variedade de intervenções de reabilitação, seria proposta para um conjunto de corpos distintos, mas ao mesmo tempo *"appartenenti a una costellazione unitaria"*[140], resultado de um plano único, implementado num período de tempo limitado. Neste sentido, deverá ser aplicada uma política nacional de tutela geral? Ou as políticas para a recuperação e tutela deverão ser definidas localmente, visto que cada bairro pertence muito mais às histórias urbanas e sociais locais que a uma única história, a da INA-Casa?

Estas partes de cidade contemporânea mostram que o espaço público, e o conjunto de relações que esses estabelecem com os espaços edificados, com os indivíduos e os grupos sociais que ali habitam, constituem a parte com maior tendência a ser valorizada e a restituir significado através da reabilitação. A redefinição dos espaços exteriores, talvez os únicos capazes de estabelecer novas relações entre as partes urbanas e as pessoas, torna importante, nos dias de hoje, as iniciativas de intervenção pública no panorama heterogéneo da cidade contemporânea. Iniciativas onde a carência de relações consideráveis entre as coisas torna os sujeitos sociais, e as suas actividades, *forasteiros* na sua própria cidade[141].

Nos dias de hoje, depois das experiências residenciais das décadas passadas, *"(..) si può osservare una forma di urbanizzazione espansiva e riconfigurata, dove la città può essere considerata luogo di discontinuità e frammentazione, descrivibile attraverso le categorie della porosità, connettività, permeabilità e accessibilità"*[142]. A ideia de uma cidade que cresce por partes, foi substituída pela de uma cidade que se modifica através de estratégias de acrescentos e remendos do existente, com intervenções pontuais e precisas[143]. Estas intervenções públicas transformaram-se, desta forma, em fragmentos cada vez mais pequenos e dispersos, num território fragmentado e disperso à sua volta. No fundo, as habitações colectivas, sempre foram porções de uma ideia de cidade e sociedade mais ampla, ou de tecidos que se deveriam ter transformado através de processos de imitação. O ser um fragmento de qualquer coisa mais geral, como de um desenho físico e social, pode no entanto ajudar a encontrar a sua colocação em contextos físicos e sociais, dentro de horizontes mais complexos.

140 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 29.
141 Jan Gehl, op. cit., p. 139.
142 Bernardo Secchi, *La città del XXI secolo*, 2008, p. 22 - 25.
143 Idem, p. 26.





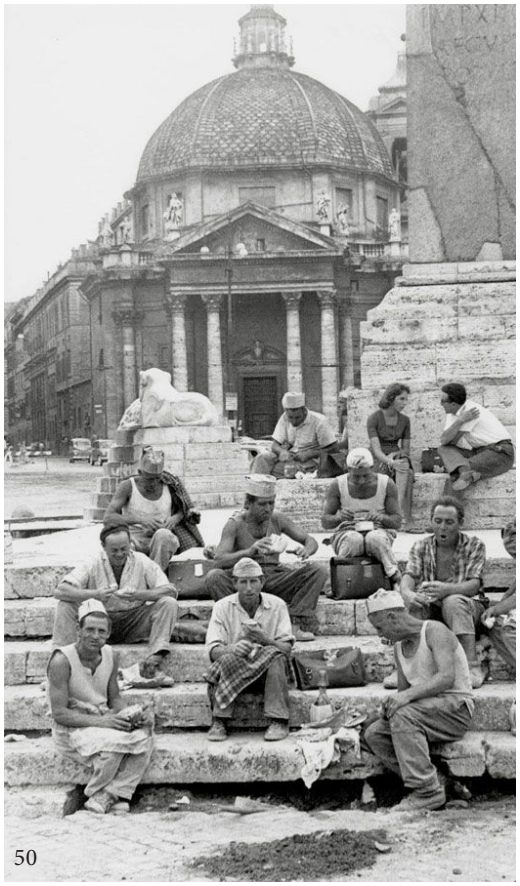
O PROGRAMA INA-CASA ENQUADRAMENTO SOCIAL E POLÍTICO | 2

"Ogni famiglia che abiterà i nuovi centri dell'INA-Casa scoprirà che l'architetto le ha dato qualcosa di più della mera funzionalità (...) qualcosa che trasforma quattro mura in quattro mura pensate, e pensare affettuosamente, e che in definitiva determina il passaggio dall'edilizia all'architettura, da un telegramma a una lettera scritta con cura e amore.

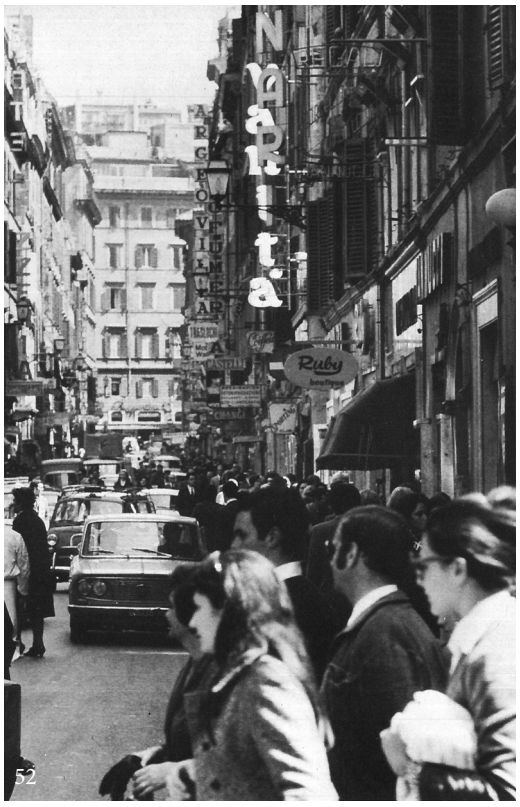
Nulla sono costati finanziariamente questa cura e questo amore, e spesso sono serviti a far risparmiare; è appunto questo di più, questo sforzo non richiesto e non imposto da leggi, questo contributo disinteressato, quel qualche cosa che un freddo pragmatico riterrebbe inutile, che conferisce a queste case un valore letterario e d'arte, un valore che non si misura in soldi, ma in termini di benessere e di felicità umana."

Bruno Zevi

Contributo alla pubblicazione L'INA-Casa al IV Congresso Nazionale di Urbanistica,
em *Danilo De' Cocci, Il Piano Fanfani-Case, 1958, p. 97.*









50. *Piazza del Popolo*, Roma, 1950. **51.** *Lo Sbarco di Anzio* (Operação *Shingle*). Destruições na província de Anzio, 1944. **52.** Explosão Demográfica. *Via Frattina*, Roma, 1955. **53.** Destruição da *Galleria Vittorio Emanuele II* em Milão, depois dos bombardeamentos em Agosto de 1943.

2.1 **A ITÁLIA DO PÓS-GUERRA**

Desemprego e Crise Habitacional

Para compreender o que está por detrás daquilo que foi o plano INA-Casa, é preciso referir a situação crítica pela qual passava o país no fim do conflito da segunda guerra mundial. Eram muitos os problemas, e em grande parte inadiáveis, que o governo republicano italiano teve de enfrentar no fim da segunda grande guerra. Os indicadores socioeconómicos davam sinal de uma situação de atraso e de grave crise que se expandia por todo o território, com maior intensidade na zona meridional. Corrado Beguinot, explica-nos que era constante a falta de serviços de necessidade básica, permanência de doenças infecciosas, destruição de grande parte das redes infra-estruturais e do património edificado e, principalmente, uma elevada taxa de desemprego[1].

Francesco Vito, num artigo escrito para a revista *Vita e Pensiero* em 1948, explicou como era gravíssima esta problemática para a estrutura económica do país e que era necessário adoptar o mais rapidamente possível medidas para inverter a situação. A gravidade do fenómeno derivava, na sua opinião, da junção de dois motivos: um ocasional, "*la domanda di lavoro*" e outro estrutural, "*la cronica sproporzione fra l'accrescimento della popolazione e le possibilità d'assorbimento di lavoro della nostra economia considerata nelle condizioni di normale sviluppo.*"[2] O que tornava o fenómeno do desemprego em Itália ainda mais preocupante que em outros países europeus, era o constante aumento da população que nos últimos 20 anos tinha crescido mais de cinco milhões. Grandes factores contribuíram para aumentar a taxa de desemprego, tais como a desmobilização das indústrias de guerra, a destruição de muitos estabelecimentos produtivos, o retorno à vida civil dos militares e, claro, a repatriação dos cidadãos residentes nas colónias perdidas[3]. Era uma situação de grande emergência que deveria ser afrontada com instrumentos imediatos, eficazes e incisivos.

Uma outra grave e crescente emergência era constituída pela falta de habitação, já crítica antes do início da guerra[4]. Pio Montesi, famoso arquitecto italiano particularmente interessado nos temas da habitação social, salientou na revista *Ulisse* que "*oltre un terzo della popolazione vive, fin dal censimento del 1931, in più di due e fino a dieci persone per stanza, il 33% delle abitazione sono sfornite di latrina il 48% di acqua potabile*"[5]. A falta de habitação tornou-se preocupante com a eclosão da segunda guerra mundial, quer pelas destruições, quer pela inevitável estagnação construtiva que ocorreu nos anos do conflito. A 31 de Dezembro de 1947, o Instituto Central de Estatística calculava um défice próximo aos nove milhões de vãos[6]. Estimava-se que uma a cada dez famílias não tinha direito a habitação e vivia em barracas e grutas edificadas em locais inóspitos. Milhares de famílias viviam em circunstância de sobrelotação e coabitação, frequentemente em condições miseráveis sem higiene, sem água potável e sem acesso a serviços de primeira necessidade. Outra grande parte da população era obrigada a viver em autênticos campos de refugiados em condições "*assolutamente insufficienti, antigieniche e contrarie ai principi social, civili, morali.*"[7]

1 Em 1946 contavam-se cerca de dois milhões de desempregados em todo o país. Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il Piano INA-Casa", In *Fanfani e la casa*, 2002, p. 163.
2 Francesco Vito, "Il Progetto Fanfani per la lotta alla disoccupazione", in *Vita e Pensiero*, 1948, p. 496 - 499.
3 Este crescimento demográfico, para um país como a Itália com uma população que tinha atingido a densidade de cerca de 140 habitantes por quilómetro quadrado, constituía o principal obstáculo a uma possível redução substancial do desemprego. Manfredo Tafuri, *Storia dell'architettura Italiana* 1944-1985, 1982, p. 4-39.
4 Fabrizio Brunetti, "Situazione Postbellica e ricostruzione", op. cit., p. 34.
5 Pio Montesi, "La casa, un problema Umano e Sociale", in *Ulisse*, nº 8, 1949.
6 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-Casa", op. cit., p. 164.
7 Filiberto Guala, "Il Piano di Costruzione delle case per i lavoratori", in *Rassegna del lavoro*, nº 8, 1958.



Borgata Campo Artiglio,
Roma, Março 1958.

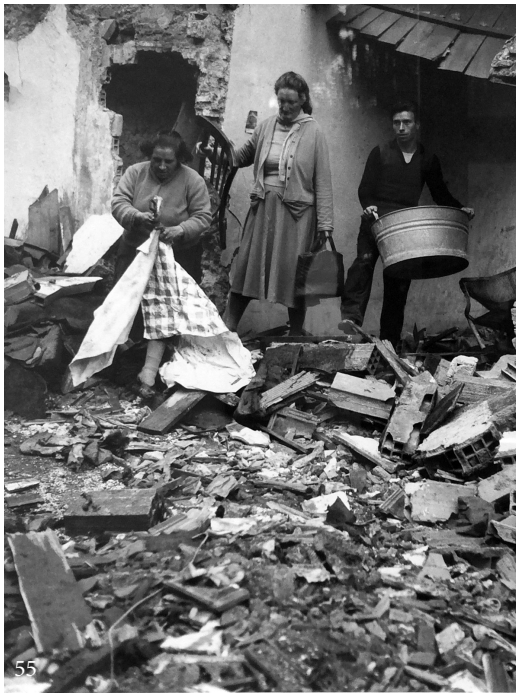
Um outro factor demográfico que contribuiu para agravar a crise da falta de alojamento foi o fluxo migratório interno da população que, à procura de melhores condições de vida durante aqueles anos, se transferia "*dalla montagna alla pianura e dal piccolo comune al grande comune*"[8]. Para além disto, naquele período após a guerra, o rendimento de grande parte dos trabalhadores italianos era apenas o suficiente para a vida familiar, o que os impedia de reconstruir os alojamentos destruídos ou até mesmo de adquirir uma nova casa. A extensão e a gravidade quer do desemprego, quer da crise habitacional – que arrastavam consigo inevitáveis complicações sociais, humanas e morais – puseram estes temas no centro das atenções dos primeiros governos do pós-guerra. Desde incentivos para obras públicas a financiamentos para a construção de casas em cooperativas e/ou habitação social, foram muitas as intervenções do estado para tentar reverter a situação, principalmente depois das condições em que a guerra tinha deixado o país[9].

Na fase pré-bélica, sob a governação de Mussolini, as principais intervenções construtivas a nível urbano eram de quatro tipos: construção de habitações sociais por parte do IACP, INCIS ou outros órgãos de gestão local e privada; planos de reabilitação, esventramentos, demolições e reconstruções de alguns monumentos; construção de "*borgate*"[10] nas periferias - para os desalojados que tinham perdido a casa por causa das demolições - e por fim, recuperação e repovoamento de terrenos agrícolas, numa tentativa de esvaziar os centros citadinos. No imediato pós-guerra, as iniciativas públicas, no que toca à construção residencial, tiveram substancialmente carácter de emergência e foram dirigidas a reparar e a reconstruir os imóveis danificados pela guerra. "*A quell'epoca...*" conta-nos Federico Gorio, "*in tutti i campi di attività, e in particolare in quello edilizio, si parlava, soprattutto e quasi esclusivamente, di ricostruzione. Ed era, infatti, quello il problema più impellente che coinvolgeva tutti, ciascuno a suo modo.*"[11]

Após o armistício, as primeiras iniciativas dirigidas a ajudar na recuperação do sector construtivo datam de 1947, onde se deu início a um extenso trabalho parlamentar, disposto a criar medidas e instrumentos legislativos com o intuito de incentivar a reconstrução e a nova construção de aglomerados habitacionais. Desta forma, foram criados fundos, a favor das entidades públicas já existentes e de outras associações, que respondessem rapidamente às necessidades emergentes. É também nesta altura que surge a UNRRA[12] construindo casas para quem, devido à guerra, não as tinha[13].

Desta experiência, marcada pelo rigor e pragmatismo - também justificado pelo período de emergência em que se encontravam - destacou-se uma actividade positiva, profissionalmente qualificada e eficaz. Os resultados, como veremos mais à frente, estiveram na base dos delineamentos do plano INA-Casa: "*una struttura che ha realizzato son solo costruzioni funzionalmente ed esteticamente pregevoli, ma interi quartieri residenziali, dotati di servizi collettivi: nuovi centri di vita impostati con intelligenza sociale e politica e illuminati dalla genialità creativa dei più valorosi progettisti italiani.*"[14]

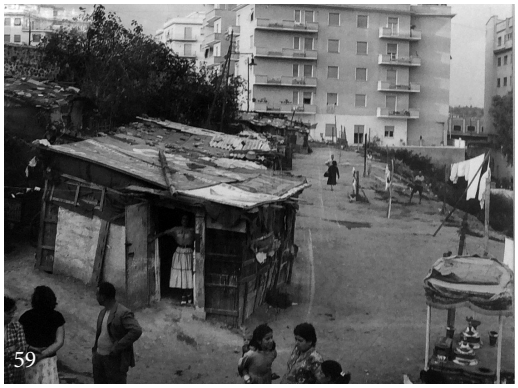
8 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-CASA", op. cit., p. 164.
9 Giovanni Astengo, "Nuovi Quartieri in Italia", In *Urbanistica*, nº 7, 1951, p. 10.
10 "*un pezzo di città cioè che non ha la completezza e l'organizzazione per chiamarsi quartiere, oppure un agglomerato rurale chiuso da un sistema economico feudalistico in una dimensione che ne vieta lo sviluppo a organismo completo.*" Italo Insolera, *Roma Moderna. Un secolo di urbanistica*, 2001, p. 135.
11 Federico Gorio, "Il testimone". In *Fanfani e la casa*, 2002, p. 230.
12 UNRRA (*United Nations Recovery and Rehabilitation Administration*) foi uma organização internacional americana criada em 1943 para prestar assistência económica, sanitária e alimentar à população devastada pela guerra. A UNRRA-CASAS - gerida pela UNRRA e apoiada pelo plano ERP - nasceu em 1945 com o objetivo de socorrer, material e economicamente, o sector construtivo habitacional durante a reconstrução pós-bélica. Corrado Beguinot, "L'UNRRA-CASAS ed i temi del quartiere", In *Fanfani e la casa*, 2002, p. 165.
13 Rapidamente, a UNRRA elaborou alguns projectos de edifícios-tipo a serem realizados nas margens dos aglomerados já existentes. Eram edifícios de construção económica mas dotados de todas as características necessárias que permitiam aos habitantes um teor de vida digno, mesmo que em condições modestas. Idem, p. 164.
14 Adriano Olivetti, "Presentazione", in *L'INA-Casa al IV Congresso nazione di Urbanistica*, 1952, p. 8.











55. Miséria e destruição na *borgata* situada na *Via del Mandrione*, Roma, Janeiro de 1956. **56.** Entrada das tropas aliadas em Roma, *Piazza Vittorio Emmanuele*. Roma, 5 de Junho de 1944. **57.** e **58.** Esventramento da *"Spina di Borgo"*. Abertura da futura *Via della Conciliazione*. Roma, 8 Março de 1937. **59.** *Borgata Lancellotti*, Roma, Agosto de 1957.

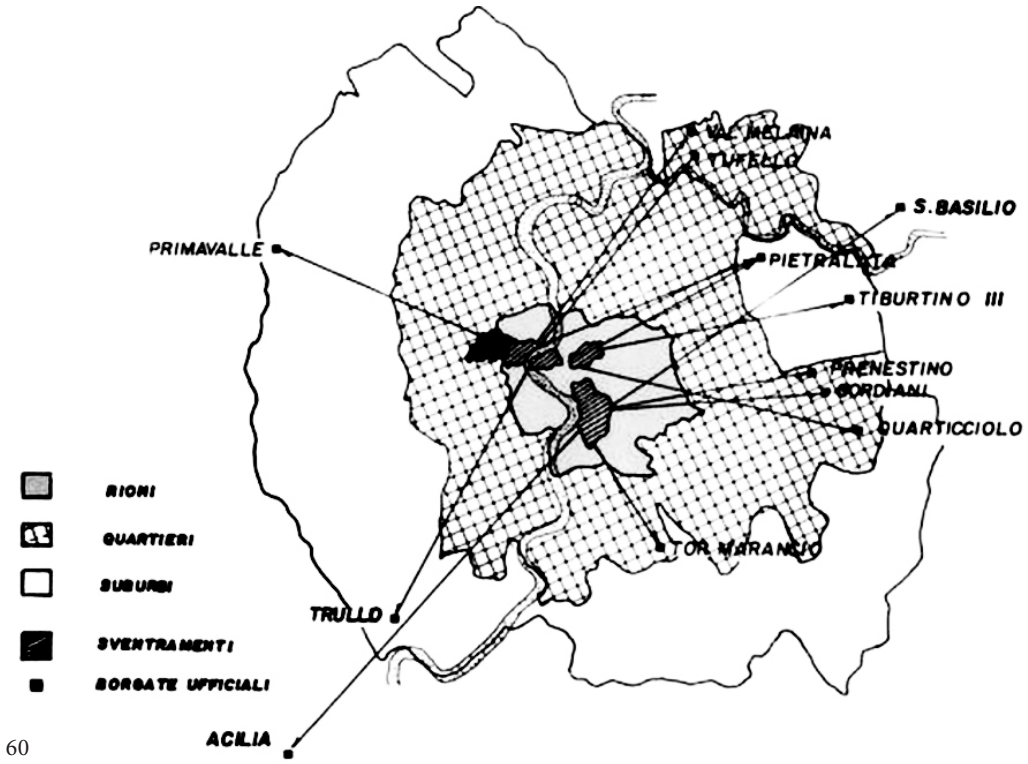
2.2 **ROMA**
A grande reconstrução dos anos '50

Apesar de no fim da segunda guerra mundial, e ao contrário de outras cidades italianas, Roma apresentar um baixo e pouco extenso nível de destruição[15], a necessidade de habitação constituía, ainda assim, um grave problema no panorama geral das problemáticas que afligiam a capital nos primeiros anos após a guerra.

Durante este conflito, o fluxo migratório em Roma não só não reduziu[16], como a população nos anos sucessivos continuou em constante crescimento[17]. Entre 1951 e 1971, a população romana aumentou mais de um milhão. As razões desta expansão demográfica devem-se, não só à tendência migratória que caracterizou a Itália do pós-guerra - em que a população deixava os pequenos centros citadinos e aldeias para se deslocar para as grandes cidades tais como Torino, Milão e Roma[18] - mas também à presença do Papa e à garantia de "*città aperta*"[19].

A rápida transformação demográfica de Roma condicionou fortemente, pela negativa, o desenvolvimento urbano da cidade. Nos primeiros anos após a guerra, a necessidade de habitação por parte dos imigrantes recém-chegados, agravava ainda mais a problemática da falta de casa, que já tinha tido início por volta dos anos '30[20]. Os bairros sociais e as *borgate (fig. 59)*, construídas pelo governo para as famílias desalojadas provenientes, em grande parte, do centro da cidade destruído devido aos "*sventramenti fascisti*"[21] *(figs. 57 e 58)*, não eram suficientes para colmar as necessidades habitacionais existentes que afligiam as camadas sociais mais baixas[22]. As condições sociais das mesmas eram péssimas e as habitacionais catastróficas[23]. *(fig. 55)*

15 Os danos causados pelos bombardeamentos concentraram-se apenas a Este da cidade, perto das escavações ferroviárias. As zonas principalmente afetadas foram o bairro de San Lorenzo, Prenestino, Tuscolano e Casilino. Paolo Avarello, "L'urbanizzazione", in *Roma del Duemila*, 1999, p. 159.
16 Idem, p. 160.
17 Se em 1951 eram 1.651.393 os habitantes residentes na capital, em 1961 a população atingiu e superou os 2 milhões (o valor exato era de 2.187.682 habitantes). Antonio Gollini, "La popolazione", in *Roma del Duemila*, 1999, p. 122.
18 Em Roma, os imigrantes provenientes do Sul de Itália constituíam uma grande percentagem da população que entrou e se estabelecia na cidade. No entanto, era do Lazio que provinham o maior número dos imigrantes. Vittorio Vidotto, *Roma Contemporanea*, 2006, p. 278 - 279.
19 Entrevista áudio a Giorgio Muratore. 12.10.2016
20 Este período é marcado por uma arquitectura com preocupações de âmbito social e tinham como premissas promover a consciência do valor das camadas populares para manter a resistência face ao fascismo, a necessidade de união entre "os mestres" da arquitectura italiana nos anos '20 e '30 e a defesa do conceito de cidade como espaço colectivo e de expressão livre, que resulta num património cultural. Carlo Pucci, "Il bisogno di abitare", in La Metropoli Spontanea: Il caso di Roma, 1983, p. 343.
21 Nos principais centros citadinos, como no caso da capital italiana, os esventramentos fascistas foram vários e pouco pouparam. As *borgate*, erigidas para os desalojados que tinham perdido a casa com as demolições, eram construídas em zonas periféricas da cidade onde os custos dos terrenos eram muito reduzidos. Em Roma, com o início da guerra e com o progressivo crescimento demográfico, as *borgate* – tais como Gordiani, Tor Marancia, Prenestino, Pietralata, Primavalle, Quarticciolo, Tiburtino III, San Basilio - tornaram-se autênticos arrabaldes de gente desfavorecida, mostrando claramente a todos as consequência das demolições fascistas. A escassa relação com a cidade e o seu isolamento topográfico e social, determinaram a miséria urbana destes subúrbios. Os motivos desta miséria foram os mesmos pelos quais estes nasceram: *"il convergere di interessi economici, politici, social sulla disorganizzazione della periferia urbana."* Italo Insolera, op. cit., p. 140.
22 Alusão ao filme *Brutti, Sporchi e Cattivi,* realizado por Ettore Scola, que retrata a dura realidade de uma família que coabita em Monte Ciocci, uma das *borgate* da periferia romana, espelhando a miséria, moral e material, da gente que habitava nestas barracas.
23 Sobre as *borgate* romanas, *"(...) è un linguaggio che è indice di contatti assai limitati con la realtà cittadina, che rimane per la gran parte lontana, poco accessibile, un linguaggio che si basa su slogan e luoghi comuni, che con la loro genericità favoriscono un modo di esprimersi approssimativo e banale."* Giovanni Berlinguer e Piero Della Seta, *Borgate di Roma*, 1976, p. 324. Ver também Franco Ferrarotti, *Roma da capitale a periferia*, 1970.



60



61



62



63

60. Principais *Borgate* e Esventramentos Fascistas. Roma 1925-1944. **61.** Mario de Renzi, Saverio Muratori. *"Il Boomerang"* do Bairro Tuscolano, 1952. **62.** Construções intensivas periféricas. *Viale Marconi*, 1965. **63.** *Borgata espontânea* Colle Mentuccia, 1965.

A construção das habitações sociais - que ficavam normalmente a cargo de entidades públicas financiadas pelo estado[24] - foram construídas sob pressão e sem respeitar qualquer tipo de plano urbanístico, dando aso a uma expansão "*a macchia d'olio*"[25]. A única preocupação, era a de construir o maior número de habitações no menor tempo possível, criando uma rede contínua de blocos residenciais *(fig. 62)* que cobria *"(…) totalmente e ininterrottamente chilometri di nuove strade tracciate con l'unico scopo di consentire dovunque e comunque, il massimo sfruttamento*"[26]. Foi desta forma, desorganizada e desregulada, que a cidade cresceu, sem um plano preciso e eficaz que fosse capaz de compreender e solucionar os verdadeiros problemas urbanísticos da cidade.[27]

Desta forma, a construção de aglomerados residenciais na periferia da capital surgiu de maneira caótica, e a inexistência de um plano regulador eficaz[28] agravou ainda mais a situação. A única entidade que foi capaz de atingir resultados orgânicos e bem coordenados, mediante as numerosas intervenções realizadas em todo o território italiano, foi a INA-Casa que, ao contrário de outras entidades públicas, apresentava-se como um "*un organismo finanziariamente forte, in grado di avviare una politica edilizia su vasta scala*"[29]. Em Roma os complexos realizados durante os 14 anos de actuação do plano são vários: no primeiro septénio são realizados os bairros: Stella Polare em Ostia (1949-1954), Valco San Paolo (1949-1952), Tiburtino (1950-1954), e Tuscolano (1950-1956). Ao segundo septénio pertencem os núcleos habitacionais: Ponte Mammolo, Acilia, Colle di Mezzo e Torre Spaccata[30].

Os parágrafos que se seguem reconstroem, de maneira mais detalhada, aquele por muitos considerado - pelo motor económico que foi posto em movimento, pelo vasto território que abrangeu, pelo intuito de encontrar equilíbrio entre quantidade, qualidade e economia das construções e pelos seus desenvolvimentos significativos no campo técnico, arquitectónico e urbanístico - "*l'Ente pilota nel campo dell'edilizia popolare*"[31].

24 Nos anos '50, 85% das habitações construídas em Roma pertenciam ao sector privado e apenas 15% ao sector público. As habitações realizadas por entidades públicas, como IACP, INCIS e UNRRA-CASA, eram fruto de intervenções limitadas e não coordenadas entre si, ditadas por exigências de carácter urgente. Alberto Clementi e Francesco Perego, "Un'interpretazione della periferia moderna", In *La Metropoli spontanea: Il caso di Roma,* 1983, p. 217-248.
25 Italo Insolera, op. cit., p. 122.
26 Idem, p. 121.
27 O plano urbanístico de Roma, criado em 1931, era muito flexível, não possuíndo leis claras e precisas. Era um plano que servia de suporte a várias variantes e excepções, que foram surgindo com os anos, o que tornou a administração urbanística de Roma um autêntico caos. Marco de Nicolò, "I problemi della città, le scelte capitoline", in *Roma del Duemila*, 1999, p. 103. Ver também Vittorio Vidotto e Giovanni Sabbatucci, *Storia d'Italia*, 2004, p. 28.
28 A discussão de um novo plano regulador para a cidade de Roma começou já a partir do início dos anos '50, mas apenas foi definitivamente aprovado em 1965, quanto já grande parte da periferia estava em notório desenvolvimento. Vittorio Vidotto, op. cit., p. 296 - 298.
29 Italo Insolera, op. cit., p. 190.
30 Margherita Guccione, Maria Sagarra Lagunes, Rosalia Vittorini, *Guida ai quartieri romani INA-Casa*, 2002.
31 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-Casa", op. cit., p. 189.


INACASA
INACASA
INA CASA
INACASA
INACASA
INA CASA
Ina casa
INACASA
INACASA
INACASA
INA CASA
INA CASA
INACASA
ina casa
INA CASA
INACASA
INA·CASA
INA CASA
INACASA
INA CASA
INA CASA
INACASA
INACASA
INA CASA
INACASA
INA CASA
INA CASA
INACASA
INA CASA
INA CASA
Ina casa
INACASA
INACASA
INACASA
INA·CASA
INA CASA
INACASA
ina casa
INA CASA
INACASA
INA CASA
INA CASA
INACASA
INA CASA
INA CASA

2.3 **O PLANO INA-CASA**

"combattere la disoccupazione costruendo case"[32]

A 28 de Fevereiro de 1949, após um procedimento legislativo muito discutido, iniciado já em Julho do ano precedente, foi aprovada a lei nº 43, "*Provvedimenti per incrementare l'occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori*"[33], promovida e sustentada por Amintore Fanfani, Ministro do Trabalho e da Providência Social do Governo De Gasperi. O Plano INA-Casa, também conhecido por Plano Fanfani, tinha como finalidade dar vida a um sistema orgânico que visava atingir um duplo objectivo: enfrentar a grave crise habitacional, com a qual se deparava a Itália, através da construção de habitações, contribuindo, desta forma, para a redução do desemprego[34]. Por outras palavras, melhorar a economia através do aumento de postos de trabalho "*costruendo case per chi non ne ha*"[35], funcionando como um dispositivo de caridade institucionalizada a nível nacional, através de uma comparticipação solidária, por parte de todas as classes sociais para com os mais necessitados[36]. Um gesto de generosidade de milhões de trabalhadores que abdicam – como indicado nos cartazes de propaganda da INA-Casa – do equivalente a um cigarro por dia para ajudar os seus colegas mais desfavorecidos, como evidencia Adalberto Libera, "*il per cento che l'operaio toglie dalla sua retribuzione per darla al disoccupato è l'elemento profondamente umano del piano INA-Casa.*"[37]

O ministro Fanfani - "*preparato ad una consuetudine di carità con i poveri*"[38] - mesmo reconhecendo, a propósito do imposto forçado, que se tratava de um sacrifício para os trabalhadores, defendia que era um sacrifício necessário do ponto de vista económico. Apenas desta forma seria possível reeducar a economia italiana. A selecção dos residentes para os bairros INA-Casa, que numa primeira fase era feita através de sorteio, mais tarde é efectuada através de "*una scala di punteggio in base a elementi obiettivi e incontestabili*"[39].

"*La concezione del Piano è partita dalla visione del disagio di tante migliaia di disoccupati colpiti, non solo nel fisico per la mancanza del pane quotidiano, ma anche nello spirito perché privati del lavoro come completamento della propria personalità.*"[40] Assim escreveu Filiberto Guala, presidente do *Comitato di Attuazione* da INA-Casa, num artigo publicado na revista *Civitas* em Setembro de 1951. Como explica Paolo Nicoloso em *Genealogie del piano Fanfani*[41], o plano tinha diversas matrizes, baseadas todas elas em propostas já anteriores sobre o tema da habitação social. De facto, foram recuperadas as propostas quer de Annettto Puggioni, Director Geral da INA em Dezembro de 1946[42], quer as propostas de Pietro Bottoni, explícitas no seu ensaio "*La casa a chi lavora*"

32 Fabrizio Bottini, "Gli obiettivi sociali: un'alfabetizzazione alla modernità", in *La Grande Ricostruzione,* 2010, p. 69.
33 Legge nº 43 del 28 febbraio 1949, art.11, *Provvedimenti per incrementare l'occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori.* Artigo disponível online em http://www.gazzettaufficiale.it/eli/id/1949/03/07/049U0043/sg.
34 Paola Di Biagi, "La città pubblica e l'INA-Casa", op. cit., p. 21.
35 Paolo Nicoloso, "Genealogie del piano Fanfani. 1939-50", in *La Grande Ricostruzione,* 2010, p. 49.
36 A lei estabelecia que o plano fosse financiado por um sistema misto no qual deveriam participar o estado, os empreendedores e os trabalhadores através de um pequeno imposto mensal. Todos os trabalhadores contribuíam para a realização de um bem primário, que apenas alguns poderiam usufruir. Tanto o trabalhador, como o empregador, eram chamados para financiar o plano – com uma redução de 0.60% nos salários mensais dos trabalhadores, e de 1,20% nos salários mensais dos empregadores – juntamente com o estado, a favor do cidadão desempregado ou desprovido de um alojamento em condições. Luigi Beretta Anguissola, "La macchina del Piano", in *I 14 anni del Piano INA-Casa*, 1963, p. 10.
37 Adalberto Libera, "La Scala del Quartiere Residenziale", in *Esperienze Urbanistiche in Italia*, 1952, p. 131.
38 Filiberto Guala, "Impostazione e Caratteristiche Funzionali del Piano Fanfani", in *Civitas*, 1951, p. 30.
39 Luigi Beretta Anguissola, "I diretti beneficiari del Piano", op. cit., p. 110.
40 Filiberto Guala, "Impostazione e Caratteristiche Funzionali del Piano Fanfani", op. cit., p. 30.
41 Paolo Nicoloso, "Genealogie del piano Fanfani. 1939-50", op. cit., p. 50.
42 Ibidem.

















65. Bloco residencial com 10 fogos. Udine, Friuli 1953. **66.** Construção do *Quartiere di Santa Barbara*. L'Aquila, 1953. **67.** Arnaldo Foschini, presidente da administração da INA-Casa, na inauguração de uma obra. **68.** Cartaz indicativo dos bairros INA-Casa. Ancona, 1950. **69.** Construção do *Quartiere Commenda*. Rovigo, 1957. **70.** Amintore Fanfani. Milão 1948. **71.** Construção do *Quartiere Commenda*. Rovigo, 1957. **72.** Visita de Amintore Fanfani a um bairro INA-Casa.

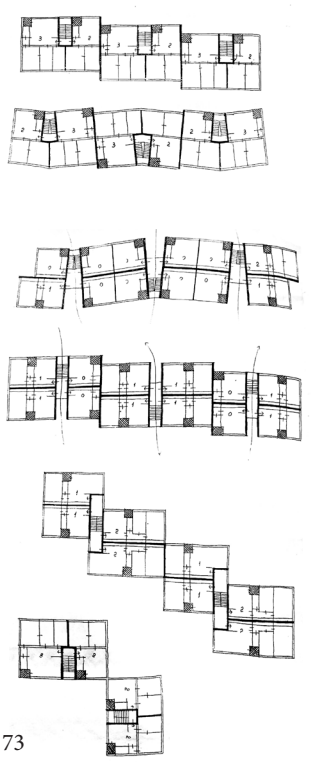
em 1945[43]. Respectivamente às soluções precedentes, o Plano Fanfani tinha um outro objectivo: "*incrementare, in un momento particolarmente delicato e difficile del dopoguerra, l'occupazione operaia sia direttamente, utilizzando nei cantieri de forze disponibili del settore edilizio, sia indirettamente, stimolando con questo nuovo intervento le altre attività di lavoro del paese.*"[44]

A construção de novas casas envolveu, de facto, um grande número não só de arquitectos, engenheiros e topógrafos mas também de empresas de construção, trabalhadores e técnicos. Foi desta forma que o programa de reconstrução conseguiu recuperar a economia do país. Na base desta concepção estava também a ideia de que a economia devia ser regulada pela política, e que esta devia ser inspirada pela ética cristã. De facto, a originalidade do plano *"sta nel collocare la dimensione economica dentro un orizzonte più ampio, in cui la lotta per combattere la disoccupazione è riconducibile a una visione cristiana di soccorso ai poveri.*"[45] Fanfani, numa entrevista lançada em 1957, indicou que para atingir a finalidade principal do plano, ou seja, reduzir o desemprego, achou sensato direccionar-se à construção residencial visto que "*per condizioni tradizionali, esse sono le più capaci a fungere da volano per il sistema economico*"[46]. De facto, investindo no sector da construção, conseguiram aumentar o número de postos de trabalho, quer de forma directa, quer de forma indirecta, incentivando a produção em outros relevantes sectores de actividade.

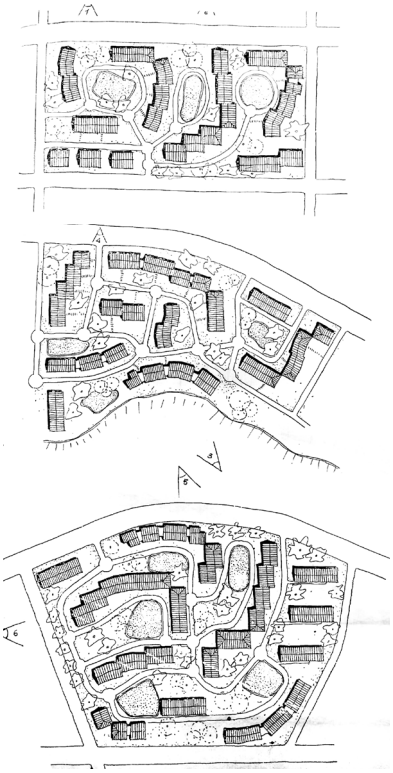
| configuração e organização

A estrutura prevista pela lei, promulgada em Fevereiro de '49 para a realização do plano, era inspirada num critério que tendia à máxima simplificação. A Organização Nacional INA-Casa[47], instituída de propósito pela INA para pôr em acção o plano, era composta por 2 órgãos fundamentais: o *Comitato di Attuazione*, órgão normativo e deliberativo "*che emanava le norme, distribuiva i fondi e gli incarichi, svolgeva una vigilanza generale*"[48] gerido por Filiberto Guala[49]; e a *Gestione INA-Casa*, que coordenava os aspectos arquitectónicos e urbanísticos do plano, escolhia os profissionais responsáveis pelos projectos, estabelecia os contratos, dirigia e supervisionava as obras, efectuava os pagamentos e distribuía os alojamentos. Para o mesmo foi nomeado Arnaldo Foschini[50]. Dentro da estrutura da organização foi também instituído o *Ufficio Architettura*, coordenado até 1952 por Adalberto Libera, ao qual foi delegado o controlo de todos os projectos[51].

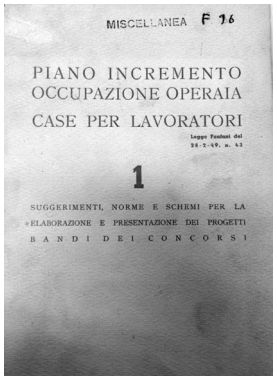
43 Tanto a proposta de Puggioni como a de Bottoni, intervinham no sector construtivo, propondo um plano para a construção de alojamentos. O projecto de Puggioni de 1947, previa a recolha de impostos aos trabalhadores e com os mesmos construir alojamentos que seriam entregues aos adjudicatários após 25 anos. Já Bottoni em 1941, num artigo publicado na revista DOMUS, defendia que as casas deveriam ser construídas através da criação do *Istituto Nazionale di Assicurazione Sociale per la Casa*, sustentado pelos trabalhadores (25%), empregadores (25%) e pelo estado (50%). Relativamente ao plano de Puggioni, Fanfani introduziu o concurso obrigatório, a encargo dos trabalhadores e dos empregadores, e a distribuição das casas por sorteio. Já ao plano de Bottoni, a maior diferença estava no alugar os alojamentos com contracto de futura compra. Idem, p. 51.
44 Luigi Beretta Anguissola, "La macchina del Piano", op. cit., 1963, p. 8.
45 Para aprofundamento da questão consultar Paolo Nicoloso, "Genealogie del piano Fanfani. 1939-50", op. cit., p. 33 - 62.
46 Amintore Fanfani, "Intervista ad Amintore Fanfani", in *Architettura-Cantiere*, 1957, p. 3.
47 Organização criada que pertencia à INA, mas usufruía da sua própria autonomia. Luigi Beretta Anguissola, "La struttura organizzativa", op. cit., 1963, p. 12.
48 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 12.
49 Filiberto Guala era já um conhecido de Fanfani quando foi chamado ao cargo. Formado em engenharia no Politécnico de Torino em 1929, ex-partidário, manager público e ligado ao grupo de católicos de esquerda, deixou o encargo em 1960 e entrou na *Ordine dei Frati Trappisti*. Maria Luisa-Lucia Sergio, "Le organizzazioni economiche e la società civile", In *Fanfani e la casa*, 2002, p. 40.
50 Docente e Presidente da Faculdade de Arquitectura de Roma, membro principal da chamada *"scuola romana",* dirigiu várias associações de arquitectos, ganhando notoriedade e desempenhando um papel importante na realização e gestão do plano INA-Casa. Paolo Nicoloso, "Gli architetti: il rilancio di una professione", op. cit., p. 87.
51 Ver *Anexo III:* Correspondência entre Adalberto Libera e Mario Ridolfi sobre os estabelecimentos comerciais do bairro Tiburtino. Accademia Nazionale di San Luca. Fondo Mario Ridolfi, 21 de Dezembro de 1951.

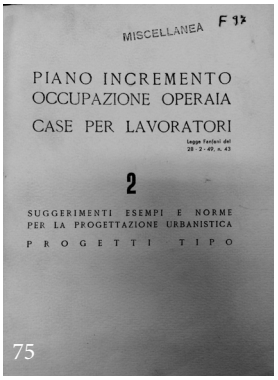


73

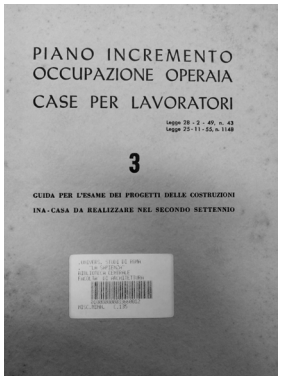


74



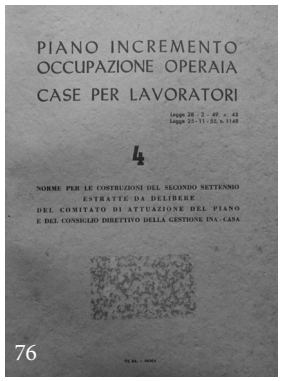


75

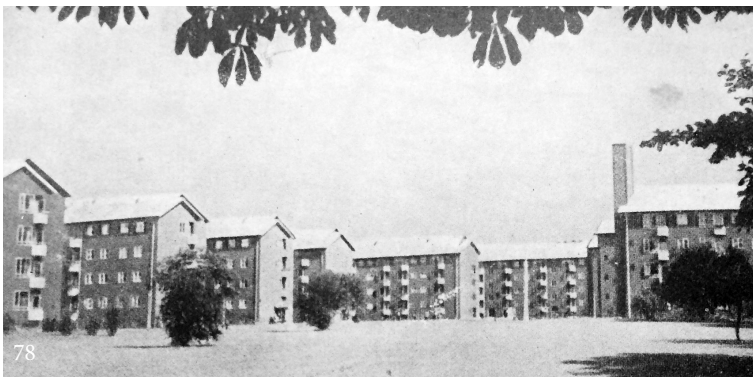




77



76



78

73. e **74.** e **77.** Sequência de esquemas planimétricos apresentados no fascículo *Piano Incremento occupazione operaia. Case per lavoratori, Vol. 2. Suggerimenti, esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo,* 1950. Plantas das habitações, as suas possíveis agregações, estudo das fachadas e vistas de um projecto experimental com edifícios com duas habitações por andar. **75.** e **76.** Capas dos fascículos elaborados pela INA-Casa, os 2 primeiros em Outubro de 1949 e Dezembro de 1950 relativos ao primeiro septénio, e os segundos em Janeiro de 1956 relativos ao segundo septénio. **78.** A interpretação dada ao bairro INA-Casa teve uma grande influência nos modelos neo-empiristas dos bairros escandinavos. Bairro Residencial construído em *Sudparken*, Copenhaga 1949, tido como um exemplo a seguir pelos fascículos INA-Casa.

Esta colaboração, práctica e rentável, da administração com arquitectos e engenheiros foi, pela primeira vez, eficaz em Itália. Os arquitectos encarregados pela elaboração dos projectos, eram escolhidos através de concursos públicos[52], nos quais apresentavam projectos-tipo para habitações de baixo custo. No *IV Congresso Nazionale di Urbanistica*, organizado em Veneza em 1952, Bruno Zevi, a propósito da questão, atribui o mérito ao plano INA-Casa por ter conseguido entender que os problemas da reconstrução do pós-guerra, incluindo os da habitação social, podiam ser resolvidos apenas de uma forma, *"escolhendo os arquitectos"*[53].

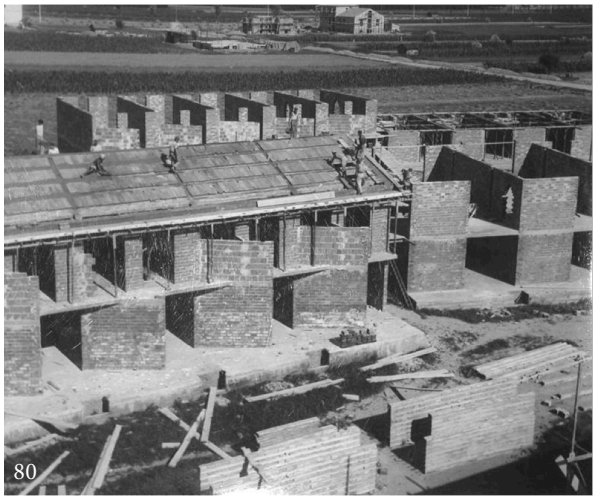
O Plano Fanfani era composto por um vasto leque normativo, programado à escala nacional, estruturado em 4 fascículos publicados pela INA-Casa *(figs. 75 e 76)*, que serviam de guia para orientar a realização dos bairros[54]. Nestes pequenos manuais, eram fornecidas sugestões desde a escolha do terreno à elaboração dos projectos *(figs. 73, 74 e 77)*, incluindo algumas considerações sobre como deveriam ser usados os espaços, que serão explicítas mais à frente. Os arquitectos, eram direccionados a projectar "*alloggi sani e accoglienti, tali da contribuire ad elevare il livello sociale dei lavoratori che li avrebbero abitati.*"[55]

A construção dos alojamentos era condicionada por rigorosos critérios económicos. O custo de uma habitação não deveria superar as 4.000.000 libras, incluindo as despesas de aquisição dos terrenos. Além disso o plano exigia, independentemente da contenção de custos, que fosse garantida a realização de complexos habitacionais que tivessem qualidade e dessem a possibilidade, a cada família, de viver serenamente na sua própria casa. Conciliar a quantidade com a qualidade, isto é, "*la necessità di costruire il più possibile, mantenendo i costi entro limiti prefissati e realizzare alloggi idonei allo sviluppo delle migliori condizioni di vita*"[56] foi um dos temas centrais durante todo o período de actuação do Piano Fanfani.

Embora ainda fosse novidade no panorama geral da habitação social, o Plano Fanfani fundava-se no princípio da igualdade social, já dentro do sistema de *welfare state italiano,* cujas *"prestazioni ed i programmi sono calibrati sulla base dello "status" acquisito dall'indivíduo tramite la partecipazione al mercato di lavoro"*[57]. Isto é, só quem trabalhava e exercia o seu dever para com a sociedade, podia fazer

52 Estes concursos serviam, não só para promover o estudo de várias soluções arquitectónicas para a concretização do plano, mas também para dar a conhecer profissionais capazes de resolver os problemas da habitação social, assim como oferecer uma ampla variedade de escolha de soluções tipológicas. Em 1951, o álbum dos *"professionisti di fiducia"* integrava mais de 1 300 projectistas, entre arquitectos e engenheiros. A participação de arquitectos de renome também contribuiu para uma benéfica difusão do plano e da cultura arquitectónica, em sectores profissionais e administrativos mais periféricos e menos actualizados. Renato Bonelli, "Progettazione integrata dei nuovi quartieri per lavoratori", in *Nuove esperienze urbanistiche in Italia*, 1956, p. 294.
53 Bruno Zevi, "L'architettura dell'INA-Casa", in *L'INA-Casa al IV Congresso Nazionale di Urbanistica*, 1952, p. 12.
54 Para que o "mecanismo" do Plano prosseguisse rapidamente, sem atrasos e problemas, a entidade teve que ser rigorosa e empenhou-se na preparação destes fascículos INA-Casa, elaborando 4 no total, 2 para o primeiro septénio e outros 2 para o segundo. O primeiro fascículo foi criado em 1949 e o segundo em 1950, dedicados principalmente às características técnicas dos edifícios e dos alojamentos (*Suggerimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti e Suggerimenti, Esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti Tipo*). Os outros 2, criados em 1956, davam mais atenção ao projecto urbanístico do bairro (*Guida per l'esame dei progetti delle costruzione INA-Casa da realizzare nel secondo settennio e Norme per le costruzioni del secondo settennio estratte da delibere del Comitato di Attuazione del Piano e del Consiglio direttivo della Gestione INA-Casa*). Não era imposto nenhum modelo arquitectónico particular, pelo contrário, descartavam-se as soluções-tipo e a pré-fabricação. O objectivo era valorizar as tradições locais e regionais, e exaltar a individualidade das propostas. Davam-se conselhos, propondo projectos e esquemas tipológicos livremente interpretáveis pelos arquitectos. Estes úlimos eram escolhidos por concurso público. In Piano incremento occupazione operaia case per lavoratori. "Bandi dei Concorsi", in *1. Suggerimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti,* 1949.
55 As sondagens e questionários realizados àqueles que seriam os futuros residentes, foram bastante importantes, não só com o intuito de compreender as expectativas, as exigências funcionais, estéticas e ambientais mas também as preferências tipológicas, a distribuição dos alojamentos, a altura das divisões e a organização das áreas comuns. Estes levantamentos, juntamente com um rigoroso trabalho de campo e várias pesquisas no âmbito urbanístico e arquitectónico, serviram de auxílio para orientar os projectos e para a elaboração dos 4 fascículos. Gio Parenti, "Il Piano Fanfani per le case ai lavoratoti", in *Italiani nel mondo*, 1951.
56 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-Casa", op. cit., p. 174.
57 Fiorenzo Girotti, *Welfare state. Storia, modelli e crítica*, 2005, p. 271.



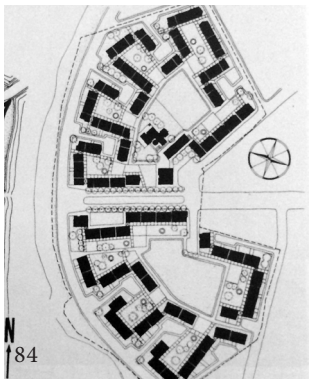














79. Barco, Ferrara. Pierluigi Giordani e Pier Maria Lugli 1956-1959. **80.** Cesate, Milano. Ignazio Gardella, 1951-1957. **81.** Forte di Quezzi, Genova. Luigi Carlo Daneri, 1956-1957. **82.** Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955. **83.** Forte di Quezzi, Genova. Luigi Carlo Daneri, 1956-1957. **84.** Via Campana, Rimini. Sergio Lenci e Piero Maria Lugli, 1949-1956. **85.** Rosta Nuova, Reggio Emilia. Franco Albini, 1956-1961. **86.** Spine Bianche, Genova. Giancarlo De Carlo, 1955-1956.

parte do sistema e usufruir de um dos alojamentos INA-Casa, sendo excluídas deste plano todas as classes sociais mais desfavorecidas, tais como desempregados, trabalhadores irregulares e reformados. Um outro factor que contribuiu para orientar o Plano, sempre em termos de *welfare state*, foi o facto da INA-Casa puder beneficiar de várias entidades públicas para a construção dos bairros, responsáveis por efectuar quer os concursos públicos, quer todo o processo de construção dos aglomerados residenciais[58]. A lei estabelecia também que metade dos alojamentos fosse entregue aos trabalhadores com contrato normal de arrendamento e a outra metade com contrato de futura compra. Todos os trabalhadores que prestavam os seus serviços à comunidade e que pagavam, ou tinham pago, as taxas de contribuição para o Plano, podiam concorrer à atribuição dos alojamentos[59]. Os pedidos eram analisados pela comissão e a selecção era feita com base em critérios preestabelecidos pela lei[60].

Quando em 1956, o primeiro septénio do plano terminou, este deveria prosseguir a um ritmo mais reduzido, que seria alimentado apenas pelas quotas de arrendamento pagas pelos residentes. No entanto, devido ao sucesso alcançado, em Novembro de 1955, o plano foi renovado por mais 7 anos: "*questa volta l'approvazione del Parlamento fu rapida ed unanime! Infatti, dopo la felice esperienza compiuta, oggi il piano ha più ammiratori di quanti fossero i detrattori nella fase iniziale*." Assim nos explica Danilo De' Cocci, em *Il Piano Fanfani-Case*, onde evidenciou o sucesso de tal medida que baseado em "*criteri di semplicità, di economia e di praticità, alla prova di tutti si era dimostrato efficiente e pienamente rispondente allo scopo*"[61]. O segundo septénio do plano terminou em Março de 1963, e com ele, foram criadas outras estruturas organizacionais – sendo as principais o *Comitato Centrale* e a GESCAL - às quais foi encarregue uma dupla tarefa: Gerir e tratar da liquidação do vasto património INA-Casa e continuar, desenvolvendo novos métodos, aquela actividade de orientação e estímulo que o Plano Fanfani tinha exercido durante os 14 anos de actuação.

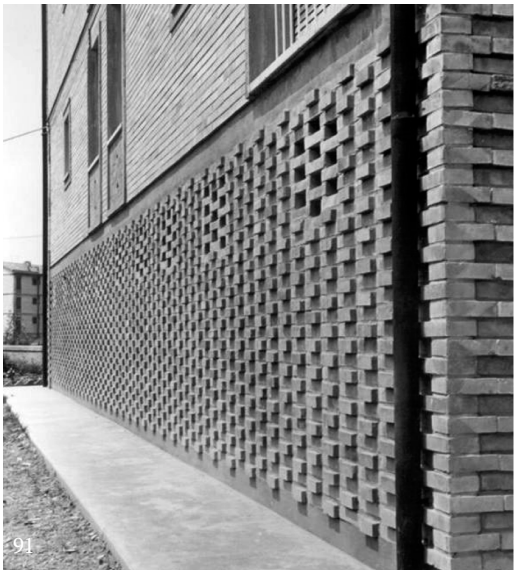
Em 1960, Leonardo Benevolo em *Storia dell'Architettura Moderna*, descrevendo o papel fundamental que o Plano INA-Casa teve na configuração das cidades, deu grande reconhecimento ao mesmo por ter levado a habitação social "*vicino al massimo assoluto che l'architettura italiana era in grado di raggiungere*"[62]. De facto, é inegável que a partir de '49, todas as inovadoras concepções arquitectónicas e urbanísticas, promovidas em Itália pela INA, tenham sido experimentadas em habitação social. Como sintetizou Valerio Mariani: "*la forma architettonica dell'INA-Casa ha saputo interpretare, chiarificare e rendere esteticamente valide le condizioni di un popolo: ciò non vuol dire affatto che le migliaia di edifici ormai costruiti dall'INA-Casa siano capolavori, ma vuol dire, intanto, che all'intellettualismo prezioso e pericoloso di tanta architettura problematica del nostro tempo si è contrapposta una varia, realistica, duttile e spesso felice architettura per il popolo. E questo non è avvenuto attraverso un'imposizione massiccia di un tipo di squallida costruzione utilitaria ma nella libera interpretazione delle esigenze funzionali attraverso il gusto e la fantasia di migliaia di architetti*."[63]

58 As organizações indicadas no despacho-lei de 1949 eram as seguintes: o *Istituto Nazionale di Previdenza Sociale*, o *Istituto Nazionale Case per Impiegati dello Stato*, os *Istituti Autonomi Case Popolari* e outras entidades públicas ou de direito público, as administrações do estado e as cooperativas de produção e de trabalho. Legge nº 43 del 28 Febbraio 1949, art.11, Provvedimenti per incrementare l'occupazione operaia, agevolando la costruzione di case per lavoratori, op. cit.
59 Ver *Anexo VIII*: Pedido escrito para concorrer a uma habitação INA-Casa. Accademia Nazinale di San Luca, Fondo Mario Ridolfi.
60 Esta lei, na versão inicial de 1949 distinguia 7 categorias, em 1951 foram reduzidas a 5. Estas categorias, hierarquizadas pelo grau de necessidade dos habitantes, iam desde as situações mais críticas, como os trabalhadores que não possuíam de todo uma casa, até àquela dos trabalhadores que mesmo em condições precárias ou de sobrelotação/coabitação, possuíam um lar. Para cada uma das categorias eram estabelecidos outros critérios de prioridade, como por exemplo o numero do agregado familiar, a situação económica e possíveis problemas de saúde. Luigi Beretta Anguissola, "Una Giustizia Matematica", op. cit., 1963, p. 425.
61 Danilo De'Cocci, *Il Piano Fanfani-Case*, 1958, p. 95.
62 Leonardo Benevolo, *Storia dell'Architettura moderna*, 2010, p. 787.
63 Valerio Mariani, *Coscienza dell'abitare*, 1955.



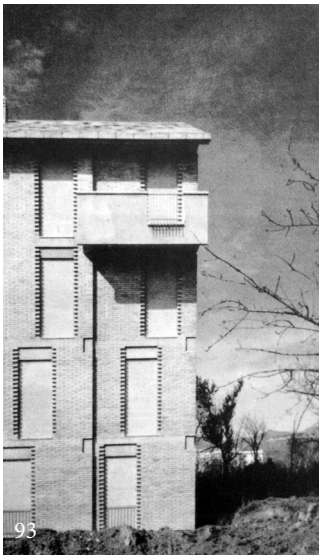












87. Tiburtino, Roma. Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni, 1949-1953. **88.** Ravenna, Trieste. Giovanni Gandolfi, 1949-1963. **89.** San Marco, Venezia. Giuseppe Samonà e Luigi Piccinato, 1951-1961. **90.** Alberobello, Bari. Robert Venturi, 1952-1956. **91.** Barco, Ferrara. Pierluigi Giordani e Pier Maria Lugli 1956-1959. **92.** Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955. **93**. Pastena, Salerno. Bruno Zevi, 1958-1963.

2.3.1 **UNIFICAÇÃO SEM INDUSTRIALIZAÇÃO**

"Esiste e resiste, in queste costruzioni, un rapporto personale che salva dal silenzio e dall'indifferenza."[64]

No campo do planeamento urbano, pode-se afirmar que um dos principais resultados do plano foi o início de uma precisa e importante actividade urbanística que abrangeu, de forma mais ou menos uniforme, todo o país. Os urbanistas italianos, ainda muito desiludidos com o rumo dos planos de reconstrução do pós-guerra[65], exprimiram ao início as suas dúvidas para com o Plano INA-Casa. Neste vasto programa de novos bairros, promovidos pelo estado, arquitectos e urbanistas viram a possibilidade de trabalhar no desenvolvimento urbano e na forma física e social da cidade. O programa INA-Casa parecia ser a primeira ocasião para realizar uma "*grande ricostruzione*"[66], e a execução de bairros auto-suficientes útil para modelar o disforme crescimento que se ia alargando no território italiano[67].

Desde o início, o Plano INA-Casa mostrou interesse em formular critérios de configuração dos novos complexos habitacionais através dos 4, já mencionados, fascículos. Estes, desafiavam os arquitectos a estudarem as características construtivas locais, os modos de vida dos habitantes, o clima, os materiais típicos, a aproveitar as peculiaridades topográficas, os recursos paisagísticos, as zonas verdes existentes, de forma a determinarem um programa arquitectónico mais orgânico e personalizado[68]. Analisando estes fascículos, evidencia-se a preocupação, por parte da organização, em realizar bairros autónomos, independentes principalmente no que toca aos serviços primários mas que fossem também funcionais no atingir *"una struttura che potesse stabilire, cementare, accrescere, fra gli abitanti del quartiere prima, e della città poi, una comunione fraterna di vita."*[69] Por outras palavras, estava presente a convicção de que o indivíduo, a casa, o bairro e a cidade estivessem interligados pelos mesmos ideais baseados na vida em comunidade, guiada pelos valores do cristianismo, e na criação de um complexo harmonioso e sereno, de forma a transmiti-lo para as gerações futuras[70].

Foi Adalberto Libera que, juntamente com Mario Ridolfi, estruturou o segundo fascículo publicado pela *Gestione INA-Casa* em 1950[71], onde estavam presentes as normas para o projecto urbanístico dos complexos a serem realizados[72]. Os arquitectos eram encorajados a criar núcleos residenciais que não ultrapassassem os 500 habitantes por hectare e que fossem inseridos no território da forma mais natural possível. Isto é, em lugares acolhedores dotados de vegetação e de espaços que favorecessem o convívio humano, criando *"(...) composizioni urbanistiche varie, mosse e articolate,*

64 Federico Gorio, "Esperienza di architettura al Tiburtino", in *Casabella*, nº215, 1957, p. 34.
65 Rumos definidos como *"un susseguirsi di occasioni perdute"*. Giovanni Astengo, "Nuovi Quartieri in Italia", op. cit., p. 9.
66 Alusão à obra de Paola Di Biagi, *La Grande Ricostruzione: Il piano Ina-Casa e l'Italia degli anni cinquanta*, 2010.
67 Ludovico Quaroni, "La Politica del Quartiere", in *Urbanistica*, 1957, p. 7.
68 A particularidade destes fascículos é que mesmo tendo de respeitar as normas, a cada arquitecto era deixada uma cerca liberdade de escolha pessoal, para que cada um deles pudesse deixar a sua própria marca no projecto. Adalberto Libera, "La Scala del Quartiere Residenziale", op. cit., p. 131.
69 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-Casa", op. cit., p. 190.
70 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", op. cit., p. 20.
71 Piano Incremento occupazione operaia. Case per lavoratori, 2. "Progetti tipo", in *Suggerimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica*, 1950, p. 7-8.
72 Para além das recomendações urbanísticas, também eram propostos inúmeros projectos indicados como exemplos a seguir, como aqueles dos países nórdicos, ou a evitar, como aqueles racionalistas do movimento moderno. Eram também fornecidos alguns conselhos sobre como melhorar a qualidade de vida em sociedade e evitar possíveis atritos sociais dentro da comunidade. Piano incremento occupazione operaia. Ibidem.


94


95


96


98


99


97


100

94. Harrar, Milano. Gio Ponti e Piero Bottoni, 1950-1955. **95.** Cerignola, Foggia. Mario Ridolfi e Frankl Wolfgang, 1950-1951. **96.** Pistoia. Mario Paniconi e Giulio Pediconi, 1950-1955. **97.** La Palma, Cagliari. Enrico Mandolesi, 1957-1963. **98.** Cesate, Milano. Franco Albini e Ignazio Gardella, 1951-1957. **99.** Infantário projectado por Giuseppe Vaccaro no bairro Galleana II, Piacenza. 1953-1961. **100.** Falchera, Torino. Giovanni Astengo, 1951-1956.

tali da creare ambienti accoglienti e riposanti, con vedute in ogni parte diverse e dotate di bella vegetazione, dove ogni edificio abbia la sua distinta fisionomia, ed ogni uomo ritrovi senza fatica la sua casa e possa sentire riflessa in essa la propria personalità." [73]

Para além de estabelecer critérios que assegurassem a funcionalidade dos complexos habitacionais, o Plano previa também a construção de um certo número de equipamentos e serviços de uso colectivo, necessários para a convivência social - zonas de comércio e escritórios, mercados, infantários e escolas, centros de saúdes, igrejas e espaços de lazer – que dependiam das necessidades e da dimensão dos bairros. "*Non case ma città*"[74], afirmou o ministro La Pira durante a inauguração de um bairro INA-Casa em Florença. De facto, considerado parte de cidade auto-suficiente e completo do ponto de vista morfológico e social, o bairro, com as suas habitações, serviços colectivos e espaços abertos, era proposto como mais de um simples acrescento à cidade existente.

Dos bairros esperava-se a formação de uma comunidade, não só com o melhoramento da qualidade de vida individual e do núcleo familiar, mas também da vida comunitária nos espaços exteriores e nos espaços colectivos. Para além disso, e destacando mais uma vez a atenção dirigida por parte do plano à integração social nos novos aglomerados, foram também instituídos serviços de assistência social. Estes, contavam com profissionais escolhidos pela INA-Casa, que davam apoio aos novos habitantes e os ajudavam a adaptar-se aos novos lares, assumindo um papel crucial na reconstrução social e moral do pós-guerra italiano[75].

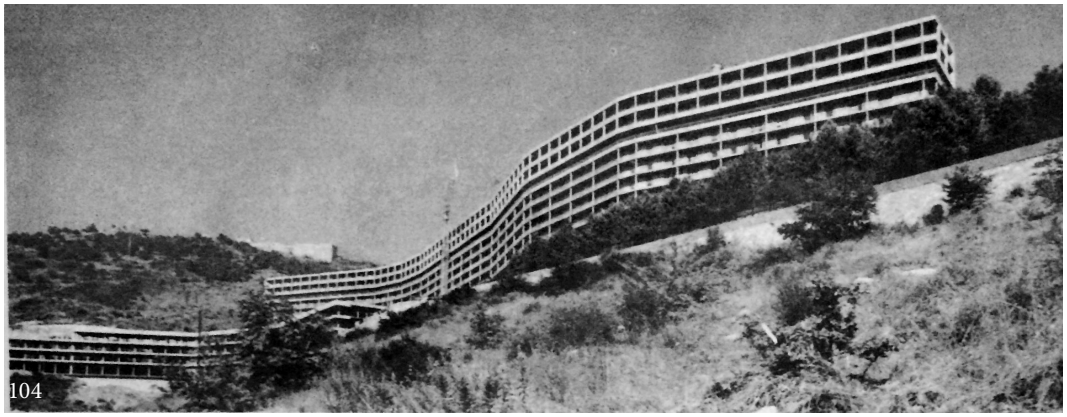
Porém, a questão fundamental que vinha implícita no segundo manual, era a inserção do novo aglomerado no contexto preexistente. Os mesmos deviam adaptar-se ao ambiente em que estavam inseridos, de forma a não criar descontinuidade nem contrastes demasiado fortes[76].
Apesar das influências Anglo-Saxónias que lhes foram transmitidas no fim da segunda guerra mundial – exemplos das *Siedlungen* alemãs e os modelos urbanísticos *Garden City* de Howard e Geddes[77] – a ideia que se andava gradualmente a amadurecer em Itália, também graças ao Plano Fanfani, era a de um bairro orgânico, citando Ludovico Quaroni: *"un luogo in cui si realizza un*

73 Um dos princípios mais importantes para a elaboração destes novos "núcleos urbanos" era aquele de evitar as repetições indefinidas e monótonas do mesmo tipo de habitação. As alturas dos edifícios deviam rondar em média os 4 andares e, além disso, deviam ser respeitadas certas distâncias entre os edifícios para que garantissem, no solestício invernal, uma insolação mínima dos apartamentos dos primeiros andares, assim como deveriam ser evitados, de todo, pátios e terraços internos fechados ou semifechados. A atenção à iluminação natural e à ventilação era também constante. Para cada alojamento, eram exigidas duas exposições solares opostas, estando voltadas a Norte as áreas de serviço. Um dos maiores requisitos solicitados aos arquitectos, era que cada casa tivesse um terraço ou varanda ampla "*per fare da ponte fra l'intimità familiare e la vita di vicinato all'aria aperta, antica consuetudine italiana, tipica della nostra civiltà*". Luigi Beretta Anguissola, "Una Giustizia Matematica", op. cit., p. 58.
74 Giorgio La Pira, "Discorso per l'inaugurazione della nuova città satellite dell'Isolotto", in *La grande Ricostruzione*, 2010, p. 254.
75 O serviço social foi pensado para facilitar, desta forma, a amálgama de pessoas estabelecidas nos novos bairros, estimular as actividades colectivas, oferecer-lhes ocasiões de encontro e analisar as necessidades do bairro. Valerio Mariani, no seu ensaio publicado em *"Coscienza dell'abitare"* salientou o grande contributo prestado pelos Serviços Sociais nos quarteirões INA-Casa: *"l'istituzione di un servizio di assistenza sociale ha facilitando i compiti della vita famigliare e collettiva, fiancheggiando le singole famiglie, accrescendo il senso della responsabilità di fronte alla collettività"*. Valerio Mariani, "Coscienza dell'abitare", in La grande Ricostruzione, 2010, p. 70.
76 O bairro INA-Casa projetado por Ridolfi e Wolfgang para Cerignola, na Puglia - de grande influência para o bairro Tiburtino, como veremos mais à frente – caracteriza-se como um dos principais exemplos atentos a esta questão. Inserindo-se de forma adequada no contexto ambiental onde foi construído, este bairro é um exemplo de uma união feliz entre a inovação e a atenção à envolvente, não só nos seus aspectos físicos mas também humanos. A arquitectura do bairro é simples e austera, e a relação com o lugar concretiza-se através do uso atento da linguagem da tradição local. Sergio Poretti, Tullia Iori, Rosalia Vittorini, Rinaldo Capomolla, Stefania Mornati, Silvano Stucchi, *L'INA-Casa. Il cantiere e la costruzione*, op.cit., p. 23.
77 Sergio Poretti, Tullia Iori, Rosalia Vittorini, Rinaldo Capomolla, Stefania Mornati, Silvano Stucchi, *L'INA-Casa. Il cantiere e la costruzione*, 2000, p. 3.















101. Falchera, Torino. Giovanni Astengo, 1950-1956. **102.** Capri, Napoli. Rosanna Bucchi 1950-1952. **103.** S. Lucia II, Verona, Maurizio Sacripante e Gio Bisoffi, 1957-1962. **104.** Forte di Quezzi, Genova. Luigi Carlo Daneri, 1956-1957. **105.** Cesate, Milano. Franco Albini, Ignazio Gardella, 1951-1957. **106.** Falchera, Torino. O bairro em construção, 1951-1956. **107.** Tiburtino, Roma. Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni, 1949-1953

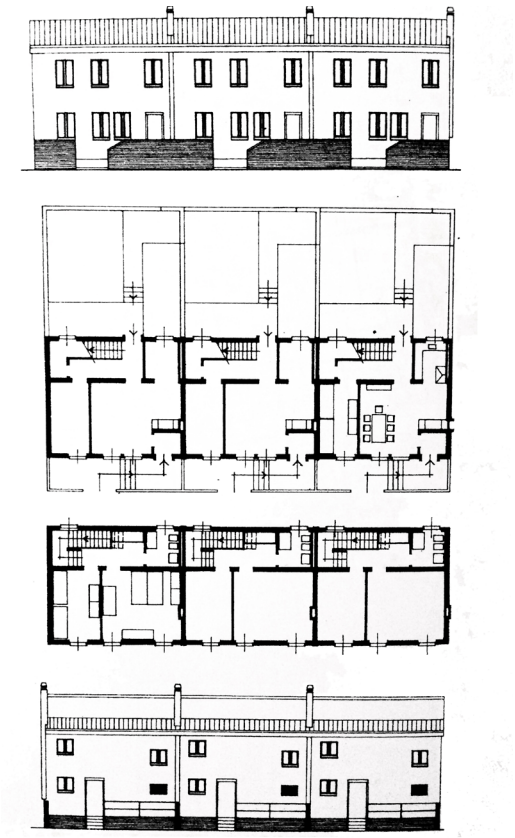
rapporto più diretto e cosciente fra l'ambiente e l'uomo, basato sulla funzione del valore educativo, Sul piano sociale, politico e morale, dell'ambiente di vita; l'idea del vicinato e della comunità, la volontà verso un organismo urbano autosufficiente per i servizi e per la vita economica in generale, nel tempo stesso parte integrante della maggiore costellazione urbana." [78]

Em 1974 Renato De Fusco, em *Storia dell'architettura Contemporanea,* individualizou as duas principais tendências linguísticas consideradas epifenómenos: o neo-realismo e o organicismo. O neo-realismo foi considerada a linguagem da INA-Casa. Isto porque, mesmo que fosse a classe média a usufruir destes bairros, os novos aglomerados foram concebidos e projectados para quem não tinha casa, para os imigrantes provenientes dos meios rurais e os que viviam em grutas e barracas. Dessa forma, foram abandonados os modelos *Siedlungen* e aqueles mais racionalistas projectados precedentemente pelo IACP, e foi pensado um habitat que reproduzisse *"un ambiente da rione operaio cittadino tradizionale o da comunità paesana"*[79].

Os estudos para o projecto destes novos bairros, permitiram à cultura arquitectónica italiana de libertar-se daquele carácter negativo da recente tradição pós-fascista das escolas de arquitectura[80]. Manfredo Tafuri, a propósito do tema, em *Storia dell'architettura italiana*, chama à atenção ao problema linguístico que, apesar de já sentido na Itália dos anos fascistas, emergia ainda sem solução depois da guerra: *"è il confronto con la storia a caratterizzare la ricerca italiana di un nuovo linguaggio"*[81]. Na assimilação entre as componentes racionalistas e orgânicas da linguagem moderna, no Plano Fanfani será a tradição a guiar as escolhas técnicas e formais.

Com o passar do tempo, e com o desenvolvimento dos primeiros aglomerados urbanos de dimensões consideráveis, juntamente com o prolongamento do plano por mais 7 anos, foi necessário actualizar os primeiros fascículos. No seguimento da aprovação da medida de 1955, que adiava o fim do plano para 1963, a INA-Casa publicou mais 2 fascículos, dos quais um abordava especificamente a problemática de como projetar um "bairro social"[82].

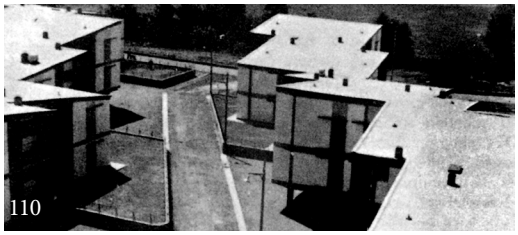
78 Ludovico Quaroni, "La Politica del Quartiere",op. cit., p. 7.
79 Renato De Fusco, *Storia dell'Architettura Contemporanea*, 1974, p. 351.
80 Citando Ludovico Quaroni, *"che non sono affatto strutturate per la preparazione di onesti professionisti i qual non hanno nessuna cultura del tipo umanistico aggiornato, e spesso anzi considerano le loro limitazioni come qualcosa che li distingue e di cui andare orgogliosi"*. Ludovico Quaroni, "La Politica del Quartiere", in *Urbanistica*, op. cit., p. 7.
81 Manfredo Tafuri, *Storia dell'architettura Italiana 1944 - 1985*, 1982, p. 15.
82 Através destes 2 manuais, e após sete anos de experiências prácticas em campo, os órgãos directivos do plano divulgaram algumas recomendações sobre como melhorar a funcionalidade dos novos complexos residenciais. Segundo tais critérios, a escolha das áreas para a construção devia garantir que os novos núcleos fossem inseridos organicamente nas directrizes dos Planos de Desenvolvimento Urbano Municipais garantindo, quando isso não fosse possível, uma ligação infraestrutural adequada com a cidade. Também faziam referencia sobre como usar as áreas destinadas a jardins e parques, e aos espaços não cobertos, que deviam ser projetados de forma a favorecer a socialização dos habitantes.



108



109



110



111



112



113

108. Murano, Venezia. Francesco Bandarin, 1961. **109.** Assisi, Bari. Giuseppe Nicolosi, 1950. **110.** Ponte Mammolo, Roma. Giuseppe Vaccaro, 1957-1962. **111.** Rosta Nuova, Reggio Emilia. 1956-1961. **112.** Bairro Utterslev Mose, Viggo Vold Møller-Jensen. Copenhaga, 1943. **113.** Barco, Ferrara. Pierluigi Giordani e Pier Maria Lugli 1956-1959.

| reinvenção do detalhe tradicional

Analisando os traços originais que caracterizavam o plano – do ponto de vista político, económico, técnico e social – o bairro INA-Casa assumiu uma única e precisa identidade urbanística e arquitectónica. Inédita no âmbito arquitectónico italiano foi, acima de tudo, a interpretação dada ao bairro enquanto modelo de comunidade autónoma, que teve uma grande influência no modelo neo-empirista do bairro escandinavo[83]. *(fig. 112)* No entanto, o elemento fundamental que distinguiu os bairros INA-Casa, foi o papel que estes assumiram no desenvolvimento da cidade. Estes, inseriam-se como excepção nas cidades italianas do séc. XX, que se desenvolviam de maneira não planificada e indiferenciada, com base em mecanismos essencialmente especulativos. Isto é, mecanismos focados no uso privado dos terrenos, que denunciavam a impraticabilidade de uma planificação eficiente do crescimento urbano.

Como já mencionado antes, uma das exigências que mais condicionava o programa era manter o custo das construções dentro de limites preestabelecidos, conferindo no entanto aos edifícios, um aspecto digno que permitisse realizar alojamentos funcionais e adequadamente equipados, de forma a que parecessem construções de nível superior.

Os projectos INA-Casa, caracterizados pelo uso de mão-de-obra não especializada e técnicas construtivas tradicionais, excluíram por completo as experimentações sobre a pré-fabricação e o uso de novas tecnologias construtivas, embora tenha sido utilizado o betão armado[84]. O léxico vernacular caracterizou grande parte dos primeiros aglomerados, principalmente nas pequenas localidades periféricas, do ponto de vista cultural e geográfico, e nos bairros de dimensão mais reduzida. Foram utilizados, portanto, alguns elementos e materiais construtivos da arquitectura vernacular italiana, *"laddove l'edilizia popolare ha una fisionomia forte e caratterizzata."*[85]

Os métodos de construção INA-Casa diferiam dos modelos internacionais onde a construção do edifício moderno baseava-se principalmente em dois elementos: o esqueleto de suporte e a desmaterialização da parede[86]. Aqui as técnicas construtivas caracterizavam-se pelo uso de simples paredes de tijolo e betão armado, realizados em obra, e aplicados de forma diferente dependendo da tipologia em questão[87].

83 Do mesmo foram retomados: o carácter de comunidade independente; a dimensão colectiva de residência para pequenas comunidades; o carácter doméstico que da casa se extende para o exterior; o espírito de partilha entre a vizinhança e a vida em comunidade, considerado o verdadeiro elemento constituinte do "habitar". Foram também reutilizadas as formas variadas e articuladas dos edifícios, obtidas através da combinação de simples matrizes, evitando alinhamentos, geometrias abstractas e monótonas repetições. O bairro escandinavo foi o módulo base dos planos para grandes cidades tais como Estocolmo, e o famoso plano dos 5 dedos que estruturou a expansão da cidade de Copenhaga. Para aprofundar o tema, consultar Sergio Poretti, *Edilizia e architettura in Svezia e Danimarca*, Roma, 1979.

84 Sergio Poretti, Tullia Iori, Rosalia Vittorini, Rinaldo Capomolla, Stefania Mornati, Silvano Stucchi, *L´INA-Casa. Il cantiere e la costruzione*, 2000, p. 3

85 Idem, p. 23.

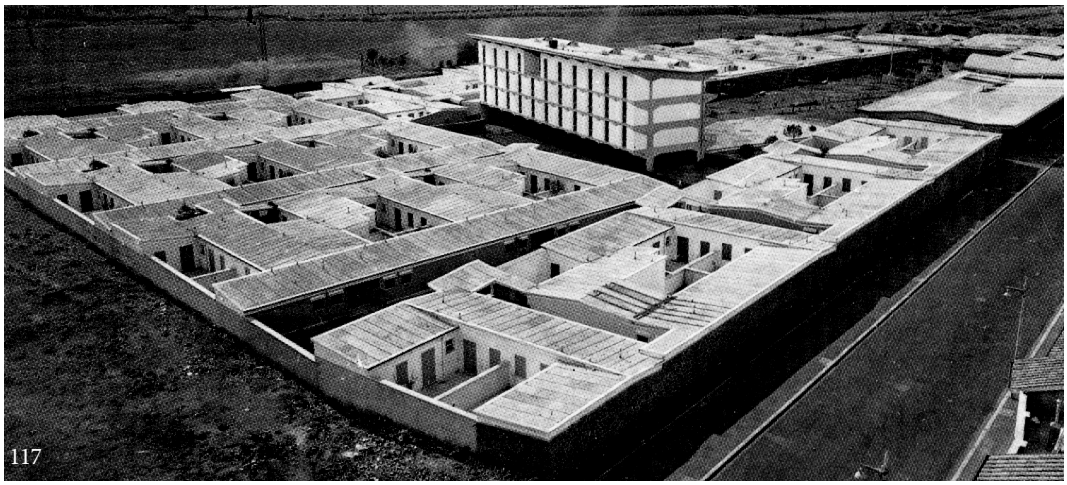
86 Se por um lado tentavam acompanhar ideologicamente as experiências nos Países Nórdicos e na Inglaterra, sobre os ideais das *cidades-satélite* e das *cidades -jardim*, por outro deixavam para trás a técnica e a tecnologia com a sua estratégia conservadora e uso de materiais e mão-de-obra locais. Francesco Erbani, "Il primo settennio Ina Casa", in *Edilizia Popolare*, 2001, p. 27.

87 Como veremos mais à frente no bairro Tiburtino, em edifícios com um máximo de 3 andares, as paredes tem a função de suporte de carga, constituídas por blocos de tijolo ou pedra. Nas casas alinhadas de Mario Ridolfi, por exemplo, a estrutura é composta por uma densa malha de blocos de tufo (material típico da tradição romana). Já nas torres, a mesma função é atribuída a um esqueleto de betão armado. Sergio Poretti, "Le Tecniche edilizie: modelli per la ricostruzione", in *La Grande Ricostruzione*, 2010, p. 113.









114. a **117.** Tuscolano II e Tuscolano III, Roma. Adalberto Libera, Saverio Muratori e Mario de Renzi, 1950-1956.

O desejo de expressar o moderno com base na realidade social para superar a monumentalidade fascista *"è il modo di costruire disponibile in Italia all'indomani della guerra"*[88].

A esta simplicidade construtiva, traduzida num sóbrio e controlado realismo, contrapõe-se um trabalho minucioso e atento na valorização dos detalhes construtivos. A reinvenção do detalhe não envolve apenas a formalização da fachada, mas abrange também todos aqueles elementos que desenham os espaços externos, públicos e privados, e que contribuem para definir o aspecto global do bairro criando um *"(...) gioco alternato di pareti alte e basse, continue e spezzate, brevi e allungate, piane e frequenti di aggetti (finestre e logge), disposte in facciata o di scorcio."*[89]

A configuração da fachada é o tema central da composição. As paredes tornam-se articuladas, evita-se a abstracção geométrica e cada elemento ganha a sua própria individualidade expressiva *"per conferire all'immagine un carattere domestico, familiare, spontaneo."*[90] Com base em tais características, a linguagem INA-Casa surge extraordinariamente homogénea, consequência directa da boa gestão por parte da instituição e sobretudo pela estratégica arquitectónica que, apesar de abranger todo o território, incluiu uma ampla gama de articulações e variantes.

O desafio, solicitado aos arquitectos, de encontrarem um modelo de habitação capaz de responder a todos os requisitos arquitectónicos, construtivos e sociais, deu aso ao primeiro grande resultado obtido pelo Plano Fanfani: o desenvolvimento arquitectónico do chamado "bairro operário"[91]. Assumindo, portanto, que um dos efeitos obtidos nestes anos *"è stato quello di aver contribuito a cambiare il modo di vivere l'alloggio degli italiani, e non solo dei cittadini meno abbienti."*[92] Um dos melhores exemplos, em Roma, destes estudos de habitação social foi o bairro Tuscolano *(figs. 114 a 117)*, principalmente a Unidade de Habitação Social *(figs. 115 e 117)* projectada por Adalberto Libera: *"nel progetto di questa unità di abitazione convivono contemporaneamente le esigenze del moderno vivere e le indicazioni della tradizione mediterranea."*[93]

88 O modelo construtivo, aparentemente simples e banal, deriva de um lento processo evolutivo, que data já das primeiras décadas do século XX, com o início do uso do betão armado. A partir daí, em Itália, a estrutura portante entra gradualmente nas prácticas construtivas, aceite mais pela sua consistência que pela sua ligeireza. Esta técnica atinge o seu auge durante o fascismo, quando foi consolidado o uso do betão armado como parte integrante da estrutura. Sergio Poretti, "Le Tecniche edilizie: modelli per la ricostruzione", in *La Grande Ricostruzione*, 2010, p. 113. Sergio Poretti, "Le Tecniche edilizie: modelli per la ricostruzione", op. cit., p. 114.

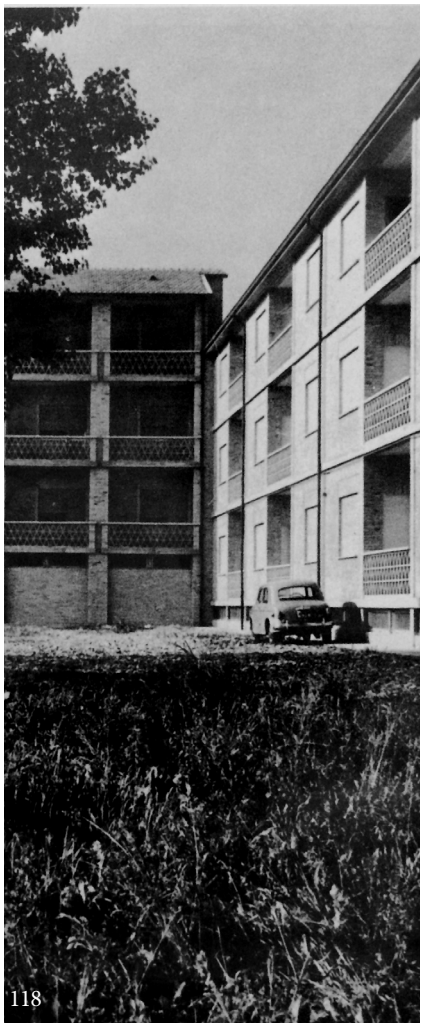
89 Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per lavoratori, *1. Suggerimenti, norme, e schemi per la elaborazione e la presentazione dei progetti-Bandi dei concorsi,* 1949.

90 Na reinvenção dos elementos da fachada, a cobertura assume uma nova relevância, formal e construtiva, no remate do edifício. O telhado não surge apenas como solução técnica que protege o edifício das intempéries, mas torna-se agora um ponto chave que acentua a dimensão doméstica e íntima da casa. As varandas e as janelas, elementos tipológico-funcionais, tornam-se motivo de forte caracterização formal e construtiva da fachada. Distinguem-se por uma rica variedade de formas e materiais, sobretudo quando se trata do desenho dos parapeitos e das molduras em tijolo perfurado, como nos locais de secagem de roupa, situados nas coberturas dos edifícios. Em alternativa às texturas e cromatismos obtidos através dos materiais à vista, é explorada também a forte carga expressiva da cor, não só do reboco mas de todos os outros componentes da fachada, permitindo restituir *"individualità al singolo edificio di un quartiere, alla singola unità abitativa di un fabbricato, al singolo elemento edilizio di una facciata."* Sergio Poretti, Tullia Iori, Rosalia Vittorini, Rinaldo Capomolla, Stefania Mornati, Silvano Stucchi, op. cit., p. 13.

91 Francesco Erbani, "Il primo settennio Ina Casa", in *Edilizia Popolare*, 2001, p. 27.

92 Corrado Beguinot, "La ricostruzione e il piano INA-Casa", op. cit., p. 207.

93 Marco Zanuso, "Unità d'Abitazione orizzontale nel quartiere Tuscolano di Roma", in *Casabella*, nº 217, 1955.













118. Galleana II, Piacenza. Giuseppe Vaccaro, 1953-1955 **119.** S. Giovanni Rotondo, Foggia. Costanza Caniglia Rispoli, 1960-1962 **120.** Ponte Mammolo, Roma. Giuseppe Vaccaro, 1957-1962 **121.** Monte Olimpo, Como. Ezio Cerutti e Pietro Linger, 1956. **122.** Villaggio del Sole, Vicenza. Sergio Ortolani, 1957-1961 **123.** Solofra, Avellino. Francesco Fariello, 1955-1957.

2.3.2 **CONCRETIZAÇÕES**
objectivos, resultados, considerações

Alguns anos após a aprovação da lei, mais precisamente em 1952 no *IV Congresso Nazionale di Urbanistica,* foram apresentados os resultados conseguidos pelo plano. Adriano Olivetti, presidente da INU, na apresentação ao congresso salientou que *"il Piano ha segnato un decisivo passo in avanti sulla via della produzione edilizia quantitativamente più ingente e qualitativamente più degna ed ha creato un nuovo tipo di organizzazione agile e decentrata, che si è imposta quale esempio per altre iniziative."*[94]
O plano representou, a partir dos anos '50, uma importante experiência principalmente por 2 motivos: Primeiro, porque conseguiu atingir com sucesso, e num curto espaço de tempo, os dois principais objectivos inicialmente previstos, a redução do desemprego e o efectivo aumento de alojamentos. Segundo, porque exercitou uma acção de estímulo para o desenvolvimento de muitas outras actividades envolvidas com a construção civil, que contribuíram para o desenvolvimento económico e urbano, em diversos sectores, no inteiro país.

Mais tarde, em 1960, Ludovico Quaroni reconheceu que *"la mobilitazione simultanea di tutte o quasi le forze nazionali, sia per il finanziamento come per la progettazione o per la gestione dei fondi (...) ha rappresentato un fatto nuovo e importantissimo nella storia della politica italiana degli alloggi."*[95] No entanto, admitiu que poderiam também ser feitas algumas observações e críticas ao Plano Fanfani. De facto, em contrabalanço com os resultados positivos, é também preciso dar a conhecer alguns dos problemas que surgiram, derivados de situações que talvez não tenham sido muito consideradas pela INA-Casa. A escolha dos terrenos foi um dos principais problemas. No início, as áreas eram cedidas sem problemas e demoras pelas entidades ou municípios locais a preços muito vantajosos e, às vezes, gratuitamente. No entanto, com o passar do tempo e com o avançar da expansão urbana, as zonas disponíveis para a edificação, sobretudo aquelas que se encontravam dentro ou perto dos centros citadinos, esgotaram, o que fez com que os preços dos terrenos aumentassem. Isto fez com que os bairros começassem a surgir em terrenos situados longe dos núcleos urbanos, onde era possível encontrar áreas a preços acessíveis. Por serem áreas periféricas – aponta Quaroni – separadas do tecido urbano preexistente, não possuíam qualquer tipo de serviços e infraestruturas[96]

A estes episódios, eram acrescentados os problemas de ordem administrativa. Enquanto a INA-Casa estava empenhada em construir os complexos residenciais, dos municípios e cidades era esperada uma resposta activa no que toca ao apetrechamento destas novas zonas urbanizadas, dotando-as de infraestruturas primárias (saneamento, ruas, espaços públicos e iluminação). Mas, em vez disso, os municípios, na maioria dos casos, não tiveram possibilidades económicas para cumprir a sua parte do acordo, e quando tinham, eram processos muito demorados e incompatíveis com os programas da INA-Casa. Consequentemente, grande parte destes bairros, como foi o caso do Tiburtino, permaneceram por muito tempo desprovidos de serviços básicos, isentos de infraestruturas primárias e sem conexão com o centro e, por isso, completamente isolados do resto da cidade[97].

94 Adriano Olivetti, "Presentazione", in *l'INA-Casa al IV Congresso Nazionale di Urbanistica*, 1952.
95 Ludovico Quaroni, "L'abitazione per le famiglie a basso reddito in Italia", in *Urbanistica,* 1960, p. 108.
96 *"lo stesso zoning finisce per determinare un aumento del valore dei terreni nei qual è possibile edificare, cosicché è necessario spesso violare la legge stessa del piano per ottenere un terreno a prezzo tale da permettere da costruzione di case a buon mercato, ovvero, allontanarsi in modo antieconomico e antisociale dall'aggregato urbano."* Idem, p. 112.
97 Giovanni Barbini, "INA-Casa e Urbanistica", in *Urbanistica*, 1950, p. 70.


VIA
DIEGO ANGELI
GIORNALISTA 1869 - 1937
INACASA



A leitura do processo de expansão urbana, em termos de especulação e de crescimento sem planificação, foi posta recentemente em discussão a favor de uma perspectiva mais atenta aos factores culturais que intervieram no desenvolvimento do sector da construção na Itália do pós-guerra. A capacidade dos edifícios, das habitações e dos espaços exteriores comuns de satisfazerem as necessidades da sociedade actual, e de construir a sua própria identidade social constitui, nos dias de hoje, um ponto de interesse para os estudos urbanos[1]. Foi neste caminho que se moveu o conteúdo deste trabalho, que julgou interessante analisar o Tiburtino sob este ponto de vista, já que, devido às suas pequenas dimensões, o bairro INA-Casa oferece um ponto de vista privilegiado para estudar as interacções entre o mesmo e o resto da cidade, em termos das diversas práticas habitacionais.

*

Habitei no Tiburtino por mais de um ano. Fiz parte dos seus espaços; vivenciei os seus princípios e observei as suas rotinas; estabeleci limites, delineei os caminhos que o envolvem, percorri as galerias, suportei tanto a chuva como o sol; partilhei momentos, histórias, opiniões, sofrimentos e alegrias. Apaixonei-me pela sua história e por quem o habita. Quando parti, prometi que nunca o esqueceria e, desta experiência, desta vivência tão aproximada ao bairro e de quem o vive, foi possível uma abordagem ao mesmo que julguei impossível.

Os habitantes, muitas vezes desconhecedores do valor arquitectónico do bairro, demonstraram uma atitude de rejeição para com o modelo comunitário idealizado inicialmente pelos arquitectos, rumo a um *"racconto dialettale a tavolino, come surrogato di una impossibile invenzione diretta dei protagonisti di quelle abitazioni"*[2]. Foi projectado um complexo direccionado a uma identidade operária, que propunha um uso da cidade sugestivo, *"non gratificante per un ceto operaio o impiegatizio che aspirava invece, a riconoscersi nella classe medio borghese."* Ao contrário do que os arquitectos pensavam, um bairro de carácter rural espontâneo, não fazia de todo parte das aspirações dos residentes: *"gli assegnatari trovano il complesso decisamente brutto. Ridicolizzano il tipo di edilizia e la scelta urbanistica - il paesello"*[3]. Devido às mudanças ocorridas entre os anos '50 e '60, no tecido social e produtivo do país, o panorama geral de referência das novas famílias imigrantes na capital sofreu uma mudança radical[4]. Daqui provinha a pretensão, por parte dos habitantes INA-Casa, em habitar numa casa que testemunhasse, com elementos e características arquitectónicas visivelmente urbanas, esta mudança de *status*.

Conhecendo os habitantes, conversando com quem lá vivia desde o início, senti-me rodeada de pessoas afectuosas, tranquilas. O diálogo despoletou uma análise rigorosa do bairro, permitindo um olhar mais atento às questões actuais, fazendo uma comparação daquilo que foi com o que é, tendo sido possível discutir e partilhar, em comunidade, soluções, estratégias e propostas para o bairro. Um novo futuro para os espaços e para os habitantes, os que estão e os que estarão para vir. Ir a algum lado implica sempre longas conversas, mas o tempo aqui parecia ter outra medida.

1 Paola di Biagi, *Città Pubbliche. Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2010, p. 23.
2 Federico Gorio, "Esperienza di architettura al Tiburtino", in *Casabella-Continuità*, nº215, 1957, p. 34.
3 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, Monografia Sul complesso. Riunione con Incaricato regionale, Supervisore locale. Consultar também Pier Paolo Pasolini, *Una Vita Violenta*, Garzanti 1959, p. 199 - 200, 205 - 207.
4 Antonio Golini, Giuseppe Gesano, "Evoluzione e struttura della popolazione romana", in *La Metropoli "spontanea: Il caso di Roma*, 1983, p. 335.


FIUME TEVERE
VILLA BORGHESE
Parco di Traiano
Terme di Caracalla
MONTI DI PIETRALATA
PIETRALATA
Via di Gordiani
CENTOCELLE

***Via Tiburtina* 7 km**
1950- 1954

Via D. Angeli . *Via E. Arbib* . *Via L. Cesana* . *Via dei Crispolti* . *Via L. Lucatelli*
área total 88 000 m² . **edifícios** 17 068 m² . **estradas** 14 655 m² .
percursos 8 000 m² . **verde público** 1 400 m² . **habitações** 771 . **vãos** 4 006

tipologias edifícios de 3, 4, 5 andares; torres de 7, 8 andares
acessos galeria, acesso directo e vertical múltiplo.

Mario Ridolfi . Ludovico Quaroni . Mario Fiorentino . Federico Gorio
Maurizio Lanza . Piero Maria Lugli . Giulio Rinaldi . Michele Valori
Carlo Aymonino . Carlo Chiarini . Sergio Lenci
Carlo Melograni . Gian Carlo Menichetti


126


127


129


128


130


131

126. Vista do bloco central do bairro desenhado por Quaroni (g). **127.** Vista sob a praça *Edoardo Arbib* e as habitações em banda de Ridolfi (e). **128.** e **129.** Vista do pátio interno e de uma das entradas dos edifícios projectados por Gorio e Rinaldi (o). **130.** Fachada de uma das torres de Ridolfi (d). **131.** Pormenor das varandas de um dos edifícios de Gorio (p).

01. TIBURTINO

Planta de implantação, 1954
escala 1.400



lojas de Ridolfi . **a**
habitação em banda de Ridolfi . **b**
habitação geminada de Ridolfi . **c**
torres em estrela de Ridolfi . **d**
habitação em banda de Ridolfi . **e**
habitação em banda de Fiorentino . **f**
habitação em banda de Quaroni . **g**
torres de Lugli . **h**
habitação em banda de Lugli e Valori . **i**
ambulatório . **j**
centro de idosos . **k**
habitação em banda de Valori . **l**
habitação em banda de Melograni . **m**
habitação geminada de Ridolfi . **n**
habitação em banda de Gorio e Rinaldi . **o**
habitação em banda de Gorio . **p**
habitação em banda de Aymonino, Chiarini, Lenci e Melograni . **q**
habitação em banda de Lanza e Menichetti . **r**
galeria de Quaroni . **t**
infantário . **u**

3.1 **TIBURTINO:** um bairro romano

"Ma ecco che un giorno cominciarono ad impiastrare di palazzi tutto lì intorno,
sulla Tiburtina, poco più su del Forte: era un'impresa dell'INA-Case,
e le case cominciarono a spuntare, sui prati, sui montarozzi." [1]

O Tiburtino, um dos primeiros bairros realizados pela INA-Casa na capital italiana, está localizado a Este da periferia romana - mais precisamente no sétimo quilómetro da famosa *Via Tiburtina* e é considerado um dos mais emblemáticos exemplos de habitação social construídos durante o período de reconstrução dos anos '50 [2].

O acesso ao bairro é feito através de algumas ruas, paralelas entre si, que convergem na *Via Tiburtina: Via Diego Angeli, Via Luigi Cesana* e *Via Luigi Lucatelli (des. 01)*. O eixo central, em torno do qual se desenvolve o bairro, é a *Via dei Crispolti*, que divide o complexo em 2 sectores: o primeiro, em terreno plano que surge ao longo da *Via Tiburtina*, considerado o coração público do bairro, e o segundo, que se apresenta com um ligeiro declive. O parque da *Villa Fassini*, ex-propriedade do barão e empreendedor Alberto Fassini, delimita a fronteira Sul-Oriental do bairro, enquanto que os edifícios de Casal Bruciato, construídos entre os anos '60 e '70, delimitam a parte Ocidental.

Numa área de 8.8 hectares, destinada a albergar 771 fogos num total de 4 000 vãos[3], os arquitectos desenharam volumes de 3 diferentes tipologias – torres, em acesso vertical múltiplo, de 7 a 8 andares; habitações plurifamiliares geminadas em acesso direto e galeria; e habitações plurifamiliares em banda de 3 a 5 andares – até configurarem um completo modelo de "*urbanistica dell'quartiere*". Separado e autónomo da malha urbana que foi crescendo à sua volta[4], estava também previsto, para além de serviços e estabelecimentos comerciais[5], um centro social no bairro[6].

| o desenho urbano

Após a guerra, o Tiburtino foi uma das primeiras ocasiões de experimentação sobre o tema da habitação social e sobre os estudos de forma e dimensão de bairro. Sugeriu, pela primeira vez, uma estratégia para a construção da periferia romana como aldeia longe da cidade, que chamasse valores urbanos embora separado do tecido compacto[7]. Composto por edifícios baixos, contrapostos às altas torres de 8 andares, telhados salientes e janelas em madeira, o bairro era dominado por uma atmosfera doméstica e acolhedora: a sua aparência é a *de "un paese che mostra, fin dalla sua realizzazione, un carattere di estraneità alla periferia urbana e ai suoi ritmi di espansione"*[8]. O seu desenho, de geometrias irregulares que acompanham a forma do terreno, caracterizou-se pela procura de novas relações entre os edifícios, as ruas e as praças, tidas como importantes zonas de estar ao ar livre.

1 Pier Paolo Pasolini, *Una Vita Violenta*, 1959, p. 184.
2 Manfredo Tafuri, *Ludovico Quaroni e lo sviluppo dell'architettura moderna in Italia*, 1964, p. 90 - 100.
3 Ver *Anexo IX*: Planta do bairro Tiburtino. Divisão e lotes e número total de vãos. Escala 1:400.
4 Manfredo Tafuri, op. cit., p. 90 - 100.
5 Ver *Anexo IV*: Caracteristícas dos estabelecimentos comerciais a serem construídos no bairro Tiburtino. Declaração escrita por Mario Ridolfi. Accademia Nazionale di San Luca, Fondo Mario Ridolfi, 5 de Novembro de 1953.
6 As cartas e registos elaborados, durante aqueles anos, pelos Assistentes Sociais do *Centro Sociale Tiburtino*, que se encontram no *Archivio Centrale dello Stato* em Roma, foram de grande ajuda no desenvolvimento desta dissertação para perceber as características socioculturais do bairro. *Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL*.
7 Antonella Greco, *Ludovico Quaroni. Guida alle opere romane*, 2003, p. 20.
8 Margherita Guccione, Maria Sagarra Lagunes, Rosalia Vittorini, *Guida ai quartieri romani INA-Casa*, 2002, p. 4.


e


n


d


e


n


h


rd


g


e


b


f


t


c



a


q


e


n


o


b


q


n


a


n


f


f


r


q

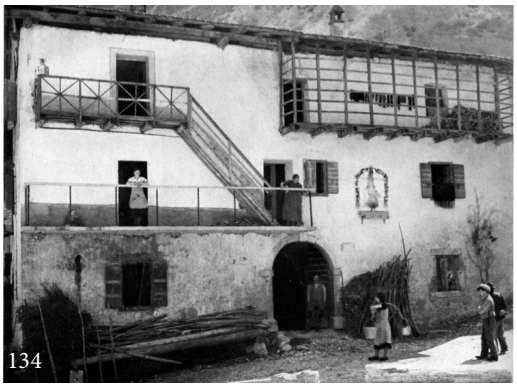

d


o


132




133


134


135


136


137




138


139

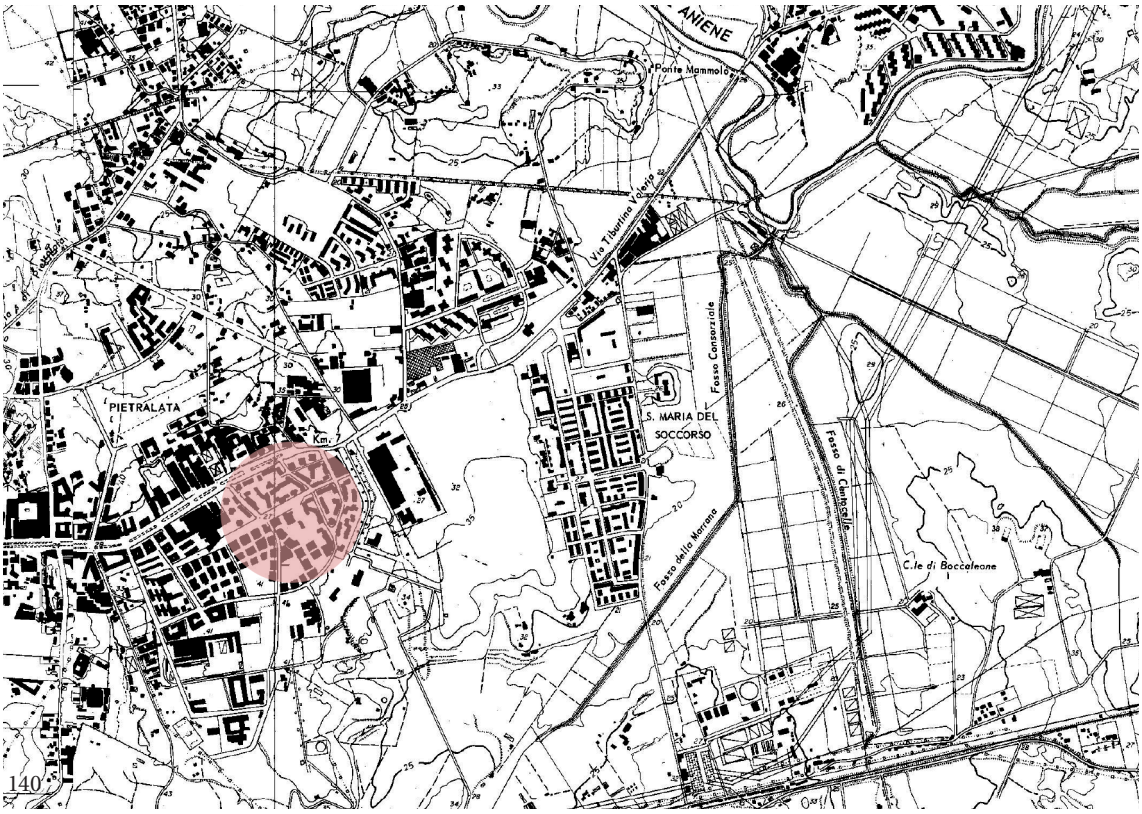
132. e **133.** Comparação entre as habitações de uma vila em Marzi, Calabria, com as habitações em banda de Ridolfi. (e) **134.** e **135.** Linguagem semelhante entre as varandas em madeira de uma casa em Primolano, Vicenza com as varandas desenhadas por Quaroni para o corpo central do bairro, na *Via Edoardo Arbib*. (f) **136.** e **137.** Escada exterior, posição da janela e detalhes de cobertura de uma casa em Cori, Lazio, semelhantes aos desenhados por Ridolfi e Gorio, respectivamente. (n) (o) **138.** e **139.** Telhados de duas águas e disposição dos edifícios numa vila em Portigliolo na *Riviera di Ponente* (Liguria), que se assemelham às do Tiburtino. (b) (f)

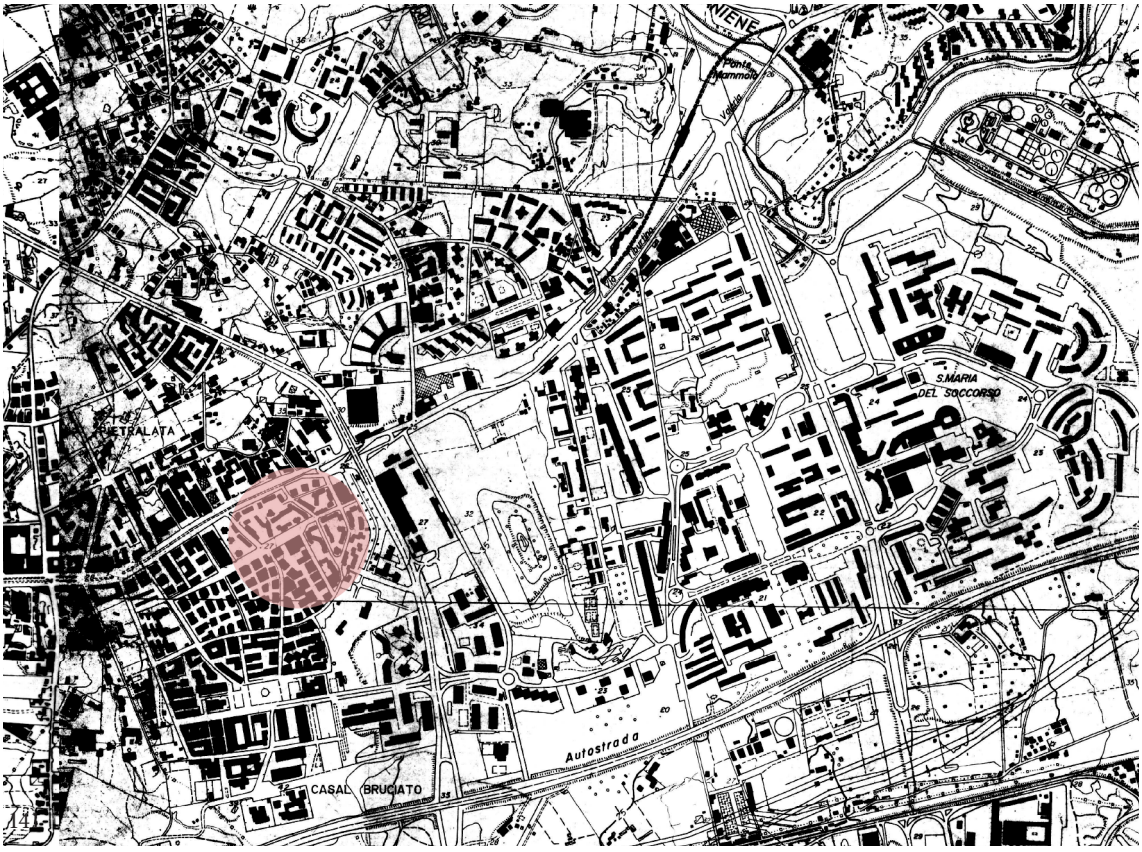
Analisando em pormenor a disposição dos blocos mais altos, encontramos no limite Oeste do bairro, 3 torres projectadas por Mario Ridolfi *(d)*, alinhadas em linha ortogonal com a *Via Tiburtina*. Mas para quem chega ao bairro pelo lado contrário, as torres parecem querer anunciar o início de um conto urbano diferente daquele percorrido antes. *"Delimitare l'interno e annunciare all'esterno"*[9]. Esta forma encontrada de reforçar os limites do bairro repete-se, também a Este, com mais 3 torres *(h)*, desta vez do arquitecto Luglio. A quarta torre, de Ridolfi *(d),* indica a extremidade Sul do projecto, onde o terreno começa a ganhar declive. O desdobramento dos blocos *(des. 01)* parece desenvolver-se de forma aleatória, mas a sua união provêm da desordenada sobreposição de enfiamentos visuais e perspectivas que nos são presenteadas. Respeitando a linha de saneamento - que se encontra situada por baixo da *Via Edoardo Arbib* - e a rua central do bairro - a actual *Via dei Crispolti* - ambas impostas pelo plano regulador de 1931, procuraram um desenho urbano diferente da do modelo oitocentista e daquele racional fascista. Desta forma, inspiraram-se na escala humana e nos espaços de convívio e relação, propostos pelo modelo de bairro escandinavo e anglo-saxónico, mas adaptados a uma escala menor, mais reservada, inspirada nas aldeias históricas medievais do Lazio[10]. *(figs. 132 a 139)*

A heterogeneidade do bairro responde a uma série de questões sobre a sua imagem, implantação e sobre o reconhecimento dos seus delimites. Dentro destes, encontramos um universo à parte, feito de pequenos episódios parciais, nos quais não é fácil reconhecer uma ideia clara sobre a organização do espaço, o que coloca o Tiburtino fora de qualquer tentativa de esquematização,*"(...) abbandonata quindi ogni idea di ritmo planimetrico, di proporzioni astratte"*[11]. Edifícios dispostos com liberdade, entre o abstracto e o informal, manifesto de *"uno stato d'animo"*[12], de uma necessidade de exprimir a sociedade que nasceu da crise do legado racionalista, representou um modelo ético e figurativo para as arquitecturas que lhe sucederam. Desta forma, o Tiburtino acabou por reflectir todas as contradições da cultura italiana dos anos '50, e não apenas as arquitectónicas, inserindo-se na linha de desenvolvimento do movimento moderno, partindo de uma ampla dimensão ideológica mas rompendo "*con alcuni dei valori più autentici della tradizione razionalista."*[13]

A conotação *"anti-urbana"* pela qual é conhecido, atraiu a atenção de imensos historiadores, arquitectos e estudiosos. Os estudos existentes concentram-se principalmente em 2 aspectos: a originalidade da linguagem arquitectónica e a relação existente entre o bairro e a expansão da cidade. Sobre a linguagem neo-realista[14] adoptada pelos arquitectos, os motivos culturais que orientaram as suas escolhas e as críticas que o bairro recebeu no decorrer nos anos existe disponível uma vasta literatura[15].

9 Daniele Carfagna, "Percepire i limiti", in *L'architettura tra le case*, 2012, p. 67.
10 Carlo Aymonino, "Storia e cronaca del quartiere Tiburtino", in *Casabella-Continuità*, nº215, 1957, p. 21.
11 Giovanni Astengo, "Nuovi Quartieri in Italia", op. cit., p. 24 - 25.
12 Alusão ao texto de Ludovico Quaroni, "Il paese dei barocchi", in *Casabella-Continuità*, nº215, 1957, p. 21.
13 Manfredo Tafuri, op. cit., p. 93.
14 O Neo-realismo, movimento cultural que surgiu em Itália no segundo pós-guerra, manifestou-se inicialmente no cinema. No entanto, mais tarde, envolveu também a arquitectura, tendo sido a primeira reacção ao movimento Moderno, começando lentamente a abandonar o Neo-Classicismo e o Monumentalismo que caracterizou a época fascista. A procura de uma linguagem neo-realista focava-se numa nova ideologia *"che guarda al passato rivelando il tema sempre attuale"*. O objectivo era o de recriar as condições, o ambiente, o espaço arquitectónico e o modo de habitar da arquitectura tradicional popular italiana, *"la vita di borgo"*. Os seus principais seguidores foram Ignazio Gardella, Michele Valori, Mario Ridolfi, Carlo Aymonino, Ludovico Quaroni e Giovanni Michelucci. O bairro Tiburtino, é um dos principais exemplares deste movimento arquitectónico. A articulação dos edifícios permite uma grande variedade de perspectivas e pontos de fuga, assim como a criação de múltiplos espaços públicos exteriores, ao ar livre e de pequena escala, que sugerem a vitalidade e a espontaneidade *"di un borgo"*. Federico Gorio, "Esperienza di architettura al Tiburtino", in *Casabella*, nº215, 1957, p. 34.
15 Alguns dos exemplos mais conhecidos: Paola di Biagi (a cura di), *La grande ricostruzione. Il piano Ina Casa e l'Italia degli anni Cinquanta*, Roma: D11lli, 2000; Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini (a cura di), *L'Architettura INA Casa (1949-1963). Aspetti e problemi di conservazione e recupero*, Roma: Gangemi, 2003; Manfredo Tafuri, *Ludovico Quaroni e lo sviluppo dell'architettura moderna in Italia*, Roma: Edizioni di Comunità, 1964; Mario Ridolfi, "Le architetture", in *Controspazio*, 111-112, 2005; Ludovico Quaroni, "Il paese dei barocchi", in *Casabella-Continuità*, nº215, 1957; Istituto Luigi Sturzo (a cura di), *Fanfani e la Casa. Gli anni cinquanta e il modello italiano di welfare state. Il Piano INA-Casa*, Roma: Rubbettino, 2002.





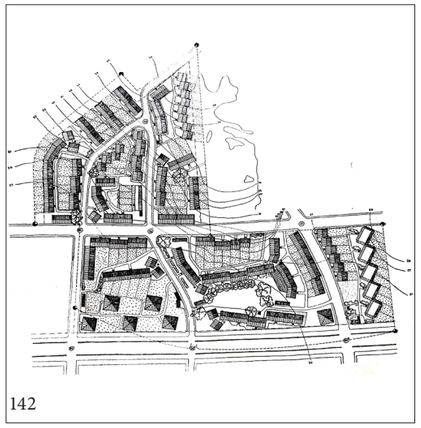
140. 141. Evolução do território. Aerofotogrametrias de 1962 e 1991.

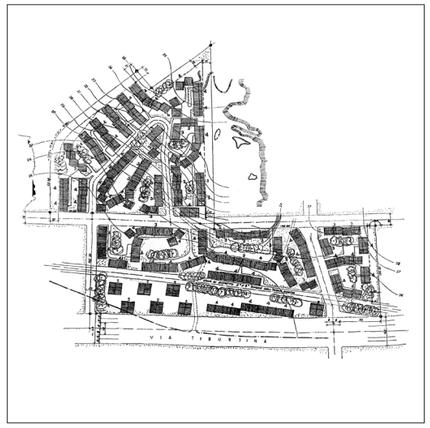
| o território

O terreno ocupado pelo bairro, foi comprado pela *Gestione INA-Casa* em Julho de 1950 por cerca de 66 milhões de libras[16]. Até meados dos anos '20, o terreno pertencia a Cesare Ranucci que, no pós-guerra, por incumprimento das obrigações de tratamento dos terrenos, foi obrigado a ceder toda a sua propriedade à *Opera Nazionale Combattenti*[17]. Em 1925 foi comprado pelos Marsaglia - uma rica família de empreendedores provenientes de Torino – e 25 anos mais tarde, pela INA-Casa[18]. Em Outubro de 1950, enquanto os arquitectos encarregues pelo projecto estudavam ainda a composição geral do bairro, arrancaram as obras do Tiburtino. A iniciativa foi tomada pelo próprio Arnaldo Foschini, presidente do Conselho de Direcção INA-Casa, sob pressão dos *media* e das forças políticas que se lamentavam do excessivo atraso do início das obras. Num curto espaço de tempo, deu-se início à construção das habitações em banda da *Via Luigi Lucatelli*, e da habitação colectiva da *Via Diego Angeli*.

Foi a *Vallini e Loy-Donà* & *Brancaccio*[19], sob comissão da INCIS e da IACP, a realizar o complexo entre 1950 e 1954[20]. Foram seleccionadas 696 famílias para residirem no bairro, predominantemente imigradas e provenientes das regiões Centro e Sul de Itália[21]. Os alojamentos eram distribuídos, como já explicado anterioramente, através de um sistema de pontos, atribuídos de acordo com as necessidades dos habitantes[22]. Na altura, após concluídas as obras, o bairro situava-se numa zona muito periférica da cidade, completamente isolado do centro de Roma[23]. De facto, à excepção de algumas casas e vilas, a área que o separava do bairro de San Lorenzo não estava ainda urbanizada, e era visivelmente mais industrial que residencial[24]. Com o tempo, a construção do bairro Tiburtino incentivou a urbanização, ainda que por entidades privadas, da área compreendida entre o mesmo e o centro da cidade *(figs. 140 e 141)*. Localizado na periferia, onde os custos dos terrenos eram bastante mais reduzidos, o bairro tornou-se *"strumento di promozione fondiaria di aree private esterne alla città e al piano regolatore."*[25] As obras de urbanização para garantir água, electricidade, gás e vias de comunicação a estes novos bairros construídos na periferia, valorizaram estes terrenos intermediários que, abastecidos pelo Município, começaram a ter cada vez mais condições de construção e habitabilidade.

16 O preço do terreno representava 3.9% do custo total da intervenção. "*Compravendita di terreno per 66.400.000 lire fatta dalla Società L. Marsaglia in liquidazione a favore della Gestione INA-Casa*", voltura nº 4636, 27/07/1950, a Cessato Catasto Rustico. Arch. Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Arch. del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, Monografia Sul complesso.
17 *Gazzetta ufficiale del regno d'Italia,* nº 15, 1920, p. 207 - 208. Ibidem.
18 Carlo Aymonino, "Storia e cronaca del quartiere Tiburtino", op. cit., p. 21.
19 Rinaldo Capomolla, "Il quartiere Tiburtino a Roma", in *L'Architetture INA-Casa. Aspetti e problemi,* 2002, p. 68.
20 Segundo consta, apenas um dos edifícios foi terminado mais tarde, em 1956. Dos 30 edifícios que compõem o Tiburtino, a INCIS realizou 16, a IACP 12 e o *Ministero della Difesa* os restantes 2. Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, Monografia Sul complesso.
21 Segundo a documentação produzida pela EGGS, apenas 14% dos inquilinos residia já em Roma. *"Queste sono, più nel dettaglio, le provenienze dei capofamiglia: 10% immigrati dal Lazio, 8,6% immigrati dal nord, 27,9% immigrati dalle regioni dell'Italia centrale, 26,8% immigrati dal Sud Italia, 7,7% immigrati dalle isole".* Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, Indagine Sul fabbisogno.
22 Nos primeiros bairros INA-Casa, o direito a uma habitação era disciplinado através do despacho-lei de 4 de Julho de 1949, sucessivamente actualizada a 16 de Setembro de 1951. O ranking de distribuição dos alojamentos seguia alguns parâmetros, que dividiam as famílias em diversas classes, dependendo do diverso tipo de necessidades: tinham direito à primeira classe os trabalhadores sem casa ou os que habitavam em construções impróprias (grutas e barracas). Sucessivamente, tinham-se em conta os trabalhadores afectados pelas demolições no centro da cidade, pelos bombardeamentos da guerra ou aqueles que eram obrigados, por motivos de trabalho, a viver separados da família. Estes enquadravam-se na segunda classe. Por último, na terceira e quarta categoria, estavam os que habitavam em alojamentos pouco higiénicos. Ibidem.
23 Nos anos '50, os únicos aglomerados residenciais presentes ao longo da *Via Tiburtina*, à excepção do Tiburtino, eram as *borgate* fascistas, realizadas pelo ICP entre 1935 e 1940, Pietralata e Santa Maria del Soccorso (hoje Tiburtino III). Estas destinavam-se a acolher as famílias das classes sociais mais baixas que tinham perdido a casa com os esventramentos de Mussolini no centro histórico da cidade. Emiliana Camarda, Pietralata. *Da campagna a isola di periferia*, 2007, p. 46.
24 Nesta área estavam localizadas as instalações da Siderurgia Romana, da indústria mecânica *Streppaghetti*, da Officina *Ramanazzi*, das *Produzioni Cinematografiche De Paolis*, da fábrica SAIMP, dos mármores *Ciocchetti* e finalmente a Industria mecânica *Contini*. Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, Indagine Sul fabbisogno, p. 11.
25 Domenico Colasante, "1925-1981: La Città Legale", in *La Metropoli Spontanea*, 1983, p. 13.


142




143


144

142. Dois estudos preliminares do bairro Tiburtino. **143.** Vista aérea do bairro ainda em construção, 1951. **144.** Vista aérea do bairro já concluído, 1955.





5

Centro Sociale Tiburtino.



4

Igreja *St. Maria della Visitazione.*



3

Villa Fassini



2

Via dei Crispolti, zona do antigo mercado de frescos do bairro.



1

Blocos residenciais construídos a partir dos anos '60 à volta do bairro.

02. TIBURTINO

Planta projecto inicial
apontamento dos blocos não edificados
escala 1.400



3.1.1 **DO PROJECTO À REALIZAÇÃO**

"case addossate una all'altra, davanti alle facciatine colorate, c'erano tante scale esterne che le univano, con dei pianerottoli che facevano come da terrazzine alle porte di ingresso, tutte sbarre e inferriate"[26]

| inserção urbana

Mais do que apenas um simples módulo de organização da periferia urbana, o Tiburtino representou um modelo alternativo, que se contrapunha à intensiva malha urbana da cidade desprovida de espaços de relação[27]. O objectivo dos arquitectos foi a tentativa de estruturar uma arquitectura capaz de facilitar e incentivar as relações sociais. Desta forma, basearam-se em conteúdos anti-racionalistas, inseridos num fio condutor preciso da tradição moderna, que ia desde o amor tardo-romântico pela arquitectura medieval até à *cidade-jardim* de Howard e Mumford, que também se manifestou nos anos '40 e '50, e que no seu conjunto constituíam a comunidade que os sociologistas denominavam *"vizinhança"*[28].

A adopção de uma linguagem tradicional e o uso das cores e dos telhados conseguiram, apesar da polifonia dialética, conferir unidade ao todo e alcançar uma identidade própria. O isolamento da comunidade foi rejeitado pelos arquitectos, que preferiram desenhar uma sucessão de espaços que fossem mais que uma simples junção de volumes, na procura de uma fluidez de percursos e na diferenciação dos espaços verdes. Desta forma, a justaposição das casas baixas às torres, resulta particularmente interessante visto que cria passagens dinâmicas entre os espaços privados e públicos, de percurso e de estar. As transformações que hoje observamos, como veremos mais à frente, ocorrem essencialmente nos espaços exteriores. Fechar estes espaços constituiu, em parte, um dos aspectos que os arquitectos quiseram de todo evitar: o isolamento social[29].

A equipa do projecto nasceu *"dalla fusione di due gruppi precostituiti"*[30], liderados respectivamente por Mario Ridolfi e Ludovico Quaroni[31], juntamente com um grande grupo de jovens arquitectos[32], ligados ao novo movimento de arquitectura orgânica - fundado por Bruno Zevi em 1945[33] - que lutava pela busca de uma nova linguagem arquitectónica, capaz de agir de forma mais pragmática às condições histórico-sociais do país, deixando o racionalismo que caracterizou a época precedente. A reduzida dimensão do bairro e a origem da *"scomposta ribellione neorealista"*[34], foram aspectos destacados em diversas ocasiões pelos autores do projecto. A escolha da equipa em se orientar para um bairro de proporções mais reduzidas, rejeitando a participação no projecto do bairro INA-Casa Tuscolano, de dimensão muito superior[35], foi interpretada *"come una spinta paesana e dialettale"*[36]. Foi desta forma que Ridolfi e Quaroni puderam fortalecer e exprimir as novas ideias sobre o desenvolvimento da cidade, e sobre o papel da arquitectura na renovada sociedade civil.

26 Pier Paolo Pasolini, op. cit., p. 316.
27 Antonella Greco, *Ludovico Quaroni. Guida alle opere romane*, 2003, p.21.
28 Manfredo Tafuri, op. cit., p. 95.
29 Carlo Chiarini "Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino", in *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957, p. 28.
30 Marcello Grisotti, "Quartiere Tiburtino", in *Architettura-Cantiere*, nº12, 1957, p. 74.
31 Ver Anexo I: Aprovação das duas equipas de arquitectos da INCIS e do ICP, encarregados pela execução do projecto do bairro Tiburtino. Accademia Nazionale di San Luca. Fondo Mario Ridolfi, 23 de Setembro de 1950.
32 Carlo Aymonimo, Mario Fiorentino, Federico Gorio, Piero Maria Lugli, Carlo Chiarini, Michele Valori, Maurizio Lanza, Giulio Rinaldi, Sergio Lenci, Gian Carlo Menichetti e Carlo Melograni.
33 Alusão à obra de Bruno Zevi, *Verso un'architettura organica*, Torino: Einaudi, 1945.
34 Costanza Bonelli e Alice Sotgia, "Quando la Città Pubblica diviene privata", in *Città e Storia*, 2014, p. 224.
35 Inicialmente, o grupo terá sido convidado para participar no projecto do bairro INA-Casa Tuscolano. No entanto, dúvidas e suspeitas sobre a direcção de Foschini, que parecia ainda muito comprometido com o antigo regime, acabou por fazer com que rejeitassem o convite. Federico Gorio, "Il testimone". In *Fanfani e la casa*, p. 230.
36 Ludovico Quaroni, "Il paese dei barocchi", in *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957, p. 24.


145

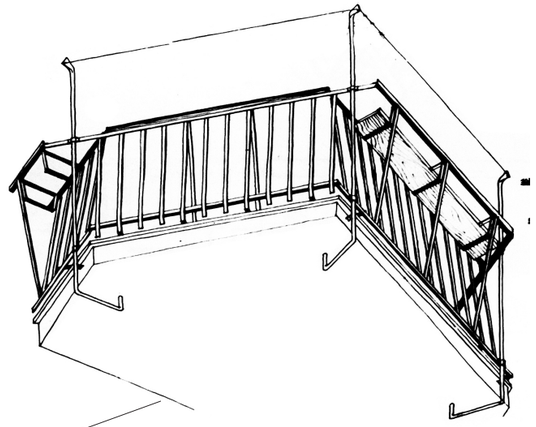
Vista dos blocos de Gorio, Aymonino e Melograni ao longo da *Via Luigi Lucatelli*, 1983.

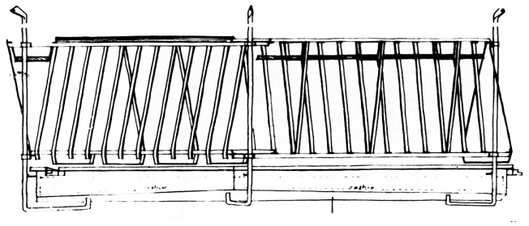

146

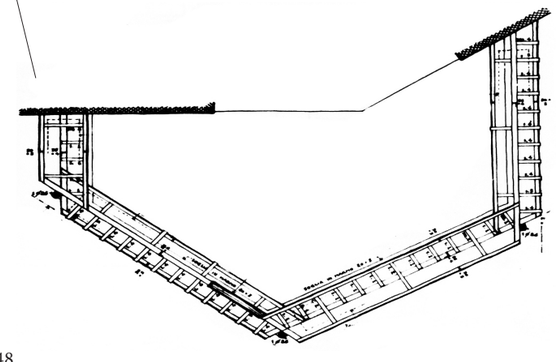

147


149


150



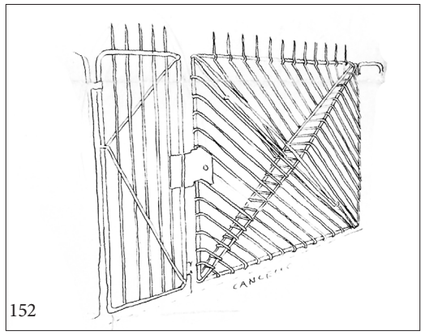




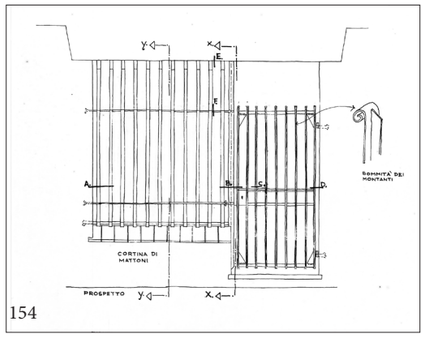
148

146. Aberturas nos muros que vedam os jardins privados das habitações desenhadas por Ridolfi na *Via Diego Angeli*, com blocos de tijolo perfurado. **147.** e **148.** Pormenores das varandas em ferro de Gorio na *Via Luigi Lucatelli*. **149.** Portão de entrada de uma habitação de Aymonino. **150.** Pormenor numa aresta de um muro de entrada numa habitação de Valori. **151.** e **152.** Um portão de ferro original desenhado por Ridolfi e o seu respectivo desenho. *Via Diego Angeli*. **153.** e **154.** As grades em ferro de uma das entradas, em acesso directo para os pátios, das habitações em banda de Ridolfi. **155.** e **156.** Caixilharia em madeira original das janelas do bloco em duplo T de Quaroni e respectivo desenho. **157.** e **158.** Muros de vedação, que separam os jardins privados da rua, e os seus respectivos desenhos. Estudo dos materiais nos desenhos de Ridolfi e Gorio, e respectiva junção.

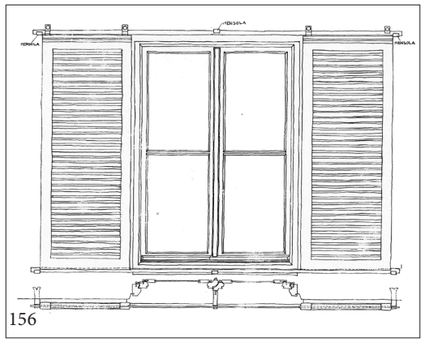

151


152


153

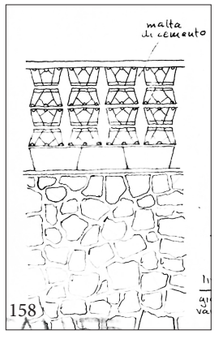

154


155

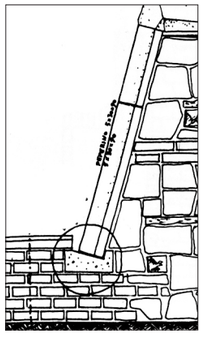

156


157





158

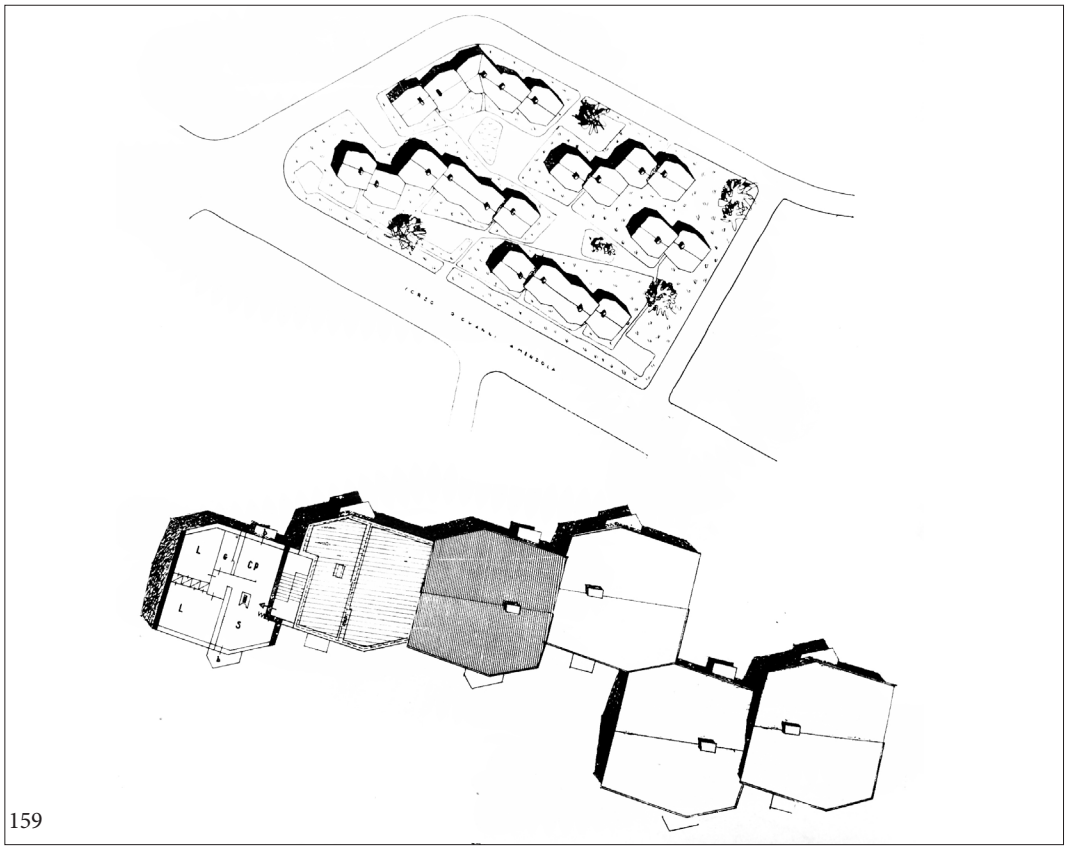


| linguagem

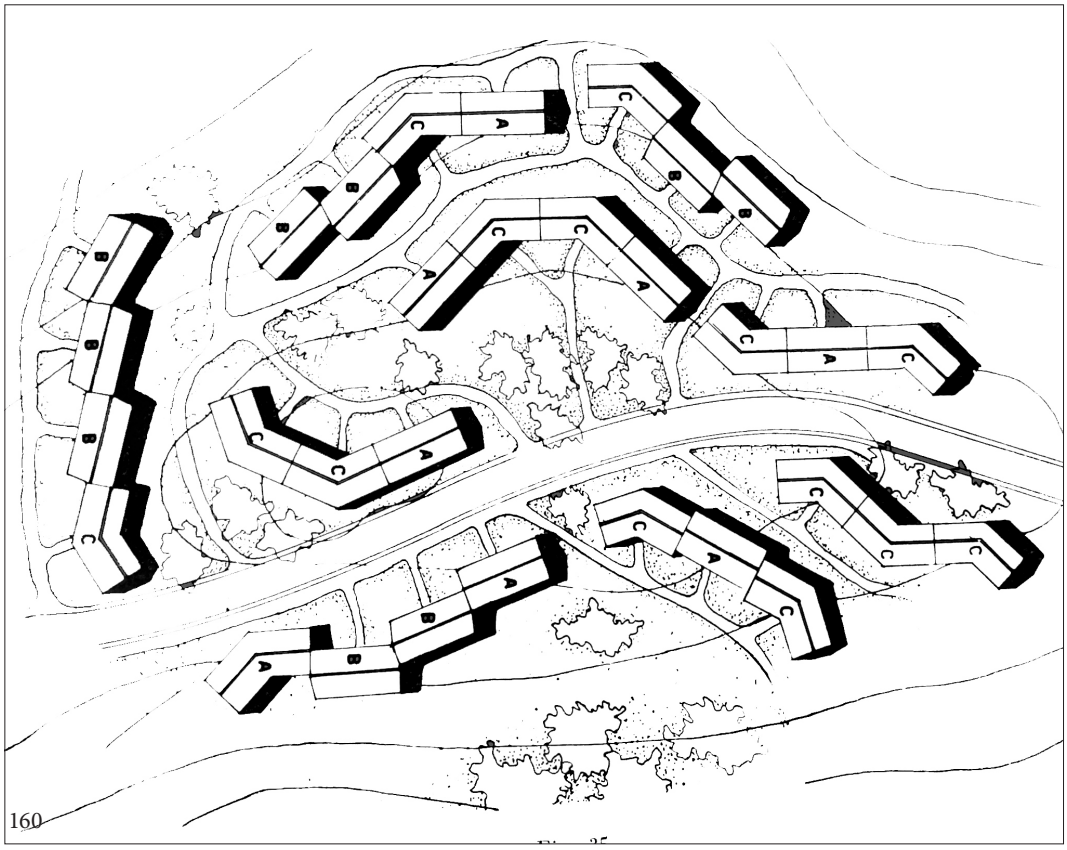
As origens culturais e históricas do Tiburtino foram múltiplas e estavam relacionadas com o panorama arquitectónico romano daqueles anos. O resultado foi a criação de um bairro que nos faz recordar, devido ao seu aspecto espontâneo e bucólico, uma pequena aldeia que, apesar de construção simples, é compensado não só pela variedade de soluções tipológicas que o constituem, mas também pela riqueza de cores e detalhes que nos são apresentados[37]. Um dos principais objectivos, recorda-nos Aymonino, era o de criar espaços de relação orgânicos *"per ottenere una unità attraverso il sovrapporsi di prospettive sempre varianti"* e mediante a atribuição de *"un ritrovato valore alla strada"*[38]. De facto, decididos a superar a intransigência do passado, os arquitectos ambicionavam realizar uma arquitectura que não fosse prefabricada, e que estivesse à altura das exigências e dos valores da nova realidade democrática. Encontraram o modelo ideal na arquitectura rural italiana[39] *(ver pág. 116)*, naqueles aglomerados espontâneos considerados expressão autêntica da identidade anti-urbana das classes populares. Uma atmosfera que exprimia, através da disposição dos espaços e na relação entre os cheios e os vazios *"un senso di quiete, di accoglienza, di spontanea partecipazione, che si ritrovava, soprattutto allora, nel disegno della vecchia città."*[40]

Desta forma, os arquitectos aplicaram a este *"pezzo di città storica"* uma linguagem *"sottile derivante dal barocco romano"*[41]. Enquanto Quaroni se dedicou mais às questões sobre a forma urbana, Ridolfi dedicou-se à construção de um "léxico familiar", que acabou por nascer da fusão entre as geometrias do neo-empirismo escandinavo[42] e as formas do dialecto construtivo romano[43]. Para criar este léxico, adoptou um seu sistema de invenções construtivas e formais - das quais brotou um vasto repertório de soluções para varandas, galerias, janelas, escadas, coberturas, portões e gradeamentos *(figs. 146 a 158)* - que acabaram por ser adoptadas nos desenhos elaborados pelos outros membros do grupo. Este trabalho de unificação das soluções construtivas, conferiu homogeneidade formal ao bairro e melhorou a qualidade dos edifícios, camuflando a inexperiência de alguns dos arquitectos do grupo. Para Quaroni, a lição teórica de Sitte[44] combinava com a tradição romana da arquitectura urbana, como dialéctica de ordem e caos, numa atitude barroca de articular o espaço público do bairro com as recentes aquisições da psicologia e da sociologia urbana[45]. A natureza introvertida do bairro, pensado sem um enquadramento urbanístico base, a intenção anti-retórica seguida pelos arquitectos e a sua pequena dimensão, são tudo elementos que relembravam a Quaroni o equilíbrio natural da comunidade indiana e das suas formas arquitectónicas. Cuidadosamente estudadas durante o tempo em que esteve preso, e registadas num dos artigos da *Metron* em 1948[46].

37 Esta espontaneidade propositada, tencionava criar uma atmosfera bucólica artificial, graças à atenção dada ao desenho dos espaços destinados ao convívio e socialização: as praças, os pequenos largos e as ruas ao longo das quais se desenvolvia a vida comunitária do bairro; os espaços comunitários mais íntimos e domésticos; os percursos pedonais insinuados entre os muros dos jardins privados; as galerias de distribuição para os alojamentos; os terraços e varandas que ligavam os edifícios. Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 71.
38 Giorgio Ciucci, Francesco Dal Co, *Architettura italiana del '900*, 1993, p. 173.
39 Para aprofundimento da questão, ver Giuseppe Pagano, Guarniero Daniel, *Architettura Rurale Italiana*, Milano: Direzione dei Quaderni della Triennale, Settembre 1936.
40 Federico Gorio, "Il testimone", op. cit., p. 249.
41 Manfredo Tafuri, op. cit., p. 96.
42 A arquitectura chamada neo-empirista desenvolve-se nomeadamente nos países nórdicos, principalmente na Suécia e Noruega e com grande difusão nos países escandinavos durante a década de '40 e '50. O empirismo está ligado à sensibilidade com a envolvente, a atenção dada aos materiais que compõem o edifício, às suas potencialidades, à sua essência e procura criar espaços dignos e qualificados onde o homem pode habitar. A este modelo social onde a arquitectura se insere, há uma aproximação com os ideais dos arquitectos liberais da "terceira geração". Ibidem.
43 Na altura, a polémica residia na decisão de *"ruptura"* ou *"continuidade"* da arquitectura moderna italiana para com o racionalismo ligado ao fascismo. Os arquitectos basearam-se, portanto, em duas matrizes. Aquela local, que diz respeito às tradições populares italianas, e a escandinava que descendia da escola de Wright e Aalto, e que se propagava através da Suécia e Dinamarca, com base nos modelos funcionalistas sociais e na escala humana. Antonella Greco, *Ludovico Quaroni. Guida alle opere romane,* 2003, p. 20.
44 Camillo Sitte, famoso arquitecto austríaco que inspirou Lewis Mumford e Patrick Geddes, ficou conhecido em 1902 pela obra *Construção das Cidades segundo seus princípios artísticos*. Através de uma análise das cidades na história, propõe reavaliar a cidade através de seus espaços existentes, principalmente nas suas praças.
45 Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 70.
46 Ludovico Quaroni, "La comunità indiana", in *Metron*, nº3, 1947, p. 37.



159



160

159. Algumas tipologias construtivas apresentadas no primeiro concurso INA-Casa por Federico Gorio. **160.** Tipos de agrupamentos estudados por Ludovico Quaroni para o primeiro concurso INA-Casa. Algumas destas composições serviram depois de base para o estudo urbanístico do Tiburtino.

| críticas

Anos mais tarde, já afastados do clima de reconstrução que caracterizou os anos '50, a experiência do Tiburtino será alvo de imensas críticas, a começar pelas dos próprios arquitectos. Em 1957, a revista *Casabella* dá a oportunidade aos arquitectos de descreverem o projecto e a sua experiência fazendo uma análise do resultado final[47]. O artigo de Quaroni, intitulado *Il paese dei barocchi,* é nada mais nada menos que uma autocrítica ao próprio projecto. Os arquitectos, na sua opinião, caíram no erro de simplesmente se oporem à retórica do passado através de um simples estado de espírito, sem um conceito sólido, sem um princípio forte e, por isso, uma ideia destinada a exaurir-se[48]. Todo aquele enfâse na tentativa em recuperar a tradição, os valores, e a cultura popular fez com que *"nella spinta verso la città ci si sia fermata al paese"*[49]. O facto de terem essencialmente privilegiado o estudo urbanístico, em detrimento de um estudo tipológico-funcional mais profundo dos alojamentos, foi considerado posteriormente, pelos próprios arquitectos, como uma das limitações do bairro. A reutilização, mesmo que adaptada, de projectos-tipo já apresentados por alguns dos arquitectos nos concursos INA-Casa (*figs. 159 e 160)*, também foi um dos aspectos críticados[50].

Para além disso, o Tiburtino encontrava-se alinhado com as prospectivas socioeconómicas da época da reconstrução. Prospectivas estas ainda muito orientadas em reduzir a concentração urbana e a incentivar o desenvolvimento das áreas agrícolas[51]. Entre a posição ideológica dos arquitectos e as expectativas dos futuros habitantes, existia uma grande diferença da qual se apercebeu também Pasolini, quando em *Vita Violenta,* conta que as casas do Tiburtino *"avevano forme strane, coi tetti a punta, terrazzette, abbaini, finestrelle rotonde e ovali: la gente cominciava a chiamare quei caseggiati "Alice nel paese delle meraviglie", "Villaggio fatato", o "Gerusalemme": e tutti ci ridevano."*[52]

Mais tarde, numa entrevista feita a Federico Gorio, este confirmou que a fama do bairro foi crescendo com o tempo, tanto é que inicialmente lhe chamavam *"Tibruttino"*[53]. Com o tempo, o bairro foi sendo reconhecido e elogiado, ganhando um lugar privilegiado na história da arquitectura italiana pela forte expressão dos ideais e da corrente de pensamento que movia a cultura arquitectónica do segundo pós-guerra. O crescimento desregrado e desmedido da periferia de Roma, cujo efeito será plenamente visível 10 anos mais tarde, passou a conotação negativa do bairro a positiva, e fizeram com que "*la geometria e l'architettura del villaggio neorealista si conservassero sufficientemente intatte."*[54] Desta forma, as qualidades do bairro vieram à tona, tendo sido admitido que foram feitas críticas demasiado severas ao complexo realizado pela INA-Casa[55].

47 "Unità residenziale al km 7 della Via tiburtina a Roma (1950)", in *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957, p. 18 –34. Dentro desta secção encontramos os seguintes antigos: Carlos Aymonino, "Storia e cronaca del quartiere Tiburtino"; Ludovico Quaroni, "Il paese dei barocchi"; Carlo Chiarini, "Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino"; Federico Gorio, "Esperienze d'architettura al Tiburtino."
48 *"il paese dei barocchi non è il risultato, appunto, d'una cultura solidificata, d'una tradizione viva: è il risultato di uno stato d'animo. Lo stato d'animo che ci sosteneva in quei giorni; ad ognuno di noi, qui a Roma, interessava fare qualcosa che fosse distaccato da certi errori di un certo passato al quale rimproveravamo la sterilità e il fallimento sul piano umano, non importa quanto costasse, poi a noi, all'INA, ai futuri abitanti dei nuovi quartieri."* Ludovico Quaroni, "Il paese dei barocchi", op. cit., p. 27
49 Ibidem.
50 Carlo Chiarini "Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino", in *Casabella-Continuità*, nº215, 1957, p. 30.
51 Por isso, apesar das intenções, o Tiburtino acabou por registar uma consonância contraditória entre as finalidades sociais da nova classe política e a ambição dos arquitectos, orientada a uma arquitectura mais chegada às supostas necessidades dos habitantes O principal defensor deste pensamento ético era Ridolfi. Na sua opinião, *"ritornare alla modéstia del mestiere di architetto"* significava recusar a linguagem académica, o estilo nacional, e encontrar uma relação imediata entre o projectar e as exigências humanas. Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 69.
52 Pier Paolo Pasolini, op. cit., p. 180.
53 Junção da palavra *"Tiburtino"* + *"brutto"*, que significa feio em italiano. Franco Montanari, "Il piano INA-Casa, immagini della memoria", in *Fanfani e la Casa*, 2002, p. 279.
54 Manfredo Tafuri, op. cit., p. 98.
55 *"passati ormai cinquanta anni sarebbe forse il caso oggi di rileggerli attentamente e di riconoscere che (...) raggiungono una forza epica che si consegna, come nessun'altra architettura di quegli anni, il sapore e la ricchezza profonda di una stagione che ha permesso al nostro paese di riaffacciarsi, senza falsi pudori, in uno spirito di verità alla ribalta della cultura internazionale."* Dis-


161

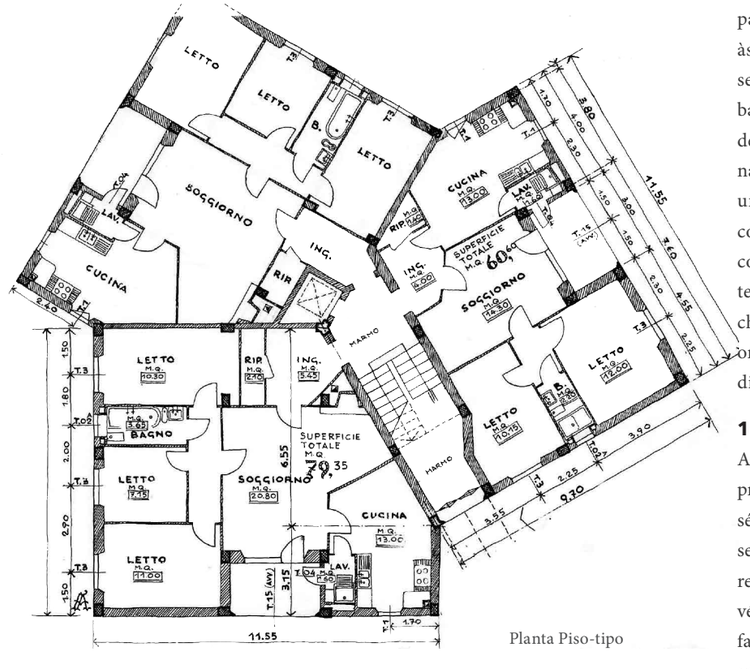

162


163

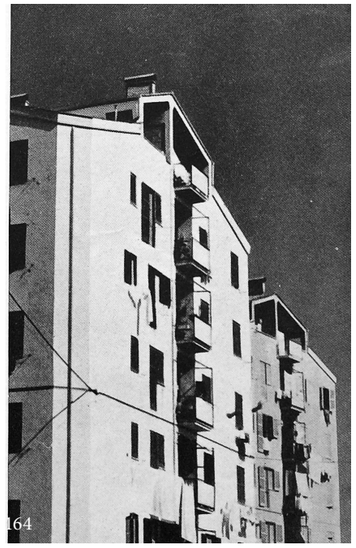
161. Vista Sul das 3 torres de Ridolfi, 3 apartamentos por andar e, atrás, o edifício de 3 andares do mesmo arquitecto, com acesso directo e galeria, 1957. **162.** Vista de um dos estabelecimentos comerciais, de planta hexagonal, projectados por Ridolfi. O edifício em duplo T atrás, é de Ludovico Quaroni, e é considerado a peça central do bairro, 1957. **163.** A praça *Edoardo Arbib*, um dos nós compositivos do bairro, vista do lado Oeste, que se fecha com os blocos de 4 andares de Ridolfi.



Fachada Norte de uma das torres.



Planta Piso-tipo



164. as torres de Ridolfi

Os edifícios, em média com 7 andares, possuem uma planta em forma de estrela obtida através do encaixe de três corpos quadrangulares rodados. Um deles, detém a caixa de escadas e uma habitação de dimensões mais reduzidas. A estrutura portante é um esqueleto de betão armado que se adapta à geometria da planta. Os pilares têm uma secção que variam do rectângulo, ao losango e ao trapézio, e as paredes são, por vezes, engrossadas para incorporar a estrutura. Em relação às paredes, rebocadas e pintadas, repete-se a relação entre cheio e vazio das casas baixas. O esqueleto estrutural permite o desenvolvimento em altura da janela situada na caixa de escadas, que é enquadrada por uma cortina em tijolo perfurada. A complexa cobertura, que se articula no último piso – com traves em madeira, vigotas em betão e telhas *"alla romana"* – é repleta de pitorescas chaminés num jogo premeditado de alturas, onde as habitações viram reduzidas as suas dimensões.

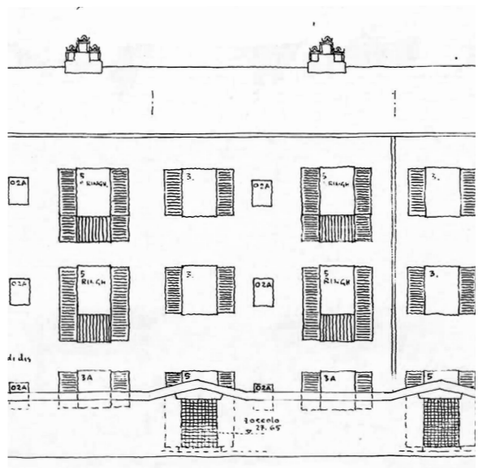
165. as varandas

As varandas ou *loggia*, 3 por cada um dos primeiros 6 andares, são substituídas, no sétimo, por 3 pequenos terraços. Todos os seus elementos são reinventados: a viga é rebaixada de forma a criar uma espécie de véu; os dois pilares laterais são separados da face interior; *"la soglia si inclina ed è forata da una doccia; la ringhiera é in intreccio di ferri piatti e tondi che forma anche la fioriera."*

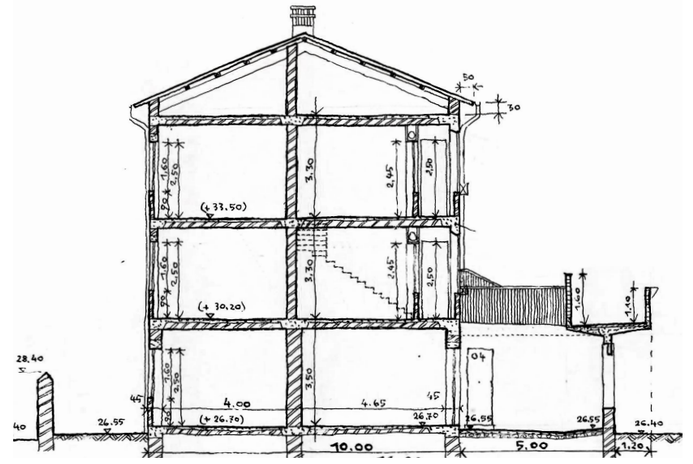


166. e **167. habitação colectiva de Ridolfi**

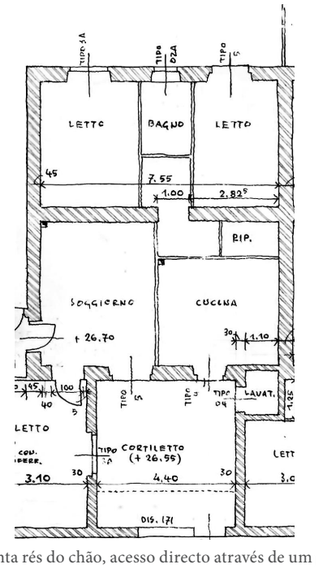
Variante bastante original da habitação em banda. Esta distingue-se pelo sistema pátio-galeria, permitindo um acesso independente, em acesso directo, aos alojamentos do rés-do-chão, em galeria aos do primeiro andar e, através de uma escada interna, aos do segundo. As casas possuem uma estrutura portante em tijolo e tufo, e uma laje aligeirada. Esta solução restringe a planta dos edifícios a uma malha predefinida, com dimensões mínimas de 4,20m x 7,60m, para além de cinjir a dimensão, o número e a posição das aberturas nas fachadas. A galeria é realizada com uma laje de betão armado em consola, apoiada numa parede de tijolo à vista. Os telhados em duas águas, com traves em madeira e vigotas em betão, são revestidos por um manto de telhas *"alla romana."*



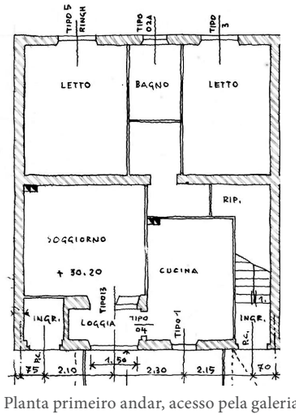
Fachada virada a poente



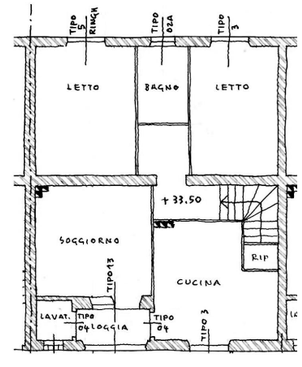
Secção transversal.



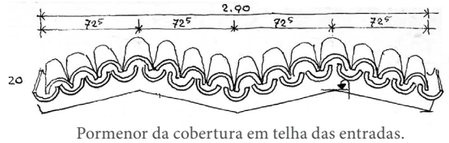
Planta rés do chão, acesso directo através de um pátio.



Planta primeiro andar, acesso pela galeria.



Planta segundo andar.



Pormenor da cobertura em telha das entradas.

3.1.2 **ARQUITECTURA**

"(...) c'erano sei o sette palazzine, storte, di sguincio, con file di finestrini tondi,
dipinte di rosa scuro, con delle porte dove ci s'arrivava facendo cinque o sei scalini,
e tante balaustre a zig zag che le univano fra loro:
poi dietro a queste la strada finiva di colpo,
contro un'strada, senza case, tagliata nel tufo.
E tutt'intorno, i prati."[56]

A implantação do bairro apresenta-se fortemente assinalada pelo traçado da *Via Tiburtina* e pela rua a essa paralela, a actual *Via dei Crispolti*. Entre estas duas vias, em linha ligeiramente oblíqua, encontra-se a conduta subterrânea de saneamento, cujo curso forçou muitas vezes o ajuste da posição dos edifícios[57] *(des. 02)*. Os estudos preliminares da planimetria, mostram que Quaroni e Ridolfi chegaram desde cedo a uma solução muito semelhante à proposta que hoje se encontra realizada, tendo sido poucas as variações na disposição dos edifícios entre a primeira e a última versão da proposta final *(fig. 142)*.

De acordo com o *Guida ai quartieri romani INA-Casa*, assim como em outras obras dedicadas à arquitectura italiana do segundo pós-guerra[58], a informação que consta é que foram construídas, ao todo no bairro, 771 habitações. No entanto, nas cartas e registos do Centro Social, que foram de grande ajuda no desenvolvimento deste trabalho para perceber as características socioculturais do bairro, vem reportado um outro valor. Quer nos primeiros levantamentos feitos pelos assistentes sociais em meados dos anos '50, como nos últimos inquéritos realizados no bairro no início dos anos '70, foram indicados apenas 696 apartamentos. Tal diferença talvez seja explicada num grupo de 6 edifícios incluídos no projecto inicial *(des. 02)*, mas que não foram construídos, tal como citado pelos assistentes sociais num dos levantamentos realizado em 1956, *"le sei palazzine, che nella carta A sono senza numero, non sono state costruite, i tecnici interpellati non (...) hanno saputo precisare la ragione."*[59] De facto, comparando a planta inicial do projecto com a que foi construída *(des. 01)*, apercebemo-nos da inexistência de um grupo de edifícios, previstos ao lado das habitações em banda de Gorio, na zona compreendida entre a *Via Luigi Cesana* e a *Via Comandini*. No seu lugar, encontra-se um edifício de dimensão relativamente superior, construído alguns anos mais tarde, que acolhia a sede do *Centro Sociale Tiburtino*[60].

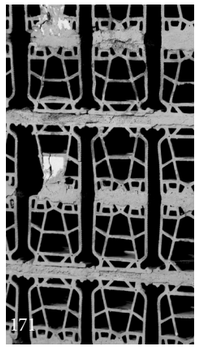
A organização volumétrica do bairro recalca, em parte, aquela indicada no primeiro fascículo de normas e sugestões redigido pela INA-Casa em 1949. De facto, ao ler que: "*la casa*

curso de Paolo Portoghesi no Congresso Mario Ridolfi Architetto 1904-1984, realizado em Roma e em Terni a 9 e 10 de dezembro de 2004. Bruno Dolcetta, "Un bilancio: significati, speranze e delusioni", in *La Grande Ricostruzione*, 2010, p. 257.
56 Pier Paolo Pasolini, op. cit., p. 187.
57 Carlo Chiarini "Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino", op. cit., p. 28.
58 Entre os quais: Pippo Ciorra, *Ludovico Quaroni: 1911-1987. Opere e progetti,* Milano: Electa, 1989; Piero Rossi, *Roma: Guida all'architettura moderna:1909-1991*, Roma: Laterza, 1991; Paola Di Biagi (a cura di), *La grande ricostruzione. Il piano INA-Casa e l'Italia degli anni Cinquanta*, Roma, 2000.
59 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, Indagine sul fabbisogno dei servizi generali nei complessi INA-Casa, 1956, p. 3.
60 O *Centro Sociale Tiburtino* foi inaugurado em 1964 e deixado ao *Ente Gestione Servizio Sociale* em 1975, data em que o lugar foi adquirido pelo IACP. Hoje, o edifício em questão hospeda os *Uffici Tecnici dell'ATER*, um pequeno pavilhão desportivo e o *Centro Anziani di Casal Bruciato*. Ibidem.


168


169

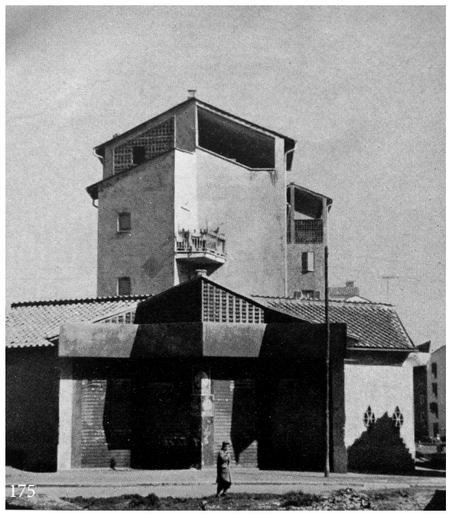

170


171


172


173


174


175


176


177

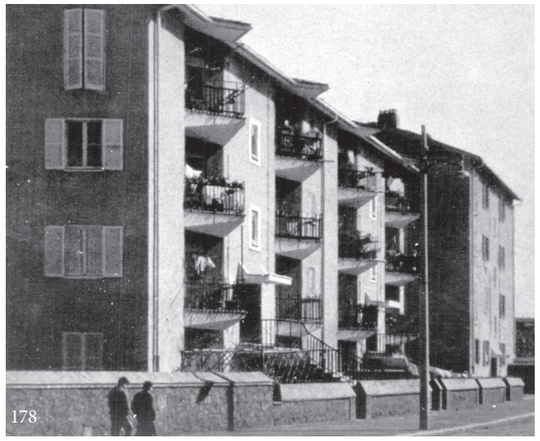


180. 181. 182. e 183.A Vertical Múltiplo de Quaroni

Considerado o centro do conjunto, foi desenhado em conjunto com Mario Fiorentino, decididos a construir juntos a forma da praça central do bairro. Muito interessante a solução de ângulo, proposta por Valori num projecto para Civita Castellana, que acabou por ser utilizada em outros edifícios no bairro: uma escada triangular que serve de elemento de ligação de 3 corpos, sobre a qual se viram as varandas dos apartamentos. A disposição das aberturas segue a lógica da distribuição interna, criando um desenho de fachada variado e assimétrico, ao qual contribuem janelas, varandas e terraços de tamanhos e formas variadas. Esta variedade de soluções, permite a distinção entre as várias partes e torna legível a volumetria do edifício. As salas de estar e respectivas varandas, encontram-se viradas para o pátio interno, a praça *Edoardo Arbib*, com o objectivo de interligar o espaço externo - entendido como comunitário - à vida doméstica privada.

183.B Galeria de Quaroni

Na V*ia dei Crispolti*, encontra-se a habitação colectiva em galeria de Quaroni. É um edifício de 3 andares, colocado em cima de uma base alta em tufo, que esconde os anexos das habitações, e dá mais privacidade aos apartamentos. Os alçados são compostos pelas diferentes posições e comprimentos das varandas e janelas, das quais explorou variadas formas. A meditada casualidade das soluções acentua o carácter espontâneo. Os detalhes dos portões, dos muros e das entradas, são *"un tentativo di prolungare lo spazio domestico sin nella strada."* A planta é constituída pela união de 3 corpos interligados por uma galeria voltada para o pátio interno. Esta desarticulação permite a existência, a nível distributivo, de habitações com duas frentes. Os alçados são assimétricos e permitem uma completa legibilidade do volume arquitectónico. O corpo Sul, entra em jogo com a forma estrelar do estabelecimento comercial que se encontra em baixo, através da dupla inclinação das paredes da fachada lateral. Os corrimões e balaustradas, das galerias e das varandas, foram desenhadas de forma particular, articulando um dos varrões de ferro em torno dos outros, criando um movimento ritmado.

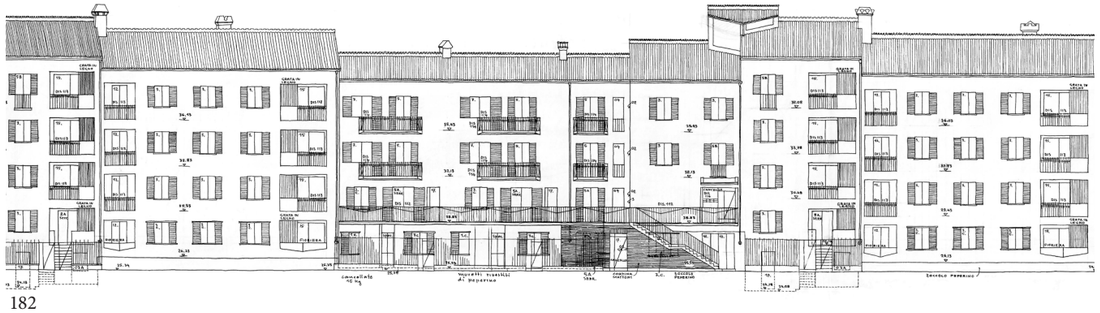

178



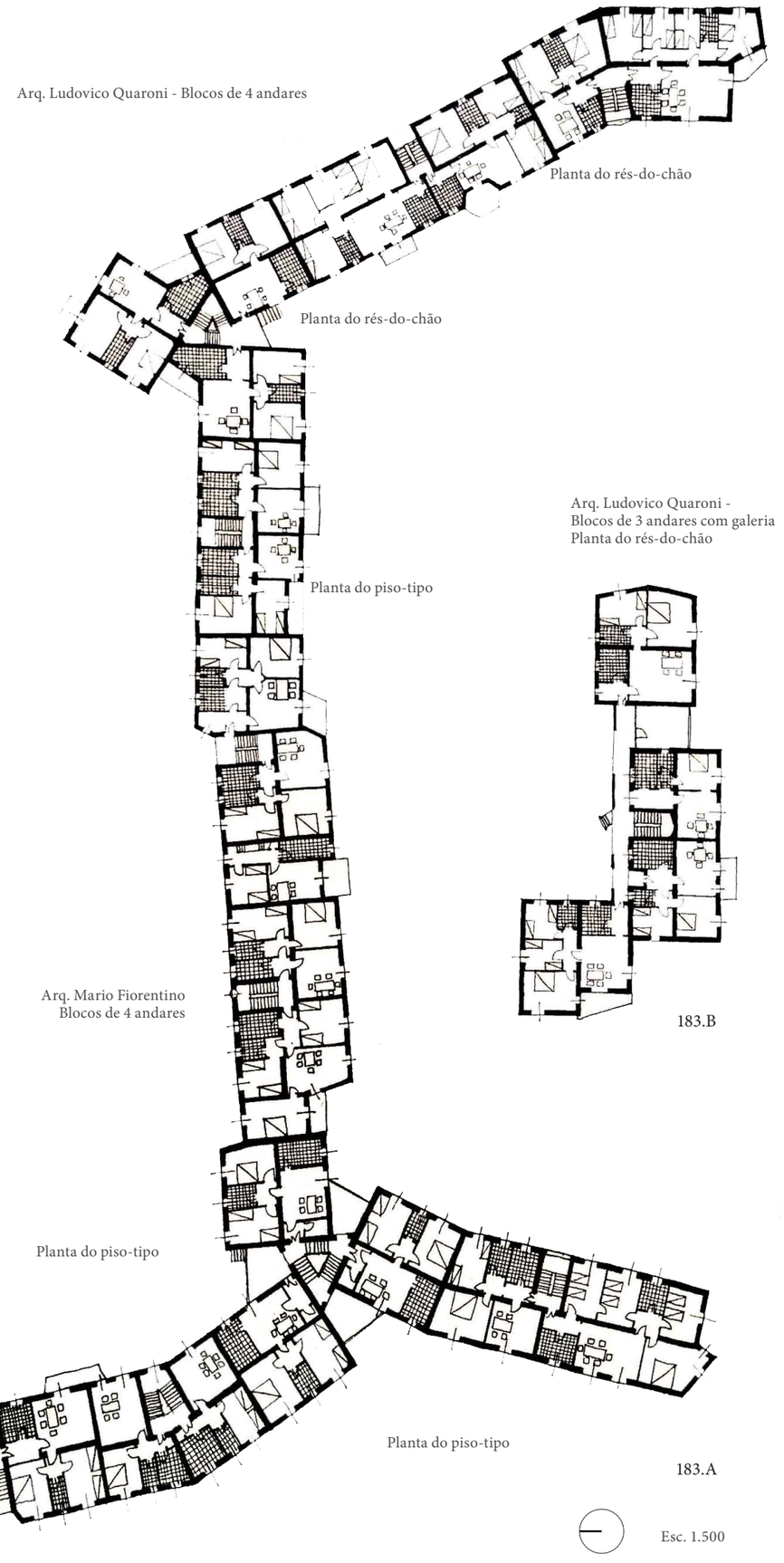
179


180


181


182

Na página anterior: **168.** Vista das 3 torres e das habitações em banda de Ridolfi, 1956. **169.** Habitações de 4 andares de Ridolfi, *Via Diego Angeli*. **170.** Fachada Oeste das casas de Aymonino e Chiarini ao longo da *Via Luigi Lucatelli*. **171.** Detalhe do corrimão feito com blocos de tijolo, que protege os pátios do rés-do-chão nas habitações de Ridolfi. **172.** Extremidade de um muro de separação dos jardins privados. **173.** Vista de um pátio interno comum das habitações. **174.** O corrimão em ferro da galeria de Ridolfi. **175.** Lado Poente do quarto estabelecimento comercial de Ridolfi, o único que fecha a praça *Edoardo Arbib* a Norte, e que serve a *Via Tiburtina*. **176.** Complexo INA-Casa em Cerignola, Foggia. Mario Ridolfi e Frankl Wolfgang, 1950-1951. **177.** Complexo INA-Casa em Terni, Umbria. Mario Ridolfi e Frankl Wolfgang, 1949-1950. **178.** Habitações de 4 andares de Ridolfi, *Via Diego Angeli*. **179.** Conjunto de lojas desenhado por Ridolfi ao longo da *Via dei Crispolti*.



dovrà contribuire alla formazione dell'ambiente urbano (...) senza le ripetizione, indefinite e monotone, delle sistemazione a scacchiera" ou até mesmo que serão *"le conduzione del terreno, il soleggiamento, il paesaggio, la vegetazione, l'ambiente preesistente, il senso del colore a suggerire la composizione planimetrica affinché gli abitanti dei nuovi nuclei urbani abbiamo l'impressione che in questi sia qualche cosa di spontaneo, di genuino, di indissolubile fuso con il luogo Sul quale sorgono"*[61], parece que estamos a ler a descrição do Tiburtino.

As soluções arquitectónicas sugeridas para o bairro são várias, devido ao facto de se terem utilizado aqueles modelos tipológico-formais, elaborados pelos mesmos arquitectos para os concursos INA-Casa, documentados como exemplos a seguir no segundo fascículo[62]. Gorio, por exemplo, adaptou às casas em banda um seu projecto de habitação social elaborado em 1949 para Eboli[63] *(fig. 159)*. Ridolfi, reutilizou as habitações projectadas 2 anos antes para o bairro Italia, em Terni *(fig. 177)*, realizado em conjunto com Frankl Wolfgang[64], e aproveitou parte do projecto INA-Casa Cerignola na Puglia *(fig.176)*, construído simultaneamente ao Tiburtino. Por último Valori, que adaptou um edifício, projectado para Civita Castellana, constituído por 3 corpos articulados à volta de uma escada triangular. Esta foi utilizada várias vezes no Tiburtino como elemento de ligação entre blocos[65]. *(fig. 183A)*

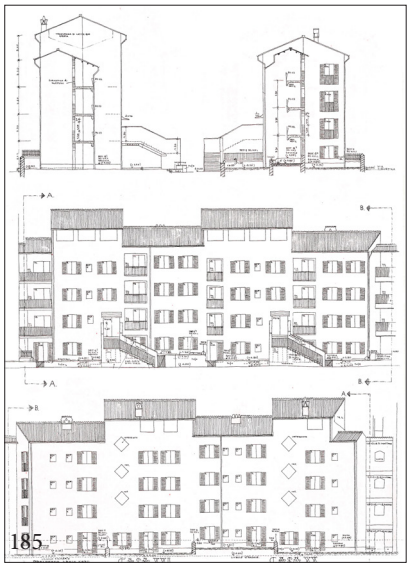
| itinerário

O acesso pela *Via Diego Angeli* é assinalado por um dos 4 estabelecimentos comerciais do bairro *(fig. 162 e 175)*. Todos eles são projectados por Ridolfi, definidos através de um módulo base, onde das variadas combinações volumétricas surgem plantas articuladas, num jogo fluído de côncavos e convexos, saliências e reentrâncias, criando coberturas dinâmicas. Do mesmo arquitecto, e ao longo da mesma rua, deparamo-nos com um edifício em banda, cuja fachada é ritmada por uma vasta panóplia de varandas pontiagudas *(fig. 178)*, réplica quase idêntica ao já mencionado projecto realizado num outro bairro INA-Casa em Terni[66] *(fig. 177)*. Do lado direito, o edifício de habitação colectiva projectado por Ridofi de 3 andares, em galeria e acesso directo, com um alojamento por piso *(fig 166 e 167)*. Este último encontra-se voltado de costas para a rua, sendo que a fachada caracteriza-se a pelos muros serpenteados, que ladeiam os jardins, feitos de blocos de tufo alternados com tramas em tijolo perfurado, encimados por telhas e lanças em ferro *(fig. 172)*.

Ultrapassando a passagem coberta, que introduz uma zona pedonal mais reservada, descobrimos a inédita organização distributiva deste edifício. A fachada tardoz possui as entradas para as habitações do rés-do-chão, mediadas por um pátio, e uma ampla galeria para entradas dos andares superiores. A galeria *(fig. 174)* é interrompida pelos altos parapeitos, realizados com blocos de tijolo *(fig. 171)*, que protegem os átrios do rés-do-chão, entre os quais se encontram as entradas, protegidas por coberturas ondeadas, das habitações do primeiro e segundo andar.

61 Piano incremento occupazione operaia case per lavoratori. Vol.1, 1949, *Suggerimenti, norme e schemi per la elaborazione e presentazione dei progetti.* Ver também Luigi Beretta Anguissola, "La macchina del Piano", op. cit., 1963, p. 410.
62 Piano incremento occupazione operaia case per lavoratori. Vol. 2, 1950, *Suggerimenti, esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti tipo.*
63 Johnny Farabegoli, "Oltre il neorealismo. Il piano Fanfani a Roma", in *La Grande Ricostruzione*, 2010, p. 421.
64 Também a Frankl se deve a ideia da habitação em banda, com galeria e acesso directo, projectadas ao longo da *Via Diego Angeli* e da *Via Luigi Cesana*, usada pela primeira vez no bairro INA-Casa em Cerignola. Valerio Palmieri, "Il neorealismo di Ridolfi e Frankl a Cerignola", in *La Grande Ricostruzione*, 2010, p. 445-453.
65 Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 71.
66 Francesco Cellini e Claudio D'Amato, "Architettura e città: Terni", in *Le Architetture di Ridolfi e Frank*l, 2005, p. 68 - 84.


184


185


186


187


188


189

184. e **185.** Fotografia, cortes e alçados dos edifícios projectados por Mario Ridolfi, cujas entradas se abrem para a praça *Edoardo Arbib* e cujas traseiras se viram para a *Via Tiburtina*. Nos últimos andares destes edifícios, localizam-se os estendedores de roupa. **186.** Habitações de Aymonino, Chiarini, Lenci e Melograni no início da *Via Luigi Lucatelli*. **187.** Habitações de Gorio vistas pelo lado das entradas, no final da *Via Luigi Lucatelli*. **188.** Vista da *Via Luigi Cesana* em ascensão, para a qual se vira a galeria das habitações em banda de Ridolfi. **189.** Vista de um pátio interno comum de algumas habitações de Lanza e Menichetti. Atrás, vista da quarta e última torre de Ridolfi, que demarca a extremidade Sul do bairro.

No amplo jardim em frente, deparamo-nos com 3 das 4 torres de Ridolfi *(fig. 168)* – uma combinação em planta de 3 corpos quadrangulares rodados – caracterizadas pela cobertura escalonada, articulada entre varandas e terraços, telhados em duas águas e chaminés de diferentes tamanhos e alturas, obtendo uma tipologia arquitectónica definitivamente urbana, a uma dimensão mais íntima e doméstica *(fig. 161)*.

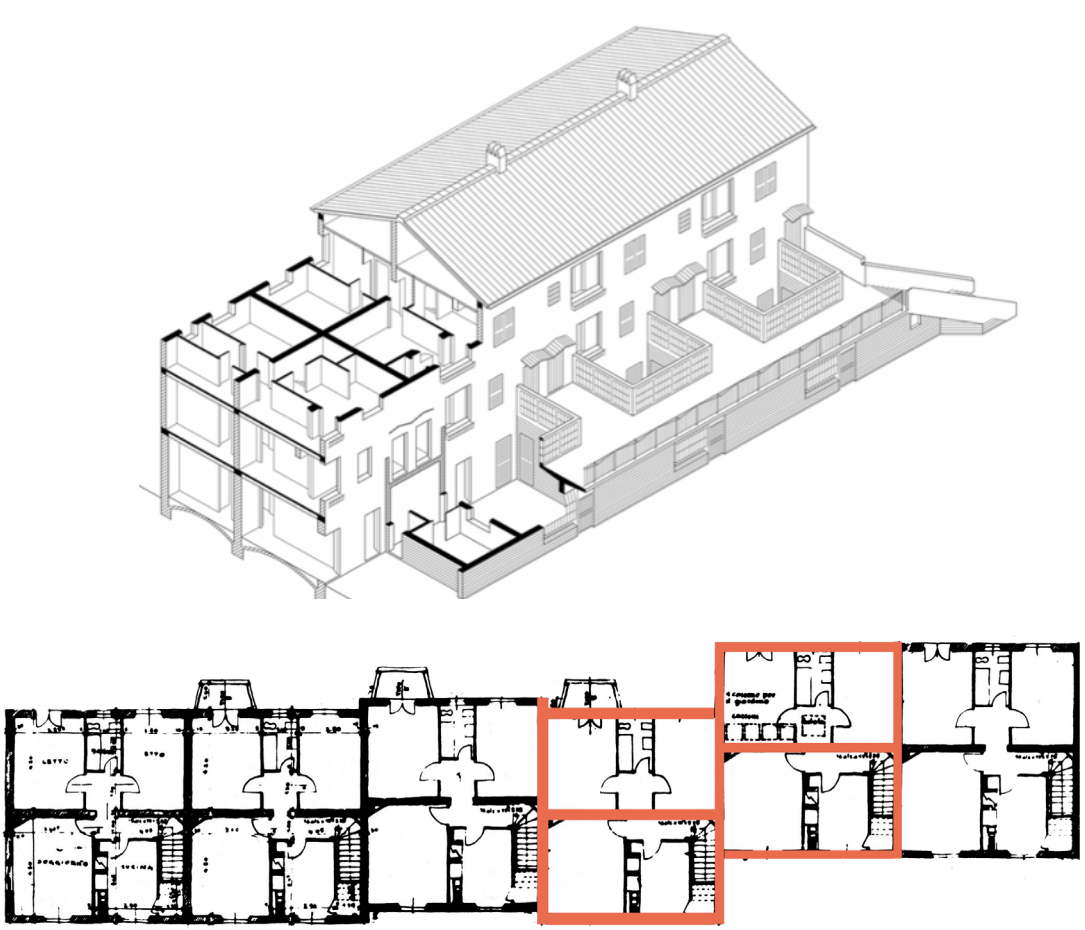
Pela *Via Edoardo Arbib,* entramos na praça central da composição, delimitada, à sua esquerda, pelas casas em banda de Ridolfi *(figs. 163 e 185)*, cujos ângulos de conexão entre os edifícios eram originàriamente abertos, devido às varandas e galerias que os definiam *(fig. 184)*. Também aqui volta a a ser usada a mesma trama em bloco de tijolo perfurado, desta vez no sótão, a encimar a cobertura dos edifícios - onde estavam localizados os estendais de roupa comunitários - permitindo uma correcta passagem de ar e luz.

Em frente, do outro lado da praça, situa-se o vertical múltiplo em duplo T *(figs. 180, 181 e 183.A)*, projectado por Quaroni e Fiorentino, considerado aquele com "*maggiore coerenza nel passaggio di scala*"[67]. Corpos em linha, rodados de forma irregular e faseada, constituem um todo que encerra o lado da Sul da praça interna - para onde estão viradas as cozinhas e as zonas de serviço. Nos pontos de charneira, os edifícios estão agregados por um elemento triangular em forma de estrela, estudado pelo arquitecto Valori *(fig. 183.A)*.

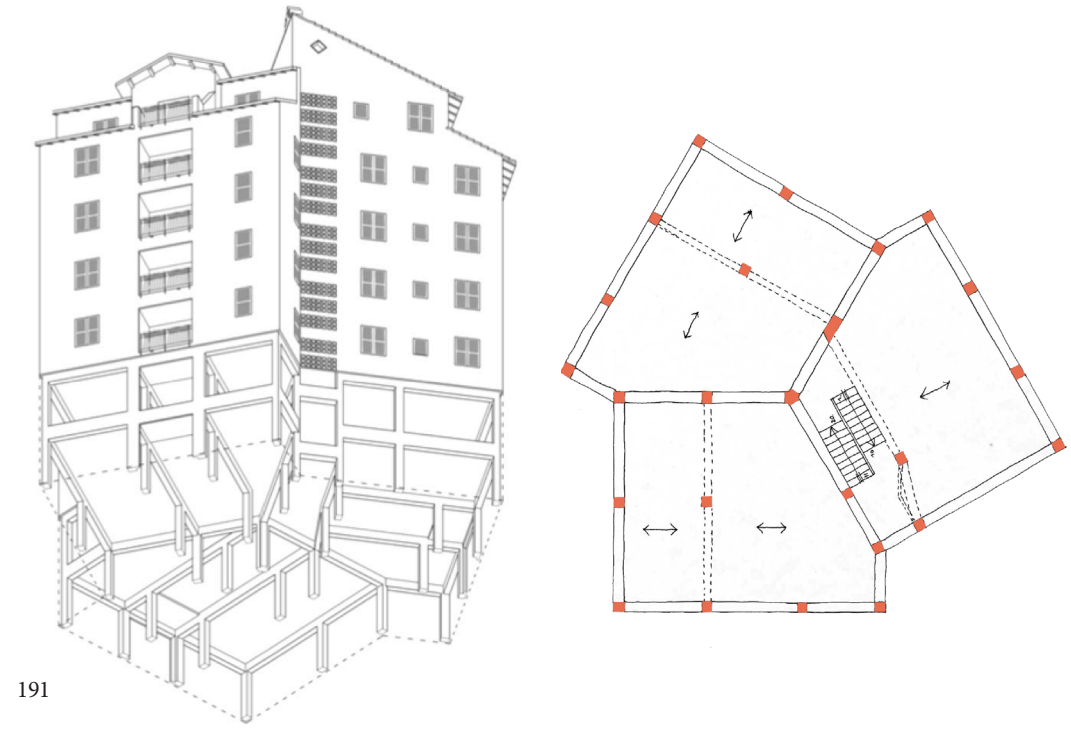
Ao longo da *Via Tiburtina*, deparamo-nos com as 3 torres de Lugli, de planta quadrangular simples e cantos arredondados. As mesmas partilham o pátio com as habitações em banda de Valori e um conjunto de edifícios projectado por Melograni. No cruzamento com a *Via dei Crispolti*, encontra-se um outro estabelecimento comercial *(fig. 179)*, de planta hexagonal, delimitado pelas habitações em banda de Melograni. Do lado direito, encontra-se o quarto e último edifício comercial do bairro *(fig. 162)*, localizado ao lado da galeria de Quaroni *(fig. 183.B)*. Na vasta área que se encontra em frente, deixada por muitos anos vazia, surge em 1970 a igreja *Santa Maria della Visitazione*, de Saverio Busiri Vici, volumetria moderna em betão à vista, completamente descontextualizada em escala e linguagem para com o bairro.

Da *Via dei Crispolti*, tem início a subida da *Via Luigi Cesana,* acompanhada pelo decorrer escalonado e faseado do segundo grupo de habitação colectiva de Ridolfi *(fig. 188)*. Aqui, a longa galeria funciona como uma espécie de rua sobrelevada, escadeada e dividida em vários patamares. Em frente, localizam-se os edifícios em banda de Gorio, marcados em fachada pelas singulares caixas de escadas. A demarcar o fim do bairro, rematando a subida, está inserida a última torre de Ridolfi *(fig. 189).* As habitações de Gorio, que se desenlaçam ao longo da descida pela *Via Luigi Lucatelli (fig. 187)*, desenham percursos fluídos e espaços comuns articulados. A solução encontrada para as fachadas, com as paredes dobradas e as varandas trapezoidais bastante originais, é sem dúvida a particularidade destes blocos. Descendo continuamente a mesma rua, encontramos alinhados os grupos de habitações em banda de Aymonino, Chiarini, Lenci, Melograni, Lanza e Menichetti considerado, no entanto, as composições mais simples do bairro *(fig. 186)*.

67 Carlo Aymonino, "Storia e cronaca del quartiere Tiburtino", op. cit., p. 21.



190



191

190. Planta e vista axonométrica das habitações em banda de Ridolfi, que demonstra o sistema de paredes portantes adoptado. **191.** Planta e vista axonométrica de uma das torres, evidenciando a estrutura de betão armado utilizada na construção destes edifícios.

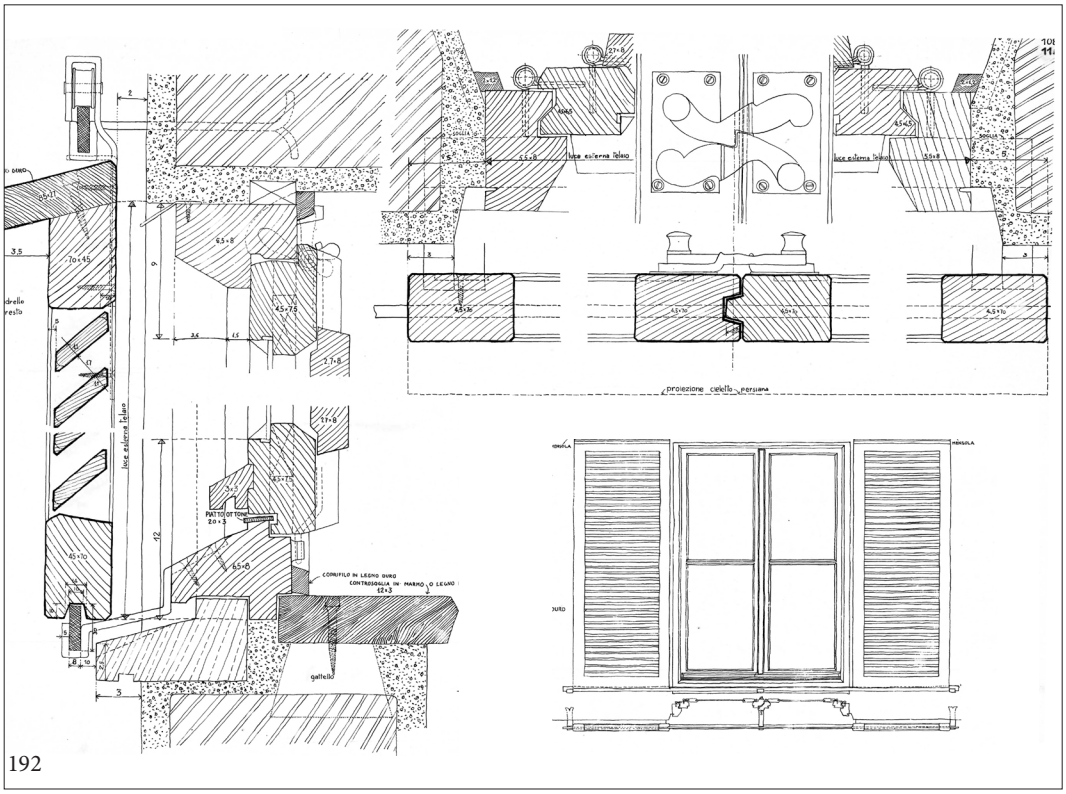
3.1.3 **CONSTRUÇÃO**

"(...) né città, né periferia, il quartiere a rigore, non è neanche un paese, bensì è un'affermazione, insieme, di rabbia e di speranza, anche se le mitologie che lo sostengono rendono la rabbia impotente e la speranza ambigua."[68]

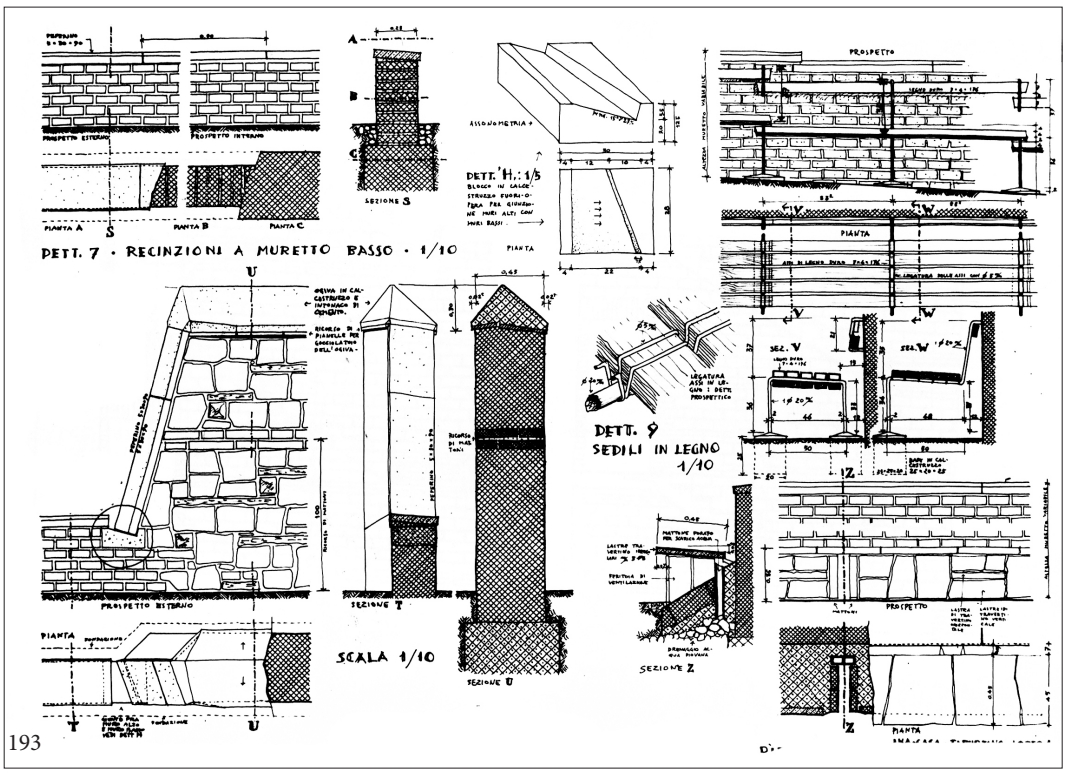
O bairro Tiburtino - assim como o Tuscolano e o Valco San Paolo - serviu também de protótipo para validar os procedimentos operativos e executivos adoptados pelo plano INA-Casa[69]. Apesar da forte referência à tradição construtiva romana, foi usada no bairro a técnica construtiva que se estabeleceu em Itália na primeira metade do século XX, isto é, o uso de paredes portantes. No caso concreto do Tiburtino, paredes em alvenaria ou lascas de tufo intercaladas com fileiras de tijolos – e lajes aligeiradas em betão armado, delimitadas com vigas de betão[70]. Esta simples solução construtiva, permitia a realização de malhas estruturantes em caixa, onde as paredes portantes – as fachadas e as paredes centrais – dispostas de forma longitudinal, sustentavam as coberturas. Este método permitiu por um lado variar a posição das paredes transversais, mas por outro limitou a largura dos edifícios. Também obrigou a um tratamento trivial das fachadas, restringindo o número, o tamanho e a posição das janelas. Para além disso, a colocação da parede portante interna, criou uma certa rigidez na distribuição dos espaços, o que confirmou a prioridade dada pelos arquitectos à simplicidade e à economia das construções, em vez de uma distribuição racional dos alojamentos[71].

Todos os edifícios mais baixos foram construídos através de uma estrutura de paredes portantes *(fig. 190)*, onde o betão armado encontrou uma discreta expressão formal, manifestando-se apenas nas escadas internas, nas galerias, nas varandas e nas coberturas[72].
Nas torres, foi usado, pela sua vantagem económica, um esqueleto de betão armado *(fig.191)*. Deste, não foi aproveitada a sua potencialidade expressiva que, na verdade, é escondida e colocada em segundo plano, para conferir a estes edifícios mais altos um aspecto que se assemelhasse ao dos edifícios baixos. No entanto, observando com atenção, é possível notar a presença de um esqueleto portante, visto que algumas partes - tais como as galerias, os terraços e as janelas situadas na caixa de escadas – só poderiam ser realizadas desta forma. O uso do esqueleto portante, perfeitamente integrado na estrutura das paredes, confirmou o papel instrumental do mesmo. Um papel absolutamente irrelevante no panorama arquitectónico dos anos '50, que demonstrava ainda uma certa desconfiança e preconceito para com o esqueleto em betão armado, ainda pouco usado na tradição construtiva italiana[73].

68 Manfredo Tafuri, *Storia dell'architettura Italiana*, 1985, p. 25.
69 Sergio Poretti, "Le tecniche edilizie: modelli per la ricostruzione", in *La Grande Ricostruzione*, 2010, p. 120.
70 Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 71.
71 Ibidem.
72 À excepção da habitação colectiva de Ridolfi, ao longo da *Via Diego Angeli*, onde foi usado um esqueleto de betão armado devido a sérios problemas na fundação dos blocos, pela presença de antigas caves de uma pedreira. Ibidem.
73 Para além disso, não estava garantido que usar o esqueleto em betão respondesse melhor à realidade económico-produtiva do país. Na realidade, só alguns anos mais tarde é que as capacidades operacionais das empresas e os custos dos materiais de construção e de transporte, foram tais a permitir a escolha entre uma ou outra técnica construtiva. Com excepção das pequenas intervenções em localidades longe dos centros citadinos, onde o uso dos materiais locais conseguia ainda ficar mais em conta. Sergio Poretti, "Le tecniche edilizie: modelli per la ricostruzione", op. cit., p. 125.



192



193

192. Detalhes construtivos dos caixilhos em madeira das janelas de Ridolfi.
193. Detalhes construtivos dos muros de separação dos jardins e dos bancos em pedra e madeira do arquitecto Gorio.

No Tiburtino, portanto, não só não foi utilizada nenhuma inovação construtiva, como também não houve uma tentativa de reelaborar as técnicas usadas que, no decorrer do século, se tinham demonstrado adaptáveis a várias situações económicas e a vários estilos construtivos. O esforço projectual parece ter sido concentrado unicamente no minucioso desenho das fachadas - "*seguendo un ritmo scenografico*"[74] - onde entram em jogo vários detalhes construtivos[75].

Na verdade, é interessante reparar como com poucos meios económicos, mão-de-obra não especializada e materiais construtivos locais e limitados – *mattoni, pietrame di tufo, tegole, pignatte, legname, piattina di ferro*[76] – se conseguiram obter texturas e efeitos de superfície inéditas à época[77]. Estes também conseguidos através do uso da cor, que Ridolfi definiu atentamente, seguindo a tradição cromática romana dos tons terra*: "i colori vanno, per le pareti, dal grigio al nocciola, all'ocra, al rosa; per i serramenti, dal bianco al grigio, al marrone, al verde, al celeste; per i pluviale, le gronde e i balconi, dal grigio nave al grigio cemento*"[78]. Os caixilhos eram inicialmente em madeira de abeto (*fig. 192)*, com persinas *"alla romana*"[79], os gradeamentos das varandas e das escadas em ferro, e as paredes das escadas eram forradas em tijolo para garantir uma maior durabilidade. Os muros de vedação externos são em tufo e tijolo à vista, com cobertura em travertino ou em betão. Os pavimentos das ruas são em asfalto, enquanto que nos pátios internos variavam entre a calçada típica romana, *"sampietrini",* e blocos de travertino (substítuidos mais tarde por asfalto).

E foi assim que, de elemento em elemento, nasceu no Tiburtino *"uno stile colto e, insieme, popolare che ci appare nuovo ma, in qualche modo, già visto in altri luoghi, urbani e rurali"*[80]. Um estilo que brota de uma arquitectura focada nos detalhes. Uma obra de reinvenção circunscrita às regras construtivas da tradição romana. Uma obra irrepetível, *"risultato di uno stato d'animo",* expressão de um ambiente cultural particular, como o do pós-guerra romano, mas também interpretação fiel do modelo constructivo indicado pela INA-Casa.

Desta forma, o bairro tornou-se num exemplo cativante para os bairros que se lhe seguiram, e conquistou um lugar na história da arquitectura como *"manifesto del neorealismo architettonico e insieme dell'ideologia dell'INA-Casa durante il primo settennio"*[81].

74 Manfredo Tafuri, *Ludovico Quaroni e lo sviluppo dell'architettura moderna in Italia*, op. cit., p. 99.
75 Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 71.
76 Margherita Guccione, Maria Sagarra Lagunes, Rosalia Vittorini, *Guida ai quartieri romani INA-Casa*, p. 41.
77 Reaparecem os rodapés, os lambris em travertino, os caixilhos em madeira, as varandas com parapeitos em ferro, reaparecem os telhados de duas águas, caleiras e canos em chapa galvanizada e chaminés em tijolo. *"ricompare il basamento: semplice zoccolatura di mattoni in vista o di lastre di travertino; ricompaiono le finestre di abete schermate da persiane, ritmate, regolari e ben distanziate; ricompaiono le logge e i balconi guarniti sui parapetti di fantasiosi intrecci di ferro; ricompaiono i tetti a capanna col loro corredo di tegole alla romana, di gronde sporgenti su palombelli di abete, di grondaie e pluviale di lamiera zincata, di comignoli di mattoni. Le stesse pareti, quasi sempre intonacate e tinteggiate con colori terrosi, laddove non sono portanti – come nei sottotetti, nelle altane, negli schermi delle logge – si trasformano in transenne traforate fatte con pignatte da solaio o con mattoni pieni variamente disposti. Come nei casali di campagna o nell'edilizia minore, le scale, talora, sono costruite su volte "alla romana" di mattoni in foglio, talora, invece le prime rampe sono proiettate all'esterno delle case. I muri di recinzione in opera poligonale di ufo – un tufo cavato nei dintorni della citta – ricordano, anche nella terminazione cuspidata e nella sfilata delle "lancette", i muri che nella Roma barocca limitavano i fondi rustici dalle strade."* Carlo Chiarini, "Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino", op. cit., p. 29.
78 Ibidem.
79 Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 78.
80 Idem, p. 71.
81 Manfredo Tafuri, op. cit., p. 100.



O dia-a-dia dos habitantes,
habitações de Gorio e Rinaldi.
Via Luigi Cesana, 1965.

3.1.4 **HABITANTES**

"fatto il quartiere, bisogna fare gli abitanti"[82]

Em 1953, o bairro encontrava-se já em grande parte terminado, mas os apartamentos só foram distribuídos no ano seguinte. Federico Gorio, recordou o seu entusiasmo ao ir visitar o bairro pela primeira vez, com o intuito de saber quais eram as primeiras reacções dos habitantes quando, para seu espanto, encontrou o bairro completamente vazio: *"arrivati sul posto ci accorgemmo subito che le case, a distanza di mesi dalla últimazione dei lavori, erano deserte; le staccionate dei cantieri ancora in piedi; I tabelloni d'obbligo sempre al loro posto"*[83]. Na verdade, os primeiros a ocupar o bairro não foram os inquilinos da INA-Casa, mas sim um grupo de famílias provenientes de Pietralata, cujas casas tinham sido drásticamente destruídas devido à inundação que atingiu a cidade a 27 de Agosto de 1953[84].

A entrega dos alojamentos ocorreu em duas fases distintas: foram distribuídos 561 apartamentos no verão de '54, mais 113 nos meses de inverno de '56[85], contando-se 674 agregados familiares num total de 696 habitações. Havia uma forte predominância de imigrantes provenientes da região centro e Sul de Itália que, somando ao número de habitantes provenientes do Norte ou das ilhas representavam 81% do número total de famílias residentes no bairro. Apenas 14% eram famílias romanas[86]. Habitavam também no bairro, algumas famílias de origem croata ou então provenientes das ex-colónias, resultado das normas emitidas pelo governo na esperança de resolver a emergência habitacional do pós-guerra[87]. A consequência desta mistura de proveniências, que regulou o acesso às habitações, foi a de criar um núcleo residencial misto e variado: *"quanto discutevano, sentivi litigi da una finestra a un'altra, in cui si dicevano: "ehm stai zitto tu che sei calabresi","EEHHH ma hai parlato te che sei siciliano", "ma allora parlo io che sono abruzzese" e questa dimensione multi-dialettica, tantissimi dialetti di famiglie che provenivano veramente da tutt'Italia ... e soprattutto erano famiglie svantaggiate, perché altrimenti non avrebbero avuto una casa popolare, perché al epoca le case popolare le davano sul serio a chi aveva bisogno."*[88]

Com efeito, em 1954, o principal critério que diferenciava a população era o seu lugar de proveniência. Este caracterizava-se através de diferentes hábitos e atitudes: *"per quanto concerne i settentrionali, si può rilevare che le loro abitazioni, anche se modeste, sono scrupolosamente pulite; le donne vivono sempre in casa e dedicano ad essa gran parte del loro tempo; le meridionali preferiscono trascorrere le giornate in strada e si attardano a discutere delle varie manchevolezze*

82 Alice Sotgia, *INA-Casa Tuscolano.* op. cit., p. 68.
83 Federico Gorio, "Il testimone", op. cit., p. 252.
84 Pietralata foi uma das zonas mais destruídas pelo dilúvio. Devido à construção precária dos edifícios, à falta de redes de saneamento, canalização e à falta de manutenção geral do bairro, não foi possível a drenagem da água do rio *Aniene*. As habitações ficaram de tal modo destruídas que se tornaram inabitáveis: *"a Pietralata le orribili abitazioni dell'Istituto case popolari, invase dai sorci, con i muri cadenti, con gli infissi che se ne vanno a pezzi, sono per la maggior parte inabitabili. Molte famiglie con un atto di forza, sono penetrate nelle case sfitte dell'Ina Casa sulla via Tiburtina e ne hanno preso possesso. Ma non hanno nulla, né una rete, né un materasso. I sinistrati hanno dovuto fare ogni cosa, aiutati soltanto dalla loro stessa energia."* Emiliana Camarda, *Pietralata. Da campagna a isola di periferia,* op. cit., p. 55.
85 Em 1954 foram distribuídas 561 habitações: 99 em Junho, 244 em Julho e 218 em Agosto. Já em 1956: 18 em Janeiro, 19 em Fevereiro, 65 em Março, 11 em Agosto. Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, "Indagine Sul fabbisogno", p. 22.
86 Idem, p. 20.
87 Segundo a lei nº 137 (04.03.1952), 15% das habitações que a UNRRA-Casas, IACP e a INCIS constrói entre 1952 e 1956, são destinadas a famílias de refugiados. Legge nº 137 del 4 marzo 1952, "Assistenza a favore dei profughi", art. 17. Ibidem.
88 Entrevista a Ana Maria Viola. 03.12.2016.











195. Stefano Tito e Pino Pelosi, suspeito homicida de Pier Paolo Pasolini, 1963. **196.** Grupo de crianças a brincar na *Via Diego Angeli,* 1967. **197.** Stefano Tito e seu irmão Gianni, num descampado inexistente nos dias de hoje, 1961. **198.** Antonio Viola num dos edifícios de Lanza e Menichetti, 1966. **199.** Grupo de crianças a brincar na *Via Luigi Cesana*. Havia um elevado número de crianças e jovens no bairro. Na verdade, nos relatórios dos assistentes sociais que trabalharam com as famílias no início dos anos '60, vem reportado uma média de 8 crianças por bloco. Algumas famílias chegavam a ter 10 filhos.

riscontrate negli alloggi."[89] Com o tempo, este parâmetro teve tendência a desaparecer e as condições socioeconómicas passaram a ser o principal aspecto de diferenciação e separação em classes dos habitantes.*"I comportamenti, i rapporti di vicinato, la scelta delle relazione amicali, sono diversi a seconda della categoria sociale a cui il nucleo appartiene.*"[90]

A distinção entre as diferentes classes sociais tornou-se mais forte que as respectivas proveniências, o que levou à criação de 2 grupos nitidamente distintos dentro do próprio bairro: *"il tipo di complesso, l'isolamento dalla città (...) hanno facilitato l'integrazione sociale all'interno del complesso. Questa però, è avvenuta su due basi: ceto operaio e ceto impiegatizio. Tra le due categorie vi è scarso scambio. Più facilmente gli operai si sono adattati all'ambiente. Più marcata tra gli impiegati la tendenza all'isolamento e ad allacciare rapporti con la città.*"[91] Em 1956, num estudo realizado por um assistente social, os núcleos familiares presentes no Tiburtino, foram subdivididos segundo as profissões dos chefes de família: no bairro registavam-se 227 empregados, 360 operários e 87 operários não qualificados (60% eram funcionários de Estado ou trabalhavam numa outra entidade pública)[92].

A presença, e muitas vezes a prevalência, de vários grupos de funcionários do Estado, em detrimento de trabalhadores operários, representa uma particularidade dos bairros INA-Casa construídos na capital. Na verdade, isto constitui um reflexo do tipo de imigração ocorrida na cidade: mais de 60% de quem entrou e se estabeleceu em Roma, entre os anos '50 e o início dos anos '60, trabalhava no âmbito da administração pública[93], testemunhando o facto da cidade nunca se ter desenvolvido como grande metrópole industrial[94]. Contudo, na memória dos habitantes, não permanece um único traço desta distinção a nível social no dia-a-dia do bairro[95]. É, no entanto, muito marcado o isolamento dos habitantes INA-Casa para com os outros complexos residenciais à sua volta.

A difusão de valores, costumes e práticas comunitárias dentro destes ambientes, caracterizados por uma acentuada heterogeneidade social, nomeadamente em todos estes bairros INA-Casa, constituiu-se um dos pontos essenciais do Plano Fanfani. Era esta a função que o Serviço Social deveria desenvolver: apoiar o processo de adaptação dos habitantes ao novo bairro, educar as famílias a preservar e a cuidar das novas habitações, orientando-as para uma gestão racional dos recursos familiares, *"esercitare sulle famiglie un'azione formativa (...) per contribuire ad assicurare un tono civile e confortevole di vita ad ogni singola famiglia e all'intera convivenza, in armonia con i principali informatori del Piano che hanno ispirato la stessa impostazione architettonica ed urbanistica delle costruzioni."*[96]

89 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 15, "Relazione dell'assistente sociale Thea Mancini dell'8 ottobre", 1954.
90 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, "Monografia Sul complesso".
91 Sobre a organização social do bairro consultar: Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 15, "Premessa al programma di lavoro del Centro Sociale Tiburtino", 1959, p. 4.
92 Ibidem.
93 Silvio Lanaro, *Storia dell'Italia repubblicana*, 2001, p. 266.
94 Idem. p. 270.
95 No entanto, quem provinha de uma condição familiar operária, tendia a realçar o carácter operário do bairro. Quem cresceu numa família de empregados lembra-se frequentemente de muitas profissões desenvolvidas no bairro, definindo como "média baixa" a classe predominante do bairro.
96 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 10, Monografia Sul complesso, "Vademecum dell'assistente sociale INA-Casa", 31/05/1953, p. 23.



200

Vista da praça na *Via dei Crispolti*, antes da construção da igreja e ainda não alcatroada, 1962.

| as necessidades

Em 1957, num levantamento realizado pela EGSS nos complexos INA-Casa distribuídos por todo o país, o Tiburtino surgiu como um dos bairros, cujas condições construtivas e viabilidade interna, não eram tão más como as de outros aglomerados. No entanto, à parte dos edifícios construídos e das ruas em parte alcatroadas, não havia muito mais para além disso. *"(…) e poi, in questo quartiere, non c'era niente, niente … Tutti prati. Dovevamo partire di qua e andare a Tiburtino III a fare la spesa, non c'era niente. Questo cortile mica era cosi, han? Prima hanno fatto le case, poi hanno fatto i negozi, sì, hanno fatto i negozietti di panne qua, pasta, latte, caffè, zucchero… tutt'queste cose qua al bar, e poi ci stava pure a Via Diego Angeli, dopo la chiesa, dove non c'era la INA-casa, perché erano tutti prati, hanno fatto la scuola pure."*[97]

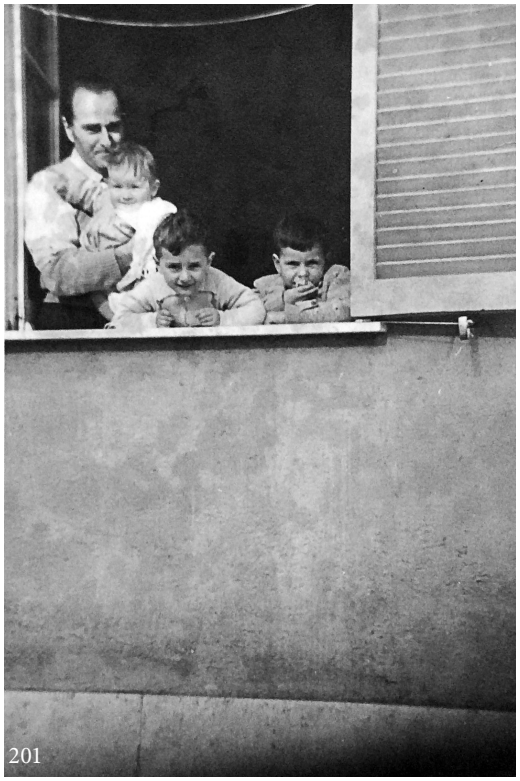
O bairro, quando começou a ser habitado, não dispunha de qualquer tipo de serviços tais como: centro de saúde, igreja, farmácia, correios, iluminação pública, linha telefónica, escolas, lojas e mercearias. Esta carência, forçou os habitantes a deslocarem-se aos bairros mais próximos[98], para terem acesso aos serviços de primeira necessidade e para satisfazerem as necessidades básicas do dia-a-dia. Com o passar dos anos algumas das necessidades continuaram por resolver, nomeadamente a falta de centros escolares, que em '69 continuavam a ser ou demasiado longe, ou insuficientes para acolher todas as crianças que habitavam no bairro[99].

Em 1955, o secretário geral da EGSS, juntamente com o pároco, celebraram um acordo para criar uma convenção para que a missa fosse realizada nos espaços do bairro. Em 1958, as funções religiosas foram transferidas para uma *"chiesa in legno, piccoletta, con intorno una rete metallica"*[100]. Apenas em 1965 se dá início à construção daquela que seria atualmente a igreja do Tiburtino, a igreja de *Santa Maria della Visitazione,* obra do arquitecto Saverio Busiri Vici.

A escassez de serviços acabou, assim, por afectar a ideia inicial do projecto de Quaroni e Ridolfi. O princípio de bairro auto-subsistente e independente, que ambicionava a criação de um ambiente vivido em comunidade, não chegou a concretizar-se devido à *"scissione di competenze fra produzione abitativa (Ina-Casa) e produzione dei servizi (Comune), che ha determinato una sfasatura del processo attuativo, con il rinvio ad una urbanizzazione completa solo a posteriori e la permanenza per lungo tempo di situazioni largamente deficitarie dal punto di vista dei servizi."*[101] Infelizmente, a qualidade do projecto não se traduziu em qualidade de vida, graças à ausência de grande parte de serviços e recursos.

A praça central do bairro, situada na *Via Edoardo Arbib*, apesar de ter sido destinada pelos arquitectos a constituir o centro de relação dos habitantes, devido à sua forma acolhedora e protegida, nunca se transformou no ponto de encontro do bairro. Isto, também, porque o estabelecimento comercial situado na praça permaneceu fechado por muitos anos, o

97 Entrevista a Silvana Andei. 15.10.2016.
98 O bairro mais perto ficava na zona da Piazza Bologna, que foi a primeira comunidade periférica totalmente equipada. Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 15, "Relazione dell'assistente sociale Thea Mancini".
99 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 13, "Monografia Sul complesso, Vademecum dell'assistente sociale INA-Casa", 31/05/1953, p. 23.
100 Pier Paolo Pasolini, op. cit., p. 187.
101 Domenico Colasante, "1925-1981: La Città Legale", op. cit., p. 249.









201. *"La famiglia della signora Erminia"*, 1965. **202.** Stefano Tito e o seu irmão Gianni à saída da escola, 1966. **203.** Antonio e Elena Viola num dos terraços de Lanza e Menichetti. **204.** Mercado de frescos, realizado ao longo da *Via dei Crispolti,* suspenso em 1973.

que desvirtuou o objectivo inicial dos arquitectos para este espaço[102]. Na verdade, dos 4 estabelecimentos comerciais inicialmente construídos, o único operacional nos primeiros anos será aquele compreendido entre a *Via dei Crispolti* e a *Via Luigi Cesana*, enquanto que a estrutura comercial presente no centro da praça *Edoardo Arbib*, permanecerá vazia até 1958.

A insatisfação dos habitantes para com o bairro era evidente. A documentação produzida pelos assistentes sociais nos primeiros anos, denota uma clara manifestação geral de descontentamento para com o bairro. O fraco sistema de saneamento, as recorrentes infiltrações de água dentro das habitações e a impraticabilidade dos estendais e tanques de lavar a roupa[103], eram queixas frequentemente referidas, assim como a recuperação e/ou substituição de telhados, chaminés, pavimentos, portões, portas e caixilhos. Somado a tudo isto, estava a insatisfação para com a localização extremamente periférica do bairro. Durante aqueles anos, a falta de meios de deslocação fazia com que fossem necessários, no mínimo, 3 meios de transporte para chegar ao centro da cidade.

Para além disso, e como previamente mencionado, a conotação do bairro estava já negativamente condicionada pela natureza do próprio projecto em si. A criação de um ambiente de acordo com as tradições, técnicas e tipologias habitacionais das classes populares, através da reutilização dos típicos módulos da *"architettura rurale italiana"*, não correspondia de todo às exigências, à mentalidade e às expectativas dos habitantes. A discrepância existente entre a cultura arquitectónica da população e as pretensões dos arquitectos, encontrou no Tiburtino, uma clara manifestação. Ao contrário do que se imaginava, as famílias ambicionavam um lar que estivesse totalmente inserido no contexto metropolitano de Roma, e que não lhes fizesse recordar o ambiente rural e as prévias condições habitacionais.

Na realidade, as transformações desencadeadas pelos processos de urbanização mudaram radicalmente o panorama cultural da população que, nos anos '50, estava completamente voltada para uma dimensão de vida absolutamente urbana. Por isso, todos aqueles edifícios residenciais, que a partir dos anos '60 circundaram e remataram intensivamente os vazios à volta do Tiburtino, acabaram por representar o novo modelo de referência habitacional: *"le nuove case sono migliori di quelle INA-Casa; questo ha contribuito ad aumentare l'insoddisfazione degli assegnatari"*[104].

102 Pippo Ciorra, *Ludovico Quaroni: 1911-1987. Opere e progetti*, 1989, p.112.
103 *"(...) i lavatoi mamma non li ha usati. Pochissimo. Perché non era comodo, perché perdevano tempo, perché porta giù porta su. Invece, una cosa che si faceva incredibile, si facevano delle bottiglie di pomodoro, e si cocevano queste bottiglie di pomodoro in cortile. Ogni uno di noi faceva le bottiglie a casa sua poi ci mettevamo di accordo tra condomini, prendevamo un grande contenitore cilindrico sotto cui accendevano il fuoco e ogni uno di noi faceva la cottura delle bottiglie di pomodoro in questo contenitore."* Entrevista a Anna Maria. 03.12.2016.
104 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 3, "Monografia Sul complesso".





206. Um dos pátios comuns, situado na *Via Edoardo Arbib*, muito usado pelas crianças por ser seguro e espaçoso, 1966
207. Os irmãos Viola, Elenna, Mauro e Anna Maria, Carnaval de 1968.

| a casa como propriedade

No Tiburtino, analisando a tipologia dos contratos estipulados entre a *Gestione INA-Casa* e as famílias signatárias, registava-se uma nítida prevalência de arrendamento com contrato de futura compra[105]. O pedido da passagem de contrato de arrendamento para contrato com futura compra[106], não estava ligado a factores de melhoria do estado económico. Na verdade, o objectivo das famílias era, desde o início, tornarem-se proprietárias dos imóveis.

A gestão das habitações era, por lei, deixada às entidades administrativas - IACP e INCIS - que deviam responsabilizar-se pelas despesas das obras de manutenção e reparação. No entanto, nas habitações com contrato de futura compra, os residentes podiam optar pela administração autónoma da sua residência[107]. Com o passar dos anos, os habitantes tiveram tendência em pedir a passagem do contrato de arrendamento, para um de futura compra com duração de 25 anos. Em 1963, contavam-se 654 alojamentos com contrato de futura compra e apenas 42 com contrato de arrendamento[108].

Ao fim dos 14 anos de funcionamento do Plano, a INA-Casa foi revogada e substituída pela GESCAL[109]. Em 1963, o problema da liquidação do património INA-Casa, abordado na lei nº60, permitia aos moradores a possibilidade de se tornarem titulares da habitação, através de 2 formas. Pagando, de uma só vez, a quota restante, com um desconto de 5% sobre as resíduas mensalidades, ou então, convertendo para um contrato de propriedade com hipoteca legal sobre o alojamento, com garantia das quotas de amortização ainda a serem pagas[110]. Para as famílias que habitavam no Tiburtino, aquilo significava aceder à compra da propriedade a um custo muito reduzido a apenas 9 anos após a atribuição do alojamento.

No entanto, a GESCAL revelou-se incapaz de gerir estes processos. A passagem dos alojamentos ocorreu de maneira caótica e extremamente lenta, por falta de um claro sistema de regras, capaz de adaptar-se a um amplo leque de exigências e situações. Desta forma, em 1970, passados 7 anos da adopção da lei, 40% das famílias residentes ainda se encontravam desprovidas de um contrato definitivo de propriedade[111]. À ineficiência da GESCAL, acrescentou-se também um notório atraso, por parte dos residentes, no pedido de alteração do contrato do imóvel. Com a possibilidade de ainda puderem usufruir quer das intervenções da GESCAL (reparações, obras de manutenção), quer das baixas rendas[112], não convinha aos habitantes a alteração imediata do contrato, pois as condições de arrendamento ofereciam ainda mais vantagens.

105 Em 1954, quando ainda só estavam ocupados 24 dos 30 edifícios que compunham o bairro, apenas 4 dispunham de contrato de arrendamento normal. Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 10, Monografia Sul complesso. "Relazione dell'assistente sociale Thea Mancini".
106 Ver *Anexo V*: Contrato de futura compra de uma habitação INA-Casa. Gioacchino Tacceta, 6 de Janeiro de 1965.
107 No primeiro caso, os inquilinos "*provvedono per próprio conto alla manutenzione ordinaria e straordinaria dei singoli alloggi e delle parti in comune del fabbricato, nonché al funzionamento dei servizi.*" No Tiburtino, grande parte das famílias escolheu não entregar a administração dos imóveis a outras entidades. Os alojamentos com contrato de futura compra eram, por norma, administrados autonomamente. Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 11, Monografia Sul complesso. Istruzioni agli Incaricati Regionali.
108 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 11, Monografia Sul complesso. Riunione con Incaricato regionale, Supervisore locale.
109 GESCAL: organismo predisposto à realização de um novo programa de habitação social, no seguimento da actividade desenvolvida pelo Plano Fanfani. Corrado Beguinot, "Dall'INA-Casa alla GESCAL". In *Fanfani e la casa*, p. 180.
110 Ver *Anexo VI*: Contrato de compra e venda de uma habitação INA-Casa. Antonio Viola, 6 de Julho de 1966.
111 Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta 13, Rilevazione Statistica annuale sulle località servite.
112 Ver *Anexo VII*: Recibos de pagamento da renda de um alojamento. Gioacchino Tacceta, 18 de Janeiro de 1964





210. Fotomontagem que retrata as transformações na *Via Diego Angeli*. Em 1958, o bairro Tiburtino continuava a estar isolado na vasta periferia romana, *"non c'era niente prima, solo prati"*. Sra. Ermínia Adiutore e Daniela Milani, Maio de 1958. **211.** Os estabelecimentos comerciais de Ridolfi em funcionamento na *Via dei Crispolti*, 1955.

3.2 **HABITAR N(O) TIBURTINO**

"Erano tutti aperti i giardini, dopo ogni uno si ha fatto quello che gli pareva. Quelli si sono chiusi tutti. Non c'era niente prima, solo i nostri palazzi."[113]

No final dos anos '50, o complexo INA-Casa consistia numa pequena ilha escassamente urbanizada no quadrante Este da capital. A ligação entre o bairro e o tecido urbano aconteceu apenas uns anos mais tarde, com a construção intensiva das primeiras habitações de Casal Bruciato - o aglomerado urbano que se ergueu na área compreendida entre o bairro Tiburtino e o centro de Roma[114].

As diferenças entre estas duas áreas residenciais, o bairro Tiburtino e Casal Bruciato, eram claramente perceptíveis pelos habitantes. Até à primeira metade dos anos '60, os alojamentos INA-Casa pecavam pela falta de condições, não existindo ainda alguns dos principais serviços fundamentais para o bom funcionamento do bairro. Serviços esses que a área de Casal Bruciato ofereceu desde o início aos seus habitantes. No entanto, na actualidade, a qualidade arquitectónica do Tiburtino e o reconhecimento do bairro constituem as principais razões pelas quais as habitações de Quaroni e Ridolfi são valorizadas, quer pelos velhos, quer pelos novos habitantes do bairro: *"A quei tempi [depois da guerra] c'era il concetto dei casermoni: quelle [casas] erano belle, queste [as da INA-Casa] no; adesso, le stanno rivalutando, perché questo è veramente un quartierino."*[115]

Foram muitas as transformações que ocorreram no Tiburtino com os anos, todas elas relacionadas a uma privatização cada vez mais acentuada dos espaços comuns. Devido a estas alterações, os espaços intermédios entre público e privado, que os fascículos INA-Casa definiam *comuni* ou *collettivi*[116], desapareceram e transformaram-se em propriedade privada dos condomínios ou de residentes particulares para serem *"tutti adibiti a parcheggio auto"*[117].

No que diz respeito à variedade de percursos internos, que caracterizavam o projecto inicial de Ridolfi e Quaroni e que contribuíram para reforçar o carácter pitoresco do bairro, nos dias de hoje desapareceram ou encontram-se vedados dentro de áreas agora privadas. Graças ao tratamento dos jardins e restantes áreas verdes, e mediante a abertura, em alguns casos, de novos e mais reservados acessos às habitações, o bairro assumiu o aspecto de um conjunto de moradias plurifamiliares. Um habitante do Tiburtino pode usufruir, nos dias de hoje, não só de jardins e hortas privadas mas também, dependendo do edifício onde reside, de verdadeiros *"quartierini autonomi"*[118].

113 Entrevista a Giuseuppe Tonnino. Reformado. 09. 11. 2016
114 *"Nella zona adiacente al complesso è in forte sviluppo, da qualche anno, l'edilizia privata. Fino al momento attuale sono state costruite 24 palazzine, tutte regolarmente abitate da impiegati e professionisti. altre 14 palazzine sono in fase di últimazione (...). Tutte queste trasformazioni, attualmente in corso, determinano nella popolazione del quartiere e del complesso in particolare, oltre ad una soddisfazione umana per le condizioni di vita e di igiene migliori, una spinta all'azione comunitaria per la realizzazione di tutti le aspettative ed i bisogni della popolazione stessa, con una sempre migliore utilizzazione delle risorse proprie del quartiere e della città."* Archivio Centrale dello Stato, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale Tiburtino ISSCAL, busta15, Premessa alla relazione annuale, 1963 - 1964.
115 Entrevista a Francesco Alessandrini. 16.12.2016
116 Luigi Beretta Anguissola, "Una Giustizia Matematica", op. cit., p. 425.
117 Entrevista a Daniela Milani. 26.11.2016
118 Entrevista a Katherina Pazienza. 16.12.2016









212. Umberto Ianonne e a sua família. Atrás, uma das habitações de 4 andares de Fiorentino, com as grades e os caixilhos ainda originais. **213.** Vista da subida da *Via Luigi Cesana* quando em vez de automóveis estacionados, se realizava o mercado. **214.** Fotomontagem que retrata a praça da *Via dei Crispolti*, em 1963, quando ainda não haviam carros estacionados. **215.** Mauro Viola e Mauricio Andei em 1968, num dos pátios internos comuns. Inicialmente projectados como lugar de estar, de convívio e socialização, hoje são lugares degradados, de passagem e estacionamento.

3.2.1 **VESTÍGIOS CONTEMPORÂNEOS**

"(...) si stava meglio quando si stava peggio"[119]

Os residentes entrevistados[120] citaram frequentemente as mudanças ocorridas nas áreas comuns no decorrer dos anos. Em alguns casos, a privatização das áreas foi pensada como a única forma adequada para uma requalificação eficaz das áreas deixadas ao abandono. Em outros casos foi assinalada como uma perda de vantagens: *"Io ho sempre sentito parlare di questo Quaroni che ha fatto il quartiere e ho detto: gli vorrei parlare (...) perché noi siamo senza stenditoi; perché noi dovevamo usufruire degli stenditoi di un giardino che sta dentro ad altre case che giustamente adesso hanno chiuso; si sono fatti il giardino condominiale."*[121]

À conversa com os moradores, constatou-se que os apartamentos INA-Casa mostraram ter sido capazes de satisfazer os habitantes desde que estes, uma vez proprietários dos mesmos, puderam transformar os alojamentos, modificando a distribuição dos espaços internos e privatizando partes dos pátios externos. Actualmente, o bairro atrai residentes mais específicos. É muito apreciado por quem procura uma solução pouco urbana, e por quem tem uma tendência em valorizar, em termos arquitectónicos, o que é diferente e peculiar. Por outro lado, são frequentes os casos de compradores que conhecem bem o bairro, seja por admiração, seja por razões de parentesco com outros habitantes[122].

As paredes internas, caracterizadas pelos ângulos agudos e obtusos – frequentes nas torres de Ridolfi – e que faziam parte do elenco de reclamações dos residentes, hoje, pelo contrário, são vistas como um traço da qualidade arquitectónica do projecto. Uma qualidade sublinhada também por alguns dos anúncios imobiliários. Ao contrário das habitações que foram surgindo em seu redor, onde é dada mais atenção apenas às áreas diurnas, as casas projectadas no Tiburtino, ganham pela geral amplitude de todos os espaços, sejam as áreas diurnas que as noturnas[123].

Reservando um amplo espaço às mudanças que o bairro sofreu depois dos alojamentos se terem tornado propriedade dos residentes, procurou-se realçar o carácter não linear que o contradistinguiu de uma habitação social comum. A dimensão privada que caracteriza o bairro constitui, sem dúvida, um ponto de partida para reconsiderar, segundo uma perspectiva mais articulada, os mecanismos que regularam o desenvolvimento deste tipo de intervenções. Ao mesmo tempo, a análise daquilo que o bairro é, nos dias de hoje, permite interrogar o espaço urbano sob o ponto de vista de quem contribuiu na transformação do seu carácter.

Através da apropriação dos alojamentos, houve uma alteração na percepção e identidade da área[124], que foi determinada pela adopção de novos standart de vida modelados pela privacidade e sobretudo pela criação de oportunidades para a acção e a intervenção dos utentes perante modelos habitacionais propostos.

119 Entrevista a Maria Ellena Agnese. 12.11.2016
120 Foram realizadas várias entrevistas aos habitantes do bairro entre Outubro de 2016 a Fevereiro de 2017. Só se encontram disponiveis em formato áudio, as entrevistas cuja divulgação foi consentida pelos entrevistados.
121 Entrevista a Silvana Andei. 15.10.2016.
122 Entrevista a Pier Giacomo Alimonti. Funcionário ATER Roma. Studio immobiliare casalbruciato. 11.01.2017
123 Entrevista a Daniela Milani. 26.11.2016.
124 Actualmente capaz de satisfazer as exigências e necessidades dos habitantes.







216. 217. e **218.** As torres de Lugli foram pintadas com cores diferentes das originais, para além da introdução de equipamentos de ar condicionado, de caldeiras, e de antenas satélite nas fachadas. A substituição dos caixilhos de madeira e dos telhados foi uma prática recorrente, assim como o encerramento parcial dos áticos na cobertura. Pela quantidade de roupa a secar visível nas varandas e terraços, é possível constatar que os estendedores de roupa comuns continuam a não ser utilizados.

3.2.2 **TRANSFORMAÇÕES HABITACIONAIS**

"(...) poi non c'è mai stato da parte dai residenti un grande senso di affezione agli spazi urbani, purtroppo non è stato un quartiere molto amato"[125]

Apesar de a estrutura urbanística do bairro se ter mantido relativamente a mesma, com o passar dos anos, diversas mudanças e intervenções tiveram lugar. Na maioria das vezes, estas alterações estiveram ligadas a pequenas intervenções formais, que continuamente ligadas a mutações de natureza social e, mais no geral, às novas exigências da vida quotidiana, envolveram tanto os espaços públicos como aqueles domésticos e privados[126].
Actualmente, os edifícios não apresentam grandes alterações a nível volumétrico nem construtivo. Os materiais demonstraram-se resistentes e as soluções construtivas adequadas, considerando que na fase construtiva, tal como vimos antes, foi muitas vezes necessário sobrepor os motivos económicos às exigências de durabilidade[127]. O caso mais crítico, para além da implantação[128], foram os caixilhos em madeira de abeto, que foram substituídos logo após terem sido colocados nos edifícios[129].

Nos espaços exteriores, percorrendo o bairro, os fenómenos mais recorrentes são: o encerramento das áreas destinadas à circulação pedonal, através de grades e vedações *(fig. 220)*; o encerramento de varandas, galerias e terraços *(figs. 223, 224, 225 e 233)*; estacionamentos excessivos e abusivos *(figs. 227, 231 e 232)* o fraccionamento dos espaços públicos e a aquisição dos mesmos por parte do condomínio *(figs. 222, 235 e 236). "(...) negli ani 70/80 hanno iniziato a chiudere tutt'quanti percorsi, che erano percorsi pedonali, all'epoca hanno cominciato tutt'quanti condomini a barricarsi dentro e a prevaricare i camminatori dai passaggi semipubblici (...) hanno cominciato a chiudere tutto a prescindere dello stato di proprietà, qui hanno fatto un po' tutto come volevano."*[130]

Com o passar dos anos, grande parte das varandas, abertas para o exterior, desapareceram e são agora usadas como arrumos, despensas e lavandarias privadas *(fig. 226)*. Outras vezes, como no caso das habitações em banda de Ridolfi, ao longo da *Via Diego Angeli,* foram abertos novos acessos aos jardins privados das habitações do rés-do-chão[131]. *(fig. 234)* As intervenções de manutenção, compreenderam maioritariamente: a substituição dos telhados, simplificando as chaminés e adicionando novas condutas de ar; a substituição das caixilharias em madeira; o revestimento de algumas partes de paredes em tijolo à vista (como no caso das paredes da zona da caixa de escadas); e a reabilitação das fachadas, nomeadamente a pintura das mesmas *(fig. 222)*.

As novas tecnologias que entraram em uso na vida quotidiana, foram também a causa de outras transformações que decorreram com o tempo. Vários aparelhos de climatização foram colocados nas fachadas *(figs. 217 e 218)*, assim como as caldeiras a gás individual, para aquecer a água ou para o aquecimento central, que foram colocadas nas varandas e galerias comuns *(figs. 226)*. Em

125 Francesco Alessandrelli. 17.12.2016
126 Entre as elaborações teóricas, no campo sociológico e antropológico, das práticas do quotidiano, como um conjunto de hábitos e adaptações às circunstâncias capazes de manipular os espaços, se sugere Erving Goffman, *La vita quotidiana come rappresentazione*, Bologna, Il Mulino, 1997; Michel de Certeau, *L'invenzione del quotidiano*, Roma, Edizione Lavoro, 2001.
127 Luigi Beretta Anguissola, "La macchina del Piano", op. cit., 1963
128 Surgiram sérios problemas com a implantação do bairro e com as fundações dos edíficios. Quer a linha de saneamento, ao longo da *Via Edoardo Arbib*, como as caves encontradas por baixo da *Via dei Crispolti*, obrigaram os arquitectos a alterar muitas vezes o desenho geral da planimetria do bairro. Rinaldo Capomolla e Rosalia Vittorini, "Il quartiere Tiburtino a Roma", op. cit., p. 70.
129 Idem, p. 71.
130 Entrevista a Francesco Alessandrelli. 17.12.2016
131 Por falta de comunicação, ou apenas por mais comodidade, da fachada Este com o interior dos alojamentos.


219


220


221


222


223


224


225


226


227


228

219. O topo de uma das torres de Ridolfi onde as varandas foram fechadas e transformadas em *marquise*. **220.** *"giardino dei nonni"* é um dos espaços exteriores comuns, destinados à circulação pedonal, que foi encerrado através de grades e vedações, e hoje encontra-se restrito a apenas alguns habitantes. **221.** O pátio interno das casas de Lanzi e Menichetti, transformado em estacionamento privado, fechado entre grades e portões. **222.** Fragmentação, encerramento dos espaços públicos e aquisição dos mesmos por parte do condomínio. **223. 224. 225.** e **226.** Encerramento das varandas, terraços e sacadas nos blocos de Chiarini, Quaroni, Ridolfi e Valori. **227.** Estacionamento inapropriado na praça da *Via dei Crispolti*. **228.** Um dos estendedores comuns do bairro que se encontra, nos dias de hoje, destruído e inutilizado.

alguns edifícios foram também acrescentados externamente alguns elevadores/monta-cargas[132]. No entanto, a oferta de privacidade e exclusividade, assegurada pela configuração que o bairro assumiu nos dias de hoje, aproxima o preço dos imóveis aos dos apartamentos vizinhos de Casal Bruciato[133]. A implantação do bairro mantêm-se semelhante em posição e dimensão, mas diferente em desenho de detalhe e cor das fachadas. Neste último caso, as cores originais foram alteradas[134] e escolhidas livremente pelos condóminos, sem um plano ou uma regra cromática, transformando os edifícios, um tempo *"amalgamate da un colore quasi unico, basato su due o tre terre romane"*[135], numa sequência artificialmente fraccionada.

Em relação às áreas colectivas, as transformações abrangeram tanto os espaços internos como os externos, restringindo-lhes o acesso e destinando-lhes outros usos. As zonas de lavagem de roupa no projecto original, construídas no último andar dos edifícios, foram transformadas, com o passar dos anos, em adegas, caves, dispensas e salas de reunião para o condomínio *(fig. 216)*. Nestas áreas, a parede em tijolo perfurado das fachadas, permitia a entrada de luz e a circulação de ar, sem que o local ficasse completamente fechado. Já os estendais de roupa, colocados no exterior, encontram-se completamente destruídos e abandonados *(fig. 228)*. A má gestão colectiva, a impraticabilidade[136] e claro, as transformações sociais e culturais tornaram desde cedo estes espaços inutilizáveis.

O pátio interno, elemento característico da habitação social, foi cuidadosamente estudado pelos arquitectos, e desenhado de forma a organizar o bairro em pequenas ilhas, com espaços de estar e de jogo para os mais novos. No entanto, estes vazios que enlaçam os cheios, perderam desde cedo o seu propósito, transformando-se em zonas de estacionamento privado *(fig. 221)*, fechados entre grades e portões[137], como se quisessem proteger os alojamentos de possíveis invasões. Muros e portões, muitas das vezes inapropriados e ilegais, encerram agora os espaços que em tempos eram de estar e de circulação *(fig. 235)*. Novas passagens e entradas foram abertas nos muros que rodeiam os jardins privados *(fig. 234)*, e as zonas destinadas aos estabelecimentos comerciais, únicos edifícios públicos do bairro, são agora utilizados para outros fins ou então pecam pelo estado de abandono e degradação *(fig. 230)*.

No que diz respeito às transformações internas das habitações, raramente foram feitas intervenções com o intuito de aumentar as áreas. Na maior parte dos casos, as alterações internas referem-se sobretudo à disposição dos vãos, nomeadamente da sala de estar e da cozinha. Estes, mesmo projectados maioritariamente separados, foram transformados em espaços únicos[138], acompanhados pela substituição dos acabamentos originais (tais como os pavimentos em lajeta de betão e os revestimentos em azulejo, considerados demasiado modestos). No entanto, a extrema variedade tipológica dos alojamentos INA-Casa tornou difícil a construção de um discurso unitário destinado ao uso e à transformação dos espaços internos. Na verdade, na maior parte dos casos, as soluções adoptadas para os alojamentos de 5 ou mais vãos previam cozinha e sala de estar separadas. Das tipologias sugeridas pelos fascículos INA-Casa[139], a solução de concentrar em um único espaço

132 Para facilitar o transporte de mercadorias para os últimos andares dos edifícios. A inexistência de elevadores nos blocos residenciais denegriu a imagem dos alojamentos INA-Casa, principalmente por parte dos residentes mais idosos.
133 Entrevista a Pier Giacomo Alimonti. Funcionário ATER Roma. 11.01.2017
134 Cores estas que vão desde o vermelho, ao cinzento, ao azul, ao rosa e ao laranja.
135 Unità residenziale al km 7 della Via tiburtina a Roma (1950)", in *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957, p. 18 –34.
136 Situados quase sempre no último andar, a tarefa de transportar toda a roupa degrau a degrau, tornava-se difícil para quem vivia no rés-do-chão. Entrevista Anna Maria. 3.12.2016.
137 Em alguns casos até mesmo reforçados com arame farpado.
138 Entre as modificações mais recorrentes feitas pelos habitantes, a amplificação das cozinhas - através da demolição da divisória que separa o corredor de entrada da cozinha, aumentando a sala de estar - é a alteração mais comum.
139 *"cucina isolata, con locale da pranzo e soggiorno a parte"; "cuzina pranzo con locale di soggiorno a parte"; "cucina in*


229


230


231


232


233


234




235


236

229. No bloco de Quaroni e Fiorentino, houve uma clara apropriação dos espaços comuns por parte dos habitantes. **230.** O bloco comercial da praça *Edoardo Arbib*, que já teve vários usos desde mercearia a cabeleireiro, é hoje utilizado inapropriadamente como habitação. **231.** A praça na *Via dei Crispolti*, começou a ser utilizada como estacionamento após suspensão do mercado. **232.** Estacionamento inapropriado, em cima de um canteiro, na praça *Edoardo Arbib*. **233.** As varandas dos blocos de Ridolfi na *Via Diego Angeli*, apresentam um elevado número de transformações. **234.** Nas habitações em banda de Ridolfi foram abertos novos acessos aos jardins privados das habitações do rés-do-chão, que nada têm a ver com a linguagem original adoptada. **235.** e **236.** Muros e portões encerram agora os espaços originários de estar e de circulação.

cozinha, sala de jantar e sala de estar, era adoptada nas habitações mais reduzidas, destinadas às famílias menos numerosas. Segundo um inquérito realizado em 1956, este último tipo era o menos pretendido pelos inquilinos, porque era associado a uma casa pobre e popular, distante portanto dos ideais de vida burguesa a que tendiam os habitantes[140].

Estas transformações foram o resultado das mudanças que ocorreram: nas condições de vida das famílias; nos seus consumos; nas inovações tecnológicas; nas novas necessidades e na renúncia a velhos encargos. A cozinha, considerada o cerne da habitação rural, sítio de encontro e confronto, parece voltar ao centro da vida familiar: *"la cucina-tinello-mini-soggiorno, ove il lavoro di cucinare e chi lo fa non è separato dalla vita familiare"*[141]. No entanto, e apesar do agregado familiar ter reduzido sensivelmente, houve um aumento do espaço doméstico considerado, nos dias de hoje, necessário para uma família. Desta forma, frequentemente um dos quartos foi unido à sala e à cozinha, criando um único espaço, mais amplo e fruível.

Na origem das transformações e das apropriações dos espaços, é possível observar diferentes prácticas e novas exigências, muito diversas das necessidades individuais e colectivas pensadas para um projecto comunitário desta envergadura. Projecto este, que se baseava numa concepção urbanística proposta pelos arquitectos, como *"proiezione sul piano spaziale delle esigenze del vivere civile e collettivo."*[142] O projecto original, como já foi mencionado, não previa apenas a forma urbana, o estudo volumétrico das habitações e a disposição das zonas comerciais, mas também aconselhava à sua correta utilização, dispondo mobiliário urbano e sugerindo materiais e formas de embelezamento urbanístico[143]. Com o passar do tempo, a mudança das exigências e até mesmo a execução do projecto em obra, originaram um processo contínuo, predominantemente colectivo e a diferentes escalas, de transformação dos espaços, que influenciaram o aspecto final do bairro, afastando-o do desenho inicialmente idealizado[144].

"Qui ci sarebbe la necessità di rimettere assieme delle parti (...) gli istituzione, lo stato , le università dovrebbero riprendere in mano le situazione di questi quartieri che sono a mio viso importantissimi nella storia della architettura italiana perché hanno costituito una parentesi felice che purtroppo non ha avuto un seguito. É da qui che si dovrebbe ripartire per la gestione del suole pubblico e del territorio e delle periferie. Sono questi i modelli avvincenti. E lasciargli nel dimenticatoio, in uno stato di abbandono cosi come sono adesso è assolutamente delittuoso."[145] As propostas de manutenção do bairro até aos dias de hoje, privilegiaram muitas vezes intervenções que pouco se questionaram sobre os processos que estão na origem das transformações do espaço vivido. Fazendo alusão a Sergio Poretti, é a *"riconoscibilità di luoghi, forme, linguaggi"* a atribuir ao bairro valor monumental, até mesmo quando é *"assorbito nelle quantità costruite intorno successivamente, stravolto dall'uso indiscriminato di ogni spazio libero come parcheggio, degradato dall'incuria e da sconsiderate trasformazioni"*[146].

---

alcova con locale único di pranzo e soggiorno"; *"cucina pranzo soggiorno"*, in Luigi Beretta Anguissola, "La macchina del Piano", op. cit., p. 411.
140 Alice Sotgia, op. cit., p. 95.
141 Chiara Saraceno, "La famiglia: i paradossi della costruzione del privato", in *La vita privata. Il Novecento*, 1987, p. 59.
142 Adalberto Libera, "L'INA-Casa. La scala del quartiere residenziale", in *Istituto Nacionale di Urbanistica, Esperienze Urbanistiche in Italia*, 1952, p. 133.
143 Veja-se, por exemplo, a apresentação de uma decoração tipo para um alojamento INA-Casa na X Triennale di Milano de 1954. "La mostra della casa", in *Casabella-Continuità*, nº203, 1954, pp. 64-71.
144 Unità residenziale al km 7 della Via tiburtina a Roma (1950)", in *Casabella-Continuità*, nº215, 1957, p. 18 –34
145 Francesco Alessandrelli. 17.12.2016
146 Sergio Poretti, "Monumenti sommersi", *Guida ai quartieri romani INA-Casa*, 2002, p. 11.


Corner caffe'



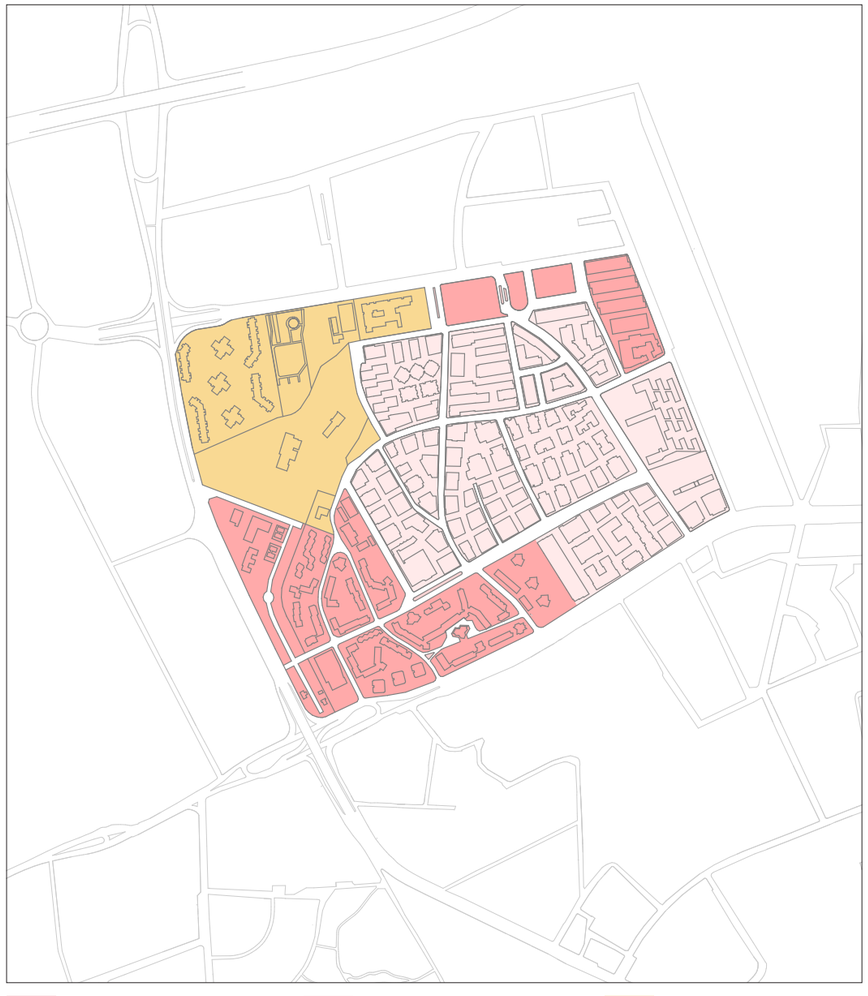
HABITAR A CIDADE
ESTRATÉGIAS DE INTERVENÇÃO | 4

"Cultures and climates differ all over the world, but people are the same.
They'll gather in public space if you give them a good place to do it"

Jan Gehl
The Human Scale, 2012

Esquemas de interpretação do bairro
escala 1.10000





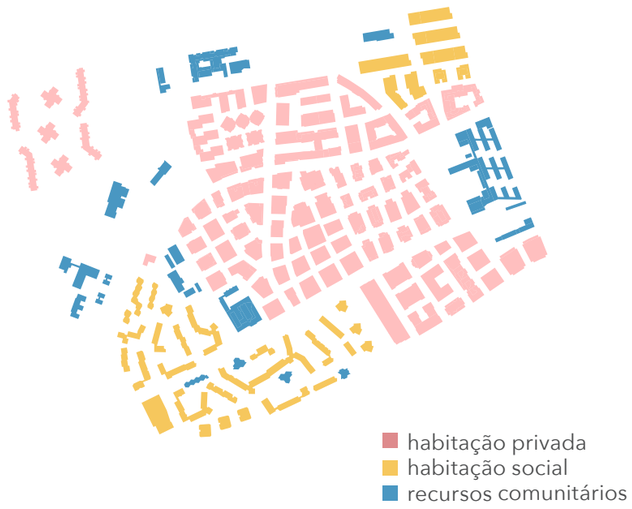
Esquemas de interpretação do bairro
escala 1.10000















4.1 **COMPREENSÃO DO LUGAR**

| indicação dos elementos da área em estudo

Em 1949, com a implantação da lei Fanfani e com o início da construção do bairro Tiburtino, deu-se início à edificação da presente área em estudo. Depois da construção do bairro INA-Casa, a zona foi-se desenvolvendo e crescendo à volta do mesmo, com novas áreas de residência e comércio que se espalharam rápida e desorganizadamente, formando a comunidade que hoje conhecemos, e que se estabelece entre quatro principais vias: partindo da fronteira Norte, a *Via Tiburtina*[1], o bairro estende-se a Sul até à *Via Alberto Bergamini*, delimitada a Este pela *Via Casal Bruciato* e a Oeste pela *Via Filippo Fiorentini*. Casal Bruciato, nome dado a uma das muitas áreas urbanísticas que constituem o IV Município de Roma, é o nome dado a este aglomerado habitacional localizado a Norte da imensa periferia romana, que nos oferece uma viagem através das várias fases de desenvolvimento da cidade.

O bairro oferece vários serviços públicos, como um centro comunitário, quatro escolas e uma grande área comercial que nos oferece estabelecimentos de pequenas e grandes dimensões, incluindo também toda a área comercial e industrial que se encontra ao longo da *Via Tiburtina*. Devido às diferentes épocas em que as várias partes do área em estudo foram construídas, os residentes encontram-se relativamente agrupados por idades, algo que afecta a completa união da comunidade[2]. A reforçar esta particularidade, está a clara separação entre os variados conjuntos habitacionais, que se foram desenvolvendo ao longo dos anos, através de portões, muros e gradeamentos, o que cria um afastamento entre os habitantes e entre as gerações.

Como sector urbano de uma grande cidade, a mobilidade entre o bairro e o centro da cidade é primordial. A comunidade dispõe de um terminal de autocarros na *Piazza Balsamo Crivelli* e de várias paragens de autocarro ao longo da *Via Tiburtina* e da *Via Casal Bruciato*, assim como de duas estações de metro nas proximidades que deviam, supostamente, ser suficientes para garantir a fluidez e servir as necessidades dos habitantes. No entanto, e como é comum em Roma nos dias de hoje, os cidadãos mesmo habitando relativamente perto do centro e dispondo de vários transportes públicos, utilizam os seus próprios veículos e motorizadas para se deslocaram pela cidade, esgotando todos os lugares de estacionamento disponíveis e aproveitando todos os espaços livres, públicos e privados, para estacionar. Apesar dos esforços camarários para a construção de estacionamentos subterrâneos ao longo da *Via dei Crispolti*[3], as condições de arrendamento dos mesmos não são favoráveis aos moradores e, desta forma, estes parques de estacionamento transformaram-se em autênticos espaços desertos quando, paradoxalmente, em cima dos mesmos encontramos automóveis estacionados em cima dos passeios.

1 A história desta famosa via data dos tempos áureos do império romano. Sob as ordens do cônSul Marcus Valerius Maximus foi decretada a construção da Via Tiburtina em 286 a.C., em direcção a este, ligando Roma a Tivoli. Após vários anos de expansões e reparações a Via atingiu os 200 quilómetros de extensão chegando até à região de Pescara. Nos dias de hoje, este antigo caminho romano é ainda uma importante via, que corresponde ao limite Norte do bairro.
2 A intensificar este fenómeno, foi a convergência de uma grande percentagem de cidadãos e famílias jovens, assim como estudantes universitários, visto que o bairro localiza-se a uma distância priveligiada do *Campus Universitario La Sapienza*.
3 Para aprofundimento da questão, consultar entrevista a Giacomo Alimonti, funcionário da A.T.E.R., disponível em formato áudio. 11.01.2017.





238. e **239.** Maria Ellena Agnese e Candido Giustiniani, dois dos habitantes entrevistados que cresceram no bairro e que se conformaram às transformações que nele foram decorrendo com o passar dos anos. Os seus relatos foram fundamentais na compreensão social do bairro e no levantamento das questões problemáticas que assolam o mesmo. 12 Novembro de 2016.

| notas e aproximações

Para uma correcta compreensão da área em estudo, foram realizados vários levantamentos. A nível do sistema viário, foram analisados: os vários tipos de pavimento; a fluidez das ruas; o tipo de passeios e a condição dos mesmos; a quantidade de estacionamentos; o número de árvores, caixotes do lixo e postes de iluminação; a sinalização horizontal e vertical; o nível de ruído e a fequência de passagem de veículos nas principais vias. No que toca ao edificado, foi feito o levantamento dos usos e funções dos edifícios - comerciais, residenciais, zonas lúdicas e/ou comunitárias - assim como verificado o estado geral das fachadas. Foram observados tanto os espaços públicos como os privados - parques, jardins, praças e pátios - assim como o acesso aos mesmos. Foi feito o levantamento de muros, portões e vedações a delimitar os pátios internos e logradouros dos blocos residenciais, bem como estimado o número médio de veículos estacionados a três diferentes horas do dia: 10h, 14h, 19h.

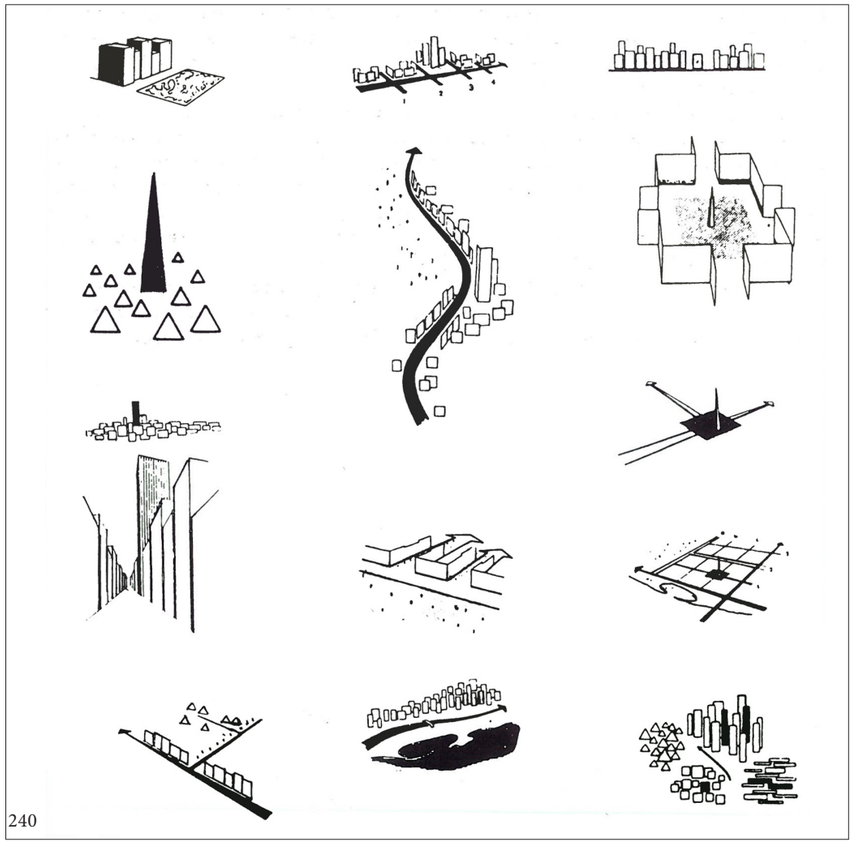
*

A descoberta do local foi feita através de sucessivas aproximações e retrocessos, à procura de situações que pudessem ser interpretadas como estimuladores de projecto. Tendo o privilégio de, como tantos outros, habitar no bairro, as aproximações foram fraccionadas e procuraram traduzir-se em fotografias, entrevistas[4], desenhos e notas esquemáticas[5]. Um percorrer que se poderia chamar "vaguear". Na verdade, parte das vezes não sabia bem o que procurar, por isso, preferi ir descobrindo. O que encontrasse seria mote para estudar, desenvolver, transformar.

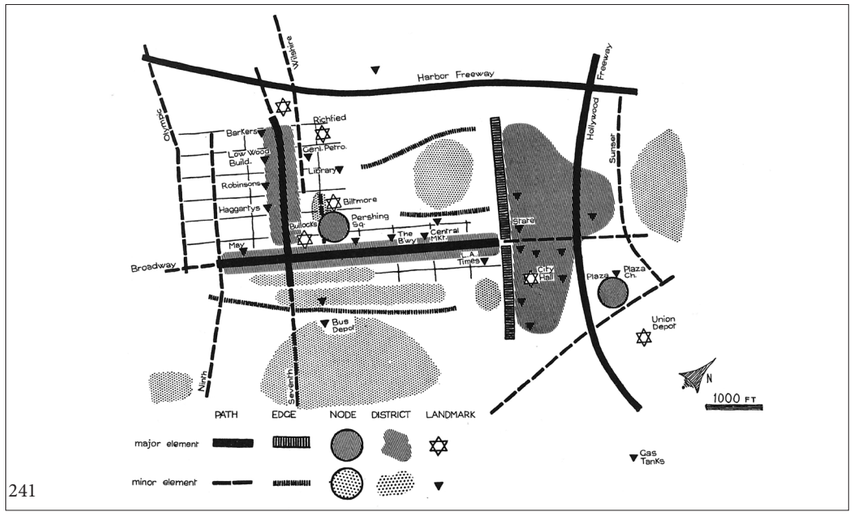
Esta análise, que não partiu de um todo mas sim da soma das partes, foi feita de observações, impressões, anotações muitas vezes contraditórias, tentando jogar entre aquele que vive o lugar e aquele que o observa. Habitando no bairro em estudo, foi constante a análise através de trajectos diários, conversas e levantamentos, tentando perceber os usos, as trajectórias e a utilização dos espaços pelos moradores. Citando Allan Jacobs *"(...) you can tell a lot about a city or neighborhood just by looking(...)"*, defendendo que o conhecimento do lugar *"(...) permits identifying the changes that are taking place earlier than is usually possible through other research methods"*[6], no entanto, nestas aproximação ao lugar, há situações que não dão resposta ao problema, nem podem ser vistas como elementos verosímeis em si mesmos. Muitos desses momentos são, por exemplo, as conversas com os moradores que demonstraram ser muito úteis para conhecer o lugar. Conhecer quem vive nele, a sua relação com os outros, saber as suas opiniões, são domínios que nos ajudam a criar uma base de compreensão do lugar que ressoa durante o processo de investigação, na procura de estratégias para lhe dar uma nova possibilidade.

*

4 Ver *Anexo X* e *XI*: Modelo de questionário escrito e questões orais feitas aos habitantes do bairro.
5 Ver do *Anexo X* ao *Anexo XV*: Levantamentos e notas esquemáticas do Tiburtino e Casal Bruciato.
6 Allan Jacobs, *Looking at Cities*, 1985, p. 32.



240

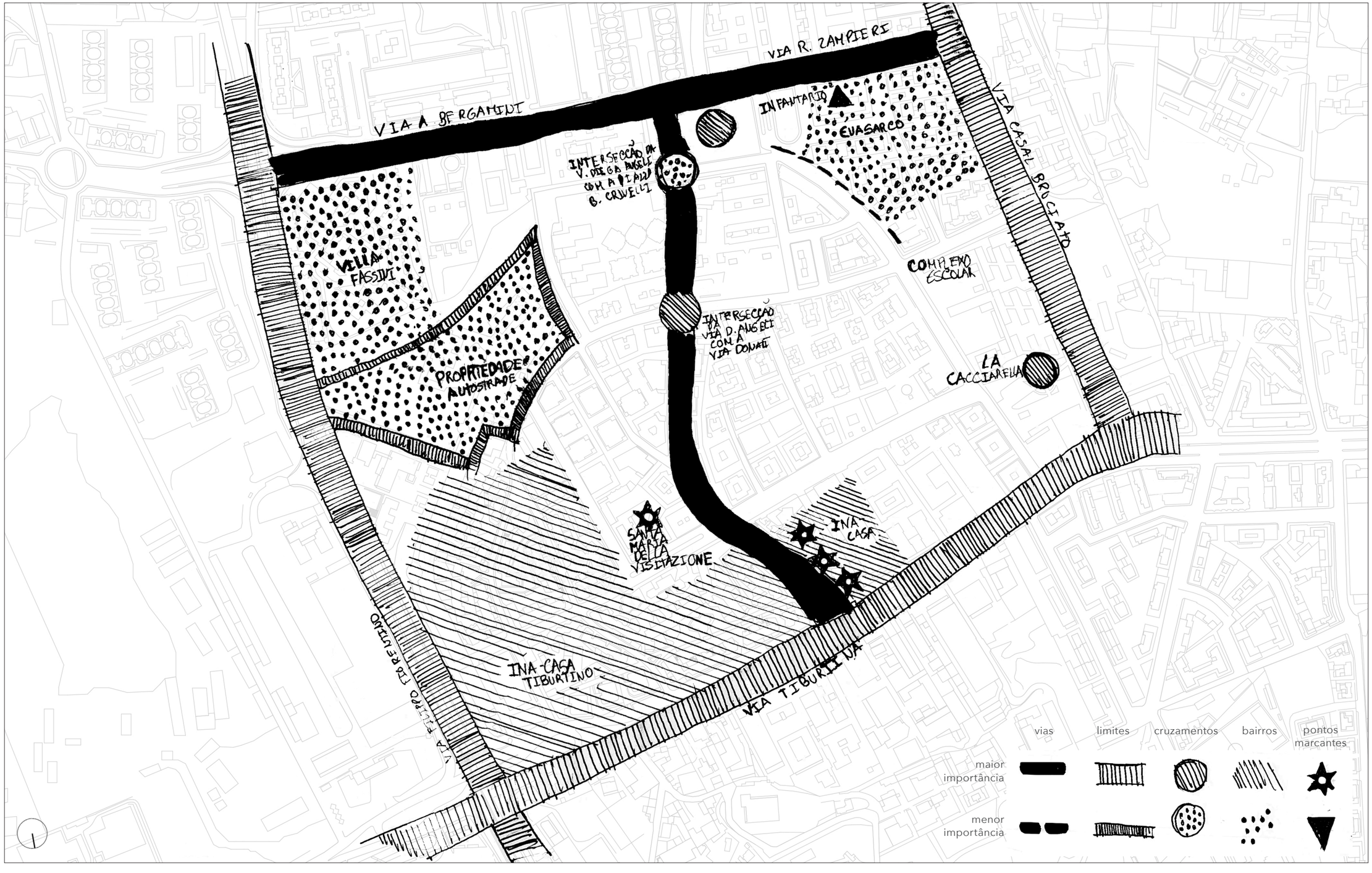


241

240. Ilustrações dos propósitos do texto de Kevin Lynch. 241. A forma visual de Los Angeles vista do terreno por Kevin Lynch.

04. CASAL BRUCIATO

interpretação do território segundo os princípios de Kevin Lynch
escala 1.4000



4.1.1 **MAPA COGNITIVO**

"(...) nothing is experienced by itself, but always in relation to its surroundings, the sequences of events up to it, the memory of past experiences." [7]

| o bairro aos olhos de Kevin Lynch

Assim como afirma Kevin Lynch em *"The image of the City"*, as nossas experiências quotidianas são fortemente influenciadas pelas formas visuais do ambiente urbano onde estamos inseridos. A forma como direccionámos a nossa vida diariamente, como e onde interagimos com os vizinhos e com o meio, onde vamos e como lá chegamos são todos moldados, em parte, pela imagem individual que temos da cidade. Nós interpretamos constantemente o ambiente, fazendo escolhas de como nos movemos e criando uma nossa própria imagem mental da cidade. *"At every instant is more than the eye can see, more than the ear can hear,a setting or view waiting to be explored."*[8]

Lynch defende que este processo de interpretação e análise envolve mais do que aquilo que é construído em betão, vidro ou pedra mas também aquilo que mexe e que muda constantemente, isto é, as pessoas e as suas actividades[9]. Apesar de nem sempre estarmos cientes disso, nós fazemos parte integrante desta imagem pública de cidade. Aquilo que fazemos, onde e como as fazemos e quem é envolvido, todos desempenham um papel na nossa avaliação da cidade assim como dos seus habitantes e visitantes.

Kevin Lynch apresenta-nos uma série de mapas que retratam a forma visual de várias áreas de *Los Angeles*, *Boston* e *Jersey City*. Usando pequenos símbolos e notações, Lynch delineia importantes percursos de viagem (***paths***), pontos focais onde se desenvolvem as mais diversas actividades (***nodes***), limites e fronteiras (***edges***), áreas distintas de carácter comum (***districts***) e pontos físicos de referência (***landmarks***). Juntos, todos estes elementos fornecem uma imagem das relações espaciais dentro das cidades, assim como as interpretações ou leituras humanas destes mesmos elementos. Seguindo o modelo de Lynch, foi feita uma segunda análise ao bairro, realizando um mapa cognitivo de Casal Bruciato *(des. 04)*, semelhante aos que fez o autor nos três subúrbios americanos, com base em observações e impressões imparciais. *"Coincidences of description, of vividness, even of confusion where familiarity would seem to indicate knowledge, make this clear. I tis on this relation between image and physical from that our interest centers."*[10]

7 Kevin Lynch, *The Image of the City*, 1970, p. 1.
8 Ibidem.
9 Idem, p. 46.
10 Idem, p. 16.

delimites |

A concepção inicial de Casal Bruciato foi amplamente influenciada pelas entrevistas feitas aos habitantes, pelas observações à rede viária e pelas trajectórias e áreas determinadas por quem o frequenta. Foram estudadas as vias dentro dos quatro limites impostos: *Via Tiburtina* limite Norte, *Via Casal Bruciato* limite Oeste, *Via Alberto Bergamini* limite Sul e *Via Filippo Fiorentini* limite Este. A experiência de examinar todas as trajectórias dentro destas fronteiras que foram determinadas, influenciou a própria percepção dos limites, que não foram baseadas em realidades físicas em si, mas sim em limites mentalmente atribuídos[11].

Todos os levantamentos, desenhos e observações feitos no bairro foram pedonais, o que influenciou certamente a avaliação das características do mesmo. O facto de se ter habitado no bairro e, por isso, compartilhado o espaço com vizinhos e visitantes, fez com que se recolhesse imensos pontos de vista de várias gerações, o que tornou esta análise ainda mais completa e fiável. Pelo que foi observado, as questões do tráfego automóvel e dos transportes são centrais no bairro, sendo necessário a toma de medidas adequadas que ajudem a mapear a forma visual do mesmo[12].

vias |

Kevin Lynch descreve as vias como *"the channels along which the observer customarily, occasionally, or potentially moves"*[13]. Com esta definição são identificadas duas vias que constituem trajectórias importantes no bairro: *Via Diego Angeli* e a *Via Alberto Bergamini.* A *Via Diego Angeli*, via de sentido único virada a Norte, é considerada a mais importante pois atravessa o bairro, unindo a *Via Alberto Bergamini* à *Via Tiburtina*, sendo um percurso frequentemente utilizado por peões e automobilistas. Para além disso, integra grande parte da actividade comercial do bairro, aumentando dessa forma a sua importância como percurso para as compras diárias.

A *Via Alberto Bergamini (fig. 243)*, com sentido Este-Oeste, corresponde ao limite Sul da área em estudo. Metade em sentido único, metade nos dois sentidos, é uma via urbana com muito tráfego, pois liga a *Tangenziale Est* com a *Via dei Monti Tiburtini.* O mercado de rua, que se realiza a Sul da *Via Bergamini,* é uma das atracções e pontos com maior afluência nesta zona.
Os percursos secundários identificados em Casal Bruciato foram a *Via Cipriano Facchinetti*, o caminho pedonal que liga a *Piazza Balsamo Crivelli (fig. 242)* ao mercado de rua da *Via Bergamini* e a *Via Luigi Cesana*. Os dois primeiros são considerados entre ambos percursos auxiliares, que pouco ou nada alteram a dinâmica do bairro. Já a *Via Luigi Cesana* que liga o bairro à movimentada *Via Tiburtina* é, apesar de ter pouco fluxo de veículos, uma trajectória importante para os residentes locais do bairro INA-Casa Tiburtino.

11 Os limites da área em estudo foram definidos após termos tido conhecimento das principais trajectórias diárias dos habitantes. Ou seja, apesar de não existirem barreiras físicas a delimitar este sector, não foi considerado importante, para o desenvolvimento desta dissertação, aprofundar uma área superior à que é apresentada.
12 Os elementos visuais detectados são limitados aos de um recém-chegado, no entanto, devido à observação constante e à persistência nos levantamentos, assume-se que a imagem adquirida do bairro corresponde em parte àquela sugerida pelos seus habitantes.
13 Kevin Lynch, in *The Image of the City*, 1970, p. 47.

| limites

Podemos considerar que grande parte dos extremos da área em estudo, correspondem com os limites de Casal Bruciato. Movimentadas e com bastante tráfego automóvel, a *Via Tiburtina* e a *Via Filippo Fiorentini* são consideradas os limites principais do bairro. A *Via di Casal Bruciato* é também considerada uma artéria delimitadora, já que cria uma fronteira entre dois tipos de áreas: espaço aberto inutilizado a Oeste e o bairro construído a Este[14].

Um outro exemplo de limite no bairro, ainda que de pequena escala, é a cerca que delimita a propriedade privada das *Autostrade Italia*. O muro que a circunda define o limite entre o bairro e a propriedade privada, que é exclusiva aos funcionários. A área em estudo foi delimitada a Sul pela *Via Alberto Bergamini (fig. 243),* onde se encontra um mercado de rua assim como outros complexos residenciais.

| bairros

Casal Bruciato é composto por várias áreas que se distinguem pelo seu carácter próprio[15]. O bairro Tiburtino *(fig. 244)* é considerado, devido à sua forte presença e carácter, o elemento mais forte na imagem global do bairro. Este sector é maioritariamente de carácter residencial, composta por complexos habitacionais que se foram desenvolvendo e crescendo à volta do bairro INA-Casa, depois da iniciativa de 1949. Sossegada e maioritariamente em boas condições, a área em estudo possui um carácter forte, conhecida como o primeiro núcleo a desenvolver-se ao longo da famosa *Via Tiburtina*.

Uma outra área de habitação social construída em meados dos anos '70, que representa um sector de menor relevância no bairro, são os complexos habitacionais *INA-Sarco*. Estes demonstram uma grande falta de cuidados de manutenção, assim como vestígios de vandalismo que se destacam pela negativa no bairro.

Distinta pela sua grande dimensão, que corresponde às antigas imediações da *Villa Fassini (fig. 245),* a propriedade privada das *Autostrade Italia* é considerada uma outra zona do bairro. Caracterizada pela sua inacessibilidade e atmosfera de alta privacidade, esta é uma área reconhecível à qual não é permitida a entrada.

A Sul deste empreendimento encontra-se uma pequena área de habitação relativamente recente, que se destaca pelas boas condições das fachadas, jardins exteriores e pela percepção de residentes com um nível socioeconómico mais elevado, com a possibilidade de pagar um valor de renda superior, comparando com o resto do bairro. Este complexo residencial privilegiado dispõe também de um estacionamento subterrâneo.

14 Kevin Lynch, "The City Image and Its Elements", op. cit., p. 62.
15 Idem, p. 66.









242. *Piazza Balsamo Crivelli.* **243.** *Via Alberto Bergamini.* **244.** Torre INA-Casa Tiburtino. **245.** O parque da *Villa Fassini.*

| cruzamentos

A área de Casal Bruciato contém muitos "pontos estratégicos" que actuam como centro de encontro ou de cruzamento de vias[16]. Estes cruzamentos podem ocorrer nas intersecções das vias assim como em locais construídos, criando pontos que podem ser perceptivos e penetrados por observadores. O parque público *La Cacciarella* e a *Piazza Balsamo Crivelli (fig. 242)*, são dois grandes nós de convergência no bairro, servindo de ponto de encontro e local de convívio. Além disso, a importância da *Piazza Balsamo Crivelli* acresce pela presença da central de autocarros aonde convergem muitas linhas vindas do centro de Roma. O mercado de rua diário, a Sul da *Via Bergamini,* é também um importante local de convergência do bairro onde os habitantes fazem compras, se encontram e socializam. Um outro grande ponto de intersecção, localizado mesmo ao centro da área em estudo, ocorre no cruzamento da *Via Diego Angeli* com a *Via Giuseppe Donati,* aonde convergem frequentemente peões e automobilistas.

| elementos marcantes

Distinto da paisagem urbana que o circunda, os elementos marcantes em Casal Bruciato actuam como pontos de referência para os habitantes locais e foram também importantes para a análise e compreensão geral do bairro. As torres INA-Casa de Ridolfi a Norte do bairro *(fig. 244)*; a igreja brutalista de formas irregulares e betão à vista de Saverio Busiri; e o grande complexo escolar Americo Vespucci são os principais pontos marcantes deste sector. As características físicas que distinguem estes edifícios e a sua singularidade na paisagem urbana, destacam-se no aspecto visual do bairro[17].

| pontos fortes e pontos fracos

Partindo destas considerações feitas da imagem pública do bairro e através dos elementos estabelecidos por Lynch, foi desenvolvido o mapa cognitivo de *Casal Bruciato*. O bairro é rico em pontos de referência, que nos ajudam a orientar e a tomar direcções, assim como em nós de convergência para o tráfego e convívio social. No entanto, há vários aspectos nos quais a imagem do bairro é fraca ou pouco clara. O bairro parece ter uma forte linha divisória Este-Oeste, mas são escassos, no entanto, percursos que mobilizem o bairro no sentido Este-Oeste. As fronteiras que separam Casal Bruciato do resto da cidade são fortes e os principais aglomerados habitacionais dentro do bairro foram facilmente identificados. Contudo, grande parte do bairro aparece em branco no mapa, incapaz de ser tido como um todo, devido à falta de uma característica particular que o identifique. Esta falta de identidade, que é comum no bairro, e a falta de orientação dificultam ao observador a capacidade de perceber em que sentido se move o bairro, enfraquecendo a imagem de Casal Bruciato.

16 Kevin Lynch, "The City Image and Its Elements", op. cit., p. 72.
17 Os elementos de menor relevância e menos mencionados são o infantário localizado na *Piazza Balsamo Crivelli* e o parque que faz parte das imediações das *Autrostrade Italia*. O infantário é um ponto de referência diferenciado devido não só à sua grande escala, ocupando um inteiro bloco, mas também ao seu aspecto degradado e completamente murado. O parque público das autoestradas, por sua vez, é um marco contraditório no seu pano de fundo, e é um ponto de quebra da imensa área privada que pertence às *Autostrade Italia*.



246


247


248


249


250


251

246. Intercomunicador de entrada numa habitação de Valori, no bairro Tiburtino. **247.** Parque infantil da *Villa Fassini*. **248.** Séniores num momento de descontração na *Villa Fassini*. **249.** *Grafitti* num dos estabelecimentos comerciais de Ridolfi. **250.** Duas senhoras idosas sentadas a conversar num dos bancos desenhados por Ridolfi. **251.** Jardim da *Piazza Balsamo Crivelli*.

4.1.2 **ANÁLISE E LEVANTAMENTO**

4.1.2.1 **CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÓMICA**

Analisando os dados recolhidos pelo ISTAT no último censos de 2017, habitam ao todo no bairro 21.143 cidadãos, dos quais 3,251 (29%) têm mais de 60 anos e 2,321 (28%) têm menos de 15[18].

Durante os levantamentos feitos no bairro, foi observado um grande número de idosos a passear e a conversar pelas ruas *(fig. 250)*. Alguns deles acompanhavam também crianças. Na parte da manhã, era frequente observar os mais velhos a carregar trolleys de compras, enquanto que os mais jovens carregavam sacos particularmente à hora de almoço. Ao final da tarde, especialmente depois das 17:30h, foram observados muitos grupos de crianças e alunos do ensino médio a saírem das escolas e a percorrerem a *Via Tiburtina* e a *Via dei Crispolti* de regresso a casa. O centro recreativo *La Cacciarella (fig. 248),* a praça *Balsamo Crivelli (fig. 251)* e o parque infantil da *Villa Fassini (fig. 247),* são os pólos com a maior afluência do bairro.

Em relação à composição étnica dos habitantes do bairro, a população parece ser bastante homogénea. Foram presenciadas algumas pessoas de etnia cigana, assim como indivíduos de origem paquistanesa e muçulmana a trabalhar em pequenas mercearias e frutarias no bairro.

| indicadores sociais

Avaliar o bairro apenas através dos seus habitantes não é suficiente, pois há outros pequenos detalhes que podem dizer muito de uma zona residencial. Os carros que foram observados estacionados ao longo das ruas e nos pátios internos, eram veículos modestos, de aspecto familiar e económico. Já os modelos mais modernos e topo de gama, eram frequentemente encontrados nas vizinhanças do complexo empresarial das *Autostrade-Italia*.

Também nos intercomunicadores e campainhas *(fig. 246)*, à entrada de cada edifício habitacional, foi observado que a maioria dos mesmos tinha um ou dois apelidos italianos, o que indica a presença de várias famílias. Pequenos serviços e lojas - principalmente consultórios médicos, advogados e consultores financeiros - foram encontrados também na lista das campainhas. No Tiburtino, em cada campainha encontrada, existiam no mínimo dois apartamentos onde tinham sido substituídos os apelidos originais, que eram trocados por um pedaço de papel com a alteração pretendida. Esta situação denota uma mudança de geração ou até mesmo de família dentro da residência.

Pela quantidade de arte urbana encontrada na área, apercebemo-nos da presença de uma grande quantidade de jovens e crianças. Para além dos *grafitti f*ocados no fascismo e no comunismo, haviam também muitos outros desenhos feitos ao acaso ou expressando sinais de afecto. No Tiburtino, provavelmente por estar localizado fora das áreas frequentadas pelos estudantes do ensino médio, esta arte urbana é apenas pontual e expressa através de iniciais ou insígnias *(fig. 249)*.

18 *http://www.istat.it/it/files/2017/01/C-ALLEGATO-STATISTICO.pdf?title=Sicurezza+e+degrado+delle+citt%C3%A0+--+24%2Fgen%2F2017+-+Allegato+statistico.pdf* . Informação retirada a 8 Junho de 2017, 10:50h.


252



253



254



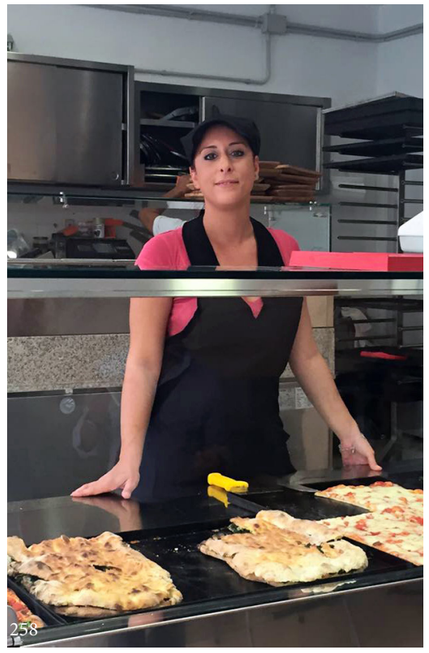
255



256



257


258

252. O talho e a frutaria do bairro Tiburtino, em funcionamento nos estabelecimentos comerciais projectados por Ridolfi desde 1954. **253.** Pequeno supermercado *Orto Point*, *Via Diego Angeli*. **254.** Restaurante Pizzaria do Centro Recreativo *La Cacciarella* **255.** *Corner Caffé*, situado no cruzamento da *Via Luigi Cesana* com a *Via dei Crispolti*. **256.** Pequeno ginásio de bairro. **257.** Restaurante Frontoni, *Via dei Crispolti* **258.** *Pizzaria Non Ci Resta Che Pizza*, na *Via Diego Angeli*.

05. CASAL BRUCIATO

Levantamento dos usos ao nível do rés-do-chão
escala 1.4000



4.1.2.2 **ESPAÇO COLECTIVO**

| actividade comercial

Actualmente, na área em estudo, encontram-se vários tipos de lojas e estabelecimentos comerciais de pequena e grande dimensão, o que faz com que os residentes tenham garantidos todos serviços básicos e que não seja por isso necessária a sua deslocação para satisfazer as suas necessidades diárias *(des. 05)*. As ruas com maior presença de estabelecimentos comerciais são a *Via dei Crispolti, Via Silvio Negro, Via Riccardo Zampieri* e a *Via Diego Angeli*.

A actividade comercial no Tiburtino é escassa e mantêm-se praticamente igual àquela que foi planeada inicialmente em 1949, ou seja, apenas quatro blocos dedicados ao comércio: o *Ristorante Frontoni* em frente à igreja *(fig. 257)*; um bloco de lojas onde estão situados o bar *Corner Caffè (fig. 255)*, um talho, uma frutaria *(fig. 252)*, uma *Pizza a taglio* e um Call-Center; um outro bloco, mais escondido na *Via Edoardo Arbib*, que albergava inicialmente um cabeleireiro, mais tarde um estúdio de arquitectura, e actualmente foi convertido em habitação e, por último, um último bloco virado para a *Via Tiburtina* que compreende um café e uma oficina de comércio e reparação automóvel. Ainda voltado para a Tiburtina, no rés-do-chão do edifício que se encontra ao lado da *Villa Fassini,* que apesar de fazer parte do terreno INA-Casa não faz parte do projecto do bairro, encontra-se um estabelecimento comercial da Fiat, uma oficina de automóveis, um ginásio *(fig. 256)* e um café/salão de jogos, considerado um dos pontos de encontro dos mais velhos.

No entanto, maior parte da actividade comercial do bairro desenvolve-se nos recentes edifícios de Casal Bruciato ao longo da *Via Diego Angeli* e nos cruzamentos com a *Via dei Crispolti, Via Giuseppe Donati* até chegar à *Piazza Balsamo Crivelli*. Nesta área estão presentes vários cafés, pastelarias, gelatarias e pequenos restaurantes e pizzarias *take-away (fig. 258)*, assim como uma lavandaria, farmácias, mercearias, frutarias *(fig. 253)*, um centro de optometria, cabeleireiros e centros de estética, dois pequenos supermercados, uma peixaria e uma *EuroSurgelati Italia* de produtos congelados, uma loja para animais, uma loja de artigos para a casa e várias *"lojas de trezentos"*.

O sector comercial Sul do bairro é constituído, principalmente, por dois grandes estabelecimentos: a loja *Andro Ferrone Roma*, roupa de grande tamanho para mulheres, e os dois edifícios de escritórios da *Autostrade Italia* na *Via Alberto Bergamini*. Também para esta via foi transferido o antigo mercado de rua do Tiburtino, que antigamente se realizava em frente à Igreja, e que acolhe vários stands não só de produtos alimentares frescos e regionais, mas também artigos de segunda mão.

Foi também observado um grande número de estabelecimentos fechados. Em conversas informais com os moradores, constatou-se que esta é uma característica comum observada em toda a área e não apenas concentrada numa zona específica do bairro. A justificar esta situação está a abertura de três grandes supermercados ao longo da *Via Tiburtina*[19], que de uma certa forma alteraram as relações comerciais de Casal Bruciato.

19 Pam Panorama, o *Eurospin* e o Lidl.


259


260



261



262



263


264


265


266

259. Feira agrícola que ocorre semanalmente no centro Recreativo *La Cacciarella*. **260.** Mercado ao ar livre da *Via Alberto Bergamini*. **261. 262.** e **263.** Alguns dos estabelecimentos comerciais presentes ao longo da *Via Giuseppe Donati*. **264.** *Piazza Balsamo Crivelli*. **265.** *"Giardino dei nonni"*, bairro Tiburtino. **266.** Parque da *Villa Fassini*.

Rede de espaços de convívio e zonas de estar
escala 1.4000



parques públicos

construído

Autostrade Italia

zonas de convívio permanentes

zonas de convívio ocasionais

| estabelecimentos

Grande parte das lojas presentes em Casal Bruciato são de produtos alimentares: há um grande número de mercearias, assim como vários estabelecimentos especializados como frutarias, talhos e peixarias *(fig. 261)*. Há também vários estabelecimentos *take-away* como cafés, pizzarias e gelatarias *(fig. 262)* considerados em número superior aqueles que denominamos verdadeiramente como restaurantes. Ao longo da *Via dei Crispolti* e grande parte da *Via Diego Angeli*, estão essencialmente presentes estabelecimentos alimentares: uma pastelaria, uma frutaria, um supermercado *Conad*, *Girarrosto Pizza a taglio*, *Macellleria Moderna*, *Bar Royal*, *Caffe Crispolti*, *Pizza Tondi* e uma pequena mercearia. Outros estabelecimentos populares incluem joelharias, lojas de animais, lojas de roupa, barbearias, cabeleireiros *(fig. 263)* e centros de estética assim como bancos e agências de seguros. Oficinas de automóveis e garagens são também bastante recorrentes no bairro. Os preços são considerados acessíveis para uma área residencial e são nitidamente mais baratos que no centro da cidade[20].

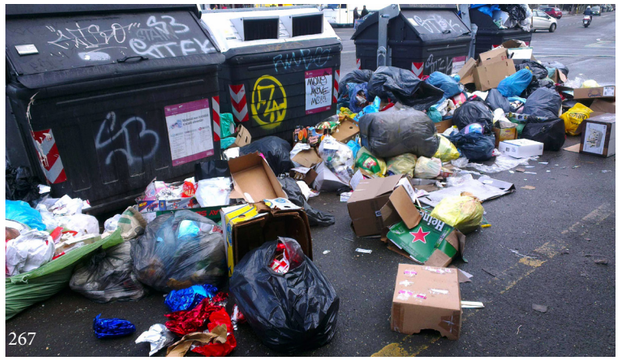
| espaços de convívio

No bairro, foram observados vários grupos de pessoas dentro da mesma faixa etária que se encontram diariamente para socializar, criando a necessidade de locais de convívio destinadas ao efeito *(des. 06)*. Estes "pontos de encontro" são normalmente bares/cafés na vizinhança ou então lugares exteriores estratégicos. Foi frequente observar grupos de homens de meia idade e de idosos a socializarem nos passeios à porta dos cafés ou então em lugares por eles criados no exterior. No Tiburtino, por exemplo, um grupo de idosos conhecido como *"i nonni del quartiere"* apoderaram-se de um espaço exterior por eles cuidado, que faz esquina entre a *Via dei Crispolti* e a V*ia Diego Angeli*, que era público mas agora pertence ao condomínio, e criaram o seu próprio espaço de socialização onde foram observados a jogar às cartas e a conversar *(fig. 265)*. Mais para o final da tarde, o parque da *Villa Fassini (fig. 266)* parece ser um local de agregação de várias faixas etárias, não só pela proximidade às escolas como também pela presença de um ginásio e de um café/salão de jogos.

A *Piazza Balsamo Crivelli (fig. 264)* é também considerada um dos grandes pontos de encontro de pessoas mais velhas, que se juntam à sombra das árvores, nos dias de muito calor, ou então jogam às cartas e conversam. É também frequente observar, nos períodos da tarde, crianças acompanhadas por idosos que passeiam ou brincam umas com as outras.

O centro cooperativo *La Cacciarella* (*fig. 259)*, parece ser, no entanto, o lugar principal para o desenvolvimento das actividades sociais do bairro. Pelo facto de ficar perto de uma escola, não só foram observados grupos de adultos a conversar, como crianças a brincar no parque, acompanhadas pelos pais, e até mesmo grupos de jovens na pausa de almoço. Este centro recreativo dispõe não só de uma área de restauração, mas também alberga vários ateliers onde se realizam workshops e outras actividades. Para além deste, também foram observados grupos de pessoas no parque que faz parte do complexo *Autostrade Italia*, principalmente aos fins de semana. Já no mercado ao ar livre da *Via Alberto Bergamini (fig. 260)*, foram vistos principalmente grupos de mulheres que arrastavam os seus tróleis de compras.

20 Por exemplo, à hora de almoço, uma fatia de pizza no centro custa, em média, mais de 2,50€ numa das *pizzerie* encontradas a caminho da *Fontana di Trevi*, já na *Pizza a Taglio,* num dos blocos comerciais do bairro Tiburtino, custa 1,60€. Em relação aos supermercados, os encontrados na zona são quase todos *low cost*. Já as lojas de roupas e sapatos variam muito em relação aos preços.


267


268


269


270


271

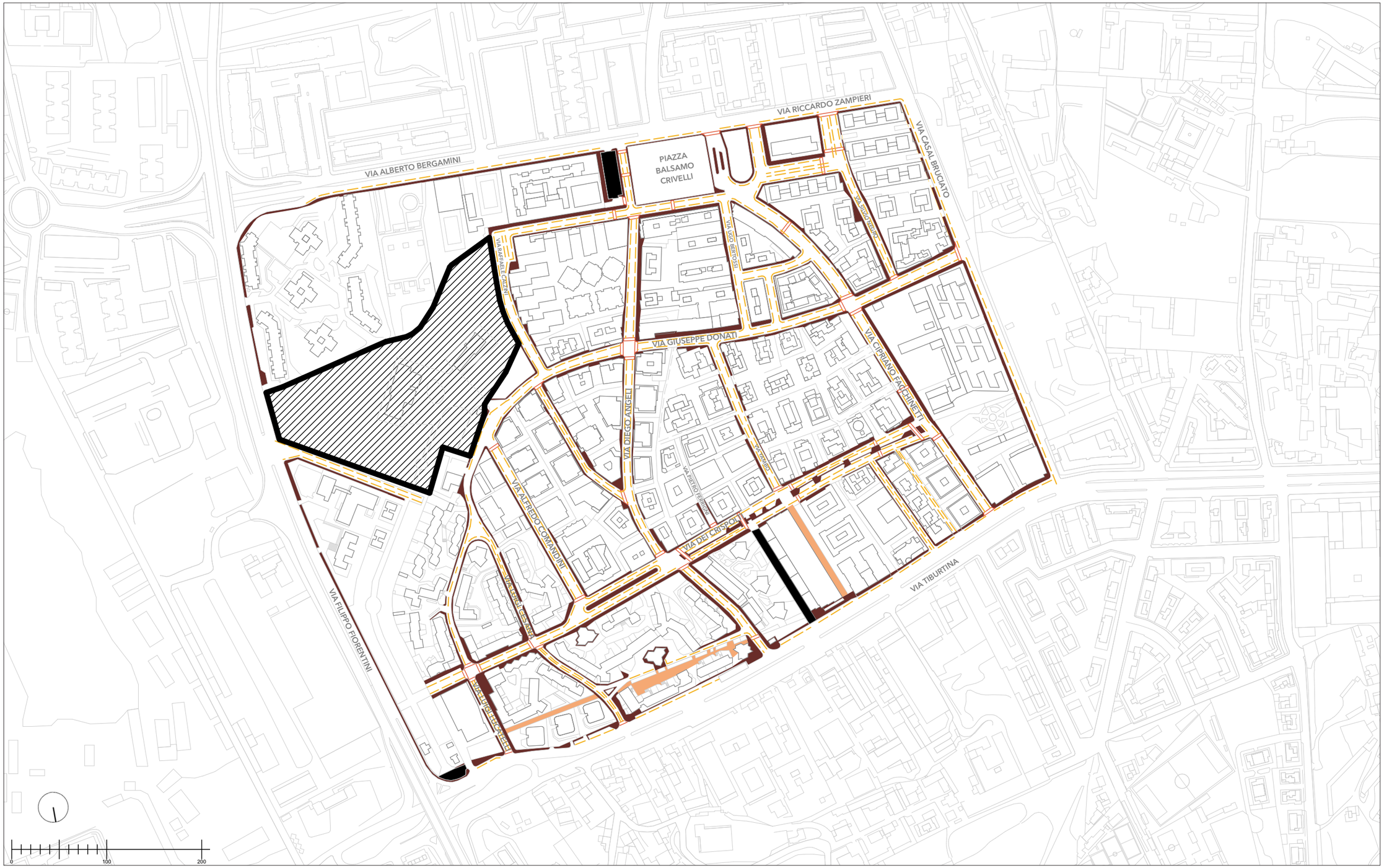

272


273


274

267. Contentores danificados na *Via Giuseppe Donati.* **268.** Pavimentos degradados e lixo espalhado pelo chão na *Via Diego Angeli.* **269.** *Via Yambo* com estacionamento em ambos os lados da rua. **270.** Estacionamento inapropriado em cima de um passeio na *Piazza Edoardo Arbib.* **271.** e **272.** Irregularidades e pavimentos danificados. **273.** Desmazelo e deterioração do mobiliário urbano na *Via dei Crispolti.* **274.** *Via Pietro Ferrigni,* rua sem saída.

Levantamento das zonas de estacionamentos e passeios
escala 1.4000



passeios

passeio acessível a automóvel

passadeiras

estacionamento

estacionamentos ao lonngo das vias

Autrostrade Italia

4.1.2.3 **ESPAÇO PÚBLICO**

| ruas e pavimentos

Apesar de, no geral, a condição dos pavimentos e passeios ser boa, algumas zonas demostravam uma deterioração muito avançada, dificultando a realização de alguns trajectos pedonais. Ao contrário das ruas no centro histórico, sem passeios e geralmente pavimentadas com os *Sampietrini,* aqui todas as vias principais são em asfalto e com passeios em ambos os lados, com excepção do Tiburtino onde alguns pátios privados internos ostentam ainda a típica calçada romana. Para além disso, devido à enorme quantidade de veículos estacionados frequentemente em cima dos passeios *(fig. 270)*, os mesmos acabam por se tornar ainda mais estreitos do que a sua largura média geral, que varia entre 1,50m e 1,80m *(des. 07)*.

Em algumas vias são bastante notórias as irregularidades, a sujidade *(fig. 267)* e o mau estado dos pavimentos *(figs. 271 e 272)*. Na *Via dei Crispolti*, uma das ruas mais amplas e mais movimentadas do bairro, as fissuras e irregularidades nos pavimentos são muito visíveis *(fig. 273)*. No Tiburtino, os passeios são muito estreitos e apresentam sinais de desgaste evidentes, como grandes fendas e fissuras, que os transformam em passeios desregulares e fragmentados *(fig. 271)*.

| estacionamentos

Finalmente, um dos maiores problemas e um dos que mais contribui significativamente para o aspecto degradado da área em estudo, é a falta de estacionamentos. Avaliando pela quantidade de veículos observados na área, os moradores possuem, no mínimo, um automóvel[21]. Em todas as ruas, muito ou pouco movimentadas, foram observados veículos estacionados de forma abusiva no meio das ruas, em cima de passeios, passadeiras, jardins e canteiros, em segunda ou terceira fila, sem deixarem espaços livres *(fig. 269, 270 e 274)*.
No bairro Tiburtino, a *Via dei Crispolti* parece mais funcionar como um parque de estacionamento do que como rua, devido à faixa de automóveis que se encontram estacionados no meio da rua a servir de separador de via[22].

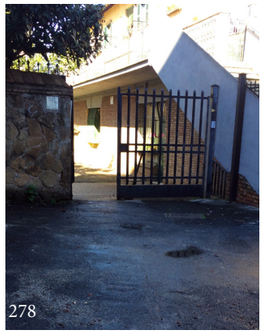
A administração camarária tem lutado contra este problema, tentando criar mais lugares de estacionamento delineados ao longo de algumas vias tais como a *Via Tiburtina* e a *Via Alfredo Comandini*, mas segundo os moradores, a situação com o tempo não só se tem mantido, como tem vindo a piorar[23]. O excesso de veículos, em contraste com a falta de estacionamentos, transformam as ruas em lugares confusos para os observadores externos e contribuem seguramente para o tráfego e a poluição da cidade[24].

21 Foi realizado um levantamento, a três diferentes horas do dia, dos veículos estacionados nos pátios internos das habitações . Desse cálculo, foi feita uma média de carros por condomínio e consequentemente por habitação. Chegou-se à conclusão que, em média, cada agregado familiar possui, no mínimo, de um veículo e/ou motorizada.
22 Apesar da recente construção de um parque de estacionamento subterrâneo no fim da rua, na parte oposta ao bairro Tiburtino, o contrato de arrendamento de um lugar é bastante dispendioso e, dessa forma, os moradores preferem deixar os veículos à superfície, em cima dos passeios, onde é gratuito e igualmente cómodo. Outras zonas de estacionamento encontram-se em torno aos espaços públicos, tais como às escolas e ao longo da Tiburtina, no entanto, são áreas relativamente pequenas, sendo impossível satisfazer as necessidades do habitantes.
23 Entrevista a Francesco Alessandrelli, disponível em formato áudio. 16.12.2016.
24 No que toca este último ponto, principalmente nas semanas em que a cidade atingia os níveis máximos de smogue permitidos, foram frequentes os dias de *blocco del traffico*: dias onde apenas podiam circular as matriculas par ou impar, sujeito a multa quem não respeitasse.


275


276


277


278


279


280



281



282

275. *Via Giuseppe Canepa*. **276.** *Via Tiburtina*. **277.** *Via Arnaldo Cervesato*. **278.** e **279.** Pátios internos que hoje se encontram fechados e geridos pelos condomínios. **280.** Paragens de autocarro na *Piazza Balsamo Crivelli*. **281.** Estação de Metro *Pietralata (linea B)*. **282.** *Via dei Crispolti*.

Planta da rede viária
escala 1.4000



eixo urbano estruturante de articulação intermunicipal

eixo urbano estruturante local

via de distribuição interna

paragens de autocarro

| acessos

Um dos aspectos que foi também tido em conta no bairro, foi a questão dos acessos aos espaços, tanto dos privados quanto dos públicos. Ao contrário do que acontece no centro histórico, onde apenas alguns edifícios e propriedades governamentais estão fechadas ao público, quase todos os edifícios e espaços de Casal Bruciato apresentam uma cerca ou um muro à sua volta.

No Tiburtino, como já mencionado, quase todas as habitações ao nível do rés-do-chão possuem o seu próprio jardim, pátio ou recinto em frente à entrada, que antes era aberto à comunidade, mas que hoje em dia se encontra fechado ao público e protegido por uma cerca ou muro em pedra[25]. Nas áreas mais recentes de Casal Bruciato, os edifícios foram sendo construídos uns atrás dos outros, em fileiras distintas que se encerram entre si, criando logradouros e pátios que foram fechados e vedados, pontuados por portões quer de entrada, quer de estacionamento *(figs. 278 e 279)*.

Há também um grande número de ruas e unidades residenciais que foram enclausuradas com barras, postes e portões, ou então privatizadas através de sinalização. A *Via Arnaldo Cervesato (fig. 277)*, por exemplo, foi barricada em ambas as extremidades, permitindo apenas a entrada de carros através de portões. A *Via Giuseppe Canepa (fig. 275)*, foi também marcada com um sinal que a designa como propriedade privada. O uso da rua parece ser restrito apenas aos moradores. Um outro exemplo, a *Via Yambo* que se divide em duas partes: uma área privada adjacente a uma filial do banco *UniCredit* e uma outra parte de passagem pública pedonal.

| rede viária e transportes públicos

Na área em estudo há um misto entre ruas de um e dois sentidos, que é determinado pela quantidade de estacionamentos permitidos e pelo fluxo de tráfego das mesmas *(des. 08)*. No Tiburtino, a *Via Luigi Lucatelli* é uma rua de um sentido, em direcção Norte, que canaliza o tráfego da *Via Giuseppe Donati* para a *Via Tiburtina*. Já a *Via Alfredo Comandini,* também ela de sentido único, encaminha os condutores no sentido oposto, disponibilizando áreas de estacionamento em ambos os lados da via. A *Via dei Crispolti (fig. 282)*, foi considerada, pelos moradores, como um importante percurso diário para compras e serviços. Já a caótica *Via Tiburtina (fig. 276)*, que liga directamente com o centro de Roma, parece ser o percurso mais evitado pelos habitantes do bairro.

Apesar das numerosas paragens de autocarro espalhadas por todo o bairro - e do terminal de autocarros na *Piazza Balsamo Crivelli (fig. 280)* - muitos dos moradores parecem possuir, como já mencionado anteriormente, no mínimo um automóvel avaliando pela quantidade de automóveis observados na área. Casal Bruciato dispõe também de duas estações de metro nas redondezas - *Monti Tiburtini* e *Pietralata (fig. 281)*, - ambas *Metro Linea B.* Os moradores afirmaram serem apenas os mais novos a usar este serviço, pela sua conexão com o pólo universitário e o centro da cidade, pois devido à sua afastada localização, atrasos e greves constantes, acaba por ser o meio de transporte menos utilizado.

25 Os portões de acesso para estes espaços são quase todos automáticos e encontram-se sempre fechados, tirando os momentos de entrada ou saída de residentes.


283


284


285


286


287

283. *Piazza Riccardo Balsamo Crivelli.* **284.** Parque da *Villa Fassini,* o coração verde do bairro. **285.** Parque público da *Autrostrade Italia*. **286.** Centro recreativo *La Cacciarella*. **287.** Depósitos de resíduos urbanos na *Via Diego Angeli.*

Rede dos espaços públicos
escala 1.4000



verde público
verde privado
verde público privatizado
parques infantis

| áreas verdes

Apesar de grande parte das áreas verdes do bairro serem de carácter privado, como no caso do Tiburtino, Casal Bruciato dispõe de uma grande faixa verde dentro das seus limites *(des. 09)*. O maior parque comunitário é, sem dúvida, o da antiga *Villa Fassini (fig. 284),* muito frequentado também por jovens, que o percorrem diáriamente para irem para a escola. O parque dispõe de uma grande alameda, ladeada por grandes árvores, e dois bebedouros potáveis que refrescam os visitantes nos dias quentes de verão.

Um outro parque público do bairro situa-se a Norte da *Via Alberto Via Bergamini,* e faz parte das imediações da *Autostrade Italia (fig. 285).* O espaço contempla um parque infantil, um campo de futebol em terra batida, uma pista de dança e uma área verde bem equipada com um pequeno café e casas de banho. No entanto, e para além da sua localização afastada, metade do parque encontra-se inacessível ao público, dispondo de algumas estruturas fechadas e muradas, com aberturas parciais para um corredor subterrâneo que liga com o edifício de escritórios das *Autostrade Italia*. Aos mesmos pertence também uma das maiores áreas verdes do bairro, que é privada e que acolhe um centro de formação.

O parque da *Piazza Balsamo Crivelli (fig. 283)*, e o centro recreativo *La Cacciarella (fig. 286)*, são os restantes dois espaços públicos disponíveis na área. A praça, circundada por uma vasta área comercial, se não a maior do bairro, é um recinto muito frequentado, principalmente por idosos, dispondo vários bancos e árvores altas e frondosas que protegem do sol e que dão um ambiente agradável à praça. Já a *Cacciarella*, devido à sua localização estratégica, serve como um ponto de encontro das mais variadas gerações. A mesma alberga um restaurante, uma pizzaria, um café, algumas salas de uso comunitário, para festas ou outros eventos, e um parque infantil.

| resíduos urbanos e vegetação

Apesar da área estar bem munida de depósitos de resíduos urbanos, sendo que foram contabilizados mais de 200 reservatórios numa área de 32 hectares, perfazendo uma média de 8 por rua, o bairro apresenta grandes lacunas quanto à salubridade. Garrafas, embalagens, papéis e tantos outros resíduos espalhados pelo chão não parecem fazer jus ao elevando número de depósitos que são encontrados pelas ruas *(fig. 287)*.

Quanto à vegetação, os passeios das ruas mais movimentadas possuem uma quantidade razoável de árvores. No entanto, devido à má manutenção e à heterogeneidade das mesmas, dão aso a percursos desairosos e sem harmonia[26]. No bairro Tiburtino, que é dos sectores mais verdes de Casal Bruciato, os residentes demonstram grande orgulho nos seus jardins onde abundam árvores variadas, arbustos verdejantes e flores que percorrem as cercas e os muros, contribuindo para o seu carácter peculiar e díspar. Das várias espécies de árvores existentes no bairro, o *Pinus Pinea*, o *Platanus*, e o *Ulmus*[27] são os tipos de árvores encontrados com mais frequência no espaço público. Já nos jardins privados, o *Nespulis Germanica* e as árvores de frutas cítricas são os casos mais frequentes.

26 Ao longo da *Via Tiburtina,* por exemplo, estão plantadas *Citrus aurantium,* mais conhecidas por Laranja-Amarga que não parecem ser as mais adequadas para o local pois devido à falta de cuidados os frutos, não comestíveis, ao caírem maduros no chão, sujam as calçadas e os automóveis estacionados. Paola Lanzara, *Alberi a Roma: Itinerari di storia e natura tra i monumenti verdi della città*, 2016.
27 Para aprofundimento da questão, consultar Paola Lanzara, *Alberi a Roma: Itinerari di storia e natura tra i monumenti verdi della città*, 2016.



288


289


290


291


292


293


294


295

288. O mau estado evidente do estabelecimento escolar na *Via Cipriano Facchinetti*. **289.** Os 3 edifícios construídos no local onde estavam previstos mais habitações INA-Casa. **290.** Uma das torres do bairro Tiburtino que se encontra deteriorada. **291. 292.** e **293.** Por ainda serem construções recentes, as fachadas dos edifícios de Casal Bruciato mantém-se em boas condições. **294.** e **295.** Os diferentes usos das varandas e sacadas no bairro.

10. CASAL BRUCIATO

Levantamento da condição das fachadas
escala 1.4000



bom estado

desgastado

bastante desgastado

4.1.2.4 **EDÍFICIOS**

Da diversificada gama de edifícios que constituem o bairro, que variam entre público/privado, residencial/comercial, podemos observar que no geral, e salvo algumas exepções, as fachadas se mantêm em boas condições *(des. 10)*. Algumas partes do bairro encontram-se, no entanto, mais degradadas, com pinturas desgastadas e exteriores sujos e descuidados. No Tiburtino destaca-se, negativamente, uma das torres de Ridolfi *(fig. 290)* mas, no geral, os edifícios demonstram um bom estado de conservação e os espaços condominiais limpos.

No Tiburtino, há duas irregularidades para com o projecto original que alteram a imagem global do bairro INA-Casa. A primeira, é um bloco residencial ao lado da *Villa Fassini,* no final da *Via dei Crispolti,* construído entre os anos '70 e '80. O mesmo consiste em duas torres de seis andares em estuque branco, cujo piso térreo é todo ele comercial, muito diferente em escala e linguagem dos blocos residenciais INA-Casa que o rodeiam. A segunda, são as três construções que se encontram no cruzamento da *Via dei Crispolti* com a *Via Luigi Cesana* - dos quais faz parte o centro de idosos, um pequeno ginásio e uma dependência da *A.T.E.R. Roma* - erigidos alguns anos mais tarde após a finalização dos blocos habitacionais do Tiburtino, precisamente no local onde estavam previstos mais habitações INA-Casa[28]. *(fig. 289)*

Partindo do princípio que toda a área de Casal Bruciato cresceu e se foi desenvolvendo à volta do bairro Tiburtino, é notório o desfasamento não só a nível de densidade, como de aspectos construtivos e arquitectónicos. No sector Sul *(fig. 293)*, os blocos habitacionais, numa média entre 6 a 9 andares, são revestidos em tijolo de tom acastanhado reunindo entre 30 a 40 habitações por bloco. Já os espaços comerciais, ao contrário do que acontece no Tiburtino, encontram-se localizados sempre ao nível do rés-do-chão dos edifícios[29]. Por serem edifícios relativamente recentes, mantêm-se ainda em bom estado de conservação.

Já os edifícios na metade Ocidental do bairro *(fig. 292)*, também de idade e condição semelhante àqueles da secção Sudeste, são estruturas rectangulares de cinco a seis andares, também elas em tijolo, também eles com comércio a nível do rés-do-chão e com muitas varandas a adornar as fachadas. Apesar das boas condições em geral dos edifícios, algumas excepções destoam e alteram em parte a visão global da área. O estabelecimento escolar presente na *Via Cipriano Facchinetti*, que acolhe também o *Istituto Alberghiere (fig. 288),* é um exemplo de degradação que contrasta com o restante edificado do bairro, apresentando descamação da pintura externa assim como a presença de vários *graffiti*. Importa salientar que, em relação aos tipos de varandas, foram observados várias apropriações nos diversos sectores do bairro. Desde varandas enfeitadas e floreadas *(fig. 295)*, como as do Tiburtino, a autênticas salas de jantar exteriores com cadeiras, mesas e móveis no extremo Sul do bairro *(fig.294)*, é interessante perceber os usos que os habitantes fazem dos espaços exteriores, dependendo da zona onde estão inseridos, e da privacidade da qual desfrutam[30].

28 Os motivos pelos quais não foram construídos são, no entanto, desconhecidos.
29 No bairro INA-Casa Tiburtino, como já foi observado no terceiro capítulo, todos os estabelecimentos comerciais localizam-se em estruturas independentes, projectadas propositadamente para o efeito. Já em Casal Bruciato, não foi encontrado nenhum bloco dedicado unicamente ao comércio.
30 Partindo da abordagem de Kevin Lynch sobre a noção de *legibilidade* e *imaginabilidade* na leitura da cidade ou do lugar, fruto da percepção dos seus habitantes e não de algo em si mesmo, esta análise procura evidenciar a relação indissociável entre os espaços e os sujeitos. Desta forma, *"(...) moving elements in a city, and in particular the people and their activities, are as important as the stationary physical parts"*. Kevin Lynch, "The Image of the Environment", op. cit., p. 2.


296


297


298

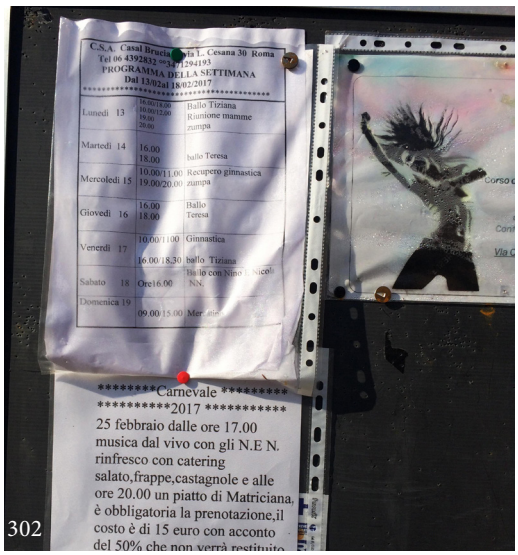


299


300



301



302


303


304

296. Centro Social de Idosos, em funcionamento no Tiburtino deste 1954. **297.** Escola primária situada dentro das imediações da *Villa Fassini*. **298.** *Chiesa Santa Maria della Visitazione*, do arquitecto Saverio Busiri. **299.** e **300.** Mercado de 2º mão que se realiza todos os domingos no Centro Social de Idosos. **301. 302.** e **303.** Algumas das actividades desenvolvidas pelo Centro Social e respectivo calendário semanal. **304.** *Istituto Professionale IV Alberghiero Amerigo Vespucci.*

| espaços e actividades comunitárias

Casal Bruciato engloba um grande número de espaços, recursos e equipamentos suficientes para responder a todas as necessidades do bairro. Um dos principais exemplos é a igreja de *Santa Maria della Visitazione (fig. 298)*, localizada na *Via dei Crispolti*. É uma igreja modernista, diferente da maioria das igrejas construídas no centro da cidade, suficientemente espaçosa para acolher bastantes fiéis e grandes celebrações, dispondo também de algumas salas para o uso comunitário. Avaliando pela quantidade de cartas e anúncios afixados no letreiro de avisos do vestíbulo, a igreja parece ser um ponto de encontro da comunidade dispondo de várias actividades para fiéis de todas as idades.

Subindo a avenida do lado esquerdo da igreja, em direcção Sul, no cruzamento com a *Via Luigi Lucatelli*, encontramos o Centro Social de idosos do Tiburtino *(fig. 296)*, já idealizado pelo plano INA-Casa. Durante as visitas ao local, foram sempre observados grupos de idosos a conversar ou a jogar às cartas e bilhar. O centro dispõe de um pequeno bar e de várias salas para uso comunitário, assim como de um grande espaço externo, com área coberta destinada a actividades de grupo.

À entrada do centro, encontra-se um calendário semanal afixado junto ao portão, onde estão indicados os horários das actividades a serem realizadas no centro durante a semana - aulas de dança, ginástica e workshops *(figs. 301, 302 e 303)*. Para além disso, todos os domingos, é organizado um *mercatino dell'usato (figs. 299 e 300)*, considerado uma grande oportunidade de convívio onde se regateiam os mais variados artigos tais como livros, roupa, calçado, artigos para a casa, artesanato e objectos de colecção. No entanto, à conversa com o presidente do centro Ennio Furlotti, alguns dos espaços pecam pelo estado de degradação no qual se encontram, existindo algumas áreas, tal como as traseiras do edifício, que se encontram abandonadas mas com bastante potencial para serem reutilizadas e (re)possibilitadas.

| escolas

Para além da igreja e dos centros comunitários, dentro dos limites do bairro, existem também algumas escolas a servir a comunidade. Na *Via Umberto Notari,* ao lado da *Piazza Balsamo Crivelli,* encontramos o único infantário que serve o bairro, que parece ser bastante frequentado apesar da degradação e aparência pouco convidativa da fachada e espaços exteriores.

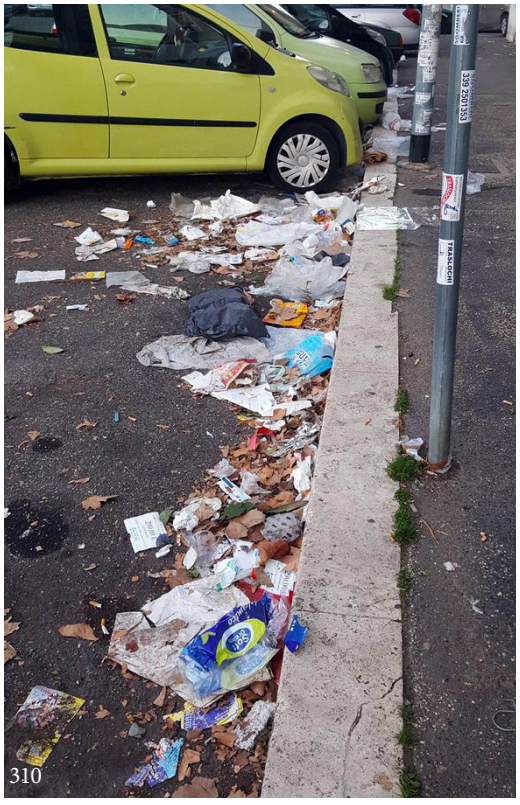
Ao longo da *Via Cipriano Facchinetti*, encontramos um grande edifício amarelo que acolhe uma escola básica, assim como o *Istituto Professionale IV Alberghiero Amerigo Vespucci,* uma escola profissional de hotelaria *(fig. 304)*. Por último, e precisamente no lado oposto do bairro, na *Via Filippo Fiorentini*, existe uma escola primária *(fig. 297)* e uma básica que, encontrando-se mais reservadas dentro das imediações da *Villa Fassini*, demonstram melhor estado de conservação comparando com a da *Via Cipriano Facchinetti*.


305


306


307


308


310


309


311

305. 316. e **307.** Greves frequentes, longos tempos de espera e a superlotação dos transportes caracterizam a ATAC, o serviço de transportaste públicos da cidade de Roma. **308.** e **309.** O excesso de viaturas juntamente com a insuficiência de locais e parques de estacionamento, conduzem a ruas lotadas e a estacionamentos inapropriados. **310.** e **311.** O lixo atulhado pelo chão caracteriza, nos dias de hoje, as ruas de Casal Bruciato, o que evidencia também o desrespeito entre os habitantes.

4.1.3 **SÍNTESE DE OBSERVAÇÕES**

Feita a análise a este aglomerado residencial e após as extensas conversas tidas com alguns dos moradores, admite-se um grande desenvolvimento global de Casal Bruciato. Nos últimos cinquenta anos, passou de uma pequena zona na periferia de Roma, a uma estrutura urbana independente e subsistente. Esta área, outrora dominada apenas por habitação para as classes sociais mais baixas, acabou por se modernizar com a construção de novos condomínios, com o melhoramento da mobilidade e, principalmente, devido ao processo de *gentrificação*[31] em contínuo desenvolvimento. No entanto, podemos elencar as seguintes observações:

Mobilidade e Transporte:

1. A **falta de estacionamentos** e o **fraco sistema de transportes públicos** parecem ser os maiores problemas do bairro, e de difícil resolução. Centenas de carros e poucos espaços para estacionar levam a ruas lotadas, a transbordar de estacionamentos abusivos, em dupla fila e em cima dos passeios *(fig. 308)*, tornando as vias caóticas e desarmoniosas *(fig. 309)*.

2. Localização afastada do metro. Com o metro apenas acessível atravessando a caótica *Via Tiburtina*, aos utilizadores dos transportes públicos restam apenas as disfuncionais linhas de autocarros que ligam o bairro ao resto da cidade. No entanto, o tráfego diário, o demorado tempo de espera *(fig. 306)* e o entulhamento das mesmas *(fig. 305)*, tornam este serviço inconcebível para o uso diário. Este motivo explica o porquê da compra, por parte da população, de veículos e motorizadas para facilitar o processo de deslocação na cidade.

Identidade Urbana:

3. Espírito comunitário inexistente. O espírito comunitário, do qual provém este subúrbio, acabou por se perder com o desenvolvimento do mesmo. Casal Bruciato carece de uma união da comunidade. Apesar de dispor de espaços onde os moradores tendem a reunir-se - sejam eles espaços públicos destinados ao convívio, ou espaços informais tais como ruas e cafés - a forte e marcada divisão do espaço público e privado dentro do bairro parece contribuir para a desagregação da comunidade e para uma visível separação entre classes.

Manutenção Urbana:

4. Degradação urbana e **sujidade**. Apesar dos inúmeros depósitos de resíduos urbanos fornecidos pela administração local, a quantidade de lixo encontrado pelas ruas é inadmissível *(figs. 310 e 311)*. A falta de espaços públicos bem estruturados e acessíveis, faz aumentar o problema, deixando o bairro cada vez mais segmentado e desorientado. A necessidade de espaços públicos eficientes e bem desenhados, que facilitem a interacção entre os moradores e dos mesmos com o espaço que os rodeia, é urgente e inadiável. Estas interacções poderão servir para unir os habitantes, melhorando um bairro que parece estar decidido a progredir e a mover-se rumo ao futuro

31 Processo de valorização imobiliária de uma zona urbana, geralmente acompanhada da deslocação dos residentes com menor poder económico para outro local, e da entrada de residentes com maior poder económico.Gentrificação, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, 2008-2013. *https://www.priberam.pt/dlpo/gentrifica%C3%A7%C3%A3o* (consultado em 21 de Julho de 2017).

Allborg Waterfront,
C.F. Møller,
Dinamarca, 2013.

4.2 **PARA UM OLHAR DO PROJECTO**

"luoghi pubblici sono quelli dove la gente si incontra, svolge attività comuni, impara, insegna, si accultura, contempla, si distrae, si concentra, prega, canta, recita e ascolta, balla."[32]

Interpretar estes sectores de habitação, *"dove l'abitare si fa difficile"*[33], como potenciais motores de transformação de porções mais amplas das periferias e dos aglomerados urbanos contemporâneos, implica uma reflexão aprofundada sobre os modos, escalas e formas com os quais o projecto pode actuar nestas situações específicas[34]. A pluralidade e a articulação do espaço habitável, assim como as metamorfoses que a sociedade sofreu com o tempo, requerem a construção de uma série renovada de conceitos e dispositivos projectuais, que serão aprofundados mais à frente.

No conceito adoptado por Lynch, a identidade urbana resulta da construção das reinterpretações que se fazem a partir das apropriações do espaço vivido. Assim, *"a legible city would be one whose districts or landmarks or pathway are easily identifiable and are easily grouped into an over-all pattern"*[35], proporcionando segurança emocional e harmonia, uma vez que intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana[36]. Desta forma, surge a tarefa de esboçar uma primeira listagem de objectivos, recursos e materiais tidos como úteis a direccionar o desenho de estratégias e acções de requalificação. Isto na tentativa de, por um lado, interpretar em termos actuais o papel que estes bairros tiveram no passado[37], por outro lado, de desvendar novos campos na criação de espaço público - aberto ao uso e a prácticas comuns - e na procura de novas formas de habitação social[38].

Tratam-se, portanto, de objectivos complexos que tornam necessária a construção de intervenções capazes de integrar e pôr em acção factores físicos, económicos e sociais, elementos materiais e imateriais, entidades individuais e colectivas, públicas e privadas, sem no entanto esquecer a centralidade que o espaço deve assumir na definição de novas formas de habitar na cidade contemporânea. Paralelamente a uma qualidade arquitectónica e urbana, o conceito do habitar refere-se, nos dias de hoje, não apenas à dimensão privada do alojamento mas também ao conjunto de espaços que constituem o bairro[39]. Desta forma, parece-nos pertinente abordar principalmente dois quadros de análise nestes processos de intervenção urbana. O primeiro, investiga e interpreta os dados materiais, a morfologia urbana, fases temporais de crescimento do bairro, linguagem arquitectónica e o estado de degradação dos espaços. E o segundo, que intercepta os dados imateriais, observa o quotidiano, os usos dos espaços, os actos de apropriação, os usos espontâneos do espaço público, narrando os modos de vida do bairro.

32 Giancarlo di Carlo, "Progettare i luoghi pubblici", in *Parole d'autore*, Fondazione MAXXI, Roma.
33 Cristina Bianchetti, "*Urbanistica e Sfera Pubblica*", in *Città Pubblica/Paesaggi Comuni. Materiali per il progetto degli spazi aperti dei quartieri ERP*, 2013, p. 126.
34 Anna Lambertini, Annalisa Metta, Maria Livia Olivetti, "Rileggere i paesaggi dei quartieri di edilizia residenziale pubblica. Le ragioni di una ricerca", in *Città Pubblica/Paesaggi Comuni,* 2013, p. 10.
35 Kevin Lynch, "The Image of the Environment", op. cit., p. 3.
36 Ibidem.
37 Um papel importante no delinear e enriquecer espaços e sectores das periferias.
38 Francesco Careri, "Azioni", in *Città Pubblica/Paesaggi Comuni*, p. 23-24.
39 Alessandra Alimonti, "Abitare la città. Dallo sguardo al progetto", in *Città Pubblica/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 94.



313



314

313. Requalificação do Pátio das Escolas, Gonçalo Byrne, Coimbra, 2012. **314.** *Allborg Waterfront,* C.F. Møller, Dinamarca, 2013.

A ideia de espaço público, a dimensão colectiva do bairro ambicionada pelo programa INA-Casa, baseava os seus modelos de implantação em tipologias domésticas: alturas moderadas, carácter introvertido e importância dos espaços exteriores como lugar social de convívio e partilha, do qual emerge o conceito de vizinhança e de comunidade que continuou assente nos programas sucessivos. No entanto, *"a causa di una mancata progettazione degli spazi aperti, il rinvio della loro realizzazione, la difficoltà di gestione e manutenzione, i quartiere appaiono oggi incompleti e privi di qualità."*[40]

Os usos dos espaços transmitem não só a qualidade do habitar, como se transformam em características identitárias, representações comuns e invariantes que são idênticas em vários bairros de periferia. Não só em Casal Bruciato, como também em outros bairros visitados na cidade, é possível registar a transformação das fachadas e a ampliação dos alojamentos através do fecho das varandas, o uso da cor para identificar as unidades habitacionais ou até mesmo dos condomínios, a definição de recintos através da apropriação do espaço público, usos espontâneos e impróprios de portões, áreas verdes e pátios transformados em estacionamentos. Estas prácticas espontâneas não só denunciam as carências do projecto, como também demonstram as exigências dos habitantes em apropriar-se dos lugares e de se transformarem nos protagonistas das principais transformações urbanas.

Dentro do contexto que se alarga à cidade de Roma, a habitação social configura-se como uma paisagem que é necessário descrever e cuidar através de acções diversificadas, que incluam projectos de remodelação física e a activação de políticas sociais coerentes. Pensar em novas formas de relação entre o espaço público e os habitantes[41], entre a dimensão material das coisas e aquela corporal dos sujeitos, para construir um novo panorama residencial, valorizando os espaços ao ar livre, são deveres considerados imprescindíveis e essenciais[42].

Desta forma, este novo campo de intervenção e recuperação do património, a regeneração urbana dos espaços abertos, das frentes urbanas, das margens e das conexões entre bairro e cidade, deverá passar essencialmente por duas operações:

1. Enraizamento no contexto urbano contemporâneo, através da rotura do isolamento, do melhoramento da acessibilidade, do redesenho dos espaços públicos e da inserção de novas actividades económicas e de lazer;

2. Criação de estratégias de regeneração da estrutura social, reforçando as relações com e entre os habitantes, e dos mesmos com os serviços e com os novos equipamentos do bairro, propondo um novo modelo de comunidade urbana, pois é nos espaços *"che l'esperienza urbana si forma, si accumula e viene condivisa, e il suo senso viene elaborato"*[43].

40 Alessandra Alimonti, "Abitare la città. Dallo sguardo al progetto", op. cit., p. 94.
41 Jan Gehl, *Life between Buildings: Using public Spaces*, 1987, p. 31.
42 Paola di Biagi, "Un discorso sulle Città Pubbliche", in *Città Pubbliche, Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2009, p. 10.
43 Alessandra Alimonti, "Abitare la città. Dallo sguardo al progetto", op. cit., p. 94.



315

Remodelação do *Paseo de St Joan*, Lola Domènech, Barcelona, 2013. Fotografia de Adrià Goula.

4.2.1 **ESTRATÉGIAS DE REGENERAÇÃO URBANA**

"le città come i sogni sono costruite di desideri e di paure"[44]

Do ponto de vista operacional, as requalificações urbanas são aquelas que, de um modo geral, são mais viáveis de serem realizadas enquanto se trata de intervir principalmente nos espaços de propriedade pública. Com o termo *regeneração urbana* entende-se um conjunto de intervenções que agem contemporaneamente em diversos âmbitos: nas componentes físicas de um lugar (ambientais, urbanísticas, arquitectónicas) e nas sociais, tentando melhorar o bem estar urbano dos residentes.

Hoje em dia, mesmo que a proximidade espacial não seja uma garantia de relação entre vizinhos, ainda é verdade que poder contar diariamente com boas relações de vizinhança melhora automaticamente a habitabilidade dos espaços na cidade[45]. Não existem lugares públicos se os mesmos não favorecerem as relações de convívio e encontro. A relação ente o bairro e a cidade torna-se protagonista indiscutível da regeneração urbana, avaliada através da acessibilidade, mobilidade e conexão, seja à escala urbana seja à local[46]. A possibilidade de abertura destes bairros para com a cidade, criando novas formas de relação e ocasiões de atravessamento através de acções de projecto, constituem importantes operações que reforçam a continuidade física e perceptiva dos espaços exteriores, dentro da extensa trama urbana.

O projecto dos espaços públicos no passado, como já foi abordado no primeiro capítulo desta dissertação, partindo da análise da morfologia urbana, conjugavam abordagens pictóricas, paisagísticas e mecanismos de identificação social que configuravam os espaços externos como espaços colectivos. O vocabulário do projecto enriquecia-se *"di memorie, di trame, di sequenze e altri elementi strutturanti che manifestavano (...) la volontà di cimentarsi in un altro modo di pensare il rapporto dal sociale allo spaziale."*[47] Sem reduzir a força ideológica e a qualidade estética do passado, o projecto de requalificação dos espaços públicos, nos dias de hoje, deverá recuperar as valências culturais e sociais repropondo, em termos modernos, uma nova relação entre o espaço e a sociedade[48].

Requalificar os espaços públicos significa restabelecer, nos dias de hoje, a ideia de comunidade que se auto-organiza, também a nível produtivo e de gestão de recursos, através de um projecto que se inscreva num processo atento no que diz respeito aos usos que se foram sedimentando no lugar. *"Il progetto nasce dall'osservazione e dall'ascolto degli abitanti e dalla rigenerazione degli usi in situazioni contemporanee."*[49] O reconhecimento de figuras responsáveis e a definição de acções estratégicas de transformação, são operações que não estão necessariamente ligadas, mas que adquirem sentido dentro de um processo de requalificação de bairros de habitação social, partindo da ideia de que o espaço público pode assumir um papel crucial na construção da cidade contemporânea, seja no contexto habitacional adequado ao desenvolvimento das mais variadas prácticas sociais, seja como espaço capaz de construir uma extensa rede de conexões com a cidade[50].

44 Italo Calvino, *Le Città Invisibili,* 1972, p. 20.
45 Paola di Biagi, "Un discorso sulle Città Pubbliche", op. cit., p. 10.
46 Jan Gehl, op. cit., p. 81.
47 Giuliana Quattrone, "La Rigenerazione degli spazi aperti insieme alla Comunità", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, p. 216.
48 Bernardo Secchi, "Le condizioni sono cambiate", in *Architettura come modificazione, Casabella* nº 498 / 499
49 Alessandra Alimonti, "Abitare la città. Dallo sguardo al progetto", op. cit., p. 96.
50 Paola di Biagi, "Plurale", in *Città Pubbliche, Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2009, p. 16.


316


317


318


319


320


322


321

316. e **317.** "Somos Luz" foi a mensagem escrita em 50 casas do edifício *Begonia I*, no bairro *El Chorrillo*, com a participação activa dos habitantes, na tentativa de reabilitar uma comunidade degradada. *BoaMistura*, *El Chorrillo*, Panamá, 2013. **318.** e **319.** *"Residuos Urbanos Solidos"* é um projecto de arte pública na América Latina que trabalha em três direcções: na criação de uma rede de colaboração com artistas locais, o estudo de fenómenos em relação ao lixo e a intervenção no espaço público. *Basurama*, Bueno Aires, 2009. **320.** Instalação de rua Park(ing) Day, Manhattan, 2013. **321.** "Luz nas Vielas" faz parte da série CROSSROADS: projectos de arte urbana que intervêm em comunidades desfavorecidas, usando a arte como ferramenta de mudança e inspiração, através da participação dos habitantes. *BoaMistura*, São Paulo, 2012. **322.** Requalificação do Bairro Social *La Mina*, Barcelona, 2010.

O espaço público, no interior destes bairros, pode ser repensado para permitir uma condição habitacional mais aderente às práticas que se desenvolvem diariamente. A possibilidade de interligar a sucessão dos espaços, normalmente desconectados ou incapazes de criar a forma perceptível de um todo, pode garantir uma melhor utilização global dos espaços exteriores. Por outro lado, a possibilidade de articular funcionalmente o interior dos bairros, introduzindo novos serviços e equipamentos, pode contribuir no processo de requalificação e activar pontos de atracção, dando sentido a algumas porções destes espaços[51]. Se, para além disso, o conjunto destas acções estratégicas envolver uma dimensão colectiva no projecto, a possibilidade de realizar espaços públicos que sejam usados para fins comunitários, pode consentir a revitalização de alguns espaços, principalmente aqueles pouco utilizados, através do desenvolvimento de algumas prácticas e acções específicas. Por outras palavras, repensar o espaço público num contexto relacional, como defende Jan Gehl e como já defendia Jane Jacobs no início dos anos '60, como lugar dentro do qual os diferentes indivíduos se relacionam, e onde são obrigados a confrontarem-se na sua própria identidade e na capacidade de meter em movimento as suas próprias acções[52]. Desta forma, seria possível oferecer ao projecto uma ocasião única para reflectir sobre a possibilidade de uma nova forma de habitar dentro da cidade contemporânea, relacionada com as novas necessidades da sociedade actual.

No início dos anos '90, surgiram vários programas específicos de apoio a comunidades desfavorecidas, financiados pela União Europeia, dos quais são exemplo o *URBAN*[53] e o *URBACT*[54]. O *La Mina (fig. 322)*, um bairro social situado em Barcelona, beneficiou destes programas onde o projecto se baseou na requalificação dos espaços verdes e na redefinição dos espaços colectivos. Os resultados mostraram que, quer as intervenções pontuais, quer as de grande escala, atingiram o objectivo de superar as condições de marginalidade física e psicológica do bairro[55]. Também a *Ley de Barrios*, emanada em 2004 pelo governo autónomo da Catalunha, promovida pelo *Departament de Política Territorial y Obres Públiques* com um fundo financeiro, foi uma lei criada com o intuito de melhorar as condições físicas, económicas e sociais de *"quartieri e aree urbane che richiedono attenzione particolare"*[56]. Para além destas, são também vários os programas e eventos existentes, focados na participação dos habitantes e no envolvimento dos cidadãos nas acções que dizem respeito à vida colectiva. Entre estes, são conhecidos o *Park(ing) day*[57] *(figs. 320), Basurama*[58] *(figs. 318 e 319)* e *BoaMistura*[59] *(figs. 316, 317 e 321)* baseados na colaboração entre artistas locais e residentes.

51 Paola Di Biagi, "La città pubblica e L'INA-Casa", in *La grande Ricostruzione,* 2010, p. 26.
52 Jan Gehl, op. cit., p. 50.
53 *http://jpi-urbaneurope.eu/*
54 *http://urbact.eu/*
55 Transformando os espaços ao ar livre, lugares privilegiados para o convívio entre a comunidade. Teresa Frausin, "Di nuovo, tra fisico e sociale. Integrare spazi del welfare e politiche sociali per rigenerare quartiere in crisi", in *Citta Pubbliche/Paesaggi Comun*i, 2013, p. 127.
56 A lei nasce como resposta à progressiva difusão de situações de degrado urbano ligados a fenómenos de exclusão social e conflitos, registados nos bairros maioritariamente sociais onde há um maior risco da formação de *ghetto*s. Ibidem.
57 *http://parkingday.org/*
58 *http://basurama.org/en/projects/urban-cooks-platforms/*
59 *http://www.boamistura.com/projects.html*


323


324


325


326


327


328



329


330

323. e **324.** Intervenção e apropriação de novo espaço público através da redução da rua destinada à circulação automóvel. GravalosDiMonte, Barcelona, 2016. **325.** e **326.** *"Un giardino a favara"* projecto que visava implantar no centro histórico, num dos vazios urbanos existentes, um novo espaço verde. Giuseppe Guerrera e Lillo Giglia, Favara, Itália, 2011.
327. e **328.** *"Place au changemente"* espaço público desenhado num terreno vazio existente na intersecção de duas ruas, pensado em conjunto com a comunidade num laboratório de bairro realizado em Julho de 2011. Collectif ETC, *Saint-Étienne,* França, 2011. **329.** e **330.** Intervenções efémeras para espaços públicos diversificados e de uso transitório em parcelas do centro histórico de Zaragoza. GravalosDiMonte, Zaragoza, 2009.

4.2.2 **REQUALIFICAÇÃO URBANA EM COMUNIDADE**

"Cities have the capability of providing something for everybody, only because, and only when, they are created by everybody"[60]

"Quello della riqualificazione urbana è un problema così vecchio quanto la storia dell'urbanistica."[61] As cidades não são elementos estáticos e por isso, em todas as épocas e em todas as sociedades, foi necessário adaptar dinamicamente a cidade às novas condições. No entanto, enfrentar o problema da requalificação do tecido urbano a partir do espaço público, como nova centralidade sob os quais definir uma nova qualidade do habitar, constitui-se um novo elemento que dá origem a novas reflexões sobre a cidade, sobre os modos de habitar e sobre as formas através das quais esta se constrói e se representa.

Nas periferias residenciais construídas entre o pós-guerra e os anos '80, principalmente em Roma e da qual faz parte o sector de Casal Bruciato que se desenvolveu à volta do Tiburtino, encontram-se muitos bairros cuja qualidade é, no geral, fraca já desde o início da sua construção[62]. Nestes bairros, os problemas são maioritariamente de carácter social e não só as habitações têm poucas condições de habitabilidade, como também os espaços públicos nunca conquistaram o significado que os caracterizava na cidade medieval, tidos como lugares fortes, identitários, de encontro e socialização[63]. Dessa forma, estes espaços *"risentono dell'effetto di una minore frequentazione da parte degli abitanti diventando a volte spazi residuale, degradati, inutilizzati o utilizzati in modo inappropriato"*[64], o que testemunha graves problemas de marginalização social. Por isso, o projecto de requalificação para estes espaços não deve prescindir de uma abordagem estratégica de integração e participação dos cidadãos *(figs. 323, 324 e 328)* que desenvolva políticas eficientes capazes, de regenerar os espaços comuns[65].

Em muitas cidades europeias têm-se vindo a afirmar várias tendências de difusão, a nível comunitário, de prácticas de sustentabilidade com o intuito de melhorar a gestão dos recursos locais e a difundir estilos de vida colectivos mais "saudáveis", principalmente nas periferias urbanas. As experiências de agricultura urbana, através de *"giardini o orti urbana condivisi" (fig. 330),* são um dos exemplos destas prácticas onde o objectivo é criar uma iniciativa comunitária, de longo termo, com o intuito de desenvolver o cultivo de parcelas de terreno inutilizado *(figs. 325 e 327)*. Para além disso, esta prática oferece a possibilidade de romper com o isolamento social e de fomentar o convívio entre as várias gerações. Neste contexto, existem também outros projectos como o *UrbSpace*[66] e *Greenkey*[67], que partem da convicção que os espaços públicos - pensados e construídos de forma correcta e atenta pela comunidade - influenciam directamente o nível de qualidade de vida e a percepção da cidade aos habitantes.

60 Jane Jacobs, *The Death and Life of the Great American Cities,* 1961, p. 238.
61 Giuliana Quattrone, "La regenerazione degli spazi aperti insieme alla comunità", op. cit., p. 216.
62 Paola di Biagi, "Un discorso sulle Città Pubbliche", op. cit., p. 10.
63 Bernardo Secchi, "Le condizioni sono cambiate", in *Architettura come modificazione, Casabella* nº 498 / 499.
64 Giuliana Quattrone, "La Rigenerazione degli spazi aperti insieme alla Comunità", op. cit., p. 217.
65 Colletif Etc, "Azioni Urbane per ripensare la democrazia", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 80.
66 *http://www.urbanspace.rec.org*
67 Experimentados em algumas cidades da Alemanha, Itália, Eslovénia, Hungria, Grécia e Polónia, estes projectos, com o intuito de criar espaços abertos sustentáveis, para os quais apontam-lhes o aumento da qualidade urbana, conjugando princípios ecológicos e sociais, sempre no conceito da sustentabilidade, desenvolvendo uma abordagem e uma visão colectiva no melhoramento dos espaços verdes que satisfaçam as necessidades da comunidade. *www.greenkeys-project.net*


331


332


333


334



335


336

331. 332. e **333.** Progetto MAPPA, San Basilio, Roma, 2014. **334. 335.** e **336.** Case Nuove, Rosarno, Reggio Calabria, 2012.

A regeneração de comunidades desqualificadas pode também ocorrer através de prácticas de projecto com a participação dos habitantes, para que os mesmos possam aprender a reciclar os objectos da vida quotidiana e os expandam aos espaços públicos. Em Rosarno, uma zona situada na província de Reggio Calabria, ocorreu em Setembro de 2012 um workshop no bairro *Case Nuove*, onde a ideia era experimentar um modelo inovador de *"ospitalità partecipata"*. Os habitantes que aderiram com entusiasmo a este laboratório, acolheram artistas, estudantes e arquitectos nas suas casas. Esta convivência entre residentes e arquitectos beneficiou a recolha de propostas para a requalificação do bairro, tendo sido os próprios moradores a escolher os espaços a serem reabilitados[68]. *(figs. 334 a 336)*

Um outro exemplo, desenvolvido no bairro de San Basilio *(figs. 331 a 333)*, é o projecto MAPPA[69], um programa dedicado à regeneração dos espaços públicos em Roma. Este, funciona como suporte metodológico, investigando a relação entre os comportamentos da cidade auto-organizada e as geometrias do espaço social, sendo um programa faseado que se configura material e temporalmente, adaptável às condições locais físicas, económicas e sociais. O objectivo do projecto é construir um repertório de possíveis deformações topológicas, de transformações físicas, tectónicas e temporais das cinco categorias – *marciapiedi, alberi, parcheggi, piani terra, aree civiche* - definindo programas de intensificação e diferenciação dos espaços abertos. Ou seja, dar início a processos de uso colectivo que sejam intérpretes de desejos e necessidades, mas que os converta em *"regole assurde e prospettive ingannevoli"*[70].

Relacionar as redes tecnológicas e as redes sociais com os recursos localmente disponíveis, poderia também dar início a novas metodologias na transformação do espaço urbano, prefigurando cenários de grande potencial no âmbito das relações sociais. O CITY-HOUND[71], por exemplo, é uma rede social criada com o intuito de transformar temporaneamente os espaços urbanos que são subutilizados. Este sistema põe em contacto os proprietários dos espaços (sujeitos privados ou administrações públicas) e os cidadãos que têm a necessidade de um espaço para realizar uma ideia ou projecto. O objectivo é simplificar as conexões e as trocas entre proprietários e cidadãos activos, tornando possível, e de maneira simples, a realização de projectos criativos. CITY-HOUND permite colocar *online* os recursos presentes no território, tornando-se o espaço virtual onde combinar os elementos mais importantes das transformações espaciais, uma espécie de *"catalizzatore di energie e disponibilità capace di attivare un corto circuito finalizzato alla riappropriazione dello spazio e alla costruzione dell'identità"*[72].

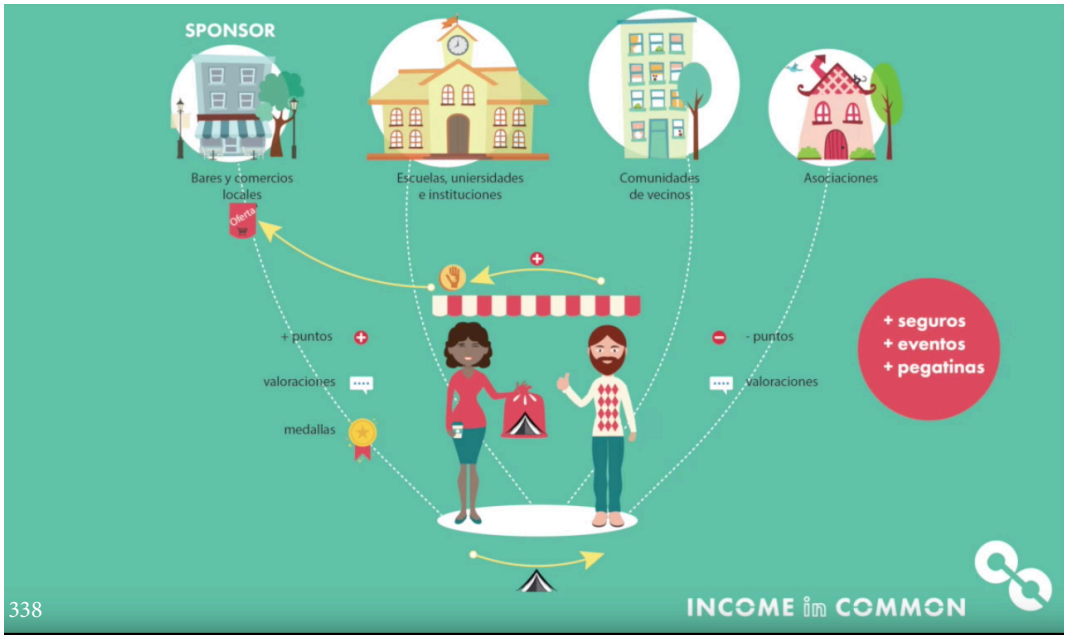
68 Neste caso concreto, a participação directa através de questionários e encontros públicos demonstrou a eficiência desde método do envolvimento da população e deu aso a processos espontâneos de adesão as actividades realizadas durante este laboratório de bairro. Elisabetta Nucera, Angelo Carchidi, "Costruire Comunità: Un'esperienza partecipata di rigenerazione urbana a Rosarno", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, p. 178. Ver mais em *https://www.eppela.com/it/projects/5455-a-di-citta-rosarno*

69 MAPPA é um acrônimo de *"Marciapiedi – Alberi – Parcheggi – Piani Terra – Aree civiche"*, consideradas as cinco categorias primárias fundamentais da paisagem urbana. Os processos de transformação territorial, sendo longos, devem contemporaneamente ser graduais, conscientes e partilhados. MAPPA indaga a natureza multifacetada e ambivalente da participação no processo de transformação do espaço urbano. O desafio proposto aos arquitectos, não é o de fazer um projecto responsável ou espectacular, mas sim de jogar com dispositivos artísticos capazes de transformar a contestação em conformismo, a marginalidade em vitalidade, a ilegalidade em criatividade. Caterina Schioppa, "Ri.Immagina la mappa. Il caso di San Basilio a Roma", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 190.

70 Italo Calvino, op. cit., p. 20.

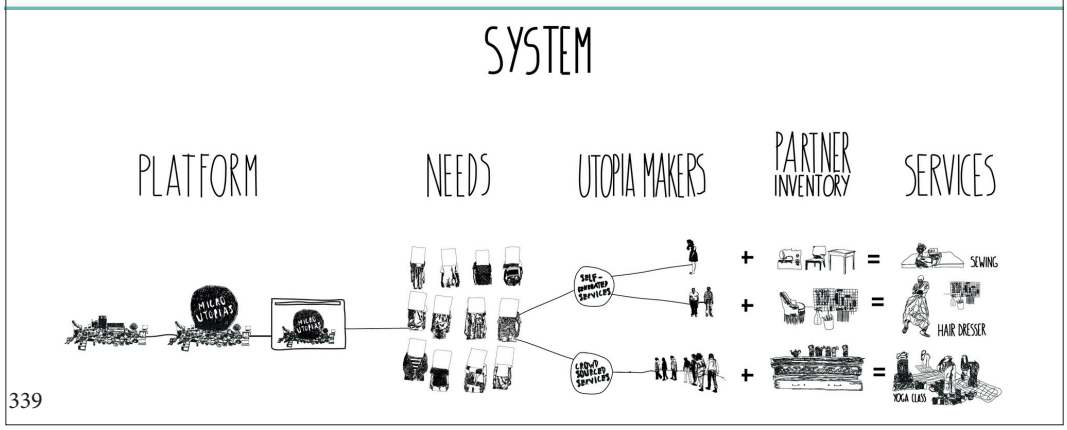
71 *http://www.tspoon.org/cityhound/*

72 Com a realização de uma comunidade híbrida, que age virtualmente através de uma rede social, através da troca imediata de informações, de imagens e de conteúdos multimédia, pode-se proceder à construção de um terreno de confronto comum, onde é possível estimular uma reapropriação física do espaço, onde representar uma identidade, temporânea e parcial. Nina Artioli, Alessandra Glorialanza, Eliana Saracino, "Comunità Ibride e Trasformazione Spaziali: diventare Segugi Urbani con City-Hound", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 39.



338





339

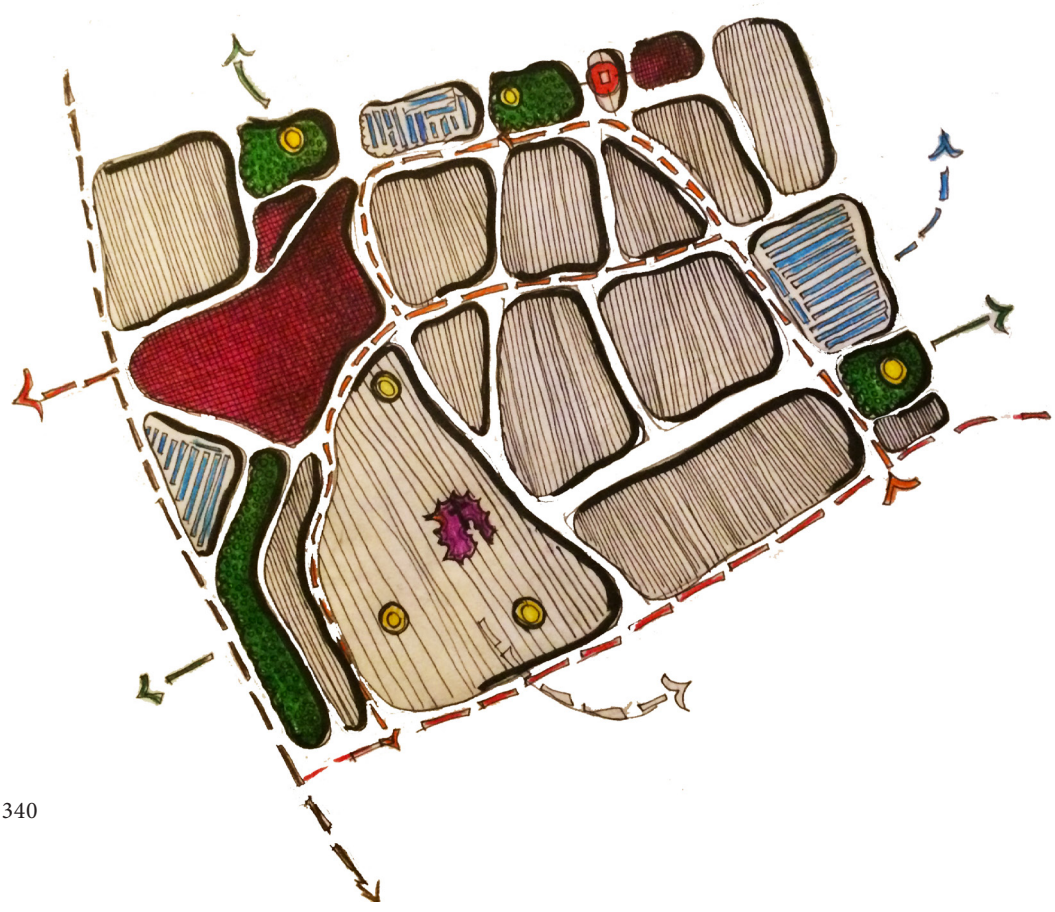
338. e **339.** Programa *IncomeInCommon*, Eva Martin Cabello, financiado pela Universidade de Córdoba, Andaluzia, 2016.

A grande difusão das novas tecnologias e dos media contribuiu para o enfraquecimento do espaço público, com base na sua localização física, mas ao mesmo tempo foi capaz de permitir outros tipos de acções e de gerar novas formas de relacionamento espacial. Os meios de comunicação tem capacidade de produzir uma espécie de pertença a um espaço comum, criando aquela mínima coerência espacial sem a qual seria impossível pensar numa sociedade. As comunidades online geram uma multiplicidade de espaços virtuais onde os utentes podem socializar, partilhar conteúdos e competências[73]. O contacto através da internet, reinterpreta uma nova dimensão comunitária e colectiva que assume novas formas, enraizadas nas redes sociais, e que nascem à volta de um interesse peculiar, seja esse cultural, social ou político[74].

Em frente a uma crise económica, aos cortes culturais e a uma má gestão ou então leis desadequadas, a melhor resposta, em grande parte dos casos, não é o estado nem o mercado, mas sim a comunidade. A entreajuda entre a comunidade é muitas vezes a resposta mais espontânea, imediata e fiável para encontrar soluções do zero, duradouras e criadas por uma acção comum. Somos seres comunitários, mais levados a colaborar que a competir, e esta cooperação funciona muito melhor quando os habitantes se sentem participativos e movidos por valores comuns. Cada vez que se evidencia uma necessidade, uma falha, uma insatisfação ou simplesmente a possibilidade de melhoramento dentro de uma comunidade, as pessoas devem puder utilizar os recursos já existentes para alterar esta situação insatisfatória. Isto poderá ser possível se encontrarmos alternativas através de uma acção comum, partindo das nossas próprias competências.

Neste contexto, a criação de um site de entreajuda dentro da comunidade pode ser também uma solução, *"una rete di entità locali che generano servizi aperti e flessibili partendo da beni comuni e dalla collaborazione di cittadini attivi"*[75]. O programa *InComeInCommon*[76] *(figs. 338 e 339)*, na cidade espanhola de Córdoba, é um programa que tem tipo bastante adesão entre os habitantes, onde há uma troca directa de bens e serviços dentro do mesmo sector residencial. *"Comparte lo que tengas, pide lo que necesites"*, estes serviços podem ser considerados como bens comuns, recursos que antecipam uma acção comum e estão à disposição da comunidade. Uma acção para construir e viver em conjunto, instrumentos da comunidade para responder às novas exigências e insatisfações quotidianas. O objectivo desta plataforma digital, é que os membros da comunidade possam utilizar ambas as áreas, a física e a virtual, para colaborar e oferecer serviços entre eles. Desta forma, seria possível encontrar, de maneira espontânea, recursos e necessidades sempre diferentes, encorajando o uso dos bens comuns e incentivando a reciprocidade como sistema de troca alternativo. As possibilidades são infinitas, basta explorar os recursos já disponíveis.

73 A comunicação ocorre num espaço virtual, constituído pelas redes de comunicação (internet), pelas informações digitais que são trocadas entre as ligações desta rede (textos, imagens, sons, vídeos) e pelo software, que define as regras para a utilização e para a transformação destas informações. O facebook, por exemplo, tem como objetivo a socialização, o Youtube a partilha de conteúdos e a Wikipédia a partilha de competências. Estas comunidades não preveem uma interacção com o espaço físico, mas oferecem aos seus membros um espaço bem definido para construir uma casa virtual (homepage) onde podem representar-se a eles próprios. Nina Artioli, Alessandra Glorialanza, Eliana Saracino, "Comunità Ibride e Trasformazione Spaziali: diventare Segugi Urbani con City-Hound", op. cit., p. 39.
74 Alguns dos movimentos mais reconhecidos, que procuram unir o espaço físico ao espaço dos fluxos, são constituídos por movimentos sociais tais como *Crítical Mass, Reclaim the streets e Telestreet.* Estes manifestam-se à escala global sem uma unidade central de coordenação, enquanto que à escala local são constituídos por células de acção em locais físicos reais. A acção local e a presença global permitem a estes movimentos de estarem presentes seja no espaço físico seja no dos fluxos virtuais. Idem, p. 40.
75 Daniela Rossi, "Micro-Utopias. Connettere e co-creare servizi imprevedibili", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, p. 111.
76 *https://www.incomeincommon.org/*



340

4.2.3 **OBJECTIVOS**

"First life, then spaces, then buildings - the other way around never works."[77]

Encontramo-nos na periferia, num dos tantos centros que compõem o desorganizado território da capital italiana, onde *"strutture metropolitane e residui dell'agro romano e del patrimonio archeologico convivono"*[78], e na qual surgem complexos sistemas económicos e sociais de organização do espaço, pura expressão de uma resistência cultural e de uma capacidade de adaptação ambivalente[79].

Como já referimos anteriormente, um dos principais aspectos dos bairros INA-Casa era a preocupação com os espaços exteriores; o desenho dos espaços de relação; a atenção que se concretizava na *"commisurazione degli spazi pubblici e privati intorno alla casa"*[80] e na dotação de espaços verdes. Tal interesse, faz com que hoje uma das principais características destes aglomerados urbanos se encontre na qualidade dos espaços exteriores, que caracterizavam a implantação dos mesmos. No caso do Tiburtino, todos os seus lugares de agregação e vida social, viram diminuída a força necessária para interligar os diferentes edifícios e dar vida ao bairro[81].

Os residentes entrevistados[82], queixaram-se frequentemente da falta de identidade do bairro e escassa união entre os habitantes, apelando à necessidade de mais espaços de convívio para a comunidade, áreas verdes equipadas e espaços colectivos de carácter social e cultural. As possibilidades dadas pelos vazios urbanos existentes, não foram devidamente aproveitadas no decorrer dos anos e as únicas áreas verdes que permaneceram livres de estacionamentos e pavimentação, encontram-se, apesar da excelente localização, pouco cuidadas e equipadas. A análise elaborada nos capítulos anteriores evidenciou um estado de degradação que, no geral, pode ser atribuído a diversos âmbitos, desde o mais urbano ao construtivo. A ideia base do nosso estudo, direccionada à apresentação de estratégias de requalificação urbana do bairro, nasce após termos tido a percepção da crescente valorização da conservação e recuperação destes aglomerados sociais dos anos '50 em Roma. Normalmente bem preservados, relativamente aos aspectos residenciais, mas muito degradados quer a nível dos espaços verdes, quer dos espaços públicos destinados originariamente ao convívio da comunidade[83].

A pouca deterioração dos blocos habitacionais é ditada apenas pelo desgaste das fachadas, que compromete as características espaciais e formais dos blocos, contudo, as maiores necessidades de intervenção manifestam-se principalmente sob aspectos infraestruturais. Os percursos, sobretudo pedonais, apresentam um alto nível de degradação avançado, por vezes interrompidos por estruturas, como já mencionamos anteriormente, tais como muros, portões, grades, mecos entre outros. Esta precariedade é também resultado da falta de lugares de estacionamento, e a consequente colocação dos veículos em cima dos passeios, átrios internos ou nos espaços verdes. Para além disso, existem vários

77 Jan Gehl, HUMAN Scale, The. Direcção: Andreas Dalsgaard. Produção: Final Cut for Real, Denmark - Doc. 2012. 83min, Son, Color, Formato
78 Caterina Schioppa, "Ri-immagina la mappa. Il caso di San Basilio a Roma", op. cit., p. 189.
79 Ibidem.
80 Rosalia Vittorini, Rinaldo Capomolla, *L'Architettura INA-Casa. Aspetti e problemi di conservazione e recuperação*, p. 36.
81 Actualmente, por exemplo, é difícil reconhecer no espaço da praça da *Via Edoardo Arbib*, projectado como lugar de convívio e socialização, o carácter acolhedor de pequena praça que estava implícito no projecto original. Também é difícil reconhecer nos canteiros e nos jardins, com pouca manutenção ou então em completo estado de abandono, os espaços verdes previstos pelo projecto original.
82 Os registos das entrevistas realizadas entre Outubro de 2016 e Janeiro de 2017, encontram-se disponíveis em anexo, em formato áudio. Os registos apresentados e divulgados neste trabalho, tiveram a aprovação de todos os entrevistados.
83 Claudia Mattogno, "Città Pubblica e Città Contemporanea", op. cit., p. 24 - 26.



A falta de bancos, entre outro mobiliário urbano, faz com que os habitantes se apropriem de outras estruturas criadas para outros fins. *Corner Caffè*, *Via dei Crispolti*, Janeiro de 2017.

espaços actualmente em desuso, tais como zonas de estendais comuns de roupa e velhos anexos, que denegrecem a imagem geral do bairro. A tal situação se acrescenta um outro ponto crítico: a presença de uma área degradada, que acolhe um centro de idosos e alguns serviços públicos, com potencialidade para se transformar num ponto de encontro do bairro, que integre não só a população envelhecida, como os habitantes mais jovens. Desta forma, procura-se a integração, fomentando o convívio entre a comunidade, trabalhando no sentido da partilha cultural.

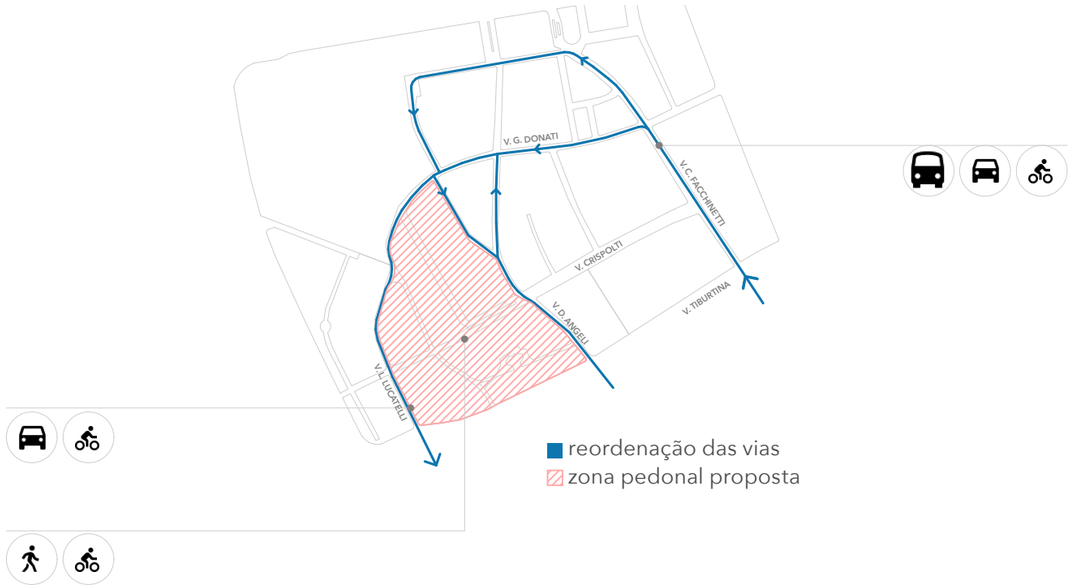
Deste modo, o nosso objectivo resulta no de um estudo da relação entre materiais físicos e práticas sociais, na criação de um ambiente confortável e adequado às necessidades dos habitantes, sejam elas permanentes ou temporais. A possibilidade de agir directamente com os materiais disponíveis do espaço público, capazes de influenciar o comportamento e os hábitos dos habitantes, pode redefinir os modos de uso e de percepção do bairro, contribuindo para a construção de uma nova imagem. Pretende-se, portanto, estudar possíveis métodos de regeneração urbana, através da apresentação de uma série de objectivos e instrumentos considerando dois principais níveis de intervenção: espaço público e áreas verdes.

Ao tema da expansão urbana, motor e guia das principais intervenções residenciais públicas no passado, adoptou-se uma nova abordagem que vê na recuperação do património existente, no sentido da *reaquisição* e da *reconquista*[84], um âmbito privilegiado de experimentação. Já na metade dos anos '80, nas páginas de *Casabella*, Bernando Secchi escrevia que *"lo spazio entro il quale vivremo i prossimi decenni è in gran parte già costruito. Il tema è ora quello di dare senso e futuro attraverso continue modificazioni alla città, al territorio, ai materiali esistenti e che la complessità attuale della società e del territorio, la difficoltà di collegare ogni loro elemento ad ogni altro ci dovrebbe spingere ad agire inizialmente selezionando relazioni semplici: ad esempio a distinguere realisticamente ciò che nella citta è duro, da ciò che è malleabile, modificabile nelle sue proprietà, nel suo assetto fisico, nelle sue funzioni, nei rapporti con gli altri oggetti, nel suo senso complessivo."* [85]

Reconhecer que as condições mudaram e individualizar os "âmbitos maleáveis" dentro dos quais se pode intervir, assume-se como operação preliminar a ser cumprida, tendo em conta que os dois termos, o duro e o maleável[86] não são simplesmente descritivos de propriedade física e de relações visíveis, mas também servem para descrever as diferentes capacidades de resistência das forças sociais e económicas que agem na sociedade contemporânea.

Um projecto de requalificação para ser eficaz *"deve spingersi quindi oltre i confini del quartiere"*[87], na tentativa de infraestruturar as suas margens, que facilitem a criação de limites porosos e permeáveis entre as diversas partes urbanas, nas quais realizar trocas entre os espaços abertos do bairro e o sistemas de espaços públicos da cidade. Em suma, fazer do espaço público *"un fertile dispositivo per la riqualificazione dei territori della nostra contemporaneità"*[88].

84 Os termos *reaquisição* e *reconquista* reforçam a necessidade e a vontade em recuperar o valor patrimonial que estes aglomerados reidenciais tiveram no passado. Felice da Silva, "Lo Spazio Pubblico nei Quartieri di ERP della città di Avelino", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 89.
85 Bernardo Secchi, "Le condizioni sono cambiate", in *Architettura come modificazione, Casabella* n. 498/499.
86 Os alojamentos podem ser considerados como as partes duras da cidade, aquelas que apresentam vínculos maiores, devido às suas especificas condições (propriedade, características técnicas e construtivas, caracteres funcionais, lógicas de utilização) são cristalizadas na sua configuração e por isso são mais resistentes à mudança; pelo contrário os espaços ao ar livre são aqueles considerados maleáveis e por isso mais disponíveis a amplos processos de transformação. Ibidem.
87 Felice da Silva, "Lo Spazio Pubblico nei Quartieri di ERP della città di Avelino", op. cit., p. 89.
88 Paola de Biagi, *La Periferia Pubblica: da problema a risorsa per la Citta Contemporanea*, in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 90.





Estratégias de intervenção
escala 1.4000



parque infantil
(pavimento de segundaça In-Situ)

áreas pedonais
(areia estabilizada)

hortas urbanas
(terra)

ciclovia
(asfalto/microcubo de basalto)

espaços residuais para uso colectivo
(lajetas de basalto)

ruas
(alfalto)

passeios e áreas pedonais
(microcubo de basalto)

passeios e áreas pedonais
(basalto bujardado)

pavimentos existentes a manter
(calçada romana *S.Pietrini*)

verde público

verde privado

autostrade per l'Italia

4.2.4 **UMA PROPOSTA PARA CASAL BRUCIATO**

"Riciclo dell'esistente, recuperação della memoria, multifunzionalità e multiculturalità"[89] são os princípios base das acções projectuais que visam o melhoramento do uso e percepção do bairro. O ponto de partida seria o reordenamento do sistema viário, melhorando a acessibilidade, através da hierarquização da mobilidade, da individualização de percursos ciclo-pedonais alternativos, e da redução do tráfego urbano dentro e nas imediações do bairro *(des. 12)*.

Em relação às **ruas** e à **acessibilidade** em geral, a sugestão de fechar a *Via Luigi Cesana*, a *Via Alfredo Comandini* e metade da *Via dei Crispolti*, tornando esta área pedonal, parte não só da necessidade de restituir a concepção inicial idealizada pelos urbanistas e arquitectos que projectaram o bairro, mas principalmente para tornar a sistema viário do bairro mais claro, resolvendo pontos críticos da viabilidade actual e facilitando a sua orientação através do redimensionamento e da hierarquizaçã**o** das principais vias *(des. 11)*. Neste sentido, a *Via Cipriano Facchinetti* teria o papel de via de entrada no bairro, a *Via Luigi Lucatelli* manteria o seu papel de transportar os automobilistas para fora do mesmo, e a *Via Diego Angeli*, mantendo a sua orientação em ambos os sentidos, seria a rua de ligação intermédia entre ambas. Através da hierarquização das vias, parece-nos adequado favorecer a integração quer das modalidades de transporte público quer as de transporte privado, construindo um sistema viário eficiente. No entanto, sustentamos a criação de políticas que apoiem um maior uso dos transportes públicos como autocarros e metro, tornando-os mais competitivos face ao privado.

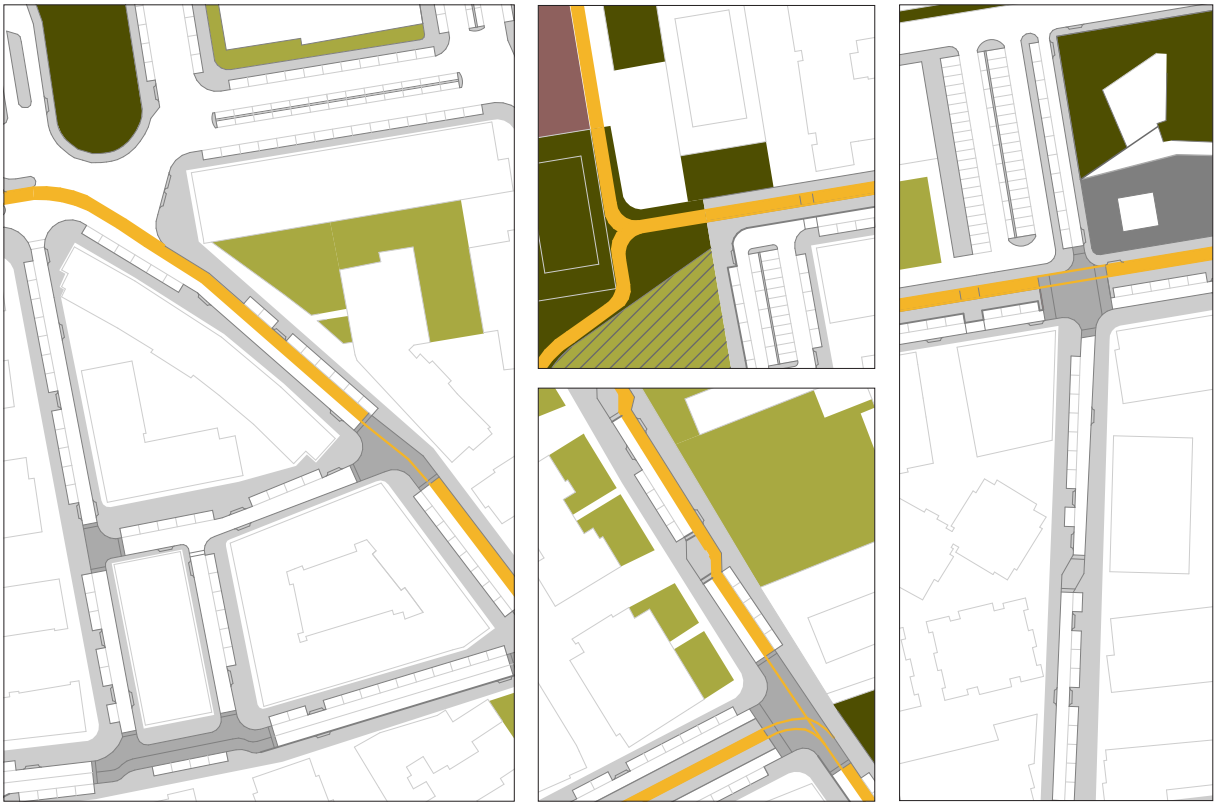
O desenho de novas pistas cicláveis e o alargamento dos passeios existentes *(fig. 342),* assim como a repavimentação das vias e percursos, são acções imprescindíveis a ter no bairro, principalmente ao longo das vias acima mencionadas. Nestes casos, uma intervenção ponderada não iria trazer grandes consequências para a circulação automóvel, melhorando a qualidade das paragens e locais de espera para os transportes públicos, especialmente na *Piazza Balsamo Crivelli*. Para além disso, sugerimos o melhoramento da sinalização vertical e horizontal, a substituição das árvores cítricas ao longo das vias[90], a remoção das barreiras existentes perto dos serviços e estabelecimentos comerciais e uma limpeza e recolha do lixo mais atenta e eficaz.

A criação de ciclovias e o melhoramento dos percursos pedonais dentro do bairro *(fig. 342)*, devem não só propor um novo modelo de *"cities for people"*[91], com novos modos de observar e frequentar os espaços, numa tentativa de incentivar os habitantes a caminhar e a usufuir mais do espaço público, como também relacionar-se às redes do sistema urbano, através de uma calibração atenta dos modos de relação entre os próprios percursos, os espaços exteriores, os serviços e pontos centrais do bairro. Ao transformar metade da *Via dei Crispolti* pedonal, fazendo ligação directa

89 Elisabetta Nucera, Angelo Carchidi, *"Costruire Comunità: Un'esperienza partecipata di Rigenerazione Urbana a Rosarno"*, op. cit., p. 178.
90 Ao longo da *Via Tiburtina,* por exemplo, estão plantadas *Citrus aurantium,* mais conhecidas por Laranja-Amarga que não parecem ser as mais adequadas para o local pois devido à falta de cuidados os frutos, não comestíveis, ao caírem maduros no chão, sujam as calçadas e os automóveis estacionados. Por este motivo, sugerimos a troca desta espécie por outras que não sujem e que sejam mais adaptadas ao local (tal como o *prunus persica* ou *prunus serrulata*). Paola Lanzara, *Alberi a Roma: Itinerari di storia e natura tra i monumenti verdi della città*, 2016.
91 Jan Gehl. *Cities for People*, Washington: Island Press, 2010.

13. CASAL BRUCIATO

Redimensionamento das vias, alargamento dos passeios,
inserção de lombas redutoras de velocidade e
ordenação das zonas de estacionamento
escala 1.2000



ciclovia
(asfalto/microcubo de basalto)

áreas pedonais
(areia estabilizada)

verde privado

passeios e áreas pedonais
(microcubo de basalto)

passeios e áreas pedonais
(basalto bujardado)

verde público





Via Luigi Lucatelli, como é e como deveria ser.

com a *Villa Fassini*, não só se estruturariam condições de acessibilidade e conexão aos serviços já existentes, ou que estão previstos, como também reforça a noção de identidade do bairro. Uma rede de percursos que possa constituir o esqueleto e o sistema principal de circulação dos espaços públicos que se desenvolvem no bairro, criando mais segurança para os idosos e para as crianças que fazem diariamente este percurso para a escola.

Relativamente à questão da falta de estacionamentos, a fraca estrutura das redes de transportes públicos, juntamente com a distância para com os locais de trabalho e equipamentos colectivos, induziram a um recurso progressivo à mobilidade individual, provocando a apropriação indevida e caótica dos vários espaços exteriores da comunidade. Num possível projecto de requalificação, a redistribuição das áreas de estacionamento dentro do bairro deveriam ser orientadas, em primeiro lugar, pelo objectivo de separar os atravessamentos pedonais dos rodoviários[92]. *(des.13)* A reorganização dos estacionamentos ao longo das vias, principalmente na *Via Tiburtina*, na *Via Giuseppe Donnati* e na *Via Diego Angeli*, conseguiria rentabilizar melhor o espaço para que houvesse lugar para mais veículos estacionados, sem que houvesse a necessidade de colocar os mesmos em cima de passeios, jardins ou pátios internos.

Devido à existência de um parque de estacionamento subterrâneo no lado Este da *Via dei Crispolti*, que não é usado por causa da sua incorreta política de arrendamento[93], consideramos fundamental garantir ao lado Oeste da mesma, acessibilidade apenas pedonal eliminando as barreiras físicas visíveis e limitando zonas de estacionamento[94], com o intuito de chamar à atenção s entidades responsáveis que alterem o contrato de arrendamento dos lugares de estacionamento subterrâneos, para que permitam também dar possibilidade aos cidadãos com menos posses económicas, procurando uma estratégia mais justa e igualitária.

Ao fechar a *Via Luigi Cesana*, a *Via Alfredo Comandini* e parte da *Via dei Crispolti,* entre a *Via Diego Angeli* e a *Villa Fassini*, tornando esta zona estritamente pedonal, o nosso objectivo seria o de dispor áreas de estacionamento nos limites do bairro, nomeadamente ao longo da *Via Tiburtina*. Mais uma vez, pretende-se estimular o uso dos transportes público, no entanto, esta deveria ser acompanhada por uma adequada dotação de serviços dentro do próprio bairro, e de uma melhoria na ligação com o centro da cidade. Relativamente à relação com os blocos residenciais, com as prácticas e os usos dos espaços exteriores comuns, as áreas de estacionamento devem estar distantes dos átrios de entrada e dos pátios. Desta modo, deixariam livre o acesso, sem invadir os espaços de transição, onde a definição dos percursos pedonais e dos atravessamentos entre espaços de uso privado e colectivo deve prevalecer sobre a organização funcional dos estacionamentos[95].

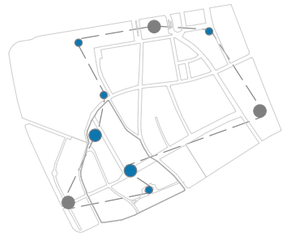
92 Patrizia Gabellini, "Strade", in *Tecniche Urbanistiche*, 2005, p. 327 - 330.
93 O valor anual de arrendamento de um lugar de estacionamento é altíssimo, e o contrato tem uma duração mínima de 100 anos. Para esclarecimento da questão, consultar a entrevista a Giacomo Alimonti, funcionário da A.T.E.R., disponível em formato áudio. 11.01.2017.
94 De facto, seria necessário resolver a questão da presença simultânea de automóveis e indivíduos (paradas e em movimento) limitando a circulação aos residentes, como fizeram no bairro de Bruno Zevi em Salerno, onde reestruturando o sistema dos percursos conseguiram privilegiar o carácter pedonal e ciclo-viário. Illaria Falcone, Annarita Teodosio, Luoghi da ripensare e vuoti da riempire", in Elisabetta Nucera, Angelo Carchidi, "Costruire Comunità: Un'esperienza partecipata di rigenerazione urbana a Rosarno", op. cit., p. 118.
95 Patrizia Gabellini, "Parcheggio a raso", in *Tecniche Urbanistiche*, 2005, p. 355.

14. CASAL BRUCIATO
reordenação da estrutura comercial do bairro
escala 1.10000

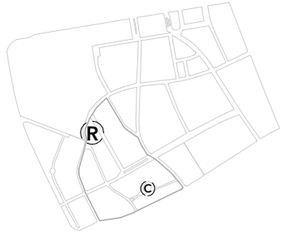




reutilização dos espaços residuais



sistema de espaços de convívio

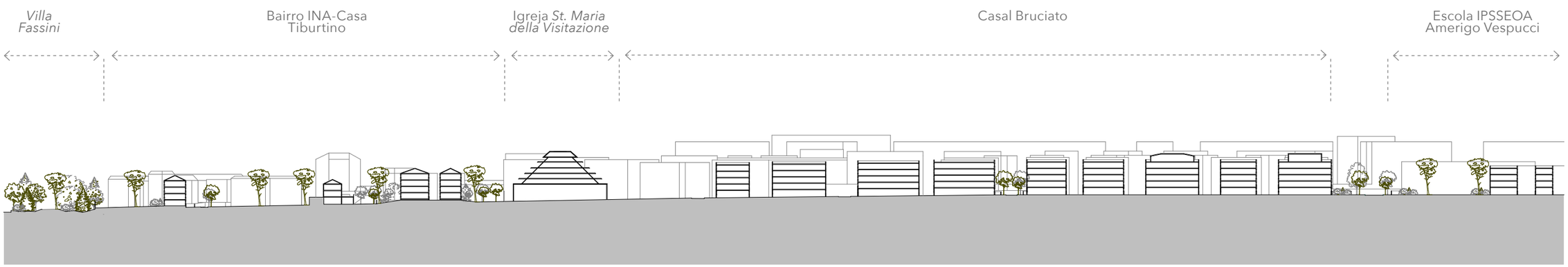


centro recreativo e biblio-café propostos

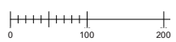


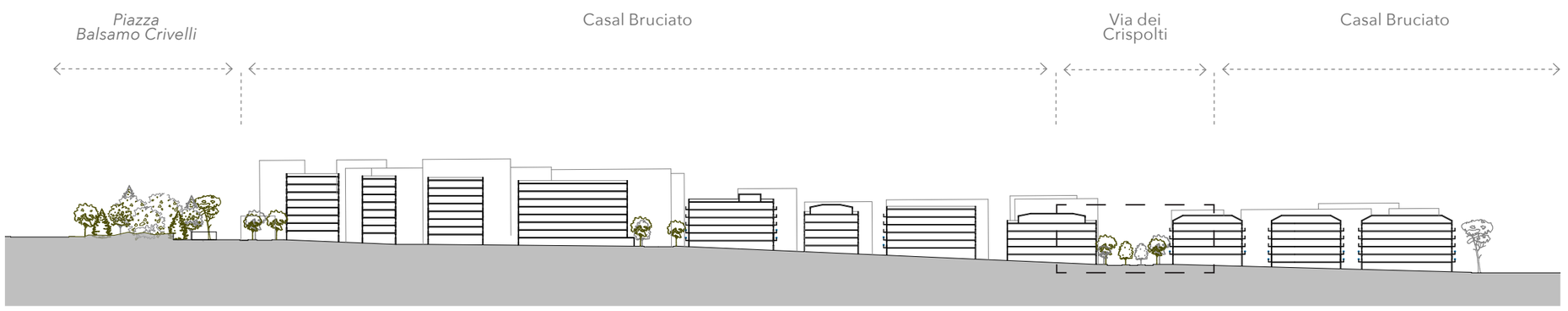
criação de uma pista ciclável

Perfis esquemáticos
escala 1. 2000
escala 1. 400

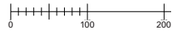


Corte Longitudinal LL'

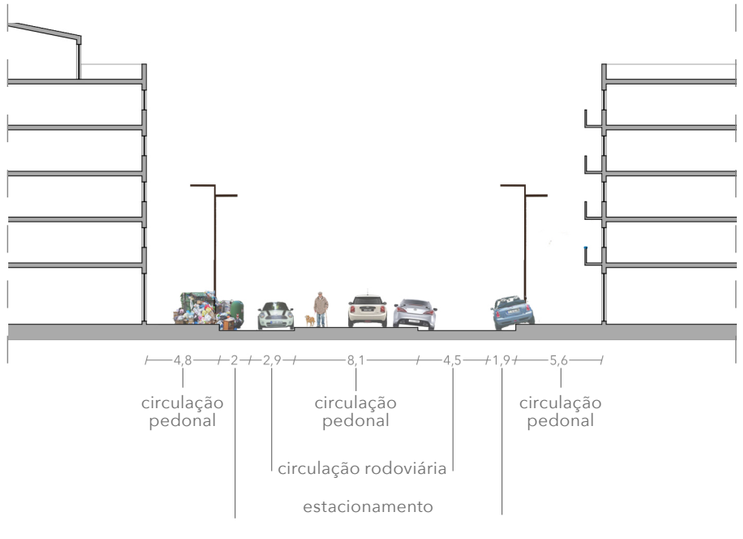




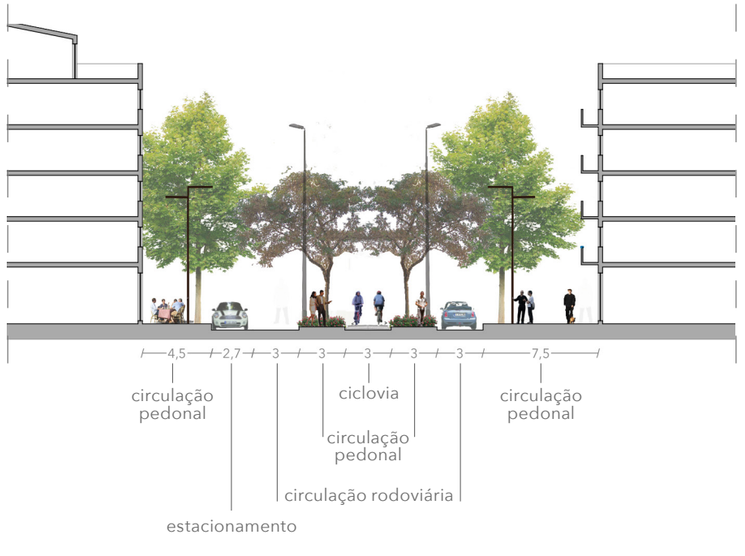
Corte Transversal TT'



Via dei Crispolti, como é.



Via dei Crispolti, como deveria ser.



O **comércio** e os **serviços** devem passar por uma correcta planificação *(des. 14)*, assim como a reorganização daqueles já existentes, tendo em conta factores tais como:

1. a forma física do terreno, escolhendo a correcta localização em função da sua acessibilidade;

2. o planeamento urbano e construtivo do bairro, valorizando processos de reutilização e adaptação de vãos e blocos existentes, principalmente ao nível do rés-do-chão;

3. as necessidades dos habitantes, analisando as características demográficas da população;

4. as relações e dinâmicas que a presença desses mesmos equipamentos possam desencadear no bairro, e entre o mesmo e as áreas que o rodeiam[96].

Dentro do bairro, reparamos no potencial dos imensos espaços ao nível do rés-do-chão, já mencionados, que se encontram fechados e que podiam ser adaptados e reusados para novos fins. Com o objectivo de encaminhar para o bairro população mais jovem, por exemplo, sugeríamos não só a abertura de novos serviços e estabelecimentos, inexistentes ou insuficientes na zona, como um infantário, uma creche, um centro de saúde, centros de explicações e livrarias, como também espaços de lazer tais como um cinema, uma biblioteca, e novos locais *"per fare l'aperitivo"*.

O pequeno comércio de bairro deve organizar-se de formar a sustentar a própria capacidade de subsistência. No conjunto de lojas de Ridolfi no bairro Tiburtino, por exemplo, seria interessante reportar a configuração de comércio tradicional que existia anteriormente, mais atenta às necessidades dos habitantes. A reutilização atenta dos espaços ao nível do rés-do-chão e a reconfiguração dos espaços comerciais existentes ao longo da *Via dei Crispolti*, *Via Diego Angeli* e da *Pza. Balsamo Crivelli*, podem fazer com que a "praça" e a "via" tornem a alimentar formas mais ricas do habitar, capazes de animar e dar qualidade ao espaço público do bairro.

No estabelecimento comercial que se encontra na *Piazza Edoardo Arbib*, que é incorretamente usado como habitação nos dias de hoje, sugeríamos a abertura de uma Livraria Café. Esta deveria funcionar em duas valências: como espaço café e como espaço quiosque/livraria/biblioteca, onde não só haveria um pequeno espaço de leitura, como seria possível comprar, vender e alugar livros. O objectivo seria valorizar o enorme potencial desta praça, devido ao seu lugar central e acolhedor, numa tentativa de invocar os ideais de convívio e socialização que Ridolfi e Quaroni perspectivaram para este espaço.

Na praça em frente à igreja, na *Via dei Crispolti*, sente-se uma certa necessidade de reactivar este espaço dando-lhe novos usos e propondo um redesenho do espaço público, multifuncional e flexível, com o objectivo de o transformar num "*luogo da abitare, luogo di società reale, di sosta e non più di attraversamento.*"[97] Como a vocação de lugar de troca prevalece neste espaço, seria possível, na nossa opinião, o reordenamento funcional da área do mercado, para que o mesmo voltasse a existir neste espaço, por vontade dos habitantes entrevistados, com a introdução de actividades de horticultura comunitárias nas áreas verdes adjacentes. Na nossa opinião, formulada após os estudos

96 Barbara Lino, "Commercio", in *Città Pubbliche, Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2009, p. 155.
97 Elisabetta Nucera, Angelo Carchidi, "Costruire Comunità: Un'esperienza partecipata di rigenerazione urbana a Rosarno, op. cit., p. 178.

Localização do Centro Recreativo proposto e criação de hortas urbanas.
escala 1.2000



A Centro Recreativo proposto

áreas pedonais (areia estabilizada)

espaços residuais para uso colectivo (lajetas de basalto)

hortas urbanas (terra)

parque infantil (pavimento de segundaça In-Situ)

pavimentos existentes a manter (calçada romana *S.Pietrini*)



343

Um dos espaços residuais inutilizados e degradados, como é e como deveria ser.

que se desenrolaram no decorrer desta dissertação, um *metodo progettuale partecipato* consegue demonstrar como os processos de participação espontânea podem ser traduzidos na transformação dos espaços urbanos, reforçando a ligação dos habitantes com o espaço público: "*il riconoscimento di un ruolo attivo dei cittadini nelle decisioni che riguardano il loro paesaggio può offrire l'occasione di meglio identificarsi con i territori e le città in cui lavorano e trascorrono i loro momenti di svago. Se si rafforzerà il rapporto dei cittadini con i luoghi in cui vivono, essi saranno in grado di consolidare sia le loro identità, che le diversità locali e regionali, al fine di realizzarsi dal punto di vista personale, sociale e culturale.*" [98]

Ao apercebermo-nos do envelhecimento populacional que caracteriza este sector da periferia romana - em contraste com o elevado número de escolas e consequentemente de crianças - é pertinente supor a necessidade que Casal Bruciato tem em possuir um novo equipamento comunitário, que integre quer os mais velhos, quer os habitantes mais jovens. Neste sentido, seria interessante propor um novo Centro Recreativo *(des. 16)*, no lado oposto ao Centro *La Cacciarella*, podendo ser usufruído por todos, que funcionasse em três valências distintas compostas por: um **Centro Jovem**, um **Centro Cultural** e um **Centro para a Terceira Idade**. Desta forma, na zona onde se encontra actualmente o Centro de Idosos[99], sugeríamos a inserção de um novo centro, que fosse composto por salas de estudos, salas recreativas, auditório, salas de multimédia e ainda por uma sala polivalente que pudesse funcionar como ginásio. Para além destes dois, haveria ainda a possibilidade de existir um Centro Cultural, com uma biblioteca, sala de exposições e ainda uma livraria.

Espaços residuais e abandonados, tais como antigos estendais de roupa e anexos, poderão ser demolidos ou então reutilizados para novos fins *(fig. 343)*. Os espaços dos antigos estendais de roupa, que se encontram colados à margem do parque da *Villa Fassini*, actualmente fechados e protegidos por muros e gradeamentos, poderiam ser reabertos. Criando uma nova ligação entre o jardim e a *Via Luigi Lucatelli*, entre o jardim e o centro comunitário, que contribuía não só para o melhoramento das formas de conexão dentro do bairro, como também à conexão entre os respectivos espaços colectivos *(fig. 343)*. Ao abrir estes espaços vazios, sem actual função, aos espaços verdes, temos como objectivo criar uma rede fluida de espaços públicos que atravessa o bairro. Através da organização de novas tramas de espaços colectivos, que permitam recoser novos lugares e de construir uma zona residencial mais coerente e sólida, organizada em torno a uma rede viária simples e praticável por todos. Reforçar as conexões dentro do bairro significaria *"costruire un sistema di spazi aperti che risulti integrato alla dotazione di attrezzature collettive, promuovere una Maggiore mixité funzionale, incentivare l'intensità dei flussi, polarizzare le attrattività in un quadro reticolare di mobilità e di accessibilità su cui fondare un nuovo disegno strutturante."*[100]

98 Riccardo Priore, "Convenzione Europea del Paesaggio", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 179.
99 Onde está também inserido um escritório vazio da ATER e uma dependência da Cruz Vermelha.
100 Christophe Laforge, Maria Rafaella Lamacchia, "Connessioni", in *Città Pubbliche, Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2009, p. 161.

















344. e **345.** Festa organizada pelos habitantes do bairro Tiburtino, 16 de Julho de 2016. **346.** *Processione Santa Maria Immacolata*, *Via Luigi Cesana*, 25 de Maio de 2016. **347.** Actividades lúdicas para as crianças, organizadas pela paróquia, no parque da *Villa Fassini*. 16 de Julho de 2016. **348.** e **349.** Jantar solidário, organizado pelos habitantes do bairro, para angariar fundos para a reconstrução de Amatrici, após o terramoto. 10 de Setembro de 2016. **350.** e **351.** Jantar de condomínio organizado pelos habitantes. 23 Setembro de 2016.

No caso do estendal comunitário, que se encontra entre as duas torres de Ridolfi, poderia ser reutilizado para fins culturais e criativos, tais como eventos, instalações temporárias, workshops, e oficinas de bairro, que alimentassem ocasiões de experimentação e inovação, numa visão estratégica capaz de fazer interagir não só a requalificação espacial, coesão social e reequilíbrio territorial, mas também de proliferar economias, qualidade e sinergias presentes com o intuito de definir novas vocações e de valorizar os recursos existentes.

Também para **as lavandarias**, que se encontram no sótão dos blocos residenciais do Tiburtino, consideradas espaços interiores privados colectivos, sugerimos a sua reutilização como espaços para a partilha e uso comum, tais como salas de entretenimento para crianças, reuniões de condomínio, workshops e actividades desportivas. No entanto, tal estratégia para ser bem sucedida e evitar recorrer novamente a processos de abandono e desuso, deve garantir condições de manutenção adequadas, incorporando novas estratégias de gestão por parte dos inquilinos. Ou seja, significaria não só focalizar a atenção na sua reabilitação e acessibilidade, como também na construção de uma entidade (gestor público ou associação de moradores) que se encarregue de tais espaços, dando-lhes vida e uso prolongado, transformando-os em lugares de prácticas, de encontro e de troca.

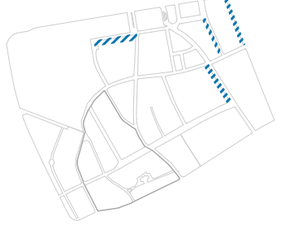
Da leitura prévia efectuada, parece evidente que o espaço público dentro das imediações de Casal Bruciato caracteriza-se, actualmente, como um vazio desprovido de qualidade e identidade, pouco reconhecido e vivido pelos seus habitantes. Um lugar que deve ser repensado e a que seria necessário devolver carácter, condições de habitabilidade e valor, com o intuito de o interligar ao tecido urbano adjacente, profundamente alterado no decorrer dos anos. O grau de habitabilidade de Casal Bruciato será directamente proporcional à qualidade dos seus espaços públicos. Por isso, intervenções em locais com potencial de encontro e agregação social, representam os espaços dos quais se deve repartir para uma requalificação global e unitária das periferias residenciais.[101] O cidadão, ao reapropriar-se dos lugares onde vive, reapropria-se da cidade e, sentindo-a sua, gere e conserva-a de maneira adequada[102]. Daqui provém a importância do redesenho dos espaços públicos atento, sensível e em conformidade com as exigências contemporâneas dos residentes visto que, citando Zevi *"se le periferie risultano, come si dice, brutte, il motivo è che sono state costruite secondo le vecchie trame, in maniera non impegnata e distratta."*[103]

Em relação às problemáticas relacionadas com os **espaços verdes**, parece oportuno intervir com um redesenho que preveja, para além da replantação e o tratamento das áreas verdes existentes, a coerência entre o desenho das mesmas, de forma a criar uma forma equilibrada e homogénea no desenho global da área em estudo. No contexto da recuperação da capacidade relacional dos espaços, sugere-se a requalificação da praça na *Via dei Crispolti.* Esta assume um papel importantíssimo, pois uma vez liberta das viaturas estacionadas na mesma, poderia readquirir a centralidade prevista pelo projecto inicial, transformando-se num ponto marcante do bairro.

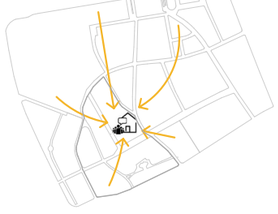
101 Paola di Biagi, "Non solo Periferia", in *Città Pubbliche, Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2009, p. 14.
102 Jane Jacobs, op. cit., p. 406.
103 Bruno Zevi, in Illaria Falcone, "Luoghi da ripensare e vuoti da riempire", op. cit., p. 119.

17. CASAL BRUCIATO
reordenação das zonas verdes
escala 1.10000





requalificação dos espaços de transição



criação de uma associação de moradores

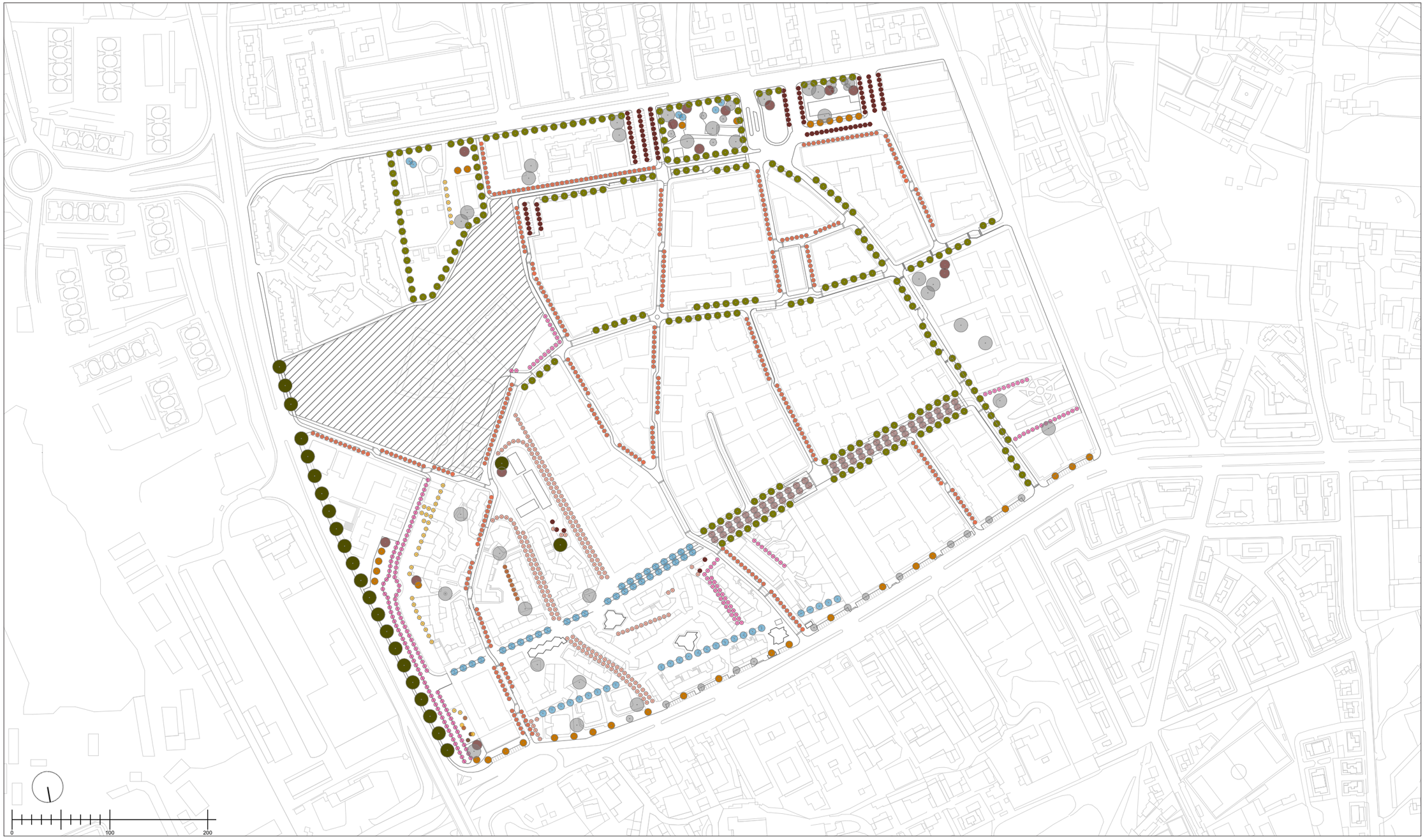




Villa Fassini, como é e como deveria ser.

18. CASAL BRUCIATO

Planta de árvores propostas para a área em estudo
escala 1.4000



pinus pinea *quercus ilex* *platanus* árvore existente *quercus pubescens* *tilia cordata* *robinia pseudoacacia* *acer campestre* *cercis siliquastrum* *prunus cerasifera nigra* *jacaranda mimosifolia* *prunus dulcis* *prunus serrulata*

As áreas verdes são tidas aqui como um dos elementos fundamentais que contribuem a melhorar a qualidade dos espaços residenciais, para realizar espaços capazes de contribuir positivamente na imagem urbana, na melhoria do conforto ambiental e do ecossistema *(des. 17)*. A escolha da vegetação a ser utilizada deve responder a uma correcta análise de aspectos ligados á sua manutenção, para individualizar soluções apropriadas, de custos de manutenção reduzidos. Privilegiar espécies locais, ou então fáceis de manter, constitui uma das condições preliminares, assim como um diálogo atento com o local para compreender não só os aspectos físicos (topografia, geomorfologia, caractéres ambientais e paisagísticos) mas também sociais (habitantes, as suas histórias e hábitos, necessidades)[104]. O sucesso de um projecto para os espaços verdes depende da sua vitalidade atractiva para com os seus utentes, um lugar privilegiado de identidade colectiva que deve facilitar encontros, tornar possível prácticas desportivas e recreativas, processos de manutenção e uso colectivo.

A ***Villa Fassini*** *(fig. 352)***,** considerado o pulmão verde do bairro, é um grande jardim com imensas potencialidades e recursos a serem aproveitados. Visto ser um lugar muito frequentando e atravessado diariamente, por pessoas de todas as idades, sugerimos:

1. a requalificação do parque infantil presente na área;

2. a plantação de novas espécies de vegetação locais como o *pinus pinea, quercus ilex, platanus* e árvores de fruto, como a *prunus dulcis* e a *prunus serrulata (des. 18)*;

3. o tratamento dos pavimentos, a inserção de novo mobiliário de jardim, e novos pontos de iluminação pública, que melhorem o percurso até à escola, principalmente nos dias de inverno; - a criação de uma zona de pausa e de estar protegida, para a realização de eventos exteriores colectivos;

4. a demolição das duas estruturas em ruína à entrada do jardim, antiga entrada da *Villa Fassini*, criando novos espaços de jardim ou hortas comunitárias;

5. a criação de novas políticas de manutenção periódica, coordenadas pelos habitantes e condóminos.

Por óbvias razões técnicas e económicas, os residentes são muitas vezes impedidos de intervir no melhoramento da parte construtiva dos edifícios. No entanto, pode existir a possibilidade de intervir no espaço ao ar livre, sem ser necessário algum conhecimento técnico especial, através da criação de zonas de agricultura urbana[105]. De facto, no redesenho global do espaço, seria interessante reservar uma parte a hortas colectivas, tipologia de espaços verdes característica de épocas passadas (*hortus conclusus* medieval) que tem ganho novamente notoriedade e tem sido implementada cada vez mais na cidade contemporânea[106]. Estas hortas não só restituiriam as intenções iniciais do projecto de Quaroni e Ridolfi, como também responderiam a *"esigenze e funzioni di carattere produttivo,*

104 Patrizia Gabellini, "Parchi Urbani", in *Tecniche Urbanistiche*, 2005, p. 287.
105 Na europa, estas actividades de agricultura urbana promovidas por comunidades de habitantes têm já vários adeptos, seja pela natureza do fenómeno associativo, seja pela finalidade proposta. Dos vários exemplos existentes, distinguimos cidades francesas como Lion e Paris com os *jardin partagés*, jardins colectivos criados e geridos por associações de moradores nos terrenos dos condomínios e os *community gardens* na Grã-Bretanha, jardins geridos por grupos de voluntariado local. Benedetto Nastasi, "Ruralità Urbana nei Quartiere ERP", in *Città Pubbliche/Paesaggi Comuni*, 2013, p. 175.
106 Giuliana Quattrone, "La Rigenerazione degli spazi aperti insieme alle comunità", op. cit., p. 218.


353



355


354


356


357



353. e **354.** *"I cittadini riconquistano il parco"*. Limpeza do parque da *Villa Fassini* pelos habitantes do bairro. 29 de Abril de 2016. **355.** e **356.** Limpeza da *Piazza Balsamo Crivelli*, estudantes da *Università La Sapienza*, 24 de Outubro de 2016. **357.** Um dos pátios internos, que actualmente serve de estacionamento, como é e como deveria ser.

sociale, didattico e ricreativo"[107], incentivando actividades ao ar livre para os idosos e encorajando a educação ambiental às crianças.[108] Esta agricultura urbana poderá, a nosso ver, desempenhar um papel estratégico para a qualidade de vida na cidade, assegurando e aumentando a subsistência para as famílias *(figs. 353 e 354)*.

Na ***Villa Fassini***, este tipo de actividade contribuiria também à reapropriação dos espaços por parte dos habitantes, transformando este parque num lugar agradável de encontro e de pausa, carregado de usos e funções, impulsionado por uma ideia de sustentabilidade física e social. Um espaço que, prosseguindo as exigências da urbanística moderna, seria desenhado com base nas verdadeiras exigências e necessidades da comunidade. Prevendo, onde possível, o envolvimento dos cidadãos no processo projectual, através de eventos colectivos tais como exposições, encontros temáticos, seminários, laboratórios, workshops, questionários e outras actividades lúdicas de socialização. O bairro, através do *fare comunità*, ficaria assim dotado de verdadeiros laboratórios de experimentação, onde se aprende e se transmite a outros cidadãos boas prácticas ambientais *(figs. 355 e 356)*. Com um espírito de identidade que engrandece os benefícios sociais[109], e onde o sentido de pertença poderá tornar-se forte ao ponto de considerar o espaço verde como a continuação da própria casa, do qual tomam conta todos juntos.

Relativamente aos **recintos** e **pátios internos**, se por um lado criticamos o encerramento e a privatização parcial destes espaços, por irem contra os ideais do projecto inicial, torna no entanto possível não só um maior controlo das entradas, como consentem a actuação de prácticas de manutenção mais eficazes, por parte dos habitantes. Desencadeando, dessa forma, mecanismos de autogestão e de tratamento dos espaços abertos. Para que o uso destas áreas seja o de usufruto social e vida quotidiana, propomos simplesmente a reabilitação dos pavimentos, a inserção de nova vegetação aderente ao local, e uma manutenção e limpeza mais frequente dos espaços *(fig.357)*. Neste contexto, sugerimos que os condóminos se comprometam a estabelecer manutenções e limpezas periódicas, quer nos espaços abertos colectivos, quer também nas ruas. O objectivo é não só evitar que a situação chegue a um estado de emergência, mas de distribuir os custos das intervenções ao longo do tempo, interceptando diversas ocasiões de financiamento.

Nos **espaços de transição**, estimulando acções de tutela e manutenção por parte dos habitantes, o desenho de novas áreas ajardinadas ou hortas, pode favorecer processos de apropriação comunitária mais saudáveis, úteis a tornar menos conflituosos os relacionamentos sociais quotidianos. Ao longo da *Via Casal Bruciato* e da *Via Cipriano Facchinetti*, cujos edifícios rondam os trinta metros de altura e quase todos possuem habitação no rés-do-chão, sugerimos uma requalificação e manutenção dos espaços intermédios e áreas ajardinadas já existentes, através da plantação de uma densa faixa arborizada. O objectivo seria o de aumentar a privacidade e de tornar gradual a passagem entre a

107 Illaria Falcone, Annarita Teodosio, "Luoghi da ripensare e vuoti da riempire", op. cit., p. 119.
108 Um dos indícios mais evidentes da capacidade de promover a integração social, através destes processos agrícolas participativos, é a diversidade de protagonistas envolvidos: desde crianças a idosos, desempregados a trabalhadores, homens e mulheres unidos pelo mesmo gosto e pelas mesmas práticas. Os mesmos acabam por jogar papéis diferentes: as crianças vivem uma experiencia lúdica e instrutiva, os mais velhos transmitem e ensinam as técnicas de cultivo e preparação de refeições com os produtos que a terra dá, os desempregados encontram uma actividade gratificante de participação na sociedade, quem trabalha encontra um sentido concreto nas coisas e se alimenta dos frutos do seu próprio trabalho.
109 Benedetto Nastasi, "Ruralità Urbana nei Quartiere ERP", op. cit., p. 175.













358. e **359.** Workshop "*fare la pasta*" com a Sra. Ermínia, 25 de Janeiro de 2017. **360.** e **361.** Entrevistas realizadas a alguns habitantes. Partilha de memórias, discussão sobre questões problemáticas e propostas de soluções para o bairro. 4 de Fevereiro de 2017. **362.** e **363.** Reunião de bairro, organizada por alguns condomínios, para discutir a limpeza do parque da *Villa Fassini*. 22 de Outubro de 2016.

esfera pública e a privada. Os habitantes encontrar-se-iam, desta forma, a atravessar uma faixa de jardim proeminente antes de entrar na sua própria casa. Constituindo um passo estratégico, não só para melhorar as relações internas e externas ao bairro, mas também para criar condições para uma melhor convivência de pessoas, práticas e usos.

A nível dos edifícios, a sugestão seria a revalorização da qualidade cromática e formal das fachadas. Muitas vezes, devido a operações de manutenção e reparação, as cores foram alteradas e/ou substituídas por tons muito diferentes dos originais. Em outros casos, a escolha da tinta não foi a adequada, provocando a acumulação de humidade, formando bolhas e descamações, que se destacam no panorama geral do edificado. O infantário situado na praça *Balsamo Crivelli*, a escola na *Cipriano Facchinetti* e algumas das torres residenciais de Ridolfi, são alguns destes exemplos de degradação avançada. Seria necessário a elaboração de um plano de cor, que definisse os tons cromáticos a serem aplicados, assim como os materiais mais adequados para garantir a eficácia nas futuras intervenções.

A **participação** e a **constatação** directa através de visitas ao terreno, os levantamentos *(figs. 360)*, as observações das prácticas e o desenvolvimento de oficinas de bairro *(figs. 358 e 359)*, não são operações preliminares ao projecto mas sim uma sua parte constituinte, uma actividade contínua no tempo de carácter interpretativo e criativo. *"Pianificare significa anche sapere ascoltare il territorio e le voci che lo attraversano per poter intercettare microstorie, desideri, conflitti e bisogni"*[110].

Para interligar os fios que ligam a prática profissional ao território, e para alcançar percursos de requalificação eficazes, é necessário, acima de tudo, focalizar em acções de discussão e de escuta activa *(fig. 361)*. Acções que descubram o sentido da intervenção urbanística como prática capaz de transformar as vozes dos habitantes, e dos intérpretes locais, em material de projecto *(figs. 362 e 363)*. Para atingir este objectivo[111], é necessário:

1. construir espaços de interacção e comunicação, capazes de promover formas de discussão, legitimar conhecimentos, apresentar queixas e necessidades, fazer emergir pontos de contacto e resolver motivos de conflito;

2. a promoção de políticas de integração e apoio social;

3. desenvolvimento de iniciativas para a coesão e integração dos habitantes;

4. o reforço da identidade e do sentimento de pertença da comunidade para com os espaços;

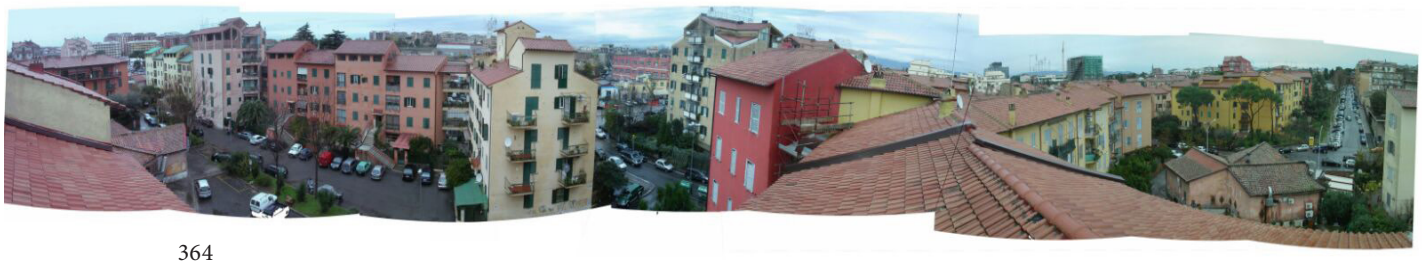
5. promover estilos de vida mais sustentáveis;

6. promover a diversidade e igualdade social.

Ouvir atentamente, no verdadeiro sentido da palavra, pode ser perturbador e muitas vezes desgastante, mas permanece a única direcção percorrível para promover formas de planeamento partilhado e desencadear processos virtuosos de requalificação sustentável.

110 Giovanni Attili, "Ascolto", in *Città Pubbliche, Linee guida per la riqualificazione urbana*, 2009, p. 127.
111 E não discursando com olhar de arquitecto mas sim como de habitante que vivenciou os espaços e escutou os seus protestos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS



Concebidos para darem casas dignas e salubres a famílias sem grandes capacidades económicas, os bairros INA-Casa ofereceram, na reconstrução do pós-guerra italiano, habitações não apenas focadas nos espaços interiores domésticos, mas também nos **espaços exteriores de partilha e sociabilização**, que integravam e alargavam o conceito do *habitar*. Os espaços públicos desempenharam um papel fundamental, não só na articulação da forma física da cidade, mas também da social, à qual estava encarregue a tarefa de gerar relação entre os habitantes e fazer crescer comunidades. No entanto, e parafraseando as palavras de Bernardo Secchi, *"le condizione sono cambiate."*[1]

Como foi analisado, ao longo do trabalho, os processos de crescimento urbano da segunda metade do séc. XX - baseados na dispersão, encerramento espacial, na especialização funcional e na fragmentação - transformaram e alargaram irreversivelmente o tecido urbano. Isto fez com que a cidade perdesse densidade, pluralidade e organização de funções, não satisfazendo critérios de integração social, cultural e espacial nos moldes em que a cidade tradicional o fazia[2]. Como consequência, os espaços públicos tradicionais foram sendo substituídos pelas grandes superfícies comercias. Por outras palavras, a praça, a rua e o parque, deixaram de ser palco da vida quotidiana, lugar de encontro e vivência da cidade, contribuindo para uma sociedade cada vez mais individualizada. Simultaneamente, também os espaços urbanos dentro destes aglomerados residenciais, não foram capazes de se adaptar, dando aso a espaços indefinidos, inutilizados e vazios. Espaços que de conectores, como deveriam ser, são agora distância não só entre os edifícios, mas entre os habitantes.

A complexidade destas problemáticas apresenta, nos dias de hoje, um desafio político e urbano, pela dificuldade em promover intervenções que tenham em conta todos os elementos que influenciam o espaço urbano. Elementos que apostem na criação de espaços públicos contínuos, articulados segundo uma hierarquia visível, onde os espaços ao ar livre possam ganhar um maior destaque.

Questionar os motivos pelos quais o espaço público, dentro destes aglomerados urbanos, não foi capaz de se transformar em ambientes de qualidade e de proximidade, é um princípio útil para a elaboração de estratégias de requalificação destes espaços, principalmente nos das periferias urbanas. Os motivos são múltiplos e variam de caso para caso, no entanto, a falta de manutenção, o uso impróprio, a ocupação abusiva dos espaços por estacionamento e a falta de civismo por parte dos habitantes, fazem partes das principais causas detectadas ao longo da análise do bairro em estudo.

Como foi visto anteriormente, intervenções de requalificação, ainda em curso, de aglomerados urbanos em muitas cidades europeias, sublinham a exigência, e a necessidade, de dar início a novos projectos e caminhos de interpretação, que facilitem a interacção entre diferentes abordagens e métodos. Métodos que visem construir processos capazes de **delinear redes de cooperação e diálogo entre os habitantes**, arquitectos e instituições locais. Isto é, entre os que habitam e usam estes espaços, e aqueles que constroem e governam os processos urbanísticos.

1 Bernardo Secchi, *Le Condizioni sono cambiate,* in Casabella, nº48 / 49, Electa Periodici, Gennaio - Febbraio, 1984.
2 François Ascher, op. cit., p. 69.

A nosso ver, uma reabilitação eficiente será facilmente alcançada, se forem colocados em campo métodos e formas projectuais com base em novos conceitos e interpretações, que saibam tirar partido do sentido, dos valores e das potencialidades destes bairros.

A atitude adoptada durante este trabalho, procurou reunir os diversos fragmentos, sociais e urbanos, que compõe a realidade do lugar. Estudar a história do bairro Tiburtino, do seu *background*, da área envolvente que se ergueu à sua volta, Casal Bruciato, e dos vários cenários de intervenção nos seus espaços, permitiu a compreensão dos problemas que afectam este sector da cidade contemporânea. As estratégias e propostas de reabilitação apresentadas não são, óbviamente, respostas fechadas e conclusivas. No entanto, procuram ser concretas e trabalhar com o existente, para além de que poderiam transformar significativamente a imagem e a percepção deste sector urbano, para quem o vive e percorre diariamente.

Lendo este espaço a uma escala apropriada, na qual se aprecia a relação entre os objectos que o compõem e as pessoas que o vivem, foi possível aprofundar aspectos sociais do bairro que permaneceram, até hoje, inexplorados quer pelas análises de linguagem, quer pelas de urbanística. Como tal, espera-se que este trabalho sirva como ponto de referência e que **aponte para novos caminhos na forma de intervir na cidade**, principalmente na regeneração urbana destes aglomerados residenciais do séc. XX. E que sirva, também, de base para a execução de um conjunto de acções que possam vir a ser feitas da forma mais precisa e eficiente possível, tendo em conta todas as necessidades, características e dinâmicas deste espaço urbano.

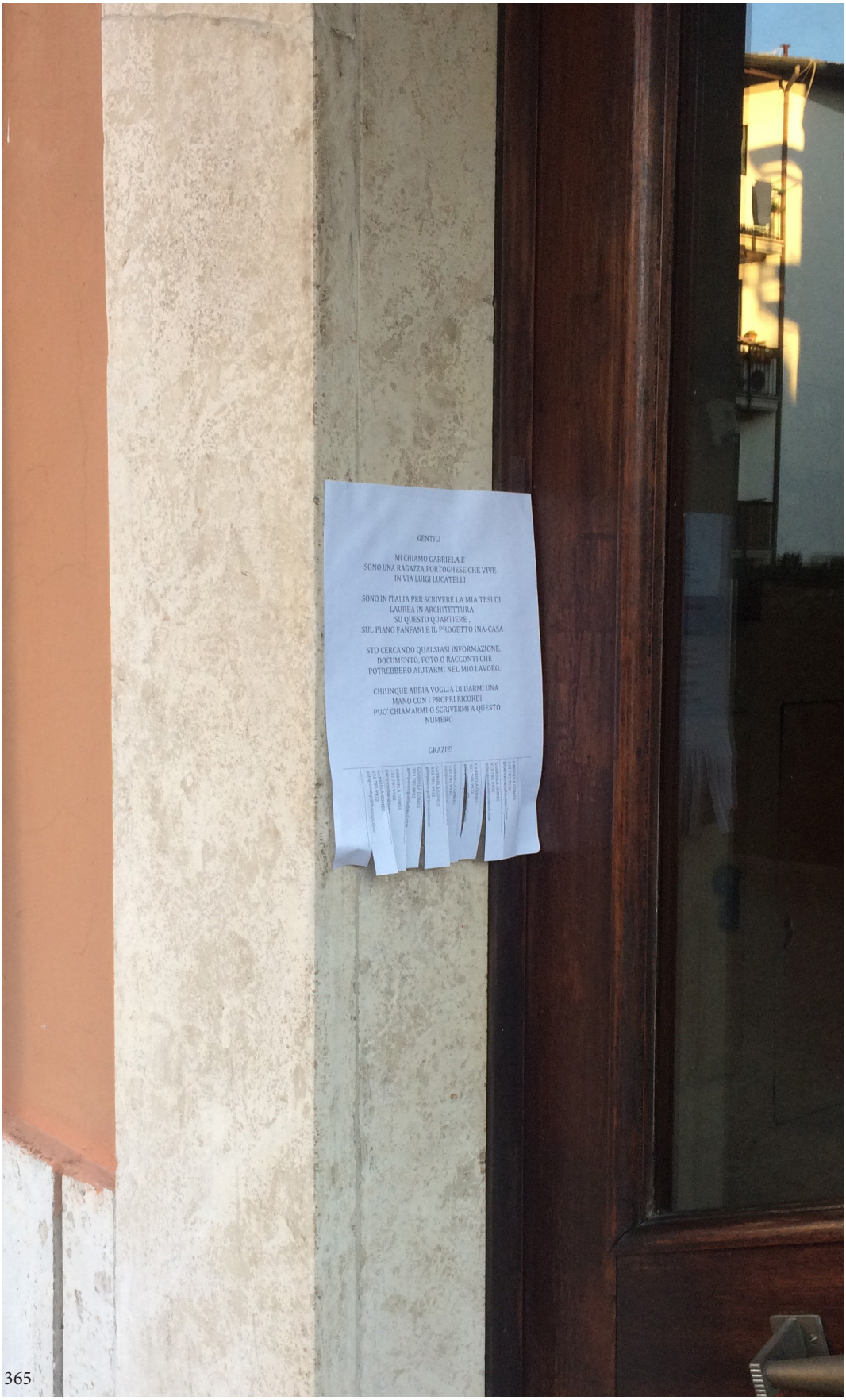
A conclusão alcançada, foi que a **requalificação urbana destes bairros sociais é um importante ponto de partida para uma regeneração mais extensa do espaço público e, consequentemente, da cidade**. A criação de um espaço público, ou de uma rede de espaços públicos colectivos, capazes de estruturar um sistema aberto de relações, em vez de reflectirem sobre questões como a praça ou a rua como unidade de composição, devem procurar identificar o tipo de espaço emergente, aquele que faz falta à práctica diária da população. Como tal, e em vez de nos preocuparmos em criar novas formas urbanas, devemos **dar valor ao existente**, trabalhando com os "tenhos, queros e possos" do lugar. Adoptanto, desta forma, uma postura que seja capaz de potenciar e transformar o espaço público, de acordo com as necessidades dos habitantes, e a reflectir, juntamente com os mesmos, a sua capacidade e viabilidade de resolução inserido no panorama actual.

O objectivo deste trabalho, centrou-se no **delinear de estratégias que reactivassem o espaço público deste sector da periferia romana**. Para o mesmo, sugerimos a requalificação das áreas verdes e da rede viária, a colmatação de lacunas a nível da rede de equipamentos, programas integrados de apoio ao comércio, o rejuvenescimento demográfico, atraindo novos moradores e, principalmente, a (**re)activação do conceito de vida em comunidade**, promovendo a convivência entre antigos e novos habitantes.

Este caso de estudo, acabou por se revelar útil na exposição de estratégias que poderão ser aplicadas na maioria dos aglomerados sociais da periferia, principalmente nos bairros INA-Casa. Nestes, concluímos que requalificar os espaços públicos significará **restabelecer, nos dias de hoje, a ideia de comunidade que se auto-organiza** - conceito que esteve na base destes aglomerados sociais na reconstrução do pós-guerra italiano - através de um projecto que se inscreva num processo atento no que diz respeito aos usos que se foram sedimentando no lugar. Um espaço que, prosseguindo as exigências da urbanística contemporânea, seja desenhado com base nas verdadeiras **exigências e necessidades da comunidade**, prevendo, onde possível, o **envolvimento dos cidadãos no processo**, através de questionários, eventos e actividades de socialização.

O modelo de espaço público defendido neste trabalho, parte da **noção de partilha**, do **(re)fazer comunidade**, **cujo projecto e planeamento possam ser pensados por todos**, convertendo-o num espaço com visibilidade, capaz de estimular a expressão e a integração social. Um espaço onde o sentimento de pertença poderá tornar-se forte ao ponto de considerar o espaço público, não como uma condicionante espacial, circunscrito ao vazio que enlaça os cheios, mas antes **a continuação da própria casa, do bairro, da cidade, da qual tomam conta todos juntos**. Citando Jane Jacobs, *"cities have the capability of providing something for everybody, only because, and only when, they are created by everybody."*[3]

3 Jane Jacobs, *The Death and the Life of Great American Cities*, op. cit. p. 238.


GENTILI
MI CHIAMO GABRIELA E
SONO UNA RAGAZZA PORTOGHESE CHE VIVE
IN VIA LUIGI LUCATELLI
SONO IN ITALIA PER SCRIVERE LA MIA TESI DI
LAUREA IN ARCHITETTURA
SU QUESTO QUARTIERE ,
SUL PIANO FANFANI E IL PROGETTO INA-CASA
STO CERCANDO QUALSIASI INFORMAZIONE,
DOCUMENTO, FOTO O RACCONTI CHE
POTREBBERO AIUTARMI NEL MIO LAVORO.
CHIUNQUE ABBIA VOGLIA DI DARMI UNA
MANO CON I PROPRI RICORDI
PUO' CHIAMARMI O SCRIVERMI A QUESTO
NUMERO
GRAZIE!

365

Em Outubro de 2016, foram deixados estes panfletos *(fig. 365)* em todas as entradas dos blocos residenciais do Tiburtino. O objectivo foi entrar em contacto com o maior número possível de residentes, para compreender as questões e problemáticas que assolam o bairro. Este gesto despoletou o interesse de vários habitantes que, com dedicação e apreço, disponibilizaram o seu tempo e contaram a sua história. Esta experiência revelou-se única tendo sido possível, mais tarde, organizar um jantar de convívio num dos átrios comuns, onde foram partilhadas e discutidas algumas das acções e comportamentos a desenvolver no bairro.

*

Enquanto arquitectos, chamados a criar a envolvência física dentro da qual possa ter lugar a felicidade, a preocupação em encontrar estratégias de como intervir nestes espaços, partindo do estudo do lugar, das suas lições para, com base nelas, potenciar e (re)possibilitar a sua transformação, aproxima-se daquele que é considerado o nosso objectivo.

Uma das coisas que aprendi, no decorrer deste trabalho, foi que os detalhes fazem mesmo a diferença. Os espaços públicos têm muito poder. Não pela quantidade de pessoas que os usa, mas pelo número de pessoas que se sentem melhor quando os frequentam. Eu acredito, citando Jan Gehl que *"a good city is like a good party. People stay longer, because they are enjoying themselves."*[1]

É compreensível que nem toda a gente goste de ter mais ciclistas nas ruas. Assim como nem toda a gente quer ceder o seu lugar de estacinamento e trocá-lo por bancos, esplanadas e plantas. Sim, as pessoas têm direito a ter diferentes opiniões. No entanto, temos de entender que as ciclovias não são construídas só para agradar aos ciclistas. O mobiliário urbano não é pensado apenas para o bem-estar dos peões. E as ruas, no geral, não existem só por conveniência dos veículos. As cidades não são simples. As cidades são organismos complexos, onde as coisas precisam de um equilíbrio, e onde todos podem, e devem, participar na mobilidade e na vida social.

A vida pública é a essência das cidades. Aprendi que a arquitectura vai muito além da forma dos edifícios, e que o urbanismo não é apenas o espaço que os rodeia. Creio que projectar seja um acto social, e para construirmos cidades mais eficientes precisamos, como defendia Jane Jacobs, de compreender a vida urbana, de pensar as cidades para as pessoas. Eu acredito que aos poucos, **pequenos gestos podem levar a grandes mudanças** nas nossas atitudes. E espero que no futuro, se formem mais arquitectos que acreditem menos em construções megalómanas e mais na humanidade.

Concluo, desta forma, este trabalho enquanto passo e repasso mentalmente as imagens do bairro hoje, com as de ontem, apresentando o resultado de uma experiência que me ocupou mais de um ano. Esta conclui-se deixando-me mudada. Enriquecida, não só de saberes e experiências, mas também de afecto para com aquelas pessoas, os meus vizinhos, que com grande disponibilidade e ternura, aceitaram abrir as suas portas e memórias a uma *"ragazza portoghese"*.

A todos eles, um grande obrigada.

1 Jan Gehl, HUMAN Scale, The. Direcção: Andreas Dalsgaard. Produção: Final Cut for Real, Denmark - Doc. 2012. 83.min.

*

BIBLIOGRAFIA

| livros

- **AA. VV**, LaboratorioCittàPubblica. *Città Pubbliche: Linee guida per la Riqualificazione Urbana*, Milano: Bruno Mondadori, 2009.

- **ACOCELLA**, Alfonso. *L'Edilizia Residenziale Pubblica in Italia dal 1945 ad oggi.* Padova: Cedam, 1980.

- **ASCHER**, François. *Novos Princípios do Urbanismo.* Lisboa: Livros Horizonte, 2010.

- **BAROTTA**, Bernardo. "Dalla ricostruzione postbellica alla creazione dei borghi", in *Esperienze urbanistiche in Italia*. INU, 1952.

- **BECKER**, Hans e **SCHLOTE**, Wolfram. *Esempi di pianificazione edilizia in Finlandia.* Milano: Edizioni di Comunità, 1959.

- **BENEVOLO**, Leonardo. *Le avventure della città*. Roma-Bari: Laterza, 1974.

- **BENEVOLO**, Leonardo. *História da Cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1999.

- **BENEVOLO**, Leonardo. *Storia dell'Architettura Moderna*. Roma-Bari: Laterza, 2010.

- **BERETTA ANGUISSOLA**, Luigi. (a cura di) *I 14 anni del Piano INA-Casa*. Roma: Staderini, 1963.

- **BERLINGUER**, Giovanni e **DELLA SETA**, Piero. *Borgate di Roma*. Roma: Editori Riuniti, 1976.

- **BONELLI**, Renato. "Progettazione integrata dei nuovi quartieri per i lavoratori". In *Nuove Esperienze Urbanistiche in Italia*, INU, 1952.

- **BRUNETTI**, Fabrizio. *L'architettura in Italia negli anni della Ricostruzione,* Firenze: Alinea editrice, 1986.

| fontes de arquivo

- **Archivio Centrale dello Stato**, Fondo SOSTOSS, Archivio del Centro Sociale ISSCAL del quartiere Tiburtino, buste 1-18.

- **Accademia Nazionale di San Luca**, Fondo Mario Ridolfi (ANSL-MR).

- **Istituto Nazionale di Architettura**, Roma, Archivio Gorio (INARCH).

- **Centro Archivi di Architettura**, Roma, MAXXI, Museo Nazionale delle Arti del XXI Secolo.

- **BOHIGAS**, Oriol. *Contra la incontinencia urbana: reconsideración moral de la arquitectura y la ciudad*. Barcelona: Electa (Diputación de Barcelona; Xarxa de Munícipes), 2004.

- **BONIFÁCIO**, Ana. "Espaço Público e Identidade Urbana". In *A Cidade na Encruzilhada: Repensar a Cidade e a sua Política*. Porto: Afrontamento, 2013.

- **BORJA,** Jordi. *La Ciudad Conquistada*. Madrid: Alianza Editorial, 2003.

- **BORJA**, Jordi; **MUXI**, Zaida. *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona: Electa, 2003.

- **CALVINO**, Italo. *Le Città Invisibili*. Torino: Einaudi, 1972.

- **CAMARDA**, Emiliana. *Pietralata: da campagna a isola di periferia*. Milano: Franco Angeli, 2007.

- **CAPOMOLLA**, Rinaldo e **VITTORINI**, Rosalia e **BARDELLI**, Pier Giovanni. *L'architettura INA-Casa (1949-1963): aspetti e problemi di conservazione e recupero*. Roma: Gangemi, 2003.

- **CARFAGNA**, Daniele. *L'architettura tra le case. Abitare lo spazio aperto nei quartieri INA-Casa*. Perugia: Alinea, 2012

- **CELLINI**, Francesco e **D'AMATO**, Claudio. *Le architetture di Ridolfi e Frankl. Opere e Progetti*. Milano: Mondatori Electa, 2005.

- **CIORRA**, Pippo. *Ludovico Quaroni: 1911-1987. Opere e progetti*. Milano: Electa, 1989.

- **CIUCCI**, Giorgio e **DAL CO**, Francesco. *Architettura italiana del '900. Atlante*. Milano: Electa, 1993.

- **CLEMENTI**, Alberto e **PEREGO**, Francesco (a cura di). *La metropoli spontanea: il caso di Roma, 1925-1981: sviluppo residenziale di una città dentro e fuori dal piano*. Bari: Edizioni Dedalo, 1983.

- **DE COCCI**, Danilo. *Il Piano Fanfani-Case*. Roma: Edizione 5 Lune, 1958.

- **DE FUSCO**, Renato. *Storia dell'architettura contemporanea*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1979.

- **DE GUTTRY**, Irene. *Guida di Roma moderna. Architettura dal 1870 a oggi*. Roma, 1978.

- **DE ROSA**, Luigi. (a cura di) *Roma del Duemila*. Roma-Bari: Editori Laterza, 1999.

- **DI BIAGI**, Paola. (a cura di) *La grande ricostruzione, il piano Ina-Casa e l'Italia degli anni Cinquanta*. Roma: Donzelli, 2010.

- **EGSS** (a cura di), *Il Centro Sociale nei complessi di edilizia residenziale pubblica*. Roma: Ente gestione servizio sociale case per i lavoratori, 1961.

- **FIORENTINO**, Mario. *La casa: progetti 1946-1981*, Roma, 1985.

- **FERRAROTTI**, Franco. *Roma: da capitale a periferia*. Roma: Laterza, 1970.

- **GABELLINI,** Patrizia. *Tecniche Urbanistiche*. Milano: Carocci Editore, 2013.

- **GEHL**, Jan. *Life Between Buildings: Using Public Space*. Washington: Island Press, 2011.

- **GEHL**, Jan. *Cities for People*. Washington: Island Press, 2010.

- **GIROTTI**, Fiorenzo. *Welfare State: Storia, modelli e crítica*. Milano: Carocci, 2005.

- **GRECO**, Antonella. *Ludovico Quaroni. Guida alle opere romane*. Roma: Palombini Editori, 2003.

- **GREGOTTI**, Vittorio. *La costruzione dello spazio pubblico*. Firenze: Alinea Editrice, 2002.

- **GUCCIONE**, Margherita e **SAGARRA LAGUNES**, Maria e **VITTORINI**, Rosalia (a cura di), *Guida ai quartieri romani INA-Casa*. Roma: Gangemi Editore, 2002.

- **HALL**, Peter. *Cities of Tomorrow: an intellectual history of urban planning and design in the twentieth century*. Oxford: Blackwell Publishers, 1998.

- **HUET**, Bernard. "Tre questioni a proposito della forma urbana", in *Questioni di forma urbana. La composizione dello spazio pubblico nel rinnovo della città*. Firenze: Alinea, 1999, p. 5-9.

- **INSOLERA**, Italo. *Roma Moderna. Un secolo di storia urbanistica 1870-1970*. Roma: Einaudi, 2001.

- **ISTITUTO STURZO**. (a cura di) *Fanfani e la Casa. Gli anni Cinquanta e il modello italiano di welfare state: il piano INA-Casa*. Roma: Rubbettino Editore, 2002.

- **JACOBS**, Jane. *The Death and Lif of Great American Cities*. New York: Random House, 1961.

- **JACOBS**, Allan. *Looking at cities*. London: Harvard University Press, 1985.

- **LAMAS**, José Ressano Garcia. *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010.

-**LAMBERTI,** Anna;**METTA,** Annalisa;**OLIVETTI**, Maria Livia. (a cura di). *Città Pubblica/Paesaggi Comuni: Materiali per il progetto degli spazi aperti dei quartieri ERP*. Roma: Gangemi Editore, 2013.

- **LANARO**, Silvio. *Storia dell'Italia Repubblicana*. Venezia: Marsilio Editori, 2011.

- **LE CORBUSIER**. *Por uma Arquitectura*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- **LEFEBVRE**, Henri. *O Direito à Cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

- **LYNCH**, Kevin. *The Image of the city*, Cambridge: The Mit Press, 1970.

- **LIBERA**, Adalberto. "La Scala del Quartiere Residenziale". In *Esperienze Urbanistiche in Italia*, INU, 1952.

- **MARIANO**, Carmela. *Progettare e Gestire lo Spazio Pubblico*. Roma: Aracne editrice, 2012.

- **MARTÍ ARIS**, Carlos. *Las Formas de la residencia en la ciudad moderna: vivienda y ciudad en la Europa de entreguerras*. Barcelona: UPC, 2000.

- **MATTOGNO**, Claudia, "Tra il vuoto della metropoli e il pieno della città" in *Idee di spazio, lo spazio nelle idee: metropoli contemporanee e spazio pubblici*. Milano: Franco Angeli, 2002, p.13-47.

- **OLIVETTI**, Adriano. "Presentazione". In *L'INA-Casa al IV congresso Nazionale di Urbanistica di Venezia 1952*. Roma: Istituto Nazionale di Urbanistica, 1952.

- **PAGANO**, Giuseppe e **DANIEL**, Guarniero. *Architettura Rurale Italiana*. Milano: Direzione dei Quaderni della Triennale, Settembre 1936.

- **PASOLINI**, Pier Paolo. *Una Vita Violenta*. Milano: Garzanti, 1959.

- **Piano Incremento Occupazione Operaia**. Case per lavoratori, VOL. 1. *Suggerimenti, norme, e schemi per la elaborazione e la presentazione dei progetti-Bandi dei concorsi*. Roma, 1949. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)

- **Piano Incremento Occupazione Operaia**. Case per lavoratori, VOL. 2. *Suggerimenti esempi e norme per la* progettazione *urbanistica. Progetti tipo*. Roma, 1950. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)

- **Piano Incremento Occupazione Operaia.** Case per lavoratori, VOL. 3. *Guida per l'esame dei progetti delle costruzioni INA-Casa da realizzare nel secondo settennio.* Roma, 1956. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)

- **Piano Incremento Occupazione Operaia**. Case per lavoratori, VOL. 4. *Norme per le costruzioni del secondo settennio estratte da delibere del Comitato di attuazione del Piano e del Consiglio direttivo della Gestione INA-Casa*, Roma, 1956. (INA Archivio Storico Roma – Fondo INA-Casa)

- **PORRETI**, Sergio, *Edilizia e Architettura in Svezia e Danimarca, 1945-1960*, Roma: Edizioni Kappa, 1979.

- **PORRETI,** Sergio; IORI, Tullia; **VITTORINI**, Rosalia; **CAPOMOLLA,** Rinaldo; **MORNATI**, Stefania; **STUCCHI**, Silvano. (a cura di) *L'INA-Casa. Il cantiere e la costruzione*. Roma, 2000.

- **PORETTI**, Sergio. *Edilizia e architettura in Svezia e Danimarca, 1945 - 1960.* Roma: Edizioni Kappa, 1979.

- **PURPURA**, Rosario. *Le case per i lavoratori. Il Piano Fanfani.* Roma: Jandi Sapi, 1950.

- **QUARONI**, Ludovico. *Il Progetto per la Città: Dieci Lezioni*. Roma: Kappa, 1996.

- **ROSSI**, Piero Ostilio. "Quartiere Tiburtino". In *Roma: guida all'architettura moderna: 1909-1991.* Roma-Bari: Laterza, 1991.

- **SABBATUCCI**, Giovanni e **VIDOTTO**, Vittorio. (a cura di), *Storia d'Italia. La repubblica 1943-1963*. Vol. Via Roma-Bari: Laterza, 1997.

- **SARACENO**, Chiara. "La Famiglia: I paradossi della costruzione del privato", in *La Vita Privata. Il Novecento*. Bari: Laterza, 1987.

- **SECCHI**, Bernardo. *Prima lezioni di urbanistica*. Roma: Laterza, 2000.

- **SECCHI**, Bernardo. *La Città del ventesimo secolo*. Roma: Laterza, 2005.

- **SCHIAFFONATI**, Fabrizio. "Una concezione del bello che non sia maquillage", in *La qualità diffusa: Il dettaglio degli Spazi collettivi nel progetto di arredo urbano*. Progetti Museali editori, 1994.

- **SMITHSON**, Alison e **SMITHSON**, Peter. *Urban Structuring*. London: Studio Vista, 1967.

- **SOLÀ-MORALES**, Manuel. *De cosas urbanas*. Barcelona: Gustavo Gili, 2008.
- **SOTGIA**, Alice. *Ina-Casa Tuscolano.* Milano: Franco Angeli, 2010.

- **TAFURI**, Manfredo. *Storia dell'architettura italiana 1944-1985*. Torino: Einaudi, 1986.

- **TAFURI**, Manfredo. *Ludovico Quaroni e lo sviluppo dell'architettura moderna in Italia*. Milano: Edizioni di Comunità, 1964.

- **UBERTAZZI**, Alessandro. *La qualità diffusa: Il dettaglio degli Spazi collettivi nel progetto di arredo urbano*. Progetti Museali editori, 1994.

- **VIGANÒ**, Paola. *La Città elementare*. Milano: Skira, 1999.

- **VIDOTTO**, Vittorio. *Roma Contemporanea*. Roma-Bari: Laterza, 2006.

- **ZEVI**, Bruno. "L'architettura dell'INA-Casa". *In L'INA-Casa al IV congresso Nazionale di Urbanistica di Venezia 1952*. Roma, 1953.

- **ZEVI**, Bruno. *Verso un'architettura organica*. Torino: Einaudi, 1945.

| periódicos

- "*Attività Urbanistica dell'INA-Casa*". In *Urbanistica*, nº17, 1955.

- "Architettura di Mario Ridolfi/2". In *Controspazio*, nº3, 1974.

- **ALVES COSTA**, Alexandre. "O património – entre a proposta arriscada e a confidencia nascida da intimidade". In *JA*, nº 213, p. 29.

- **ASTENGO**, Giovanni. "Nuovi Quartieri in Italia". In *Urbanistica*, nº 7, 1951.

- **ASTENGO**, Giovanni. "Dormitori o comunità". In *Urbanistica*, nº 10/11, 1952.

- **AYMONINO**, Carlo. "Storia e Cronaca del Quartiere Tiburtino". In *Casabella-Continuità,* nº 215, 1957.

- **BARBINI**, Giovanni. "INA-Casa e Urbanistica". In *Urbanistica,* nº 5, Luglio – Settembre, 1950.

- **BIANCHETTI**, Cristina. "Urbanistica e organicismo negli anni Quaranta". In *Urbanistica*, nº 91, 1998.

- **BONELLI**, Costanza, **SOTGIA**, Alice. "Quando la città Pubblica diviene privata. Il quartiere Tiburtino a Roma". in *Città e Storia*, IX, nº 2, Roma: Università Roma Tre – CROMA, 2014.

- **BUSQUETS**, Joan. "Planeamiento: Pasado Reciente y Futuro Próximo". *Sociedade e Territorio*. Nº 22, 1995, p. 10-21.

- **CHIARINI**, Carlo. "Aspetti urbanistici del quartiere Tiburtino". In *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957.

- **ERBANI**, Francesco. "Il primo settennio INA-Casa". In *Edilizia Popolare*, nº 271, 2001.

- **FANFANI**, Amintore. "Intervista ad Amintore Fanfani". In *Architettura-Cantiere,* nº 12, 1957.

- **GORIO**, Federico. "Esperienze d'Architettura al Tiburtino". In *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957.

- **GREGOTTI**, Vittorio. "Gli spazi aperti urbani: fenomenologia di un problema progettuale". *Casabella*, Nº 597/598, 1993, p. 2-4

- **GREGOTTI**, Vittorio. *Dello spazio pubblico*, Fondazione Centro Studi e Ricerche, Fondazione Architetto, 2013.

- **GRISOTTI**, Marcelo. "Quartiere Tiburtino". In *Architettura-Cantiere*, nº 12, 1957.

- **GUALA**, Filiberto. "Impostazione e Caratteristiche Funzionali del Piano Fanfani". In *Civitas* nº 9, 1951, p. 30.

- **GUALA**, Filiberto. "Il Piano di Costruzione delle case per i lavoratori". In *Rassegna del lavoro*, nº 8, 1958.

- **GUALA**, Filiberto. "Impostazione e Caratteristiche funzionale del Piano Fanfani". In *Civitas*, nº 9, 1951.

- **INDOVINA**, Francesco. "Qualche considerazione sulla città diffusa". In *Rassegna di Architettura e Urbanistica*, nº 86/87, Università di Roma: Pubblicazione Quadrimestrale della Sapienza, 1995.

- **INSOLERA**, Italo. "La capitale in espansione". In *Urbanistica*, nº 28/29, 1959.

- **INSOLERA**, Ítalo; **MANCINI**, Alberto. "Introduzione a trent'anni di storia Urbanistica Romana". In *Urbanistica*, nº 62, 1974.

- **KOOLHAS**, Rem. "Toward the Contemporary City". In *Design Book Review,* nº17, 1989.

- **LIBERA**, Adalberto; **PONTI**, Gio; **VACCARO**, Giuseppe. "Per tutti, anzi per ciascuno. Appello di tre architetti per la Carta della casa". In *Popolo d'Italia*, 15 giugno, 1943

- **MARTÍ ARIS**, Carlos. "La Construcción de los Lugares Públicos, Notas para una Etimología de la Forma Urbana". In *Arquitectos.* Nº 152, Información del Consejo Superior de los Colegios de Arquitectos de España nº 99/4, V Bienal de Arquitectura Española, p. 52-57.

- **MONTESI,** Pio. "La casa, un problema Umano e Sociale". In *Ulisse*, nº 8, 1949.

- **MURATORE**, Giorgio. "Gli anni della ricostruzione". In *Controspazio*, Novembre 1974.

- **MURATORI**, Saverio. "La Gestione INA-Casa". In *L'Architecture d'Aujourd'hui*, nº 41, 1952.

- **MURATORI**, Saverio. "La Gestione INA-Casa e l'edilizia popolare in Italia". In *Rassegna crítica di architettura*, nº 20/21, 1951.

- **PARENTI**, Gio. "Il Piano Fanfani per le case ai lavoratori". In *Italiani nel mondo*, nº 2, 1951.

- **PICCIONI**, Lidia. "Variante Generale del 1942 al Piano Regolatore di Roma. La gestazione del progetto". In *Roma in guerra, 1940 – 1943. Roma moderna e contemporanea*, anno XI, nº 3, settembre – dicembre. Università degli Sudi di Roma Tre, 2003.

- **QUARONI**, Ludovico. "La Politica del Quartiere". In *Urbanistica*, nº 22, 1957.

- **QUARONI**, Ludovico. "L'abitazione per le famiglie a basso reddito in Italia". In *Urbanistica*, nº 31, 1960.

- **QUARONI**, Ludovico. "Il Paese dei barocchi". In *Casabella-Continuità*, nº 215, 1957.

- **QUARONI**, Ludovico. "La Comunità Indiana". In *Metron*, nº 3, 1947.

- **SECCHI**, Bernardo. "Le Condizioni sono cambiate". In *Casabella,* nº 48/49, 1984.

- **VITO**, Francesco. "Il progetto Fanfani per la lotta alla disoccupazione". In *Vita e pensiero*, XXXI ottobre, 1948.

- **ZANUSO**, Marco. "Unità d'Abitazione Orizzontale nel quartiere Tuscolano di Roma - Presentazione". In *Casabella*, nº 207, 1955.

| dissertações

- **COELHO**, João Rodrigo Parreira. *Formas e desígnios do espaço público na cidade contemporânea*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2011.

- **SILVA**, Madalena Pinto. *Forma e circunstância: a praça na cidade portuguesa contemporânea*, Dissertação de Doutoramento em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 2009.

- **WALTON**, Sara. *Disparidades dos limites que compõem o Espaço Urbano*, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 2016.

FONTE DAS IMAGENS

1. https://www.google.com/maps/@41.905264,12.4829209,14.09z

2. Ludovico Quaroni. *Immagine di Roma*, Bari: Laterza, 1975, p. 102.

3. Ludovico Quaroni. *Immagine di Roma*, Bari: Laterza, 1975, p. 100.

4. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.142.

5. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.145.

6. Jan Gehl, *Life Between Buildings*, Washington: Island Press, 2011, p.40.

7. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.169.

8. http://jsah.ucpress.edu/content/72/2/134

9. https://s-media-cache- ak0.pinimg.com/originals/ab/29/85/ab2985d3c7 b09cfe9facd31ecfb470cb

10.https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/4/4a/Porte_Sainte- Antoine_on_1739_Turgot_map_Paris_- _KU_06/

11. http://www.bedrockimages.com/74-259- thickbox/place-vendome.jpg

12. Ludovico Quaroni. *Immagine di Roma*, Bari: Laterza, 1975, p. 261.

13. Leonardo Benevolo, *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 560.

14. Leonardo Benevolo, *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 560.

15. Leonardo Benevolo, *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 605.

16. Leonardo Benevolo, *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 583.

17. http://yorkshire.u08.eu/shipley/41553/

18. http://journal.depthoffield.eu/vol05/nr01/a 03/en

19. http://journal.depthoffield.eu/vol05/nr01/a 03/en

20. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.213.

21. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.217.

22. https://scodpub.wordpress.com/2011/03/0 1/garden-cities-by-ebenezer-howard/

23. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.315.

24. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.341.

25. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.353.

26. https://www.archdaily.com/411878/ad-classics-ville-radieuse-le-corbusier

27. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.330.

28. http://keywordsuggest.org/gallery/1179640.html

29. Leonardo Benevolo, *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 641.

30. http://www.zeitlosberlin.com/recommendations/discoveries/horseshoe-estate-in-berlin-britz/

31. Leonardo Benevolo, *História da Cidade*, São Paulo: Ed. Perspectiva, 1999, p. 640.

32. http://www.archello.com/en/project/illum

33. http://thedianerehmshow.org/2016/05/24/ how-highway-construction-has-affected- listeners-lives

34. http://www.cladglobal.com/architecture-design-features?codeid=31599

35. Jan Gehl. *Life Between Buildings*, Washington: Island Press, 2011, p. 62.

36. Jan Gehl. *Life Between Buildings*, Washington: Island Press, 2011, p. 76.

37. http://gehlpeople.com/film/life-between-buildings-trailer/

38. http://www.publicspace.org/es/obras/b081-passeig-maritim-de-la-barceloneta-2a-fase

39. http://gehlpeople.com/blog/jan-gehls-winter-lectures-1/

40. https://hiveminer.com/Tags/ater%2Ctrieste

41. http://www.milanostoriadiunarinascita.it/2017/01/27/nuovi-quartieri-periferici/

42. http://www.pifebo.com/blog/roma/this-is-roma.php#.WfdJ7VygK9Y

43. https://hiveminer.com/Tags/ater%2Ctrieste

44. http://www.adurbem.it/architettura-in-lombardia-dal-1945-ad-oggi.html

45. http://www.pifebo.com/blog/roma/this-is-roma.php#.WfdJ7VygK9Y

46. https://www.flickr.com/photos/jacqueline_poggi/sets/72157644941862071/

47. Foto fornecida por Silvana Andei, habitante do bairro Tiburtino.

48. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 18.

49. Exposição "*Abitare a Roma in Periferia*" no *Museo di Roma* em Trastevere. Fotografia de Rodrigo Pais.

50.http://www.nannimagazine.it/notizie/cultura-e-spettacoli/arte/fotografia/26/10/2010/Il-lavoro-in-bianco-e-nero-negli-scatti-di-Mario-Carbone/5879

51. http://time.com/3878735/anzio-unpublished-photos-italian-campaign-world-war-ii/

52. Ludovico Quaroni, *Immagine di Roma*, Bari: Laterza, 1975, p. 88.

53. http://www.ilpost.it/2016/06/28/milano-fotografie-vintage/milano-36/

54. Exposição "*Abitare a Roma in Periferia*" no *Museo di Roma* em Trastevere. Fotografia de Rodrigo Pais.

55. Exposição "*Abitare a Roma in Periferia*" no *Museo di Roma* em Trastevere. Fotografia de Rodrigo Pais.

56.https://www.google.pt/url?sa=i&rct=j&q=&esrc=s&source=images&cd=&ved=0ahUKEwi2qoe8iZvXAhXJPBQKHetmABMQjxwIAw&url=http%3A%2F%2Fwww.iwm.org.uk%2Fcollections%2Fitem%2Fobject%2F205188911&psig=AOvVaw3zLnTiI5KuWOkrN6cz4u1W&ust=1509546605074882

57.https://www.romasparita.eu/foto-roma-sparita/64929/via-della-conciliazione-40

58. https://www.romaierioggi.it/spina-di-borgo-1936/

59. Exposição "*Abitare a Roma in Periferia*" no *Museo di Roma* em Trastevere. Fotografia de Rodrigo Pais.

60. Irene de Guttry, *Guida di Roma Moderna dal 1870 ad oggi*, Roma: De Luca Editori d'Arte, 2014, p. 36.

61. https://i.pinimg.com/originals/36/32/79/363279e69f9b9e7571a282da2fb47ef0.jpg

62. Irene de Guttry, *Guida di Roma Moderna dal 1870 ad oggi*, Roma: De Luca Editori d'Arte, 2014, p. 36.

63. Irene de Guttry, *Guida di Roma Moderna dal 1870 ad oggi*, Roma: De Luca Editori d'Arte, 2014, p. 36.

64. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 1.

65. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 5.

66. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 3.

67. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 13.

68. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 4.

69. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 4.

70. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 35.

71. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 1.

72. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 2.

73. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 106.

74. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 107.

75. Fotografia da autora.

76. Fotografia da autora.

77. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 109.

78. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per Lavoratori. Vol. 2. *Suggerimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti Tipo,* p. 18.

79. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 12.

80. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 9.

81. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 153.

82. http://www.artchistblog.com/architecture/quartiere-harar-a-milano-figini-luigi-pollini-gino-ponti-gio/

83. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 155.

84. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 246.

85. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 12.

86. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 246.

87. Paola de Biagi , *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 155.

88. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 242.

89. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 259.

90. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 354.

91. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 17.

92.http://housingprototypes.org/project?File_No=ITA017

93. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 347.

94. http://www.lombardiabeniculturali.it/architetture900/schede/p4010-00247/

95. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma:

Donzelli, 2010, p. 452.

96. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 347.????

97. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa,* Roma: Staderini, 1963, p. 362.

98. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 199.

99.http://socks-studio.com/2017/03/07/a-though-exercise-in-simplicity-vaccaros-kindergarten-in-piacenza/

100. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 9.

101. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, p. 15.

102. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, p. 23.

103. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 269.

104. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 23.

105. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 199.

106. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 7.

107. Foto fornecida por habitante do bairro Tiburtino.

108. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 396.

109. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 23.

110. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 252.

111. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 15.

112. Piano Incremento Occupazione Operaia. Case per Lavoratori. Vol. 2. *Suggerimenti esempi e norme per la progettazione urbanistica. Progetti Tipo,* p. 22.

113. Sergio Poretti e Rosalia Vittorini, *L'INA-Casa: Il cantiere e la costruzione*, Roma: Gangemi, 2000, p. 13.

114. Imagem fornecida pela Professora Rosalia Vittorini. Sem origem identificada.

115. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 431.

116. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 260.

117. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 261.

118. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 236.

119. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 371.

120. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 252.

121. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 131.

122. Paola de Biagi, *La grande Ricostruzione*, Roma: Donzelli, 2010, p. 19.

123. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 353.

124. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal.

125. Planta cedida pela Cartoteca da Biblioteca Ludovico Quaroni. *Dipartimento di Pianificazione Design Tecnologia dell'Architettura, Sapienza Università di Roma.*

126. Fotografia da autora, 2016.

127. Fotografia da autora, 2016.

128. Fotografia da autora, 2016.

129. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal, 2016.

130. Fotografia da autora, 2016.

131. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal, 2016.

132. Giuseppe Pagano e Guardinero Daniel, *Architettura Rurale Italiana*, Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1943, p. 139.

133. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca.

134. Giuseppe Pagano e Guardinero Daniel, *Architettura Rurale Italiana*, Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1943, p.

135. Fotografia da autora, 2016.

136. Giuseppe Pagano e Guardinero Daniel, *Architettura Rurale Italiana*, Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1943, p. 119.

137. Fotografia da autora, 2016.

138. Giuseppe Pagano e Guardinero Daniel, *Architettura Rurale Italiana*, Milano: Ulrico Hoepli Editore, 1943, p. 108.

139. Fotografia da autora, 2016.

140. Aerofotogrametrici 1000 1962 F16-S, cedida pela Cartoteca da Biblioteca Ludovico Quaroni. *Dipartimento di Pianificazione Design Tecnologia dell'Architettura, Sapienza Università di Roma.*

141. Aerofotogrametrici 1000 1991_16S, cedida pela Cartoteca da Biblioteca Ludovico Quaroni. *Dipartimento di Pianificazione Design Tecnologia dell'Architettura, Sapienza Università di Roma.*

142. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 23.

143. Luigi Beretta Anguissola, *I 14 anni del Piano INA-Casa*, Roma: Staderini, 1963, p. 254.

144. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 19.

145. Foto fornecida por Silvana Andei, habitante do bairro Tiburtino.

146. Fotografia da autora, 2016.

147. Fotografia da autora, 2016.

148. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

149. Fotografia da autora, 2016.

150. Fotografia da autora, 2016.

151. Fotografia da autora, 2016.

152. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

153. Fotografia da autora, 2016.

154. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

155. Fotografia da autora, 2016.

156. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

157. Fotografia da autora, 2016.

158. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

159. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 21.

160. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 21.

161. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 25.

162. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 30.

163. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 32.

164. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

165. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 40.

166. Imagem fornecida pela Professora Rosalia Vittorini. Sem origem identificada.

167. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

168. Imagem fornecida pela Professora Rosalia Vittorini. Sem origem identificada.

169. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Fotografia solicitada através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

170. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 44.

171. Fotografia da autora, 2016.

172. Fotografia da autora, 2016.

173. Imagem fornecida pela Professora Rosalia Vittorini. Sem origem identificada.

174. Fotografia da autora, 2016.

175. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 32.

176. "Complesso INA-Casa a Cerignola", *Casabella-Continuità* nº 210, 1956, p. 26.

177. "Case INA a Terni", *Casabella-Continuità* nº 210, 1956, p. 31.

178. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 30.

179. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 30.

180. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 26.

181. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 26.

182. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

183. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 27.

184. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 35.

185. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

186. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 44.

187. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 40.

188. "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 39.

189. Imagem fornecida pela Professora Rosalia Vittorini. Sem origem identificada.

190. Esquema axonométrico elaborado e cedido pela professora Rosalia Vittorini, 2016.

191. Esquema axonométrico elaborado e cedido pela professora Rosalia Vittorini, 2016.

192. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo

Ridolfi, Accademia di San Luca. Desenho solicitado através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

193. http://www.architetti.san.beniculturali.it/web/architetti/progetti/scheda-progetti?p_p_id=56_INSTANCE_hIz4&articleId=29971&p_p_lifecycle=1&p_p_state=normal&groupId=10304&viewMode=normal

194. Foto cedida por Daniela Milani, habitante do bairro.

195. Foto cedida por Umberto Iannone, habitante do bairro.

196. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Fotografia solicitada através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

197. Foto cedida por Umberto Iannone, habitante do bairro.

198. Foto cedida por Anna Maria Viola, habitante do bairro.

199. Quartiere INA-Casa Tiburtino a Roma. Fondo Ridolfi, Accademia di San Luca. Fotografia solicitada através de http://www.fondoridolfi.org/il-fondo.htm.

200. Foto cedida por Giuseppe Tannino, habitante do bairro.

201. Foto cedida por Erminia Aiutore, habitante do bairro.

202. Foto cedida por Anna Maria Viola, habitante do bairro.

203. Foto cedida por Anna Maria Viola, habitante do bairro.

204. Foto cedida por Giuseppe Tannino, habitante do bairro.

205. Documento cedido por Letizia Tacceta, habitante do bairro.

206. Foto cedida por Letizia Tacceta, habitante do bairro.

207. Foto cedida por Anna Maria Viola, habitante do bairro.

208. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal, 2016.

209. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal, 2016.

210. Montagem elaborada através da fusão entre uma foto da autora (2016) com uma foto de Daniela Milani, uma habitante do bairro (1962).

211. Montagem elaborada através da fusão entre uma foto da autora (2016) com uma foto de "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 32.

212. Montagem elaborada através da fusão entre uma foto da autora (2016) com uma foto de Umberto Iannone, um habitante do bairro (1965).

213. Montagem elaborada através da fusão entre uma foto da autora (2016) com uma foto de "Unità Residenziale al km. 7 della Via Tiburtina a Roma", *Casabella-Continuità* nº 215, 1957, p. 30.

214. Montagem elaborada através da fusão entre uma foto da autora (2016) com uma foto de Umberto Iannone, um habitante do bairro (1958).

215. Montagem elaborada através da fusão entre uma foto da autora (2016) com uma foto de Anna Maria Viola, uma habitante do bairro (1965).

216. Fotografia da autora, 2016.

217. Fotografia da autora, 2016.

218. Fotografia da autora, 2016.

219. Fotografia da autora, 2016.

220. Fotografia da autora, 2016.

221. Fotografia da autora, 2016.

222. Fotografia da autora, 2016.

223. Fotografia da autora, 2016.

224. Fotografia da autora, 2016.

225. Fotografia da autora, 2016.

226. Fotografia da autora, 2016.

227. Fotografia da autora, 2016.

228. Fotografia da autora, 2016.

229. Fotografia da autora, 2016.

230. Fotografia da autora, 2016.

231. Fotografia da autora, 2016.

232. Fotografia da autora, 2016.

233. Fotografia da autora, 2016.

234. Fotografia da autora, 2016.

235. Fotografia da autora, 2016.

236. Fotografia da autora, 2016.

237. https://www.google.com/maps/@41.905264,12.4829209,14.09z

238. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal.

239. Fotografia de Diego Monfredini. Arquivo Pessoal.

240. José Garcia Lamas, *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade,* Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2010, p.400.

241.http://contemporarycity.org/2014/03/kevi n-lynch/

242. http://mapio.net/s/55862762/

243. http://mapio.net/s/55862762/

244. Fotografia da autora, 2016.

245. Fotografia da autora, 2016.

246. Fotografia da autora, 2016.

247. Fotografia da autora, 2016.

248. Fotografia da autora, 2017.

249. Fotografia da autora, 2016.

250. Fotografia da autora, 2016.

251. Fotografia da autora, 2017.

252. Fotografia da autora, 2016.

253. Fotografia da autora, 2016.

254. Fotografia da autora, 2016.

255. Fotografia da autora, 2016.

256. Fotografia da autora, 2016.

257. Fotografia da autora, 2016.

258. Fotografia da autora, 2016.

259. http://www.romatoday.it/eventi/marino-mercato-contadino-tiburtino-circuito-coltivendo.html

260. Fotografia da autora, 2016.

261. Fotografia da autora, 2016.

262. Fotografia da autora, 2016.

263. Fotografia da autora, 2016.

264. Fotografia da autora, 2016.

265. Fotografia da autora, 2016.

266. Fotografia da autora, 2016.

267. Fotografia da autora, 2017.

268. Fotografia da autora, 2016.

269. Fotografia da autora, 2017.

270. Fotografia da autora, 2016.

271. Fotografia da autora, 2016.

272. Fotografia da autora, 2016.

273. Fotografia da autora, 2016.

274. Fotografia da autora, 2017.

275. Fotografia da autora, 2016.

276. Fotografia da autora, 2016.

277. Fotografia da autora, 2016.

278. Fotografia da autora, 2016.

279. Fotografia da autora, 2016.

280. Fotografia da autora, 2016.

281. http://www.abitarearoma.net/29-marzo-retake-in-azione-alla-stazione-metro-di-pietralata/

282. Fotografia da autora, 2016.

283. http://mapio.net/s/55862762/

284. Fotografia da autora, 2016.

285. Fotografia da autora, 2017.

286. Fotografia da autora, 2017.

287. Fotografia da autora, 2016.

288. Fotografia da autora, 2017.

289. Fotografia da autora, 2016.

290. Fotografia de Daniela Milani, Arquivo Pessoal.

291. Fotografia da autora, 2017.

292. http://mapio.net/s/55862762/

293. http://mapio.net/s/55862762/

294. http://mapio.net/s/55862762/

295. Fotografia da autora, 2017.

296. Fotografia da autora, 2017.

297. Fotografia da autora, 2016.

298. Fotografia da autora, 2017.

299. Fotografia da autora, 2016.

300. Fotografia da autora, 2017.

301. Fotografia da autora, 2017.

302. Fotografia da autora, 2017.

303. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

304. Fotografia da autora, 2017.

305. http://roma.corriere.it/foto-gallery/cronaca/17_giugno_16/sciopero-trasporti-adesione-alta-metro-chiuse-bus-fermi-1819d0e2-5271-11e7-a6f1-62717796370c.shtml.

306. Fotografia da autora, 2017.

207. http://www.público.es/internacional/italia-roma-harta-caos-transporte-público.html

308. Fotografia da autora, 2017.

309. Fotografia da autora, 2017.

310. Fotografia da autora, 2017.

311. Fotografia da autora, 2016.

312. https://divisare.com/projects/300070-c-f-moller-architects-jorgen-true-studie-e-aalborg-waterfront-phase-ii

313. https://divisare.com/projects/259579-bb-arquitectos-goncalo-byrne-arquitectos-lda-fernando-guerra-fg-sg-patio-das-escolas

314. https://divisare.com/projects/300070-c-f-moller-architects-jorgen-true-studie-e-aalborg-waterfront-phase-ii

315. http://www.landezine.com/index.php/2012/07/passeig-de-st-joan-boulevard-by-lola-domenech/

316. https://divisare.com/projects/227357-boa-mistura-somos-luz

317. https://divisare.com/projects/227357-boa-mistura-somos-luz

318. https://divisare.com/projects/193814-basurama-rus-buenos-aires-todos-somos-cartoneros

319. https://divisare.com/projects/193814-basurama-rus-buenos-aires-todos-somos-cartoneros

320. https://untappedcities.com/2013/08/16/parking-day-nyc-2013-arrives-september/

321. https://divisare.com/projects/194247-boa-mistura-luz-nas-vielas

322. http://www.barrimina.org/cast/index.php/noticias-mainmenu-55/402-completado-el-programa-de-mejora-de-accesibilidad-a-las-viviendas-de-la-mina-.html

323. https://divisare.com/projects/345085-ignacio-gravalos-lacambra-patrizia-di-monte-gravalosdimonte-arquitectos-superilla-pilot-public-space

324. https://divisare.com/projects/345085-ignacio-gravalos-lacambra-patrizia-di-monte-gravalosdimonte-arquitectos-superilla-pilot-public-space

325. https://divisare.com/projects/267945-giuseppe-guerrera-lillo-giglia-un-giardino-a-favara

326. https://divisare.com/projects/267945-giuseppe-guerrera-lillo-giglia-un-giardino-a-favara

327. https://divisare.com/projects/185230-collectif-etc-place-au-changement

328. https://divisare.com/projects/185230-collectif-etc-place-au-changement

329. https://divisare.com/projects/106000-patrizia-di-monte-gravalosdimonte-arquitectos-ignacio-gravalos-lacambra-estonoesunsolar

330. https://divisare.com/projects/106000-patrizia-di-monte-gravalosdimonte-arquitectos-ignacio-gravalos-lacambra-estonoesunsolar

331. http://ilgorgo.com/hitnes-a-series-of-mural-for-sanba-project/

332. http://ilgorgo.com/hitnes-a-series-of-mural-for-sanba-project/

333. Anna Lambertini, Annalisa Meta, Maria Livia Olivetti, *Città Pubblica /Paesaggi Comuni. Materiali per il progetto degli spazi aperti dei quartieri ERP*, Milano: Gangemi Editore, 2013, p. 189.

334. www.facebook.com/adicittaworkshop/

335. www.facebook.com/adicittaworkshop/

336. www.facebook.com/adicittaworkshop/

338. Printscreen de https://www.incomeincommon.org/ (visitado a 4 de Outubro de 2017)

339. Printscreen de https://www.incomeincommon.org/ (visitado a 4 de Outubro de 2017)

340. Desenho da autora, 2017.

341. Fotografia da autora, 2017.

342. Fotomontagem realizada pela autora, 2017.

343. Fotomontagem realizada pela autora, 2017.

344. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

345. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

346. Fotografia de Katherina Pazienza, Arquivo Pessoal.

347. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

348. Fotografia da autora, 2016.

349. Fotografia da autora, 2016.

350. Fotografia de Katherina Pazienza, Arquivo Pessoal.

351. Fotografia de Katherina Pazienza, Arquivo Pessoal.

352. Fotomontagem realizada pela autora, 2017.

353. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

354. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

355. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

356. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

357. Fotomontagem realizada pela autora, 2017.

358. Fotografia de Daniela Milani, Arquivo Pessoal.

359. Fotografia da autora, 2017.

360. Fotografia de Daniela Milani, Arquivo Pessoal.

361. Fotografia de Daniela Milani, Arquivo Pessoal.

362. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

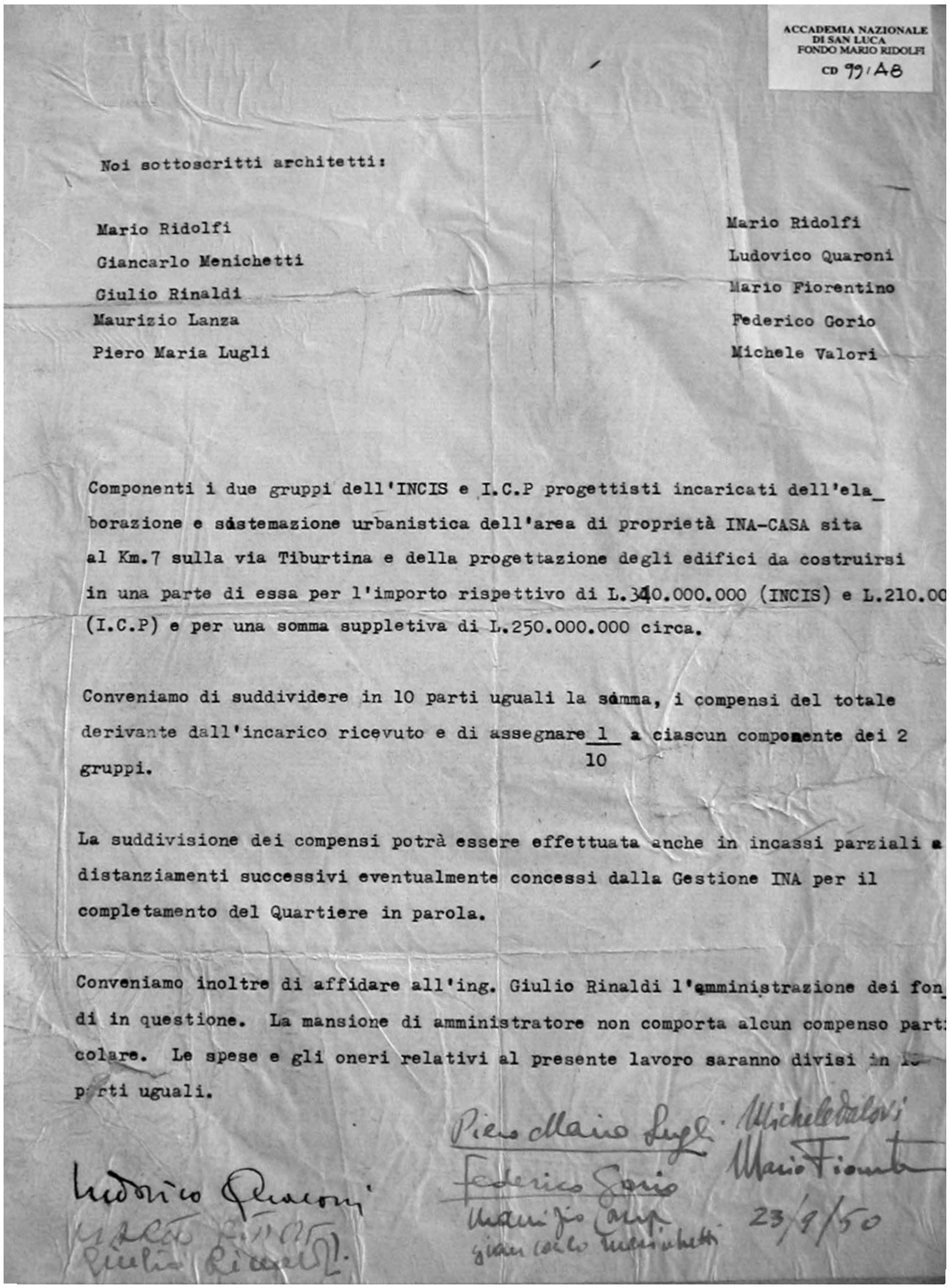
363. Fotografia de Andrea Turchi, Arquivo Pessoal.

364 Fotografia da autora, 2017.

365. Fotografia da autora, 2017.

ANEXOS 5

ANEXO I
Aprovação das duas equipas de arquitectos da I.N.C.I.S e do I.C.P, encarregados pela execução do projecto do bairro Tiburtino.
Accademia Nazionale di San Luca.
Fondo Mario Ridolfi, 23 de Setembro de 1950.



ACCADEMIA NAZIONALE
DI SAN LUCA
FONDO MARIO RIDOLFI
CD 99/A8

Noi sottoscritti architetti:

Mario Ridolfi
Giancarlo Menichetti
Giulio Rinaldi
Maurizio Lanza
Piero Maria Lugli

Mario Ridolfi
Ludovico Quaroni
Mario Fiorentino
Federico Gorio
Michele Valori

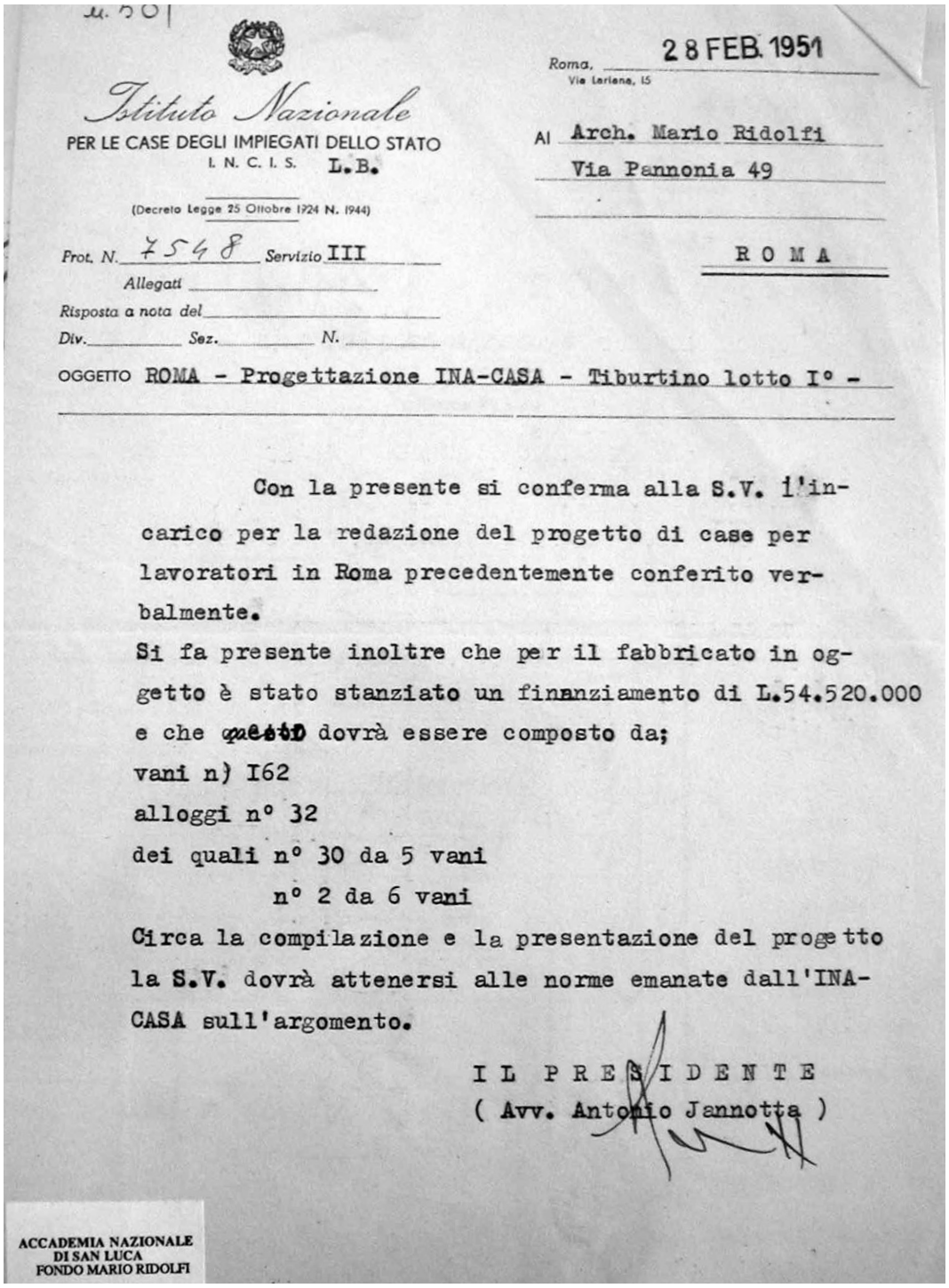
Componenti i due gruppi dell'INCIS e I.C.P progettisti incaricati dell'ela_
borazione e sistemazione urbanistica dell'area di proprietà INA-CASA sita
al Km.7 sulla via Tiburtina e della progettazione degli edifici da costruirsi
in una parte di essa per l'importo rispettivo di L.340.000.000 (INCIS) e L.210.00
(I.C.P) e per una somma suppletiva di L.250.000.000 circa.

Conveniamo di suddividere in 10 parti uguali la somma, i compensi del totale
derivante dall'incarico ricevuto e di assegnare 1/10 a ciascun componente dei 2
gruppi.

La suddivisione dei compensi potrà essere effettuata anche in incassi parziali a
distanziamenti successivi eventualmente concessi dalla Gestione INA per il
completamento del Quartiere in parola.

Conveniamo inoltre di affidare all'ing. Giulio Rinaldi l'amministrazione dei fon_
di in questione. La mansione di amministratore non comporta alcun compenso parti
colare. Le spese e gli oneri relativi al presente lavoro saranno divisi in 10
parti uguali.

Piero Maria Lugli · Michele Valori
Federico Gorio
Maurizio Lanza
Mario Fiorentino
23/9/50



Istituto Nazionale
PER LE CASE DEGLI IMPIEGATI DELLO STATO
I. N. C. I. S. L.B.

(Decreto Legge 25 Ottobre 1924 N. 1944)

Prot. N. 7548 Servizio III
Allegati
Risposta a nota del
Div. Sez. N.

Roma, 28 FEB. 1951
Via Lariana, 15

Al Arch. Mario Ridolfi
Via Pannonia 49
ROMA

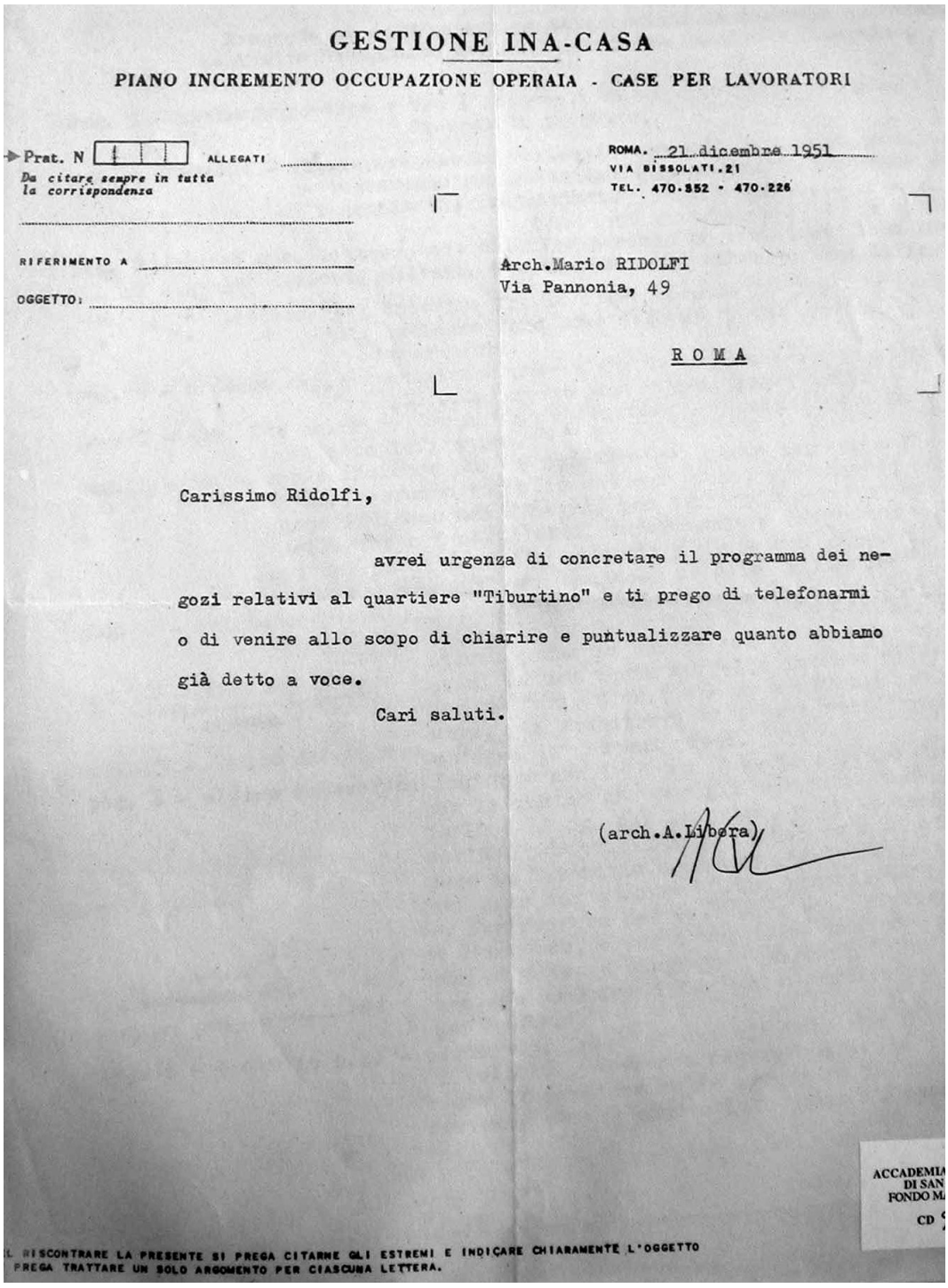
OGGETTO ROMA - Progettazione INA-CASA - Tiburtino lotto I° -

Con la presente si conferma alla S.V. l'incarico per la redazione del progetto di case per lavoratori in Roma precedentemente conferito verbalmente.
Si fa presente inoltre che per il fabbricato in oggetto è stato stanziato un finanziamento di L.54.520.000 e che questo dovrà essere composto da;
vani n) 162
alloggi n° 32
dei quali n° 30 da 5 vani
n° 2 da 6 vani
Circa la compilazione e la presentazione del progetto la S.V. dovrà attenersi alle norme emanate dall'INA-CASA sull'argomento.

IL PRESIDENTE
(Avv. Antonio Jannotta)

ACCADEMIA NAZIONALE
DI SAN LUCA
FONDO MARIO RIDOLFI

ANEXO III
Correspondência entre Adalberto Libera e Mario Ridolfi sobre os estabelecimentos comerciais do bairro Tiburtino.
Accademia Nazionale di San Luca.
Fondo Mario Ridolfi, 21 de Dezembro de 1951.



GESTIONE INA-CASA

PIANO INCREMENTO OCCUPAZIONE OPERAIA - CASE PER LAVORATORI

Prat. N ALLEGATI

Da citare sempre in tutta la corrispondenza

RIFERIMENTO A

OGGETTO:

ROMA. 21 dicembre 1951
VIA BISSOLATI, 21
TEL. 470.352 - 470.226

Arch. Mario RIDOLFI
Via Pannonia, 49

ROMA

Carissimo Ridolfi,

avrei urgenza di concretare il programma dei negozi relativi al quartiere "Tiburtino" e ti prego di telefonarmi o di venire allo scopo di chiarire e puntualizzare quanto abbiamo già detto a voce.

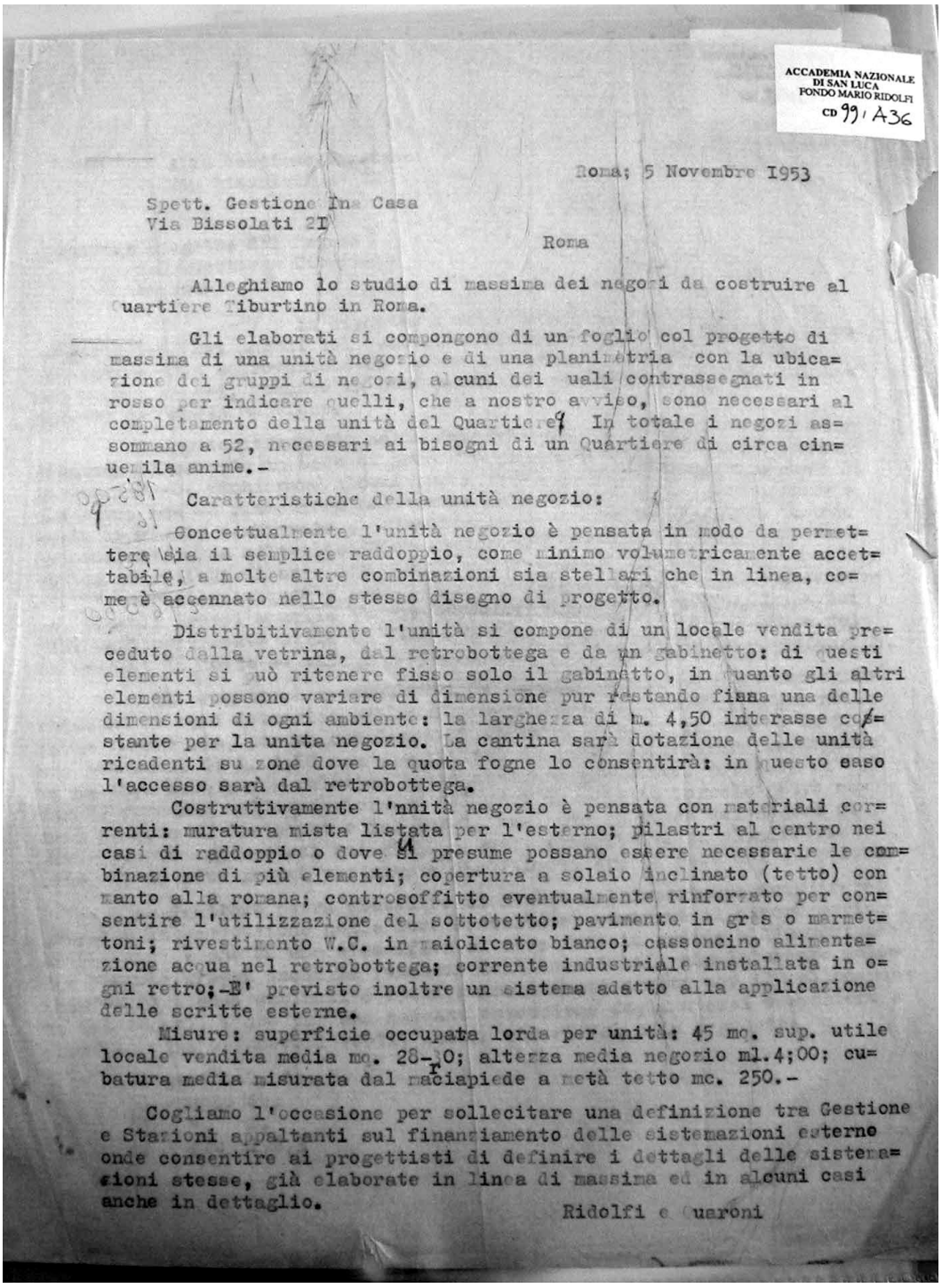
Cari saluti.

(arch. A. Libera)

ACCADEMIA DI SAN
FONDO M
CD

L RISCONTRARE LA PRESENTE SI PREGA CITARNE GLI ESTREMI E INDICARE CHIARAMENTE L'OGGETTO
PREGA TRATTARE UN SOLO ARGOMENTO PER CIASCUNA LETTERA.

ANEXO IV
Caracteristícas dos estabelecimentos comerciais a serem construídos no bairro Tiburtino. Declaração escrita por Mario Ridolfi.
Accademia Nazionale di San Luca,
Fondo Mario Ridolfi, 5 de Novembro de 1953.



ACCADEMIA NAZIONALE
DI SAN LUCA
FONDO MARIO RIDOLFI
CD 99 / A36

Roma; 5 Novembre 1953

Spett. Gestione Ina Casa
Via Bissolati 21

Roma

Alleghiamo lo studio di massima dei negozi da costruire al Quartiere Tiburtino in Roma.

Gli elaborati si compongono di un foglio col progetto di massima di una unità negozio e di una planimetria con la ubicazione dei gruppi di negozi, alcuni dei quali contrassegnati in rosso per indicare quelli, che a nostro avviso, sono necessari al completamento della unità del Quartiere? In totale i negozi assommano a 52, necessari ai bisogni di un Quartiere di circa cinquemila anime.-

Caratteristiche della unità negozio:

Concettualmente l'unità negozio è pensata in modo da permettere sia il semplice raddoppio, come minimo volumetricamente accettabile, a molte altre combinazioni sia stellari che in linea, come è accennato nello stesso disegno di progetto.

Distribitivamente l'unità si compone di un locale vendita preceduto dalla vetrina, dal retrobottega e da un gabinetto: di questi elementi si può ritenere fisso solo il gabinatto, in quanto gli altri elementi possono variare di dimensione pur restando fiana una delle dimensioni di ogni ambiente: la larghezza di m. 4,50 interasse costante per la unita negozio. La cantina sarà dotazione delle unità ricadenti su zone dove la quota fogne lo consentirà: in questo caso l'accesso sarà dal retrobottega.

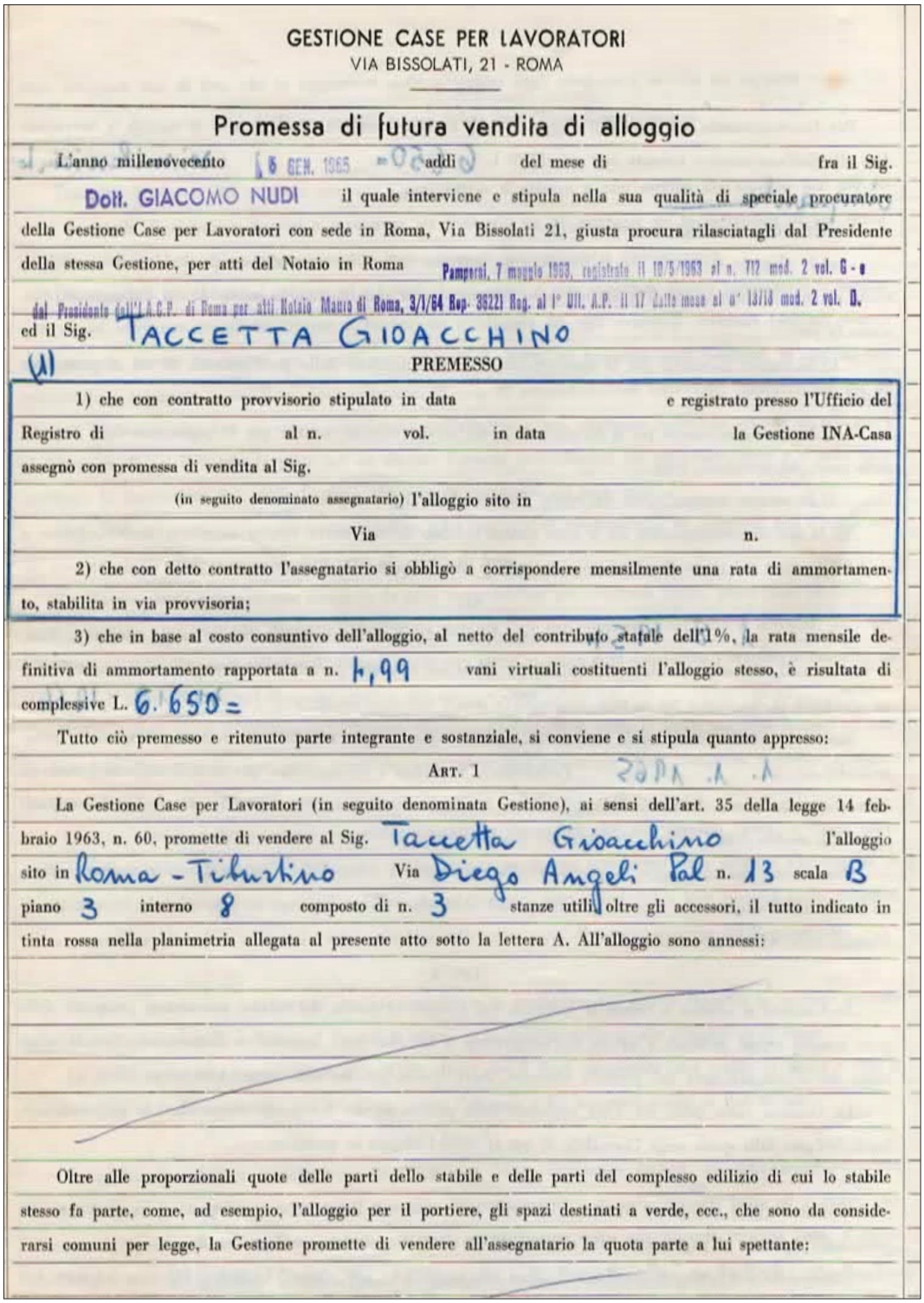
Costruttivamente l'nnità negozio è pensata con materiali correnti: muratura mista listata per l'esterno; pilastri al centro nei casi di raddoppio o dove si presume possano essere necessarie le combinazione di più elementi; copertura a solaio inclinato (tetto) con manto alla romana; controsoffitto eventualmente rinforzato per consentire l'utilizzazione del sottotetto; pavimento in gres o marmettoni; rivestimento W.C. in maiolicato bianco; cassoncino alimentazione acqua nel retrobottega; corrente industriale installata in ogni retro;-E' previsto inoltre un sistema adatto alla applicazione delle scritte esterne.

Misure: superficie occupata lorda per unità: 45 mq. sup. utile locale vendita media mq. 28-30; alterza media negozio ml.4;00; cubatura media misurata dal marciapiede a metà tetto mc. 250.-

Cogliamo l'occasione per sollecitare una definizione tra Gestione e Stazioni appaltanti sul finanziamento delle sistemazioni esterne onde consentire ai progettisti di definire i dettagli delle sistemazioni stesse, già elaborate in linea di massima ed in alcuni casi anche in dettaglio.

Ridolfi e Quaroni

ANEXO V
Contrato de futura compra de uma habitação INA-Casa na *Via Diego Angeli*.
Gioacchino Tacceta, 6 de Janeiro de 1965.



GESTIONE CASE PER LAVORATORI
VIA BISSOLATI, 21 - ROMA

Promessa di futura vendita di alloggio

L'anno millenovecento 8 GEN. 1965 addì del mese di fra il Sig.

Dott. GIACOMO NUDI il quale interviene e stipula nella sua qualità di speciale procuratore della Gestione Case per Lavoratori con sede in Roma, Via Bissolati 21, giusta procura rilasciatagli dal Presidente della stessa Gestione, per atti del Notaio in Roma Pamperi, 7 maggio 1963, registrato il 10/5/1963 al n. 712 mod. 2 vol. G - e dal Presidente dell'I.A.C.P. di Roma per atti Notaio Mario di Roma, 3/1/64 Rep. 38221 Reg. al 1° Uff. A.P. il 17 Lutte mese al n° 1318 mod. 2 vol. D. ed il Sig. TACCETTA GIOACCHINO

PREMESSO

1) che con contratto provvisorio stipulato in data e registrato presso l'Ufficio del Registro di al n. vol. in data la Gestione INA-Casa assegnò con promessa di vendita al Sig.

(in seguito denominato assegnatario) l'alloggio sito in

Via n.

2) che con detto contratto l'assegnatario si obbligò a corrispondere mensilmente una rata di ammortamento, stabilita in via provvisoria;

3) che in base al costo consuntivo dell'alloggio, al netto del contributo statale dell'1%, la rata mensile definitiva di ammortamento rapportata a n. 4,99 vani virtuali costituenti l'alloggio stesso, è risultata di complessive L. 6.650=

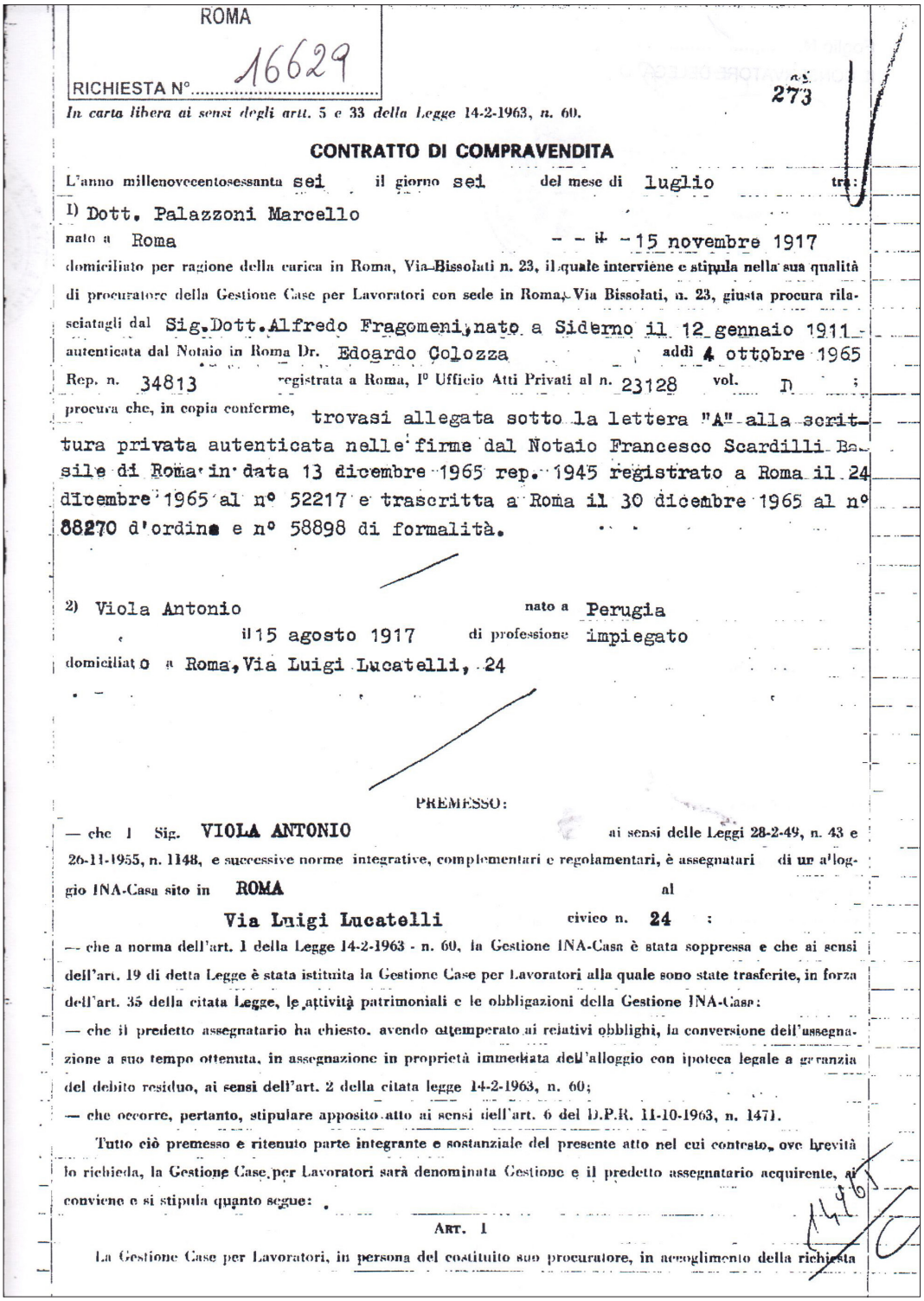
Tutto ciò premesso e ritenuto parte integrante e sostanziale, si conviene e si stipula quanto appresso:

ART. 1

La Gestione Case per Lavoratori (in seguito denominata Gestione), ai sensi dell'art. 35 della legge 14 febbraio 1963, n. 60, promette di vendere al Sig. Tacceta Gioacchino l'alloggio sito in Roma - Tiburtino Via Diego Angeli Pal n. 13 scala B piano 3 interno 8 composto di n. 3 stanze utili oltre gli accessori, il tutto indicato in tinta rossa nella planimetria allegata al presente atto sotto la lettera A. All'alloggio sono annessi:

Oltre alle proporzionali quote delle parti dello stabile e delle parti del complesso edilizio di cui lo stabile stesso fa parte, come, ad esempio, l'alloggio per il portiere, gli spazi destinati a verde, ecc., che sono da considerarsi comuni per legge, la Gestione promette di vendere all'assegnatario la quota parte a lui spettante:

ANEXO VI
Contrato de compra e venda de uma habitação INA-Casa na *Via Luigi Lucatelli*.
Antonio Viola, 6 de Julho de 1966.



ROMA

RICHIESTA N° 16629

273

In carta libera ai sensi degli artt. 5 e 33 della Legge 14-2-1963, n. 60.

CONTRATTO DI COMPRAVENDITA

L'anno millenovecentosessanta sei il giorno sei del mese di luglio tra:

1) Dott. Palazzoni Marcello

nato a Roma il 15 novembre 1917

domiciliato per ragione della carica in Roma, Via Bissolati n. 23, il quale interviene e stipula nella sua qualità di procuratore della Gestione Case per Lavoratori con sede in Roma, Via Bissolati, n. 23, giusta procura rilasciatagli dal Sig. Dott. Alfredo Fragomeni, nato a Siderno il 12 gennaio 1911 autenticata dal Notaio in Roma Dr. Edoardo Colozza addì 4 ottobre 1965 Rep. n. 34813 registrata a Roma, I° Ufficio Atti Privati al n. 23128 vol. D ; procura che, in copia conforme, trovasi allegata sotto la lettera "A" alla scrittura privata autenticata nelle firme dal Notaio Francesco Scardilli Basile di Roma in data 13 dicembre 1965 rep. 1945 registrato a Roma il 24 dicembre 1965 al n° 52217 e trascritta a Roma il 30 dicembre 1965 al n° 88270 d'ordine e n° 58898 di formalità.

2) Viola Antonio nato a Perugia

il 15 agosto 1917 di professione impiegato

domiciliato a Roma, Via Luigi Lucatelli, 24

PREMESSO:

— che il Sig. **VIOLA ANTONIO** ai sensi delle Leggi 28-2-49, n. 43 e 26-11-1955, n. 1148, e successive norme integrative, complementari e regolamentari, è assegnatario di un alloggio INA-Casa sito in **ROMA** al

Via Luigi Lucatelli civico n. **24** ;

— che a norma dell'art. 1 della Legge 14-2-1963 - n. 60, la Gestione INA-Casa è stata soppressa e che ai sensi dell'art. 19 di detta Legge è stata istituita la Gestione Case per Lavoratori alla quale sono state trasferite, in forza dell'art. 35 della citata Legge, le attività patrimoniali e le obbligazioni della Gestione INA-Casa;

— che il predetto assegnatario ha chiesto, avendo ottemperato ai relativi obblighi, la conversione dell'assegnazione a suo tempo ottenuta, in assegnazione in proprietà immediata dell'alloggio con ipoteca legale a garanzia del debito residuo, ai sensi dell'art. 2 della citata legge 14-2-1963, n. 60;

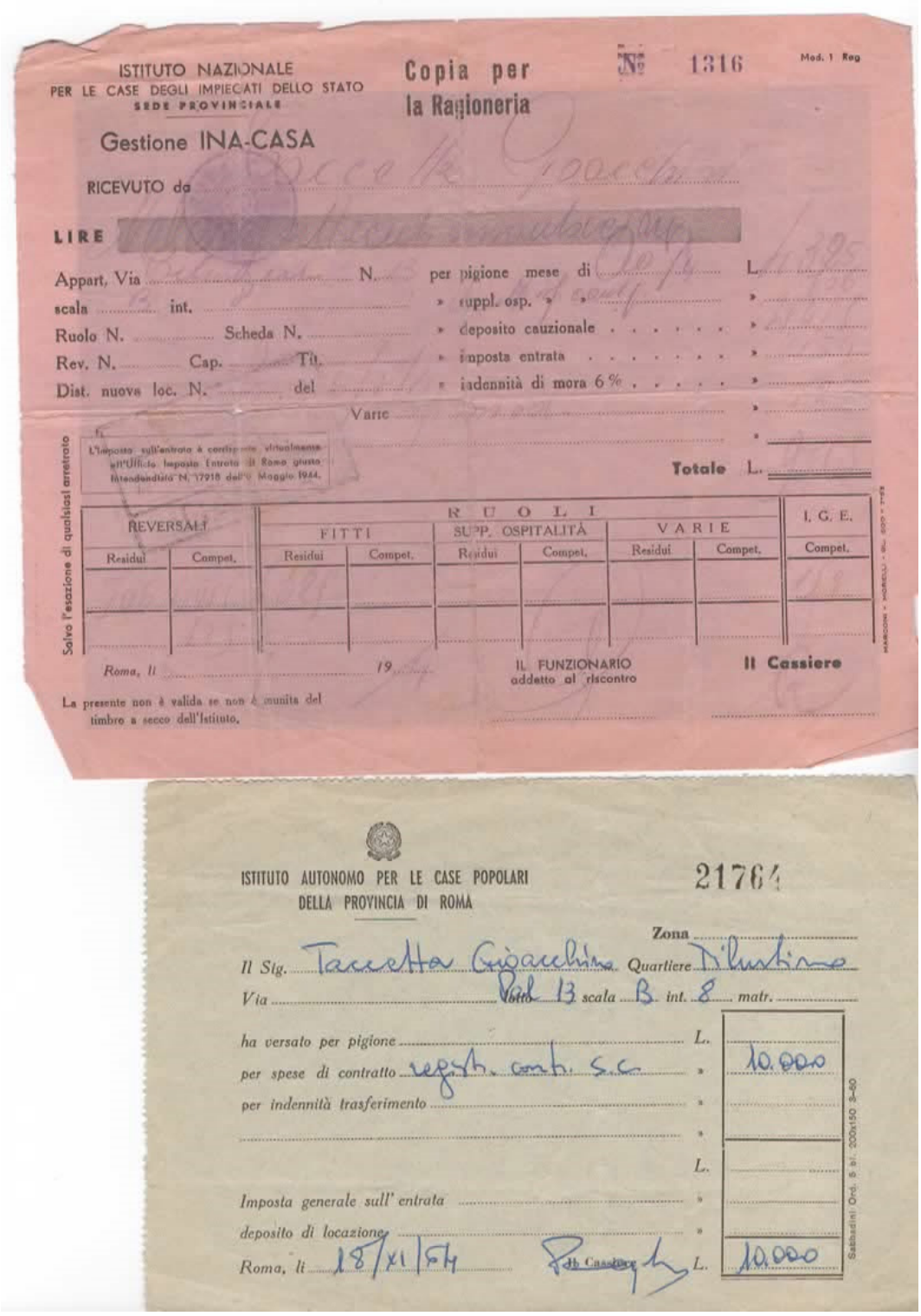
— che occorre, pertanto, stipulare apposito atto ai sensi dell'art. 6 del D.P.R. 11-10-1963, n. 1471.

Tutto ciò premesso e ritenuto parte integrante e sostanziale del presente atto nel cui contesto, ove brevità lo richieda, la Gestione Case per Lavoratori sarà denominata Gestione e il predetto assegnatario acquirente, si conviene e si stipula quanto segue:

ART. 1

La Gestione Case per Lavoratori, in persona del costituito suo procuratore, in accoglimento della richiesta

ANEXO VII
Recibos de pagamento da renda de um alojamento.
Gioacchino Tacceta, 18 de Janeiro de 1964



ISTITUTO NAZIONALE
PER LE CASE DEGLI IMPIEGATI DELLO STATO
SEDE PROVINCIALE

Copia per la Ragioneria

N° 1316 Mod. 1 Rag

Gestione INA-CASA

RICEVUTO da

LIRE

Appart. Via ..... N. .....
scala ..... int. .....
Ruolo N. ..... Scheda N. .....
Rev. N. ..... Cap. ..... Tit. .....
Dist. nuova loc. N. ..... del .....

per pigione mese di ..... L. .....
» suppl. osp. » » ..... » .....
» deposito cauzionale . . . . . » .....
» imposta entrata . . . . . » .....
» indennità di mora 6 % . . . . . » .....
Varie ..... » .....
» .....

Totale L. .....

L'imposta sull'entrata è corrisposta virtualmente all'Ufficio Imposte Entrate di Roma giusta Intendenza N. 17918 del 6 Maggio 1944.

Salvo l'esazione di qualsiasi arretrato

REVERSALI		RUOLI						I. G. E.
		FITTI		SUPP. OSPITALITÀ		VARIE		
Residui	Compet.	Residui	Compet.	Residui	Compet.	Residui	Compet.	Compet.

Roma, li ..... 19 .....

IL FUNZIONARIO addetto al riscontro

Il Cassiere

La presente non è valida se non è munita del timbro a secco dell'Istituto.

ISTITUTO AUTONOMO PER LE CASE POPOLARI
DELLA PROVINCIA DI ROMA

21764

Zona .....

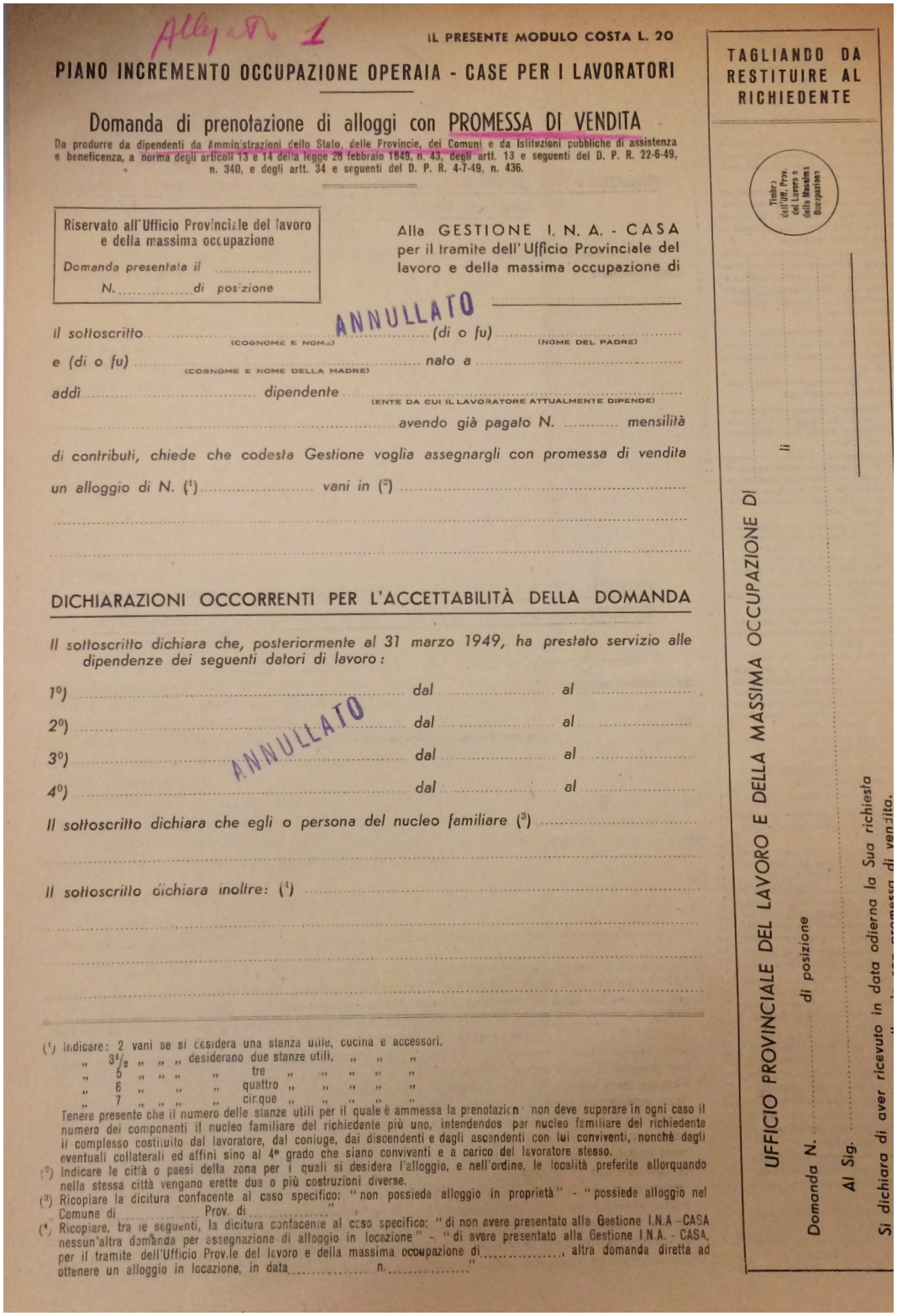
Il Sig. Tacceta Gioacchino Quartiere Tiburtino

Via Tivoli 13 scala B int. 8 matr. .....

ha versato per pigione	L.	
per spese di contratto regsth. cont. S.C.	»	10.000
per indennità trasferimento	»	
	»	
	L.	
Imposta generale sull' entrata	»	
deposito di locazione	»	
Roma, li 18/XI/54 Il Cassiere	L.	10.000

Sabbadini Ord. 5 bl. 200x150 3-60

ANEXO VIII
Pedido escrito para concorrer a uma habitação INA-Casa.
Accademia Nazinale di San Luca,
Fondo Mario Ridolfi.



Allegato N. 1

IL PRESENTE MODULO COSTA L. 20

PIANO INCREMENTO OCCUPAZIONE OPERAIA - CASE PER I LAVORATORI

Domanda di prenotazione di alloggi con PROMESSA DI VENDITA

Da produrre da dipendenti da Amministrazioni dello Stato, delle Provincie, dei Comuni e da Istituzioni pubbliche di assistenza e beneficenza, a norma degli articoli 13 e 14 della legge 28 febbraio 1949, n. 43, degli artt. 13 e seguenti del D. P. R. 22-6-49, n. 340, e degli artt. 34 e seguenti del D. P. R. 4-7-49, n. 436.

Riservato all'Ufficio Provinciale del lavoro e della massima occupazione
Domanda presentata il .....
N. ..... di posizione

Alla GESTIONE I. N. A. - CASA
per il tramite dell'Ufficio Provinciale del lavoro e della massima occupazione di _____

ANNULLATO

Il sottoscritto ..... (di o fu) .....
(COGNOME E NOME) (NOME DEL PADRE)
e (di o fu) ..... nato a .....
(COGNOME E NOME DELLA MADRE)
addì ..... dipendente .....
(ENTE DA CUI IL LAVORATORE ATTUALMENTE DIPENDE)
avendo già pagato N. ..... mensilità
di contributi, chiede che codesta Gestione voglia assegnargli con promessa di vendita
un alloggio di N. (1) ..... vani in (2) .....

DICHIARAZIONI OCCORRENTI PER L'ACCETTABILITÀ DELLA DOMANDA

Il sottoscritto dichiara che, posteriormente al 31 marzo 1949, ha prestato servizio alle dipendenze dei seguenti datori di lavoro:

1°) ..... dal ..... al .....
2°) ..... dal ..... al .....
3°) ..... dal ..... al .....
4°) ..... dal ..... al .....

ANNULLATO

Il sottoscritto dichiara che egli o persona del nucleo familiare (3) .....

Il sottoscritto dichiara inoltre: (4) .....

(1) Indicare: 2 vani se si desidera una stanza utile, cucina e accessori.
" 3 1/2 " " " desiderano due stanze utili, " " "
" 5 " " " " tre " " " " "
" 6 " " " quattro " " " " "
" 7 " " " " cinque " " " " "
Tenere presente che il numero delle stanze utili per il quale è ammessa la prenotazione non deve superare in ogni caso il numero dei componenti il nucleo familiare del richiedente più uno, intendendosi per nucleo familiare del richiedente il complesso costituito dal lavoratore, dal coniuge, dai discendenti e dagli ascendenti con lui conviventi, nonchè dagli eventuali collaterali ed affini sino al 4° grado che siano conviventi e a carico del lavoratore stesso.
(2) Indicare le città o paesi della zona per i quali si desidera l'alloggio, e nell'ordine, le località preferite allorquando nella stessa città vengano erette due o più costruzioni diverse.
(3) Ricopiare la dicitura confacente al caso specifico: "non possiede alloggio in proprietà" - "possiede alloggio nel Comune di ..... Prov. di ....."
(4) Ricopiare, tra le seguenti, la dicitura confacente al caso specifico: "di non avere presentato alla Gestione I.N.A.-CASA nessun'altra domanda per assegnazione di alloggio in locazione" - "di avere presentato alla Gestione I.N.A. - CASA, per il tramite dell'Ufficio Prov.le del lavoro e della massima occupazione di ....., altra domanda diretta ad ottenere un alloggio in locazione, in data ..... n. ....."

TAGLIANDO DA RESTITUIRE AL RICHIEDENTE

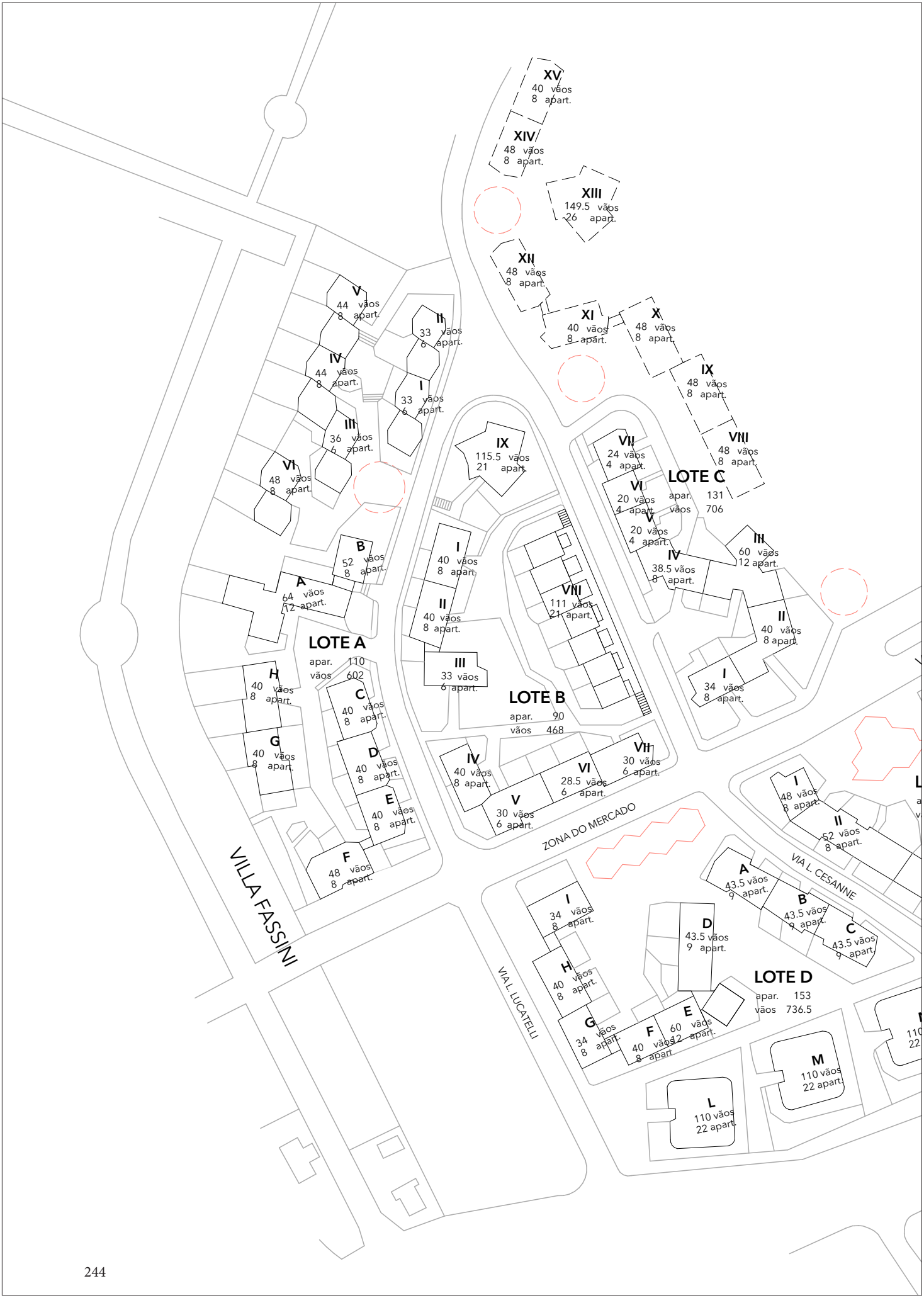
Timbro dell'Uff. Prov. del Lavoro e della Massima Occupazione

UFFICIO PROVINCIALE DEL LAVORO E DELLA MASSIMA OCCUPAZIONE DI ..... li .....

Domanda N. ..... di posizione

Al Sig. .....

Si dichiara di aver ricevuto in data odierna la Sua richiesta


XV
40 vãos
8 apart.
XIV
48 vãos
8 apart.
XIII
149.5 vãos
26 apart.
XII
48 vãos
8 apart.
XI
40 vãos
8 apart.
X
48 vãos
8 apart.
IX
48 vãos
8 apart.
VIII
48 vãos
8 apart.
V
44 vãos
8 apart.
II
33 vãos
6 apart.
IV
44 vãos
8 apart.
I
33 vãos
6 apart.
III
36 vãos
6 apart.
VI
48 vãos
8 apart.
IX
115.5 vãos
21 apart.
VII
24 vãos
4 apart.
VI
20 vãos
4 apart.
V
20 vãos
4 apart.
LOTE C
apar. 131
vãos 706
III
60 vãos
12 apart.
IV
38.5 vãos
8 apart.
II
40 vãos
8 apart.
I
34 vãos
8 apart.
B
52 vãos
8 apart.
A
64 vãos
12 apart.
I
40 vãos
8 apart.
II
40 vãos
8 apart.
III
33 vãos
6 apart.
VIII
111 vãos
21 apart.
LOTE A
apar. 110
vãos 602
H
40 vãos
8 apart.
G
40 vãos
8 apart.
C
40 vãos
8 apart.
D
40 vãos
8 apart.
E
40 vãos
8 apart.
F
48 vãos
8 apart.
LOTE B
apar. 90
vãos 468
IV
40 vãos
8 apart.
V
30 vãos
6 apart.
VI
28.5 vãos
6 apart.
VII
30 vãos
6 apart.
ZONA DO MERCADO
VILLA FASSINI
VIA L. CESANNE
VIA L. LUCATELLI
I
48 vãos
8 apart.
II
52 vãos
8 apart.
A
43.5 vãos
9 apart.
B
43.5 vãos
9 apart.
C
43.5 vãos
9 apart.
D
43.5 vãos
9 apart.
I
34 vãos
8 apart.
H
40 vãos
8 apart.
G
34 vãos
8 apart.
F
40 vãos
8 apart.
E
60 vãos
12 apart.
LOTE D
apar. 153
vãos 736.5
M
110 vãos
22 apart.
L
110 vãos
22 apart.

ANEXO IX
Planta do bairro Tiburtino
Divisão em lotes e número total de vãos
Esc. 1/400



ANEXO X
Questionário escrito feito aos habitantes do bairro.

QUESTIONARIO - Il QUARTIERE TIBURTINO

Sesso: M ☐ F ☐	**Età:**	**Nazionalità:**
Da quanti anni risiedi nel quartiere?	**Frequenti persone che vivono nel quartiere?** SI☐ NO☐	

Livello Scolarizzazione:
☐ analfabeta ☐ elementare ☐ media ☐ superiore ☐ laurea

Stato Civile:
☐ cebile/nubile ☐ coniugato(a) ☐ divorziato(a) ☐ vedovo(a)

Occupazione:
☐ studente ☐ disoccupato(a) ☐ casalingo(a) ☐ pensionato(a) ☐ dirigente, docente universitario, funzionario ☐ professionista dipendente o libero professionista ☐ impiegato(a) ☐ imprenditore, proprietario agricolo ☐ insegnante, militare graduato, lavoratore in proprio

Ci sono associazioni nel quartiere? SI☐ NO☐	**Ne frequenti qualcuna?**

Globalmente in che misura sei soddisfatto della qualità della vita nel quartiere?
☐ per nulla ☐ poco ☐ abbastanza ☐ molto

Secondo te negli ultimi 20 anni il quartiere è: ☐ migliorato ☐ peggiorato ☐rimasto uguale

A tuo parere qual è il principale pregio di questo quartiere?

E il principale difetto?

Indica tre aggettivi per descrivere il tuo quartiere:
1.
2.
3.

Secondo te, il quartiere è degradato? SI☐ NO☐

Secondo lei quali sono i problemi di seguito elencati la cui risoluzione risulta più urgente?
☐ Recupero Edilizio ☐ Servizi pubblici ☐ Verde pubblico e attrezzature per il tempo libero ☐ accessibilità da e per il centro cittadino

Come giudica l´azione dell´Amministrazione Comunale relativamente al miglioramento del quartiere?
☐ Incisiva ☐ Assente ☐ Episodica ☐ Parzile ☐ Organica

Quanto ti ritieni soddisfatto dei seguenti aspetti del quartiere?

	Molto soddisfatto	Abbastanza soddisfatto	Poco soddisfatto	Per nulla soddisfatto
Vicinanza al posto di lavoro				
Spazi verdi				
Luoghi per lo svago e socialità				
Accessibilità ai servizi pubblici				
Negozi				
Qualità delle scuole locali				
Le persone che vivono nel quartiere				
Pulizia				
Traffico				
Parcheggi				
Manutenzione strade e marciapiedi				
Cura edifici e cortili interni				
Illuminazione				

Rispetto alle relazioni sociali nel quartiere, in che misure ritiene adeguati i seguenti aspetti?

	Molto soddisfatto	Abbastanza soddisfatto	Poco soddisfatto	Per nulla soddisfatto
Rapporto di vicinato				
Senso di appartenenza alla comunità				
Solidarietà e aiuto reciproco				
Integrazione delle minoranze.				

Pensi ai problemi del quartiere, secondo lei quanto possono essere generati dai seguenti fattori:

	Per nulla	Poco	Abbastanza	Molto
Inefficienza della pubblica amministrazione				
Scarso senso civico dei cittadini				
Crisi della famiglia				
Carenza dei servizi per i residenti				
Altri problemi (specificare):				

Cosa suggerisci per migliorare l´immagine del quartiere?

Raccolta differenziata più capillare ed efficiente		**Suggerimenti, idee e proposte:**
Più cura degli spazi verdi		
Più pulizia dei marciapiedi e dalle strade		
Più arredo urbano		
Aumento degli Spazi Verdi		
Creazione di spazi per anziani		
Creazione di spazi per bambini		
Incrementi delle strutture commerciali		
Più parcheggi		
Orti Comunali		

GENTILI

MI CHIAMO GABRIELA E
SONO UNA RAGAZZA PORTOGHESE CHE VIVE
IN VIA LUIGI LUCATELLI

SONO IN ITALIA PER SCRIVERE LA MIA TESI DI
LAUREA IN ARCHITETTURA
SU QUESTO QUARTIERE ,
SUL PIANO FANFANI E IL PROGETTO INA-CASA

STO CERCANDO QUALSIASI INFORMAZIONE,
DOCUMENTO, FOTO O RACCONTI CHE
POTREBBERO AIUTARMI NEL MIO LAVORO.

CHIUNQUE ABBIA VOGLIA DI DARMI UNA
MANO CON I PROPRI RICORDI
PUO' CHIAMARMI O SCRIVERMI A QUESTO
NUMERO

GRAZIE!

GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com

GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com
GABRIELA GOMES
333 785 9932
gabijaxempi@hotmail.com

GUIDA QUESTIONARIO – INTERVISTE VOCALE

NOME/COGNOME
ETÀ
LUOGO E DATA DI NASCITA
OCCUPAZIONE

- DA QUANTI ANNI ABITA NEL QUARTIERE?
- COME È STATA FATTA LA ASSEGNAZIONE/PERCHÉ SEI VENUTO A VIVER QUI?
- DA DOVE VENIVANO LE PERSONE CHE SONO VENUTE A VIVERE NEL QUARTIERE? QUE TIPO DI PERSONE ABITAVANO NEL QUARTIERE?
- È SEMPRE STATO UN QUARTIERE SICURO?
- QUALE SONO STATE I MAGGIORE CAMBIENTI NEL QUARTIERE?
- CI SONO ATTIVITÀ/EVENTI DI CONVIVIO PROMOSSI DEL COMITATO?
- LA ZONA È BEN COLLEGATA AL CENTRO DI ROMA ADESSO. MA COME ERA IL RAPPORTO CITTA /QUARTIERE QUANDO È VENUTA A VIVERE QUA?

QUARTIERE:

- QUALE ERANO I SPAZI DI CONVIVIO?
- IL QUARTIERE ERA PIU MOVIMENTATO AL RISPETTO DI ADESSO?
- QUESTO QUARTIERE È STATO PROGETTATO STILE "PAESE". SENTI SIA UN QUARTIERE DIVERSI DEGLI ALTRI?
- LA VITA IN QUARTIERE QUANTO È CAMBIATA NEGLI ULTIMI ANNI? LA CHIUSURA DEI BALCONI, VERANDE, TERRAZINI, SECONO LEI, PERCHÉ È SUCCESSO?
- I **LAVATOI** CHE SONO STATE COSTRUITE ALL'EPOCA, GLI HA MAI USATI? SECONDO LEI, COME POSSIAMO USARE E RIAPPROPRIARE QUESTO SPAZIO ORMAI VUOTO E INUTILE?
- DOVE FACEVATE LA SPESA? COME ERANO I SERVIZI E IL COMERCIO NEL QUARTIERE?
- COME È IL RAPPORTO DEL QUARTIERE CON LA CHIESA COSTRUITA NEGLI ANNI 70?

CORTILI:

- CHE COSE FACEVATE NEI CORTILI? COME GIOCAVANO I BAMBINI NEL QUARTIERE? COME USAVANO LORO QUESTO SPAZIO ESTERNO? DOVE SI INCONTRAVANO I SIGNORI PER GIOCCARE ALLE CARTE?
- COME È LA VITA SOCIALE NEL QUARTIERE RISPETTO A COME ERA PRIMA?

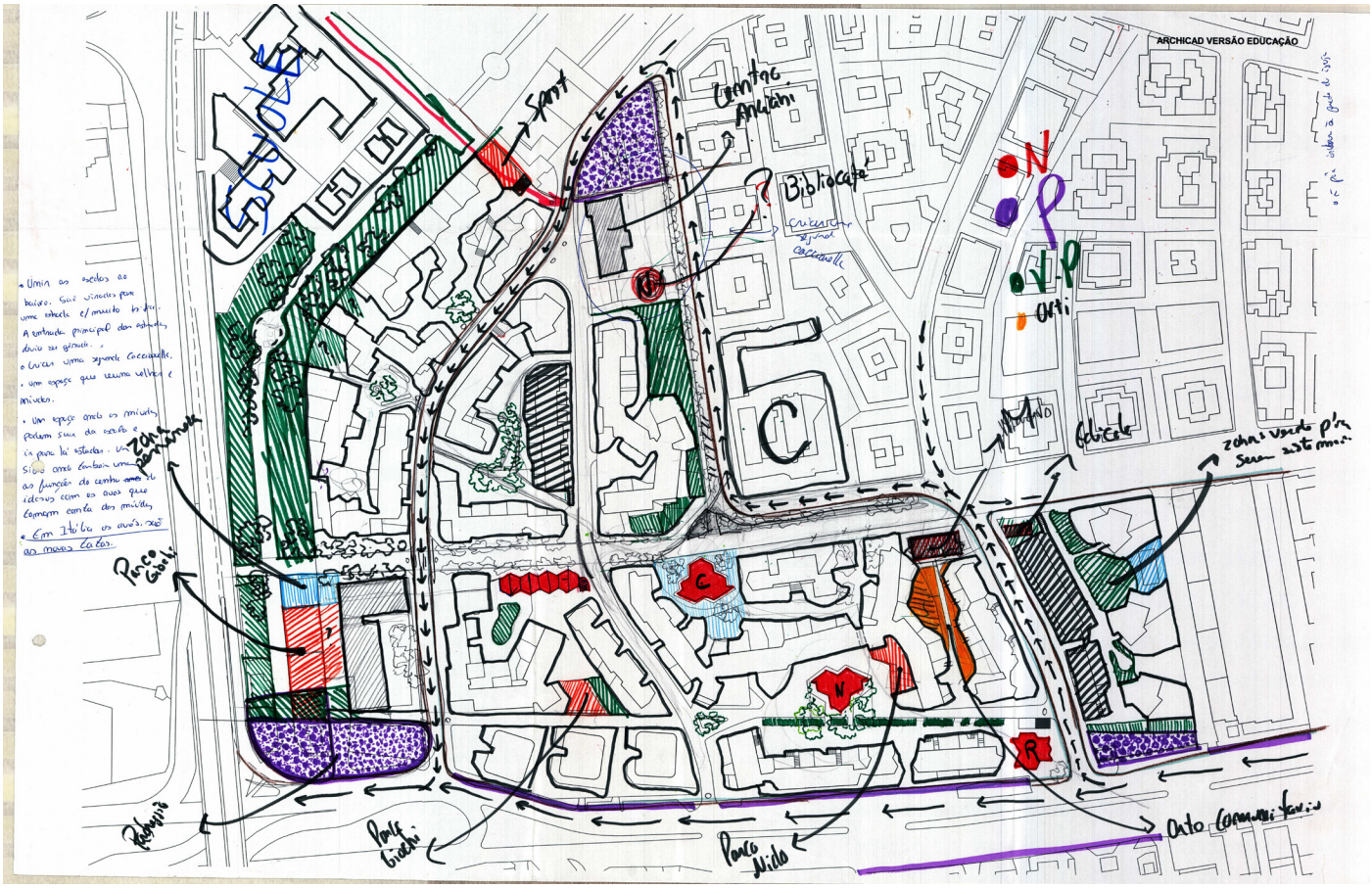
PERSONALE:

- HA FATTO QUALCHE CAMBIAMENTO NELLA SUA CASA?
- QUALE SONO I SUOI MIGLIORI RICORDI/MEMORIE DEL QUARTIERE?
- COME DISCREVE IL QUARTIERE?
- COSA SUGGERISCE PER MIGLIORARE IL QUARTIERE?

SPAZIO PUBLICO:

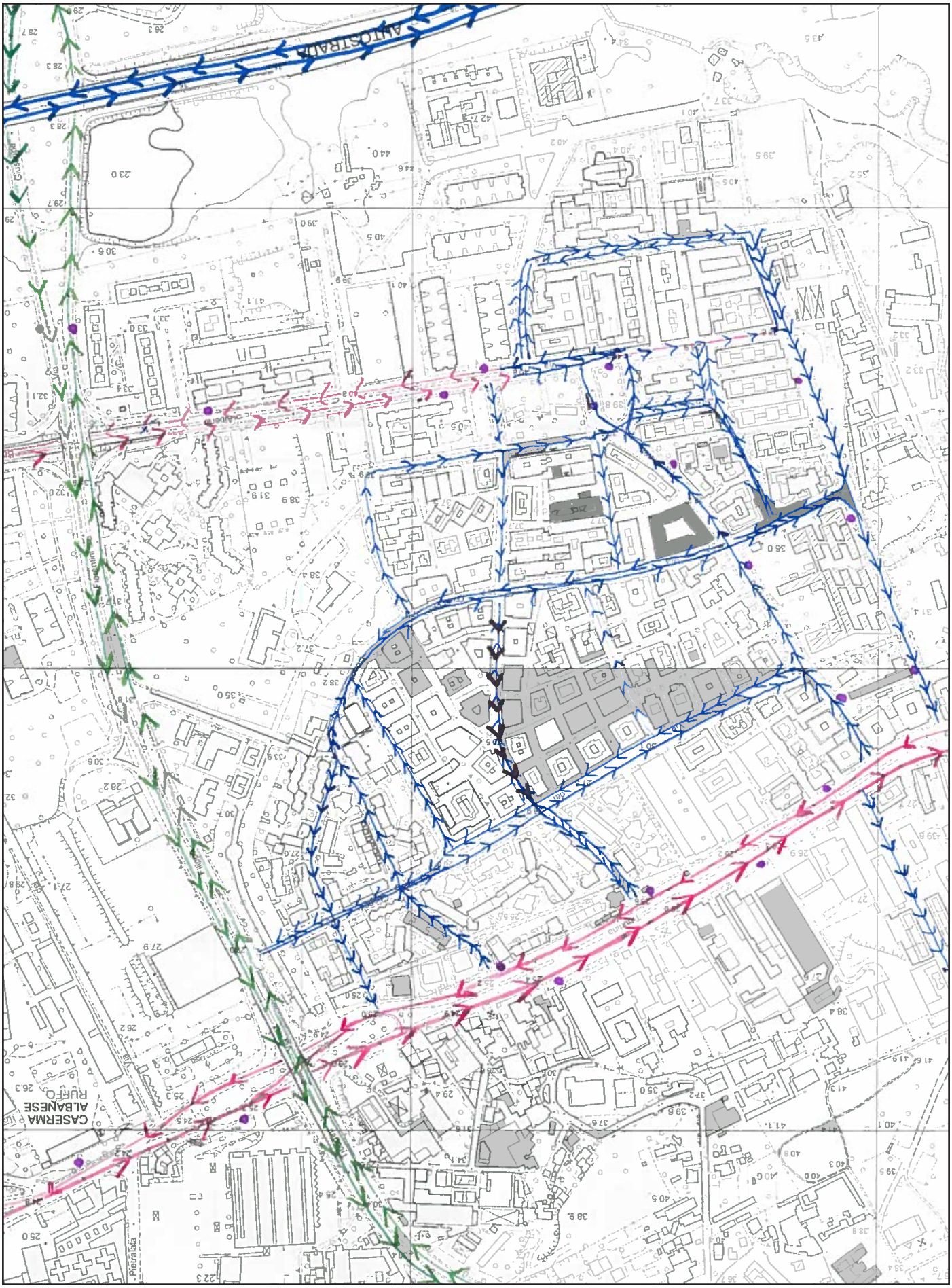
- LA PULIZIA DEL QUARTIERE, LA RACCOLTA DELLA IMMUNDIZIA CHI LA FA? COME POTREBBE ESSERE MIGLIORATA? PERCHÉ È DIVENTADO UN QUARTIERE SPORCO?
- ALBERI, SPAZI VERDI. MANCANO O SONO ABBASTANZA?

ANEXO XII
Levantamentos e notas esquemáticas.
Tiburtino, Outubro de 2016.

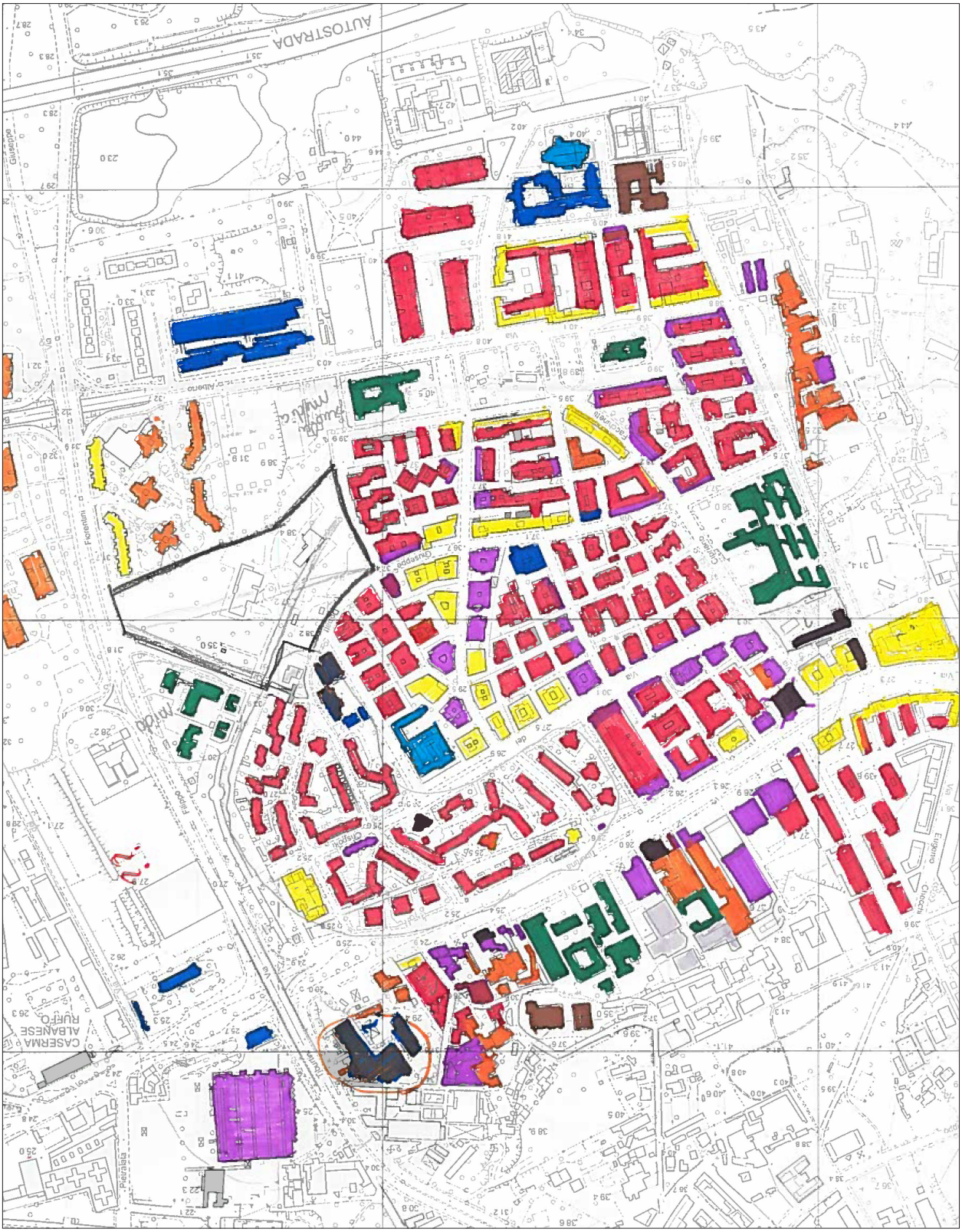




ANEXO XIII
Levantamento da Rede Viária.
Casal Bruciato, Janeiro de 2017.



ANEXO XIV
Levantamentos das funções a nível do rés do chão.
Casal Bruciato, Janeiro de 2017.



ANEXO XV
Levantamento das áreas verdes e pontos de encontro e convívio
Casal Bruciato, Janeiro de 2017.



(Re)Fazer Comunidade. Estratégias de intervenção num sector da periferia de Roma

Gabriela Gomes

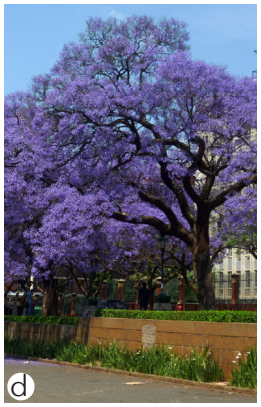
FACULDADE DE ARQUITETURA

ESPÉCIES ARBÓREAS UTILIZADAS NAS CONDIÇÕES CLIMÁTICAS DE ROMA

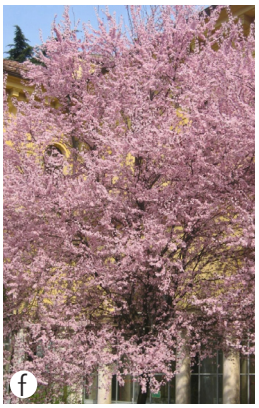

a


b


c

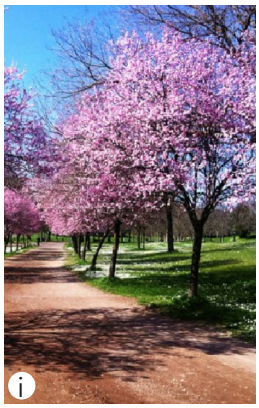

d


e


f


g


h


i


j


l


m

	nome científico	nome comum	altura (m)	persistente	caduca	cor folhagem	cor flores
a	*pinus pinea*	pinheiro-manso	25	X		verde escuro	
b	*quercus pubescens*	carvalho	20-25		X	verde	
c	*acer campestre*	bordo	20		X	verde	verde
d	*jacaranda mimosifolia*	jacarandá	15		X	verde claro	roxo claro
e	*quercus ilex*	azinheira	30	X		verde-escuro	
f	*prunus cerasifera nigra*	ameixoeira-de-jardim	6-15		X	roxo	rosa pálido
g	*platanus hybrida*	plátano	30	X		verde claro	
h	*prunus dulcis*	amendoeira	9		X	verde claro	rosa-branco
i	*cercis siliquastrum*	árvore-de-judas	12		X	verde claro	rosa
j	*robinia pseudoacacia*	robínia	25		X	verde	branco
l	*prunus serrulata*	cerejeira-em-flor	10		X	verde-púrpura	branco/rosa
m	*tilia cordata*	tília	30		X	verde	